OBSERVAÇÕES
SOBRE
AS PRINCIPAES CAUSAS DA DECADENCIA
DOS
PORTUGUEZES NA ASIA,
ESCRITAS
POR DIOGO DO COUTO,
EM FÓRMA DE DIALOGO,
COM O TITULO
DE
SOLDADO PRATICO,
PUBLICADAS DE ORDEM
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,

POR ANTONIO CAETANO DO AMARAL,
SOCIO EFFECTIVO DA MESMA.

LISBOA
NA OFFIC. DA ACAD. REAL DAS SCIENCIAS,
ANNO M.DCCXC.
Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

INTRODUCÇAÕ.

PRocurando a Real Academia das Sciencias, por todos os meios que lhe saõ possiveis, promover a Litteratura Portugueza, e ganhar os bens que o adiantamento della traz á Naçaõ; e tendo começado a applicar, como hum destes meios, o de fazer imprimir as Obras ineditas, que ou pela belleza do estylo, ou pela importancia da materia, possaõ servir ao seu intento; me fez a honra de commetter-me o cuidado da ediçaõ de huma Obra, em que parecia concorrerem ambas aquellas razões de merecimento.

Era hum Manuscrito adquirido pela Academia, que continha dous Dialogos com este titulo: *Dialogo do Soldado prático, que tratá dos enganos, e desenganos da India; feito por Diogo do Couto, Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo da India.* Bastava o nome do Author para recommendar a Obra: e com effeito naõ era pouco desejada de todos os que tinhaõ a noticia de que ella se escrevêra. Sabia-se que Diogo do Couto, movído do zelo do bem público, compuzera hum livro, a què intitulára: *O Soldado Prático*, no qual tratava dos abusos, e males, que de seu tempo se haviaõ já introduzido no governo do Estado da India: que antes de aperfeiçoar esta Obra, lhe fôra furtado o original della, e trazido sem nome de Author a este Reino, onde fôra trasladado por varias mãos; as quaes cópias (como diz Severim) eraõ tidas em grande estima: que sendo disto avisado o Author, muitos annos depois reformára a dita Obra, ou quasi a fizera de novo.

Esta noticia excitava o pezar de que hum tal Escrito estivesse até agora escondido, e roubado ao

pro-

proveito ; que delle ſe pudera por ventura haver tirado. Via-ſe a grande falta, que entre nós ha de Eſcritos deſte genero, contentando-ſe os Eſcritores, a que devemos a memoria das noſſas Conquiſtas, com a relaçaõ das façanhas militares ; e conhecia-ſe por outra parte, que ninguem houve, que como Diogo do Couto uniſſe aos dotes naturaes mais meios dos que eraõ neceſſarios para deſempenhar ſemelhante aſſumpto.

Mas para juſtamente avaliarmos o merecimento deſta Obra, e entrarmos no ſeu eſpirito, he preciſo que nos ponhamos no ponto de viſta, do qual Diogo do Couto olhava para a noſſa Conquiſta, e para o eſtado della. Naõ o figuremos hum Filoſofo, que livre de toda a preoccupaçaõ, e paixaõ, toma o lugar de Cenſor da juſtiça com que ſe procedeo no negocio da Conquiſta, e da pureza de eſpirito dos meſmos Conquiſtadores : ou que entre no exame politico dos bens, e males que ao ſyſtema da Monarquia Europea fariaõ aquellas remotiſſimas Colonias : ou que finalmente deſenhando hum ajuſtado ſyſtema do commercio Aſiatico, e combinando com elle os paſſos que os Portuguezes até o ſeu tempo haviaõ dado, note o em que ſe deſviáraõ do caminho, ou o erráraõ. Naõ conſentia o tempo, em que Couto vivia, ſemelhantes idéas.

Foraõ os Portuguezes desde o ſeu naſcimento homens de guerra : della fizeraõ o ſeu aturado exercicio ; e della ſe lhes formou por conſequencia a ſua particular natureza. Apenas ſe achaõ pacificos poſſuidores do Terreno, que de principio demarcáraõ para aſſento da Monarquia, impacientes do ocio, vaõ além dos mares buſcar novo Terreno, em cuja acquiſiçaõ ſevem a ſua fome de guerra. A navegaçaõ, meio neceſſario para eſta nova Conquiſta, dá occaſiaõ a ſe deſcubrirem terras, e Gentes até ahi deſconhecidas ; e accreſce logo ao enthuſiaſmo de

con-

conquiſtar o de fazer novas deſcubertas. A barbaridade, e os erros em que vivem eſſas Gentes, que vaõ deſcubrindo, lhes dá no ſeu entender, o direito de os matar, ou cativar; e parecem leões raivoſos, que naõ conhecem neſſes homens os ſeus ſemelhantes.

Formado neſta eſcola o noſſo Couto, naõ ſó bebeo desde os primeiros annos aquellas idéas; mas até nutrio em ſi a inclinaçaõ, e eſpirito guerreiro, ao qual ſatisfez logo que a morte de ſeu pai, e de ſeu amo o Infante D. Luiz, deſmanchou outros projectos, que a favor delle tinhaõ: aliſtou-ſe na milicia Indiana, que entaõ era o alvo de todo o Portuguez que queria pelas armas ganhar nome glorioſo.

E aqui encontramos já o ponto de viſta, em que elle ſe achava a reſpeito do Eſtado da India. Tem por huma empreza juſta, e legitima tirarem os Portuguezes das producções da Aſia hum fundo de riqueza para o Eſtado á força de armas. Neſta hypotheſe naõ póde ter por vicio qualquer das violencias, com que ſe procure ſuſtentar aquella primeira violencia: ſe neſte, ou naquelle projecto militar houve temeridade, com tanto que foſſe bem ſuccedido, paſſa por deſpejo, e valentia; ſe no calor da acçaõ houve ſobeja crueza, naõ ſe repreſenta tal aos olhos de hum guerreiro. Naõ ſaõ pois eſtes vicios os que Couto ha de notar como deſtructivos da feliz ſorte da India.

Ao contrario a principal virtude, ou o meio mais certo para conſervar florente a India, conſiſte, na ſua idéa, em naõ largarmos as armas: e tanto deve conſiderar eſte meio pelo mais eſſencial, quanto he mais bem fundado o receio de que Póvos que naõ conheciaõ ſujeiçaõ, em quanto naõ conhecêraõ os Portuguezes, naõ aturem quietos debaixo do jugo, á primeira eſperança que lhes apontar de o poderem ſacudir. Sim leva o Author ſem-

pre.

pre diante dos olhos o fim ultimo da Conquiſta; que era o augmento da riqueza do Reino; e por iſſo principalmente intenta neſta Obra notar o vicio, que mais diametralmente ſe lhe oppõe; iſto he, o de preferir cada particular o ſeu intereſſe ao público. Mas como aſſenta que o meio indiſpenſavel de conſeguir aquelle fim he o da guerra; a immediata, e mais prejudicial conſequencia, que ſe lhe appreſenta, da ambiçaõ dos particulares, he o enervar-ſe-lhes o esforço, e quebrantar-ſe-lhes o eſpirito marcial, de cujo quebrantamento tem por effeito certo a ruina do commercio naquella Conquiſta.

Ora bem ſe vê quanto era mais difficil ſuſtentar o intereſſe do Patrimonio público pelo meio das armas, que pelos meios naturaes de eſtabelecer, e augmentar o commercio. Se os homens obrigados a trabalhar no intereſſe commum da Sociedade, mal podem aturar, ſe lhes tarda o diviſarem, ao menos ao longe, a parte que dalli reſulta ao ſeu particular intereſſe; como aturaráõ quando em vez deſte intereſſe naõ vem mais que trabalho, fadiga, e continuado riſco de vida? Quem póde pretender que hum eſtado taõ violento á humanidade, como o da guerra, faltando-lhe o calor da imaginaçaõ, ou de alguma paixaõ, de que ſó póde alimentar-ſe, ainda fique durando? Diga-o o conſtante fado dos Póvos os mais belicoſos: conſerváraõ-ſe armados em quanto ſe lhes naõ offerecêraõ objectos, que lhes liſongeaſſem o commodo, e os appetites: apenas eſtes attractivos ſe lhes appreſentáraõ a certa diſtancia, lhes arrebatáraõ a alma toda; e logo deixaõ cahir as armas, como hum pezo inſupportavel.

Nenhuns outros homens o ſupportariaõ tanto tempo como os Portuguezes, a quem o maior enthuſiaſmo de gloria, que já mais houve, fortificado com o hábito da guerra, tinha formado huma in-

indole brava, e ferina: mas em fim sendo este estado como emprestado, e contrafeito no homem, á medida que lhe faltasse o fomento havia de ir infallivelmente descahindo. Nos principios da nossa Conquista tudo excitava os homens á peleija; o appetite da nova empreza, a necessidade de ganhar terreno, as distincções, e privilegios lisongeiros do amor da gloria.

Passado este primeiro impeto, e necessidade, era preciso para se sustentar aquella difficil obra, que o homem que presidisse a ella fosse hum homem inteiramente dominado do bem público do Estado, e esquecido de si, e dos seus interesses; hum homem perito da politica, e da guerra; bravo, e intrepido, mas ao mesmo tempo sagaz para prevenir, e prudente para naõ converter em damno as mesmas virtudes militares; justiçoso sem fereza, liberal sem desconcerto: que soubesse influir estas virtudes nos subalternos; e manter os soldados no tezaõ da honra militar, sem insolencia, nem desordem. Succedeo a Diogo do Couto cahir-lhe o tempo do seu serviço da India no de Vice-Reis, em que observou aquellas qualidades, e os bens que ellas produziaõ no governo do Estado: alcançou ainda parte do governo de Francisco Barreto; servio em todo o tempo do grande D. Constantino de Bragança, e do Conde de Redondo D. Francisco Coutinho.

Este prático conhecimento do bom Estado da India lhe fez sentir ainda mais a differença que depois observou, quando, obtido o despacho dos seus serviços neste Reino, foi viver para a Capital daquelle Estado, donde, como de alta atalaya, melhor descortinava todo o bem, e mal delle. Observou, que huma vez que se interrompeo o furor da guerra, e houve tempo para cada hum começar a provar das commodidades da paz, logo

foi

foi desapparecendo a cubiça da gloria, e do nome, que dantes era o movel de todas as acções dos Portuguezes na India, e entrou no lugar della a ambiçaõ do lucro: e de principio taõ differente, que differentes naõ seriaõ as consequencias?

Vio que começando o lugar de Viso-Rey a se considerar como hum meio seguro de enriquecer; aos mais ambiciosos, e vãos, he que a intriga adquiria aquelle grande posto: que hum homem possuido deste espirito vendo-se encerrado no estreito limite de tres annos, dentro dos quaes necessitava de grangear a fortuna, e de a pôr em salvo, mal podia empregar os seus pensamentos, e diligencias em outra cousa, que na sua propria causa; que este mesmo espirito insensivelmente se hia diffundindo pelos subalternos, a quem o dinheiro abria o caminho para a privança do Vice-Rey. Accresciaõ ás vezes a isto defeitos particulares de alguns Commandantes, avareza, emulaçaõ, crueza.

Tudo logo de mãos dadas conspira para a ruina da disciplina militar, e do bem do Estado. Os soldados naõ tendo superiores que os exercitem na milicia, e accendaõ para a guerra, se deixaõ levar da commodidade do ocio, e dos entretenimentos que o costumaõ acompanhar; faltando ao mesmo passo as recompensas honrosas, outro estímulo para a guerra, as quaes só eraõ dadas aos que sabiaõ lisongear as paixões dos Governadores, cuidava cada hum sómente em lançar mão dos meios, que no Reyno lhe facilitassem o despacho, ou de ganhar asśàs de fazenda, que lho supprisse; ou de armar huma soffrivel passagem na India, onde se casavaõ, e estabeleciaõ, tornando-se de soldados mercadores: e a que extorsões, e roubos naõ abria isto caminho? Com elles hiaõ exasperando cada vez mais aos Indios, ao mesmo tempo que com a sua molleza, e ocio os deixavaõ fortificar; e assim concor-

corria tudo para eftes fe pôrem em eftado de recobrar a fua antiga liberdade, e fruftrar tantos trabalhos, e tanto fangue dos noffos Conquiftadores.

Todos os males que deftas primeiras fontes rebentavaõ, e alagavaõ a India, he que Diogo do Couto defcreveo exactamente no primeiro Dialogo, o qual compoz no tempo, que ainda reinava o Senhor Rei D. Sebaftiaõ, como do mefmo Dialogo fe vê: no qual introduz por Interlocutores hum Vice-Rey novamente eleito, e hum Soldado velho da India, que andava na Côrte em feus requerimentos, com o qual fe pretende informar, e aconfelhar fobre as coufas que lhe importavaõ para a jornada, e o mais que tocava ao manejo da Fazenda Real, e da milicia daquelle Eftado.

Correo o tempo. Vio Diogo do Couto ainda Governadores, que fizeraõ alguns esforços por ter mão na torrente das defordens, e fufcitar huma imagem dos bons tempos da India: mas, exceptuando effes pequenos intervallos, vio crefcerem, e multiplicarem os males. Foraõ-fe-lhe tambem multiplicando os meios de os defcubrir, e obfervar, fendo provído no emprego de Guarda-Mór da Torre do Tombo, logo que Filippe II. mandou pelo Vice-Rei Mathias de Albuquerque ordenar aquelle Archivo para nelle fe recolherem todos os Tratados de pazes, Provisões, Regiftos de Chancelleria, e mais papéis de importancia, que até ahi coftumáraõ eftar em poder do Secretario, e de outras peffoas.

Eftimulado com eftas caufas o feu zelo; e naõ fazendo conta com a primeira Obra, que dava por perdida, ou muito viciada, péga fegunda vez da penna, e compõe outra no mefmo genero Dialogico, na qual, por querer comprehender mais materia que na primeira, e notar naõ fó os erros, e defordens da India, mas os que fe commettiaõ no Reino em refpeito a ella; introduz a fallar, além de

de hum Governador , que tinha ſido da India , e hum Soldado prático della , hum Deſpachador , em cuja caſa ſe encontraõ. Entra Diogo do Couto neſte ſegundo Eſcrito mais miudamente nas differentes traças , que a ambiçaõ dos particulares havia inventado para tirar lucro do Eſtado da India , á cuſta do Eſtado ; deſcobre até os mais pequenos ramos que brotavaõ da raiz da inſolencia , e da injuſtiça : obſerva como das meſmas ſábias providencias dadas nos primeiros tempos para a conſervaçaõ , e bem daquelle Eſtado , humas eraõ illudidas , outras pela mudança das couſas já incompetentes , outras finalmente convertidas pela malicia dos homens em occaſiaõ , e pretexto para abuſos : e deſtas obſervações combinadas com o eſtado preſente da India , deduz os remedios que ſe deviaõ applicar para a cura de taõ graves enfermidades , e para que aquelle Eſtado pudeſſe ainda recobrar o ſeu primeiro vigor.

Eſte ſegundo Dialogo (o qual com tudo vai impreſſo primeiro que o outro , do modo que ſe achava no manuſcrito , por ſer o que o Author quiz que ſe tiveſſe pela ſua verdadeira Obra) eſte Dialogo , digo , naõ he eſcrito com tanta ſimplicidade , e preciſaõ , como o primeiro : naõ ſuſtenta com tanto decoro o caracter do Soldado , levado o Eſcritor do goſto , que já entaõ reinava de carregar os eſcritos naõ ſó Moraes , mas ainda Hiſtoricos , de demaziada erudiçaõ. O meſmo titulo da Obra naõ tem aquella ſingeleza , que ſe reduz a dar a conhecer ſimples , e claramente o aſſumpto della. Até a diviſaõ ſabe á meſma affectaçaõ , feita em vez de Capitulos por Scenas. E poſto que eſte frontiſpicio ſeja aleivoſo á Obra inculcando-a de máo goſto ; naõ nos atrevemos a lho mudar por conſervarmos intacta , e darmos fielmente á luz a compoſiçaõ de hum Eſcritor taõ reſpeitavel ; e em cuja liçaõ achará logo
quem

quem a queira fazer, o bem que o titulo lhe naõ promettia: achará além da materia o estylo proprio deste genero de escrito; achará por entre os factos singelamente referidos, que interessaõ a curiosidade, reflexões judiciosas, que instruem: e em todo elle huma certa graça que desterra o fastio.

A mesma fidelidade que se teve no titulo, e divizaõ dos Dialogos, se guardou em tudo o mais, que se podia conhecer ser do Author; quanto o deixava conhecer a Copia, que unicamente se poude descobrir, cheia de erros, e que naõ tinha de bom mais que hum caracter assaz intelligivel, que ao menos mostrava claramente o que escrevêra o Copista, mas que deixava em infinitos lugares bem ás escuras o que o Author quizera que elle escrevesse. Donde vem que esta primeira ediçaõ, que parecerá defeituoza, ou de pouco trabalho a quem sómente lê a obra depois de impressa, seria bem diversamente avaliada por quem a cotejasse com o manuscripto; do qual se se continuassem a tirar copias por pessoas taõ pouco intelligentes como a que transcreveo esta, em pouco tempo naõ haveria nem o esqueleto da Composiçaõ de Diogo do Couto.

Vendo-me pois ligado por huma parte com a fidelidade que devia guardar ao A., a qual me tolhia a liberdade de dar as minhas conjecturas pelos seus pensamentos, ou as palavras, e frazes da nossa idade pelas da sua; e por outra com a obrigaçaõ de o livrar dos aleives, que o Copista lhe levantára, procedi nesta maneira.

Emendei, ou para melhor dizer, restitui todas as palavras, em que evidentemente se conhecia haver erro do Copista, como em nomes proprios, ou em erros de igual evidencia.

Onde o sentido estava obscuro; se era quasi palpavel o erro, e que com huma pequena alteraçaõ se remediava, se fez esta no texto, advertindo-a

do-a em nota. Onde porem a emenda pareceria de mais liberdade, conſervei o texto, e apontei em nota o que me pareceo que deveria eſtar eſcrito. Onde finalmente ſe via falta, ou vicio maior, cuja emenda ſeria muito arbitraria, me contentei com notar que o lugar ſe conſervava fielmente conforme ao manuſcripto; para que ſe ſoubeſſe que o erro procede deſte, e naõ da falta do Editor, ou do Impreſſor.

Eſtas foraõ as leys, a que entendi eſtar ſugeito quem publíca huma obra até alli inedita: o qual depois de procurar ter os ſubſidios neceſſarios para conhecer o genio do Author, a linguagem do ſeu tempo, e a materia de que trata, deve conſervar quanto conhece que he do Author; e com advertencias poſtas em os lugares que recêa naõ ſerem fieis, deixar caminho aberto a que pelo tempo adiante deſcobrindo-ſe manuſcritos mais correctos, e combinando-ſe com eſtes o impreſſo, ſe poſſa ir nas ſeguintes edições emendando, e tornando-ſe genuina a compoſiçaõ do Author, que ſe procura immortalizar por meio da impreſſaõ.

CAR-

CARTA
DE
DIOGO DO COUTO
AO
CONDE DE SALLINAS, E RIBADEO,

Duque de Villa-Franca, do Conſelho Supremo do Eſtado de S. Mageſtade.

AQuelle famoſo, e eloquente Capitão Alcibiades Athenienſe, parece que por querer reſponder, e vituperar os jogos Silenos, que repreſentavaõ as figuras torpes de Baccho, ordenou outros jogos, a que chamáraõ depois *Silenos de Alcibiades*, nos quaes, debaixo de figuras groſſeiras, e pouco polidas, ſe encerravaõ outras obras de muito artificio, doutrina, e invençaõ; couſa que era muito eſtimada entre os Gregos. Aſſim eſte pobre Soldado, ou Sileno, que ſe vai lançar aos pés de V. Excellencia em figura taõ ruſtica, mal ordenada, e que parece aborrecerá quem o ver a cara, ou V. Excellencia ſem o julgar pelo trajo, achará debaixo daquella ruſtiquidade muita doutrina politica, moral, muitos exemplos, muitas verdades, e muitas couſas, que ſe ſe remediarem, faraõ huma República, como eſta de que trata, taõ próſpera, e taõ felice, como foi aquella de Athenas, que com eſte artificio a foi o ſeu Alcibiades reformando, e ordenando, até a pôr em ſua perfeiçaõ. Tudo o que V. Excellencia quizer ſaber delle, ouça o que elle dirá ſem importunaçaõ, ſem adulaçaõ, e ſem paixaõ: e eu fico que ſe ſatisfaça delle, porque ouvirá couſas, que póde ſer naõ ouviſſe da bocca de outro Soldado; e naõ quer outra ſatisfa-

çaõ

çaõ mayor do trabalho, que leva neſta jornada, que ſer ouvido de V. Excellencia, porque entaõ cuidará que podem ter remedio os males de que ſe queixa. Deos guarde, &c. Goa 20 de Dezembro de 1611.

Diogo do Couto.

DIA-

DIALOGO
DO
SOLDADO PRATICO,
QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.

ARGUMENTO.

Estando hum Fidalgo, que fora Governador da India por successaõ, em casa de hum Despachador de Portugal, entrou hum Soldado velho da India, que hia a dar sua petiçaõ, e papéis; e entre todos tres se passou o Dialogo seguinte.

SCENA I.

Soldado. Á agora meus negocios naõ podem deixar de ter muito bom fim, pois tiveraõ tam bom principio, como este, de achar a Vossa Mercê neste tempo em esta casa, de quem como de testemunha de meus serviços; me espero agora valer para ser conhecido do senhor Secretario, porque sou tam só neste Reyno, que naõ tenho cousa a que me possa arrimar senaõ a estes papéis, que aqui trago dos muitos annos, e muitos serviços que nas partes da India tenho feito, ornamentados e esmaltados muitas vezes com o sangue deste corpo, que espargí pela Lei e pelo Rey, de que me naõ tenho arrependido, porque quando aqui me faltar o galardaõ de minhas obras, em cima está aquel-

le ; que com maõ liberaliſſima ſatisfaz tudo melhor que os Reis da terra.

Fidalgo. Fólgo de vos ver neſte Reyno, e tirado daquella confuſaõ de Babel, e ſei de certo que ſereis muito bem reſpondido e deſpachado por voſſa idade, e ſerviços, ſem outra adherencia, e favor, porque depois que ElRey noſſo Senhor elegeo a Sua Mercê para Juiz deſtas ſatisfações, naõ tendes neceſſidade de mais que de apreſentar voſſos papéis, e ſerviços, porque o tempo em que ſe deſpachava por favores, e adherencias, he paſſado: porque como o coraçaõ dos Reis eſtá nas maõs de Deos, ordenou elle agora para remedio dos deſamparados, fazerem tam boa eleiçaõ, como foi eſta, com que nem meus favores ſaõ neceſſarios, nem voſſos ſerviços deixaráõ de ſer mui bem ſatisfeitos: mas que vieſtes a eſte tempo, ſentai-vos; ſereis teſtimunha das couſas que da India tratavamos, da qual vós pelos muitos annos, que della tendes conhecimento dos homens, e do tempo, bem ſei que podereis dar muito boa razaõ de tudo com aquella liberdade, e deſengano de Soldado Veterano, que nem recêa mal pelo que diſſer, nem eſpera bens pelo que liſongear.

Sold. Bejo as maõs a V. M. por tamanha honra, e pela opiniaõ que tem de mim: já agora hey por bem empregados todos trabalhos da viagem, e dos annos da minha perigrinaçaõ, pois merecí ſer admittido a eſta converſaçaõ.

Deſpachador. Até agora eſtive callado por nam interromper S. M., e por nam tirar os olhos de vós, em cujas cans, idade, e mais couſas que pela phiſionomia em vós eſtive notando, me pareceſtes differente de muitos outros Soldados que diante de my trazem requerimentos, tam outros da voſſa quietaçaõ, e maneira, que lhes parece, que a hora que ſe lhes tarda em acudir em ſeus negocios, já lhes roubaõ ſua honra, e merecimentos; e aſſim repreſentaõ ſuas couſas com aquelle impeto, e furor, como ſe eſtiveraõ peleijando com os inimigos: e eu em vez de os ouvir, e reſponder, eſtou com os olhos buſcando algum lugar onde me eſconda de ſuas coleras.

Sold. Nunca vi couſa mais para ſe lhes poder relevar, que eſſa (quando elles ſaõ chêos de merecimentos digo), porque andáraõ até agora taõ desfavorecidos do

tem-

tempo, e atropelados, que se naõ sabiam determinar; porque asſàz de bem remediado parte hum Soldado da India, que póde ſuſtentar-ſe neſta Corte de humas Náos a outras, para ſe poder tornar: e ſe vir que lhe reſpondem devagar, naõ ſente mór deſeſperaçaõ que lembrar-lhe, que eſtá em terra onde naõ tem remedio; e o que ajuntou por ſeus amigos para vir requerer, parte ſe lhe foi na Caſa da India, pelos exceſſos dos Contratadores, que até das camiſas que leva veſtidas lhe tomam direitos; ſendo tantos annos iſto taõ favoravel aos Soldados, que nunca lhes bu[illegible]raõ em ſeus caixões, em que traziam hum quintal de cravo, dous de canella, e outras pouquidades; e parte gaſtou em ſeu requerimento, e que naõ vê donde ſe poſſa valer, e que ou ſerá forçado morrer de fome neſte Reyno, ou deixar tudo, e tornar-ſe para a India, ſem ſer reſpondido: o que ſe tem por tamanha infamia, que o pobre a que iſto acontece, nam ouſa de apparecer ante aquelles do ſeu tempo, porque ou haõ que o tiveram para pouco, ou que lhe nam acháram merecimentos para o deſpacharem; o que tudo fica á conta do Deſpachador que lhe dilatou ſeu negocio, do que entendo deve dar larga conta a Deos, aſſim de naõ dar o ſeu a ſeu dono a tempo, como da honra que lhe roubou, na infamia em que incorreo em ſe tornar afrontado, e ſem deſpacho; e naõ digo iſto para os deſculpar do modo com que ſe haõ, ſenaõ pelas miſerias, e deſaventuras que a muitos delles vi paſſar.

Deſpach. Fólgo muito de vos ouvir fallar neſte negocio; e V. M. tenha ponto no que tratavamos, que eu determino deſculpar os homens, que até agora eſtiveraõ neſte lugar; e pois entramos neſta materia, folgaria de diſcorrermos por ella hum pouco, porque me ſervirá o que ſe tratar de aviſo para muitas couſas, e ſayam-ſe os moços para fóra, porque como muitas deſtas hey de apontar em Conſelho, nam he bem que ande primeiro pelas boccas dos rapazes.

Sold. Nunca couſa me cahio mais a pelo, que eſſa, porque toda eſta noite eſtive cuidando no pouco ſegredo, que na India ſe tem; aſſim o digo nos Conſelhos arduos da guerra, como nos da juſtiça, e fazenda, porque quaſi ſe naõ acabam de reſumir, quando já an-

da pelas praças o segredo delles, que nam sinto cousa na vida em que mais vá; e ainda o feito está em casa do Juiz por publicar, já se sabe quem tem a sentença: e ainda digo mais, que naõ sahe da Relaçaõ, quando ha Desembargador, que dá sinal ao seu moço para ir pedir alviçaras á parte, o que ouvi algumas vezes, e o tenho pelo maior modo da injustiça da vida.

Despach. Valha-me Deos! sabeis quanto nisso vai; que vai tudo, principalmente nas cousas da guerra, porque naõ queria o inimigo mais que saber o desenho do seu inimigo, porque só nisso está a victoria; onde isso ha, naõ póde haver cousa boa.

Sold. Inda mal porque he tanto assim! e porque o Samorim, Idalcaõ, Melique, e outros sabem logo o que se determina no Conselho e o Regimento que leva a Armada que vai ao Malabar, e a outras partes, tem disso resultado infinitos males; e porque em Dabul, e Surrate se sabe logo da Armada que vai esperar as Náos, assim á sahida como á entrada, que vem e vaõ para Meca: porque se logo as podem lançar fóra o fazem, e se naõ recolhem-nas, e envasam-nas, e nós ficamos com os gastos feitos, e com o credito perdido, e o que he muito gracioso, he que alguns Fidalgos do Conselho tomam por passatempo zombarem huns dos outros: fuam disse bem, mas disse mal: fuam embaraça-se: o outro que sempre se vai pelo parecer do que votou diante delle: de sorte que se trazem ao termo os defeitos dos homens, naõ lhe lembrando quanto maior he descobrir o que se ali passa. Leam-se os Philosophos antigos, veraõ em quanto estimavam o segredo, que a mór pena que os Athenienses tinham em suas leis era a que se dava ao que descobria o segredo; e em tanto se guardava, que tendo hum tempo guerra com Philippe de Macedonia, tomáraõ acaso humas cartas, que elle mandava a sua mulher Olympia, e lhas tornáraõ a mandar cerradas, e sem tocar nellas, podendo pela ventura achar dentro alguns avisos de que se pudessem aproveitar; mas tinham em muito mais a guarda do segredo, que a mesma victoria. Diodoro Siculo escreve, que entre os Egypcios era causa crime descobrir o segredo, e traz por exemplo hum Sacerdote que vio outro com

hu-

huma Virgem no Templo de Isis, que logo o descobrio, tendo-se fiado delle, e prezos todos, os concubinarios morrêraõ pela lei, e o que descobrio o segredo foi desterrado para sempre. Anaxilo Capitaõ Atheniense sendo cativo dos Lacedemonios (*a*) foi mettido a tormento para que dissesse o que ElRey Agesilao tinha determinado, ao que respondeo, que bem o podiaõ fazer em pedaços, mas que os segredos do seu Rey nunca descobriria. Na guarda dos segredos eraõ os Athenienses tam puros, que conta Plutarco no Livro *de Exilio*, que passando hum Egypcio por huma rua de Athenas, nam sei com que debaixo da capa, lhe perguntára hum Atheniense, que era o que levava? ao que lhe respondeo: E's Atheniense, e perguntas isso? nam vês tu que por isso o levo coberto pelo naõ saberes? Grande zelador deste segredo foi Demosthenes, ao qual perguntando-lhe hum seu amigo, porque lhe cheirava mal o bafo? Respondeo; que porque no estomago lhe apodrecêram grande quantidade de segredos. O Philosopho Pitagoras, os primeiros dous annos ensinava a seus discipulos a ter silencio por se acostumarem a guardar segredo, e affirmava nam haver mais alta Philosophia, que a bondade do silencio, e guarda dos segredos. Conta-se, que chegando o divino Platam á porta de Dionysio Syracusano, perguntára a Brias seu Camareiro, que era o que fazia? e elle respondêra, que estava pintando. Soube-o ElRey, mandou-lhe logo cortar a cabeça, por quanto descobrio o segredo do que fazia. O Philosopho Philippides quando se determinou a servir a ElRey Lysimaco foi com condiçaõ que lhe naõ descobriria segredo algum, porque entendia quanto hia na guarda delle pelo haver por cousa divina: e assim o he tanto, que importa todo o nosso remedio, porque no segredo da Confissaõ poz Deos nosso Senhor todos os thesouros, e riquezas da gloria, e só por este segredo podemos subir a ver aquelles outros mayores, que vio o glorioso Paulo, que nem os olhos viraõ, nem orelhas ouviraõ, nem nos coraçoes dos homens se imagináraõ.

Já

(*a*) Naõ he este o unico lugar, em que se achará pouca exacçaõ em ponto de Historia Antiga: mas assentou-se naõ se dever emendar mais que os erros da escrita, que se podia entender serem dos copistas, e naõ os do Author.

Já agora na India, nem ainda neste vosso Portugal; ha discipulos de Pitagoras, que guardem silencio, porque tudo o que se faz he ao som de campas tangidas; os segredos dos conselhos pelas praças ao som de trombetas, e assim as mais cousas: e o que he peyor, que até as maldades, adulterios, torpezas, infamias, e malicias, os mesmos que as commettem saõ seus proprios pregoeiros, porque o Capitam, Fidalgo, e naõ sei se Viso-Rey acabando de deshonrar a casada, logo se gaba disso a todo o mundo; como houveraõ a moça donzella, e pela ventura com capa de casar com ella, logo o pelourinho o sabe; o que enganou a viuva rica com a mesma côr; e o casado nescio com promessas de lhe casar a filha; as pessas que lhe dam logo as andam mostrando pelas ruas: de modo que de seus proprios segredos, e maldades elles só saõ os pregoeiros, porque cuido, que tem estas cousas por honra, e cavallaria; e a virtude, e continencia por fraqueza. Ora vejam Vv. Mm. como ha de Deos fazer mercê á terra, onde esta moeda corre. E já que estou com isto entre as maõs, haõ de me dar licença para acabar esta materia de pouco segredo com outras cousas que de novo me lembráraõ agora, que saõ mui prejudiciaes ao serviço delRey, e á República; e dem-me attençaõ.

Manda ElRey nosso Senhor devassar na India dos Officiaes da justiça, Desembargadores, e Capitães das Fortalezas, e que lhe mandem as devassas mutradas (*a*), e no mór segredo que puder ser. Em se começando a tirar esta devassa, logo os que se temem della sabem os que vaõ a testimunhar, e ainda o que disseraõ as testimunhas, e eylos vaõ com suspeições ás pessoas que testemunharaõ nos casos de que se temiam, as quaes provaõ ás suas vontades; porque tudo o que na India ficar em prova, subejaõ as testimunhas pelos telhados, e assim fazem as devassas nullas, e naquelles casos particulares só aquellas testemunhas suspeitas o sabem, e tirando-se-lhe outra devassa naõ se lhe achaõ culpas, e ficaõ absoltos, e os homens que testemunháraõ odiados com as partes, que todas as vezes que se podem satisfazer, nam deixaõ passar occasiaõ. Acaba hum Viso-Rey; vai-se para

(*a*) Palavra usada na India; que significa o mesmo que *sellada*.

ra o Reyno; manda-lhe ElRey tirar sua residencia por huma pessoa de confiança; se na India se tem segredo nella, o que acontece poucas vezes, cá neste vosso Portugal, onde isto nam he mais puro, logo descobre o segredo, e por peitas dam vista das devassas: e assim houve Viso-Reis que se vingáraõ de homens que testemunháraõ contra elles. Eu conheci alguns; e o que he peyor, que houve senhor destes, que escreveo á India a seus amigos: fuam testemunhou tal cousa; e fuam tal e tal, mas elles me cahiráõ nas maõs. Esta he a razaõ, por que muito poucos homens querem ir ás devassas: ao menos eu sempre fugi disso; porque de duas cousas sempre me guardei muito; de praguejar de Viso-Rey em público, e de testemunhar contra elles, porque me arrimei sempre áquella regra de viver em paz: *A teu Rey nunca offendas, nem sejas testemunha, nem parte.* Em fim quero concluir com huma cousa que eu aconselhára, se para isso tivera authoridade, que por duas razões nam houvera ElRey de mandar tirar estas devassas, e residencias, huma por evitar estes males, e odios, e outra porque nunca se procede contra os criminosos, e sempre se livraõ, e Deos sabe o como.

Despach. Muito folguei de vos ouvir essa materia; que naõ he de taõ pouca substancia que naõ vá nella muito, mas naõ tenho a isso que dizer, senam, que esses senhores Viso-Reys, Desembargadores, Capitáes, e mais Officiaes, que bem o pagaõ, deixemos lá na outra vida, mas ainda nesta vemos, que a muito poucos vimos lograr o que tiraõ de suas governanças, e Capitanías, porque se pozerem os olhos por este Reyno naõ acharáõ dous de cento que de lá vieraõ, terem que comer, nem fazerem Morgados, nem sei por onde se vaõ os tantos centos de mil cruzados, como alguns trouxeraõ de suas governanças, e Capitanías; parece que lhes leva o diabo tudo, porque huns morrem sem os lograr, e outros vivem para lhes faltar.

Fid. Isso que dizeis he santo: parece que este dinheiro da India he excommungado, porque nam luz a nenhum de nós: quero-me metter nesta conta, porque tambem naõ sei por onde se foi o que tirei da minha Fortaleza, e desse pouco tempo da minha gover-

nan-

nança. He dinheiro de encantamento, que se converte em carvões, o mais delle vai por onde veio, *donde o diabo traz a lebre lá lhe leva a pelle*, e veio por canos infernaes, e pelos mesmos se torna a ir, o mais delle he de sangue de innocentes, e assim como o dinheiro, por que foi vendido o Filho de Deos, se naõ comprou com elle mais que hum pedaço de chaõ infructuoso, que naõ servia de mais que para sepultura de mortos, e para cama dos bichos, assim a estes outros nunca lhes vereis Morgados feitos com o seu dinheiro, tudo vai a parar n'hum campo de mortos, em bichos, e çugidades em que por derradeiro vem a parar.

Despach. Deixemos isso, lá se avenham; nisso naõ ha emenda; e aonde a naõ ha, melhor he callar.

Sold. Sabe V. M., quanto a nam ha? que estando eu hum dia em hum Convento de Religiosos, veyo hum Fidalgo que hia entrar em huma das melhores Fortalezas da India, a despedir-se delles, e na conversaçaõ em que eu me achei lhe disse hum Religioso daquelles estas palavras: » Senhor, lembre-vos que ides » entrar na mercê que ElRey vos fez por vossos servi- » ços, e que nella podeis ganhar o Ceo, como eu nes- » te hábito; com estas cousas, contentai-vos com o que » he vosso, e deixai viver os pobres, e fazei justiça. » Aò que lhe respondeo: » Padre meu, eu hei de fazer » o que os outros Capitães fizeraõ; se elles foraõ ao » inferno, lá lhe hei de ir ser companheiro; porque eu » naõ vou á minha Fortaleza, senaõ para vir rico. » Houve o Padre que era escusado repetir-lhe mais: e posto elle dissesse a modo de cortezania, fêllo como o disse; e assim lhe levou o diabo tudo em breves dias.

Despach. Valha-me Deos! saõ muito ruins galanterias essas; com as cousas da alma naõ podemos galantear, que custaõ muito.

Fid. Deixemos nós a alma; cuido que tinha muita razaõ em desejar muito dinheiro, porque vir hum Fidalgo a este Reyno cheirando a pobreza, naõ ha quem lhe naõ vire o rosto; o bom he vir rico, porque entaõ vos bailaõ as tripeças, como lá dizem, tudo achais facil, rogam-vos para tudo, e vós naõ rogais para nada, e ainda para aquillo que desejais vos chamaõ; que esta calidade tem o dinheiro com outras muitas cousas que callo: em fim bom he vir rico.

Sold.

Sold. Naõ eftá niffo a riqueza ; em ter muito dinheiro : nos feitos , e obras heroicas , e de virtude , ahi fim ; e eftes faõ os que fe haviam de bufcar para tudo.

Defpach. Muito nos fomos divertindo da materia que começámos a tratar ácerca dos defpachos , e requerimentos dos homens : por iffo , fenhor Soldado , por amor de mim , que tornemos a ella , e que tudo o que houverdes de tratar o façais com tanta liberdade , e ifençaõ , como fe naõ fallareis diante de mim : porque como todos naõ podemos tudo , nem ha homem taõ perfeito , que naõ erre ; dos avifos dos bons juizos , e dos confelhos dos experimentados fe vem as mais das vezes a cahir no conhecimento das coufas , que os que eftam nefte lugar deixam de alcançar , tanto pelas naõ verem , como pelas naõ ouvirem praticar.

Sold. Affim he , fenhor , e dahi vem os Reys naõ ferem fabedores de muitas coufas importantes ao bom governo de feus Reynos , affim pelas nam verem , porque naõ póde fer , verem tudo , como pelas naõ praticarem com quem as tratou , vio , e apalpou , porque o que falta aos Reys he quem lhes falle verdade neftas coufas : e fe lhes a elles acontece aquillo delRey Antioco , quando huma noite foi perdido e defconhecido a cafa de hum lavrador , vindo a fallar em ElRey , lhe diffe quantos defeitos delle fe diziaõ , e vindo outro dia os feus , querendo-lhe pôr as infignias de Rey , as nam quiz , dizendo : que tanto que fe defconhecêra , logo achára quem lhe fallára verdade , porque quafi fempre , ou a authoridade Real eftá pondo receyo a hum homem lhe poder dizer quanto entende , ou tambem fe teme , que fique tido por igual ; porque verdades em Corte aborrecem e he feu coftume , que quem lhe naõ falla á vontade , lhe naõ refponde elle tambem á fua.

Fid. Tudo affim he : e fabeis de que iffo vem ? De quererem os homens já agora viver mais para fi , que para outrem.

Sold. A culpa ponho aos Reys porque vieraõ a goftar mais de lifonjeiros , que de Philofophos , e fabedores , porque fe affim nam fora , víramos cada dia fazer a muitos privados , o que fez o grande Alexandre a hum Philofopho que havia muito trazia comfigo , o qual como nunca o reprehendeffe de coufa al-

gu-

guma, lhe disse: » Eu sou homem, e como tal devo » de errar em muitas cousas, e tu sendo Philosopho » nam me reprehendes, nem avisas de nada: ou he que » naõ entendes meus erros, ou se os entendes naõ és » meu amigo, pois mos dissimulas, e naõ reprehen- » des; por isso vai-te embora, que me naõ quero servir » de ti. »

Despach. Se os Reys isso fizerem, de quem se serviráõ?

Sold. De muitos que lhes fallem verdades; porque entaõ quando o privado vir o aborrecimento que o Rey tem a lisonjeiros, mudará a pelle, e far-se-ha da cõr da condiçaõ do Rey; porque sempre, ou as mais das vezes folgam, e se affeiçoam aos homens que em alguma cousa se lhes querem parecer; como o Imperador Aureliano, que sendo affeiçoado a beber vinho tinto, hum Torcato naõ só naõ bebia outro vinho senaõ este, mas ainda todas as vinhas que mandava plantar, eram de uvas pretas, o que satisfez tanto a ElRey, que o fez .... em Roma, e Guarda da porta Salaria: por onde nam está em mais fallar-se verdade aos Reys, que sentirem os privados que elle he affeiçoado a ella, e que por isso lhe faraõ o que o Imperador a Torcato.

Fid. Estais nesse negocio hum pouco enganado, porque os Reys por sua dignidade saõ mui grandes amadores da verdade, e sempre folgam de lha fallarem; mas isso que quereis dizer he outra cousa que eu entendo, e me naõ convem dizer.

Sold. Digo minha culpa, se minha tençaõ foi culpavel á pessoa Real neste negocio; e mais, que em lhe naõ aborrecerem lisonjeiros, he descuidarem-se nesta parte da alteza da sua dignidade; porque os Athenienses, segundo Plutarco na vida de Theseo chamaõ aos Reys *Anactes*, como aquelles de cuja prudencia, e vigilancia pendem muitos negocios muito importantes; e assim saõ obrigados os ministrar com tanta moderaçaõ, e prudencia, que os bons e virtuosos tenhaõ differentes lugares dos máos: outros dizem que naõ vem por esta via a derivaçaõ do vocabulo de Rey, senaõ que he huma similhança tomada da sublimidade, e altura das Estrellas, que sobem conforme ao ordenado curso da natureza até chegar á suprema al-

tura do Ceo ; e porque em Lingua Attica esta distancia do lugar sublime, e excelso se chama *anekas*, e *anekathen* se diz ao que de alto procede ; dando a entender por esta appellaçaõ, que o Rey por ordenaçaõ Divina está collocado na altura do estado humano, naõ deve inclinar seu pensamento a cousas baixas e abatidas, senaõ que se lembre está naquelle lugar sublime como huma excelsa atalaya da virtude, e da verdade, para que seja exemplo de toda a honestidade, religiaõ e mais virtudes a todo o povo, que nelle, como em hum espelho clarissimo, tem posto os olhos, cuja claridade com nenhuma cousa se ha de escurecer : lembrando-lhe tambem, que quanto he mais sublime o lugar que tem de todo o mais povo, tanto com mayor vigilancia ha de procurar que naõ diga, nem falle cousa que naõ seja digna do Ceo, pois o lugar tam alto em que está collocado, lhe mostra ser tanto mais perto do Ceo sua dignidade, que a baixeza da gente vulgar. Isto naõ he meu, que he de muitos e aballizados Philosophos que disto tratam, por onde torno-me a declarar no que tinha dito em dizer que a culpa era dos Reys, que lhes ainda agora ponho, em naõ verem e vigiarem os que trataõ mais fallar á vontade que verdades, como tem obrigaçaõ de leaes vassallos ; porque áquelles que elles põe neste lugar, e sobre os quaes deixaõ todo o pezo do governo, e negocios do Reino lhes fica a mesma obrigaçaõ que á pessoa Real por sua dignidade como já tratei ; por isso vejaõ os despachadores o em que se mettem, que naquelles negocios saõ obrigados a tratallos com aquella verdade, e amor que o mesmo Rey tem por obrigaçaõ a seus vassallos, tam arriscados tantas vezes por elles á bocca da bombarda, á setta, ao pelouro, á fome, frio, e a trezentas outras desaventuras em que se vem cada dia por seu serviço. Este exemplo lhes deixou Christo nosso Senhor quando subio ao Padre, que deo o cargo do despacho dos homens a seus Discipulos, os quaes assim se houveraõ com elles, como o mesmo Deos, dando vida a mortos, vista a cegos, falla a mudos, e obrando todas as mais maravilhas de seu Mestre, e assim ficavaõ sendo Deoses : o que isso mesmo fica obrigado a fazer o Despachador, que ha de despachar como Rey, e fa-

e fazendo-o como tal conforme a sua obrigaçaõ, fa-lo como Deos, porque os Reys o lugar de Deos tem na terra, e assim ficaráõ seus Ministros fazendo o officio de Deoses.

Despach. Esta profissaõ he já mais que de puro Soldado, como vós dixestes que ereis; porque vejo, que vos ides mostrando Philosopho, Humanista, e ainda Theologo; para o que se requere mais quietaçaõ que de Soldado, que naõ póde trazer a espingarda ás costas, e os livros da outra parte; porque sempre, ou as mais das vezes, huma cousa impede a outra.

Sold. Nunca a penna embotou a lança: Soldado, e Capitam era Cesar, e conquistando a Gallia, de dia peleijava, e de noite escrevia nos seus Commentarios. Alexandre conquistando o mundo sempre communicava com Philosophos, e trazia a Iliada de Homero á cabeceira. Epaminondas Lacedemonio trazia no exercicio sempre a sua Livraria, e naõ se determinava de qual tinha mais se de esforçado, se de sabedor; e trezentos outros Capitáes a quem as armas naõ escusáraõ o engenho; e nam digo isto, porque haja em mim o que Vossa Mercê diz, porque somente o amor das letras me ficou daquella primeira idade, em que gastei alguns annos nas Artes Liberaes, de que só me ficou a inclinaçaõ dos livros com que communico as horas que me restam, porque o natural do homem he desejar saber, como affirma Aristoteles no primeiro da Metaphysica.

SCENA II.

Do modo que correm os despachos das cousas da India no Reyno; em que se tocam muitas cousas sobre algumas desordens que nisso ha.

Despach. TOrnemos á materia de primeiro, que era irdes culpando os homens que até agora estiveraõ neste cargo, porque eu como sou homem está certo o errar, e ficarei sabendo o de que me hey de emendar. Quanto ao que dixestes que se podia re-

levar aos Soldados aquelle ſeu brio, e iſençaõ, ou quaſi ſoberba com que requerem ſeus merecimentos, por andarem atropellados dos deſpachadores paſſados; por certo que ſe ſoubeſſem o modo de como correm os negocios, que ſe naõ eſcandalizaſſem tanto, porque como os Reys tenham ſuprema dignidade ſobre todos os homens, hum iſento ſenhorio, huma vontade, que ſe naõ contradiz, com outras muitas couſas, que deixo de dizer, nam parece razaõ que eſtejam a todo o tempo preparados para todos os negocios que os homens delles quizerem; porque como tem repartidos os tempos para elles, ſc. tantos mezes para os de Africa, outros para os da India, e outros para aquellas couſas para que os applicáraõ, nam parece razaõ, que quando ſe tratarem os negocios de Africa, ou da Fazenda, e Juſtiça, que vá hum Deſpachador apreſentar papéis do Soldado da India fóra do tempo, e conjuncçaõ, porque aſſim em vez de lhe fazer bem, lhe póde muitas vezes fazer mal; entam ſe lhe nam tomais a ſua petiçaõ, a qualquer tempo que vo-la der, já parece que lhe roubam a ſua juſtiça, e arrebentam com ſeus deſpachos, para o que ha miſter huma paciencia de Job para os ouvir, e ſoffrer.

Sold. Inda mal, porque aſſim he tudo! e porque os Reys tem tempos repartidos por eſſe modo, porque para dar o ſeu a ſeu dono, nam he neceſſario guardar tempo, que toda hora o he, e o menos que o bom Chriſtaõ Rey ha de ter, he tempo para ſi. Couſa leio de Principes Gentios que tomára achar em alguns dos havidos por Catholicos: qual deſtes teve o que Dario Rey da Perſia? que tinha hum Camareiro deputado para todos os dias em amanhecendo entrar livremente na ſua Camara, e lhe dizer: Levanta-te Rey, e vai curar dos negocios que Deos quiz que curaſſes. E do Evangelho temos, que a Chriſto noſſo Senhor nunca ſe lhe offereceo requerimento, que naõ deſpachaſſe, porque como veyo ao mundo todo para os homens, naõ tratou mais que o que a elles lhes cumpria; porque á borda da agua deſpachou a S. Pedro e S. Philippe; e eſtando comendo á Magdalena; no caminho a Zacheo; á entrada da Cidade ao filho da viuva; bebendo á Samaritana; e ainda á hora da morte ao Ladraõ; de modo que toda a hora, e lugar deſ-

despachava petições, dava cargos, e officios; o que houvera de ficar por exemplo dos Reys da terra para o imitarem, pois naquelle lugar os poz elle mais para os homens que para si.

Despach. Vedes vós, isso he como dizeis; mas os Reys da terra nam podem tanto, saõ de carne, e ham de ter seus dias de passatempo: tambem saõ sujeitos a paixões, e enfermidades, pelo que naõ póde ser estarem todo o tempo na praça, como lá dizem: o arco se lhe nam afrouxam a corda facilmente quebra: tudo seu tempo tem, como diz o Sabio; baste ter dado o mais delle para os negocios, o menos lhes fica para seus desenfados, que se naõ escusaõ.

Sold. Naõ sinto eu para as enfermidades mór antidoto, nem melhor mézinha, que despachar nellas a viuva pobre, o Soldado desamparado, o Cavalleiro velho e de merecimentos, porque estes saõ os que rogam a Deos pela vida do Rey, e isso he o que lhe dá saude; que as mézinhas saõ hervas, e raizes, que nunca a dam perfeita: e o glorioso Rey de França Luiz dizia, que os pobres que despachava eram cães com que caçava os Ceos; que esta he a verdadeira caça que os Reys haõ de desejar.

Despach. Por essa, e por toda a outra via caçaõ os Reys como dizeis o Ceo: mas tornando aos negocios da India, como o tempo que lhes tem dado naõ saõ mais que tres mezes, e elles sejaõ muitos, e os requerentes acodem todos, muitas vezes por falta de tempo, e segundo os negocios se vaõ encapellando, e as materias que se trataõ ser de muito conselho; como se se offerecem novas de gallés, e outras cousas desta calidade, pelas quaes cessaõ essas outras, que saõ de menos importancia; e que succeda por isso mandar ElRey sobrestar os Regimentos para o anno que ha de mandar Viso-Rey; ou que outro negocio de fóra, e de outra qualidade gaste o tempo, e fiquem os homens sem responder: que culpa dareis ao Despachador senaõ foi em sua maõ mais, nem as cousas deraõ outro lugar?

Sold. Já que Vossa Mercê me tem dado licença para responder livremente a tudo, ha de me ouvir hum pouco. Digo, senhor, que estava isso muito bem, se nesse tempo nam sahisse despachado o creado do Mordomo mór,

mór, que nunca servio a ElRey, o do Veador da Fazenda, o do Secretario, o do Conselheiro, e o apaniguado de Vossa Mercê, e outros muitos desta estofa, que com as maõs na cinta, e a perna alçada, comendo os miraolhos e figos brejaçotes levaõ o melhor da India, se naõ, quanto a estes, lhes serve a minha petiçaõ que está em poder do Despachador, de alvitre para pedirem o que nella tenho apontado, e quasi sempre acontece, respondendo a hum destes que digo, ou a hum Soldado como eu envelhecido na guerra huma mesma cousa, ficar elle posto diante, e o pobre que passou pelos medos dos Estreitos, pelos frios e chuvas na enseada de Cambaya, pelos pelouros, e settas dos Malabares, Achens, e Turcos, que se vá estar esperando que acabe seu tempo o que pela ventura naõ fez outra cousa que passear as calçadas de Lisboa, e servir a seu Amo de muitas cousas que callo.

Despach. Alguma razaõ tendes nisso, mas saõ cousas essas que se naõ podem escusar, porque como lá dizem, *faço-te a barba porque me faças o cabello.* Meu amigo, já que fallais verdades, eu as naõ hei de negar; succede isso assim porque o Despachador que está neste lugar tem necessidade dos homens; huns porque se começam a medrar, os vam favorecendo; outros se tem subido já a sua valia, os sustentaõ nella, e assim naõ se faz nada sem nada.

Sold. Por essa conta rogarei muito más Paschoas a meu pay que na mocidade me trouxe no Paço, servindo a ElRey de tocha, e prato, e dormindo pelas caixas de sua guarda-roupa, e depois de homem me mandou á India, como todos vem a fazer, havendo que com alguns annos de serviço poderia vir a ter remedio, e ser bem despachado; igual fora que me dera a hum desses validos da Corte; pudera muito bem ser que já nesta idade em que venho requerer tivera colhido o fructo em tempo, que me pudera lograr alguns annos delle, do que já agora desconfio, porque sou velho; o com que me podem responder, Deos sabe para quando será, e póde ser que venha a morrer pelos hospitaes da India, sem me entrar o pobre cargo que me derem; e assim fica gastada a vida toda sem lograr aquillo que estes outros que digo, á perna alçada, em quin-

quintas compradas com o ſuor de meus trabalhos; eſtaõ ha muitos annos logrando; e o que peyor he, que a eſtes a tempo de entrarem em ſeus cargos fazem os Governadores da India dobrados favores, e mercês que ao pobre Soldado que elle vio na guerra matar muitos Mouros, ſó por terem grangeados os Amos por cujos reſpeitos foram deſpachados, ainda que ſeja muito á cuſta da Fazenda do Rey.

Fid. A iſſo digo minha culpa, fólgo que falleis verdades tam claras; iſſo paſſou tambem por mim: mas que ha hum Governador de fazer ſe naõ póde viver taõ puro, que nam haja miſter homens, e lhe he neceſſario telos grangeados para ſeus negocios?

Sold. Fólgo de ouvir iſſo a Voſſa Mercê, porque aſſim o tive ſempre para mim no modo com que vi aos Governadores tratar a fazenda delRey, naõ como Miniſtros ſenaõ como inimigos, ſem lhes lembrar quando a daõ por eſte modo, que ficaõ em reſtituiçaõ della, porque por eſſas deſordens ſuccedem infinitas neceſſidades ao Eſtado que ſe remedêa com eſſe dinheiro, pelas quaes ſe deixam de prover as Armadas, e Fortalezas como he neceſſario, e Voſſa Mercê ha de ter paciencia, porque eu hei de fallar niſto muito largo.

SCENA III.

De como os maiores inimigos que a Fazenda do Rey tem ſaõ os Miniſtros; de como na India ſe cumprem mal os Regimentos, e Mandados delRey; e trata de outras materias.

Sold. ENtrando hum dia a mulher de Dario na tenda de Alexandre Magno, depois de ter ſujeito toda a Perſia, eſtava junto delle o ſeu grande amigo Efeſtion a quem ella fez ſua humilhaçaõ, cuidando ſer ElRey, e depois que ſoube qual era, teve com Alexandre ſuas deſculpas do erro em que cahira, ao que elle reſpondeo eſtas palavras: » Nam erraſtes em » nada, que meu amigo he outro eu ». Donde ſe vê claro, que os Amigos do Rey, ſeus Viſo-Reys, e Governadores e mais Miniſtros ham de ſer outro elle, ham de adminiſtrar, governar, e deſpender como o meſmo Rey o fizera, que iſto he ſer verdadeiro Amigo;

go : mas quando a cousa vai por outro rumo, que o Governador e Ministro naõ pretende mais que governar para si, e para os seus, entam naõ sinto eu maior inimigo do Rey que este, porque entam poderá elle dizer pelo tal Governador: este que aqui está he outro si, e outro para si: em toda a parte isto tem lugar; mas deixemos os Ministros deste Reyno, vamos-nos á India, dai-me hum Viso-Rey que deixe perder pelo serviço do seu Rey hum cruzado da sua fazenda para lhe acrescentar outro: isto he cousa que se naõ costuma: antes acrescentar em sua fazenda com muita perda da do Rey, e Deos sabe porque meyos; isso sim. Vereis hum Governador, ou Viso-Rey chegar áquelle Estado tam zeloso do serviço delRey, e do proveito da sua Fazenda, que parece a todos, que vem remir a India, e que tomará as capas aos homens para lhe acrescentar em sua Fazenda; mas dahi a quatro dias se muda isto, porque a má natureza da terra, e infernal inclinaçaõ dos homens muda-o de feiçaõ, que se lhes toma as capas assi a ElRey como aos homens, he para si, e para os seus. Muitos exemplos pudera dar disto, mui vistos e apalpados, mas trarei dous. Quer hum Governador pagar-se de seus ordenados, que sempre andam adiantados, e nunca vereis ficarem-lhe devendo em seu titulo cousa alguma; e se a algum se lhe fica, tira disso certidões: eu o hey por grande engano, no que agora me naõ metterei por nam sahir da materia. Esta paga naõ se faz em qualquer moeda em que se aproveite a Fazenda do Rey, senaõ logo lhe daõ por alvitre que cobre os pagamentos para Ormuz, onde a moeda he mais grossa, e por xerafins pagam patacões, que vem a montar muito contra a Fazenda delRey, que este he o proveito que lhe fazem. Outro exemplo he: ordena-se mandarem hum Embaixador a Balagate, ou ao Mogor, estes ham de levar seus presentes, como he costume, fazem rol do que ha de ser, entraõ nelle quatro, ou seis, ou dez cavallos, estes vende-os o Viso-Rey da sua estrebaria a ElRey a preços exorbitantes, cavallo que val duzentos por seiscentos, e mais; e carrega-se em nome de outrem em Receita, e tiraõ conhecimentos para a parte requerer seu pagamento, o qual ha de Vossa Mercê entender, que se faz de ante-maõ,

e em moedas em que ganha; e ainda aqui entra outra injustiça, que he, que vindo as Náos de Ormuz com estes cavallos, mandaõ os Governadores tomar pelas estrebarias e casas dos homens os que melhor lhes parecem, e o pôr do preço sempre he á vontade dos Governadores; o que tem escandalizado a India toda. Ora passemos avante, para vermos o como aproveitaõ a Fazenda do Rey com detrimento da sua. Na despeza della nam entra Veedor da Fazenda, que he sacrilegio tocar no dinheiro, nem o Thesoureiro tello em seu poder, elle o tem, e ás vezes entrega a seus creados, e as despezas delle saõ á sua vontade, e os papéis dellas se entregam ao Feitor, e Thesoureiro, e ás vezes mal correntes, o que depois lhe dá trabalho, e Deos sabe por onde se foi este dinheiro, e por onde se consumio, porque sempre a maior parte delle vai em dividas velhas, de que adiante tratarei, e estas repartidas por maõs dos seus apaniguados, e creados, que todos ficam com ellas bem untadas; e se naõ vede o seu apaniguado que levou cincoenta mil cruzados, o pagem da campainha outra pancada, e outro creado seu quinhaõ; o que tudo sahe da bolça delRey, que paga até os serviços dos creados dos Governadores.

Fid. A isso tinha muito que dizer; bem sabeis vós, que tanto que dei a homenagem da India, assim por isso, como pelo Regimento que ElRey me dá, tenho licença para fazer tudo o que bem me parecer, no que dá consentimento a tudo o que os Governadores quizerem fazer: com o que, e com os muitos biscatos que a India dá de si, posso fazer os meus ricos, porque me servem, e com elles represento a dignidade do meu cargo.

Sold. Vossa Mercê he que levanta a lebre para eu a correr, que bem desejo eu passar por algumas cousas, que tem bem escandalizado o mundo, e essa, que Vossa Mercê tocou, mais que todas. Vós sabeis, senhor, o que jura hum Viso-Rey, ou Governador nas maõs delRey quando lhe dá essa homenagem: por certo que se isso trouxessem na memoria, que naõ comeriaõ, nem beberiaõ, porque cuido que os mais delles perjuram gravissimamente. Fallo deste modo, porque Vossa Mercê me tem dado liberdade para tudo. Dizei-me, senhor,

nhor, qual he o Viso-Rey, ou Governador taõ puro (naõ digo que naõ haja alguns), que na homenagem que dá, naõ se arrisque à mil perjurios? Primeiramente juram, que naõ solicitáraõ aquelle cargo por si, nem por outro, nem deraõ, peitáraõ, ou por outra alguma via o pertendêram, sendo taõ sabido de muitos os modos com que o solicitáram. Vamos mais aos juramentos que fazem de guardar Regimentos, fazer justiça ás partes e outras cousas que deixo, o que muito poucos cumprem, porque Regimentos naõ se executaõ senaõ nos pobres; Leis, e prizões naõ se guardam, senaõ contra os desamparados: em fim por naõ me cançar, muito poucos Governadores cumprem o que lhes ElRey manda sendo contra seu proveito e appetite: por onde affirmo que em nenhuma parte he o Rey obedecido menos que na India; porque cousas que faz hum Governador, o mesmo Rey naõ houvera de fazer: e o que mais escandaliza he, que sempre acha Letrados em todas as Faculdades, que daõ entendimentos ás Leis, e Regimentos para poder fazer alguma cousa que pretende, ainda que seja huma injustiça exorbitante, como eu o vi em hum caso que importava huma das Fortalezas da India, em que quiz persuadir hum Letrado, naõ digo, (a) a hum Desembargador que podia votar naquelle caso pelo que o Governador queria, porque a Ley lhe dava lugar para isso, e que elle lhe daria hum escrito seu que o podia fazer; mas como o Desembargador temia a Deos, naõ o pôde levar, nem o Governador conseguio o que esperava, porque por aquelle voto ficavaõ vencidos os da sua parte. Pois que vos direi dos perjurios que commette hum Governador contra o que jura quando lhe entregaõ a governança da India? que com as maõs sobre o Missal promette de guardar os privilegios da Cidade, e na primeira cousa que lhe cahe nas maõs, põe os pés por cima de tudo, e naõ guarda senaõ o que lhe releva; e acham Letrados, que tambem lhe dizem, que aquelle privilegio se entende de tal manei- ra; que por hum exemplo me declararei melhor. Prendêraõ a hum Fidalgo velho honrado, casado em Goa

(a) Estas duas palavras „ naõ digo „ naõ parece ajustarem neste lugar: talvez ha erro no manuscrito.

dentro no Tronco por huma grande quantidade de dinheiro, que devia a ElRey, a quem sempre os Governadores tem o olho, e certo que cuido se fôra pela morte de hum homem, que nam houvera de ter prizaõ taõ estreita. E primeiro que conte o caso, direi o que sobre isto ouvi a hum homem bem avisado tratando-se sobre outras materias desta essencia. Estando actualmente alguns homens prezos por dividas, succedêraõ alguns crimes na Cidade de Goa de mortes de homens, a que se naõ acudio taõ depressa como era razaõ, ao que disse hum homem: » Naõ deva ninguem » a ElRey dinheiro neste tempo, e mate quantos ho- » mens quizer, e passêe livremente, que eu seguro que » naõ entendaõ com elle. » E tornando ao exemplo que hia dizendo; prezo o Fidalgo, acudio a Cidade com os seus privilegios, nos quaes manda ElRey, que nenhum Cidadaõ de Goa possa ser prezo em ferros, senaõ por caso que haja de morrer, nem por dividas ainda que sejaõ suas; e como pertendiaõ haver o dinheiro á maõ, que era o crime que tinhaõ contra elle, sahio por despacho dá Relaçaõ; que nam fosse prezo em ferros, como o privilegio dizia, mas que ficasse no Tronco sem grilhões, onde esteve alguns tempos sem lhe valer privilegio nenhum. Ora vede, senhores, se o demonio podia dar este entendimento á Provisaõ delRey? e que quer dizer ser prezo em ferros senaõ em Troncos onde tudo saõ ferros? que somma de exemplos vos pudera trazer destes que puderam fazer engulhos de vomitar? Ora quanto ao que Vossa mercê diz, que ElRey lhe dá poderes para tudo na particula, que lhe põe no cabo do Regimento: » Que sobre tudo façais o que vos parecer mais meu ser- » viço »; he mal entendido de muitos, porque antes com isso vos amarra as maõs, e limita o poder; porque as cousas que ElRey ha por seu serviço, primeiro que tudo, he fazer justiça, e dar a cada hum o seu; e fazerdes armadas para onde se vos offerecer occasiaõ, e proverdes nas cousas da guerra como for mais necessario, e cumprir mais á reputaçaõ do Estado, e defensaõ dos vassallos: porque ElRey naõ póde adivinhar os casos futuros contingentes para mandar prover nelles, e entaõ o deixa ao juizo do Governador, com os do seu Conselho; mas no despender da sua Fazenda naõ ha
de

de ser senaõ para estas mesmas cousas, e para outras ordinarias, porque para o mais vos dá tantos mil cruzados para poderdes fazer mercês, e ainda aos homens benemeritos que andam no serviço, dos quaes a maior parte levaõ vossos creados, que lho naõ podeis dar, porque a tençaõ do Rey he repartirem com os que o servirem, e destes haõ de ser primeiro Fidalgos, e Moradores da sua Casa, a quem tem mais obrigações que aos outros; e ainda nisto se usa outra injustiça muito grande, que he fazerem mercês deste dinheiro a homens fantasticos que nunca houve, e os Governadores, ou os seus apaniguados engollirem-no, ao que naõ posso pôr nome, senaõ furto. Pois nos despachos vos digo eu que ides por melhor caminho. Quem vos disse que na Provisaõ que ElRey vos passou para Despachador na India, certos homens de officios, de Feitorias para baixo, que os podeis dar a vossos creados, quando a Provisaõ expressamente o nam declara, porque a tençaõ delRey he que se repartaõ com homens benemeritos e de serviços? e sábeis quanto he isto assi, que se naõ sou mal lembrado, na Meza da Consciencia deste Reyno se deo huma sentença, que naõ devia ElRey satisfaçaõ de serviço, senaõ aos Moradores de sua Casa; e que aos que naõ viviaõ com elle lhes satisfazia pagando o soldo que se concertou, tanto por mez, e assim este soldo se lhes deve, e se lhes ha de pagar, sem se lhes dever nada: mas aos pobres cumpre-se-lhes taõ mal isto, que de quatro quarteis que lhes devem cada anno lhes pagaõ dous, hum de veraõ, e outro de inverno, sem ficar disso escrupulo nenhum ao Governador, ou Viso-Rey, que se eu fora seu Confessor, houvera de o obrigar a lho pagar, porque o que lhe disser que o Estado o nam tem, engana a Deos, que bem sabe que o ha; porque muito dinheiro delRey que se despende em outras cousas desnecessarias, pudera supprir isto: por onde concluo em affirmar, que os Governadores, e Viso-Reys naõ tem ourellos, nem biscatos na India, como senhor dixestes, para poderem fazer ricos aos seus creados, como muitos o fazem á custa da Fazenda do Rey, que se tira da boca da viuva, do orfaõ, do casado pobre, e do soldado a que naõ pagaõ o que se lhe deve por naõ haver dinheiro, sobejando para os seus: chega isto a

tan-

tanta desordem, que por huma e outra parte em necessidades, que se offerecem por estas cousas e outras, andaõ pedindo o dinheiro emprestado para armadas e soccorros, e desse mesmo se passaõ muitas Provisões de mercês a seus parentes e creados, sem entrar nisto remor de Deos, nem pejo dos homens que o emprestaõ.

Despach. Isso passa dessa maneira? por certo que estou espantado de quanta cousa lá vai, sem cá se saber, nem se temerem os Governadores, que poderá isso alguma hora chegar ás orelhas delRey.

Sold. Disso lhes dá a elles ora nada; que chama Vossa Mercê ElRey? elles saõ os Reys, e os Deoses, como lá estaõ, e para isso lhes passa o mesmo Rey muitas Provisões; principalmente huma que levaõ todos, pela qual manda, que naõ sejaõ citados, nem demandados na India por cousa alguma. Por certo, senhor, que cuido, que o Rey naõ vê a tal Provisaõ quando assina, nem sabe della; porque se a vira naõ cuido eu, que haja Rey que queira que se faça tamanha injustiça; e que pelo mesmo caso que hum Viso-Rey lhe pedir tal provisaõ, o póde logo remover, e eleger outro, de maneira que huma ha de levar salvo conducto para me tomarem o meu navio, o meu cavallo, e a minha fazenda, sem o eu poder requerer: isso he huma cousa que só se póde esperar entre os Tyrannos de Sicilia, e naõ entre Principes taõ Catholicos Christaõs, que sempre querem que se faça justiça até de si; porque na Chronica delRey D. Joaõ o segundo lemos de algumas sentenças, que se deraõ contra o mesmo Rey, que sobre isso fez mercê aos Juizes que as deraõ; que esta he a verdadeira Christandade. Ora vede quam mal entendido he isto, e como ElRey naõ sabe de tal Provisaõ; se elle cada dia passa tantas a quem quer que possa citar o Procurador de sua Fazenda, como cada dia succede neste Reyno, e ainda na India, e as partes haõ sentença contra elles, e executam a Fazenda delRey por ellas; como ha de mandar, nem querer que se naõ cite, nem demande o seu Governador, ou Viso-Rey? naõ creio tal; e creia Vossa Mercê que sobre isto me hei de fazer doudo neste Reyno até chegar ás orelhas delRey, porque mais justo he, e mais imitará a Christo o Viso-Rey, ou Governador depois que acabar seu tem-

po

po estar a juizo com as partes e satisfazer a todas o que lhe dever, que esse outro: mas como elles nas mais destas cousas cuidam que enganam a Deos, e ao Rey, andam taõ ensayados em certas cousas com que cuidam que o fazem, que pasmo de como naõ cahem nisso, mas cuidam que cobrem o Ceo com huma joeira, como dizem as velhas.

Despach. Que manhas e ardis saõ esses, e que enganos?

Sold. Dilo-hei a Vossa Mercê: depois de o Viso Rey, ou Governador acabar o seu tempo, como está com aquella Provisaõ no seio, ninguem o demanda, e entaõ quatro ou seis dias, antes do embarque, mandam pôr grandes escriptos pelas partes da Cidade e Igrejas que toda a pessoa a quem deverem alguma cousa a requeira, que lhe pagarám; e como isto he já com o pé no estribo, ninguem lhe sahe, e entaõ lhe passam os Escriváes mil certidões dos taes escriptos, com as quaes vaõ tapar os olhos aos cegos, ficando toda a India escandalizada, e por pagar delles, e de seus creados.

Fid. Já me tenho arrependido da licença e liberdade, que vos dei, porque naõ cuidei, que fallasseis tanta verdade taõ livremente, porque isso naõ saõ cousas, que chegam a Soldados que naõ trazem mais pensamento, que nas suas armas, e nas suas pagas. Cruzo-me a tudo, porque nas mais dessas cousas me sinto culpado: e certo que podeis servir de rol da confissaõ para hum Viso-Rey, e algumas cousas me lembrastes, que me esqueciam; mas já que estamos com esta materia entre as maõs, deixando as outras cousas a que vos naõ sei dar desculpa, quero acudir pela honra dos Governadores no que dam a seus creados, que naõ saya tudo da Fazenda delRey como vós dizeis, mas a maior parte do que com elles se parte, saõ alvitres, que cada dia succede, que já que se haõ de dar aos estranhos, parece mais razaõ que se dê aos seus.

Sold. A isso me naõ posso ter, já que Vossa Mercê até dos alvitres se dá, a que naõ descubra o segredo delles que pela ventura nunca chega ao Rey nem aos Despachadores para mandarem prover em huma cousa tam injusta, e tanto contra a Fazenda do mesmo Rey.

Des-

Despach. Folgarei muito de ouvir este negocio, porque isso he lá outro mundo, e cá naõ se pratica nas cousas que relevam a ElRey, senaõ nas que relevam aos homens.

Sold. Em toda a parte isso he: e posto que esta materia seja mui comprida, eu a encurtarei o mais que puder por naõ enfadar a Vossa Mercê.

SCENA IV.

Dos modos que ha de alvitres na India, e do damno, e prejuizo que fazem.

Sold. NA India de alguns tempos para cá se costumaõ quatro maneiras de alvitres; primeiro contra o Rey, segundo contra os homens, terceiro contra Deos, quarto contra todos: o primeiro, que he contra o Rey, e com que os Governadores enriquecem seus creados, he de muitos modos; a saber, morreo o homem abintestado, nam tem herdeiros, pertence sua fazenda á Coroa, esta logo he repartida, e levada pelos ares, sem o Rey della ver hum tostaõ: a fazenda do Mouro, ou do Gentio que se houve por alevantado, e que se confiscou para a Camara Real, a sentença foi hoje assinada, á manhã já o seu palmar anda em leilaõ, que o manda vender o Camareiro, a quem se tinha dado de ante-maõ: queimou-se o Judeo, ou Negro; pertence a fazenda ao Fisco Real, tambem logo se queimou; porque hum creado leva mil cruzados, outro leva as casas, outro a horta, de modo que deo o fogo na fazenda, como no dono, e nem cinza se acha: deo o Feitor, ou Almoxarife conta, ficou devendo quatro mil cruzados á Fazenda delRey; primeiro que a conta se encerre, já o Camareiro tem o alvitre, e a Provisaõ delles que os leva pelos ares; morreo o Feitor sem dar conta, lançam-lhe maõ de sua fazenda, primeiro que saiba se a deve ao Rey, deo a tormenta nella; para huma parte vai o dinheiro que se acha, para outra os bens de raiz, para outra os escravos, e as joyas, de sorte que a pobre da mulher fica posta na rua, e seu marido se lhe tomarem conta, naõ deve nada, e depois se a dá, deve-lha ElRey,

e q

e o creado do Governador tem-na engollido, e ella anda quebrando as escadas e as orelhas do Governador sem lhe dar o seu, até que se concerta com que lhe faça pagar a quarta parte; e assim torna ElRey a vomitar o que o creado do Governador engollio: o Rendeiro da Alfandega, que no cabo do seu arrendamento ficou devendo dez mil cruzados, sam seus fiadores levados pelos ares, porque de huma banda lhe affuzilla o sobrinho do Governador huma Provisaõ de mercê de tres mil, e da outra o Camareiro com dous mil, e da outra por outra via outros tantos; e assim em dous dias naõ fica pedra sobre pedra dos pobres fiadores; e se depois o Rendeiro põe na Relaçaõ suas cousas, e prova, que as perdas que houve foraõ por causa da guerra, e de infortunios, ou de lhe quebrarem os seus contratos, por onde se lhe mande tornar a sua fazenda; como ella he já levada em papos d'abutres, passam-lhe Provisaõ para se pagar em outro arrendamento novo, que a essa conta se faz; e assim fica ElRey dando sua fazenda aos creados do Governador, porque por derradeiro elle he o que paga tudo. Ficou o casado por fiador do parente de mil cruzados a ir cumprir o degredo em que ficou condemnado para Maluco; fugio no caminho; ao outro dia lhe sam as casas no leilaõ, e vai engollindo o dinheiro, como todo o outro; e outras cem mil cousas por este modo, nas quaes se o Rey quizesse prover, e atasse as maõs a seus Governadores para as dar, e se carregassem sobre o Thesoureiro, e se mettessem no cofre, eu fico que monte á S. Alteza passante de trinta mil cruzados cada anno, que seraõ melhores para se dar no inverno quatro mezadas aos Soldados, que se recolhem das Armadas, que naõ aos creados dos Viso-Reys sem nenhum merecimento.

Fid. Pois com que hei de pagar aos meus os serviços que me fizeraõ de meninos, senaõ com os fazer ricos, em quanto tiver a governança?

Sold. Isso he logo governardes vossa fazenda, e a de vossos creados, e desgovernar a delRey, que a fia de vós cuidando que lha aproveitareis, assim por obrigaçaõ de bom vassallo, como pela de vosso cargo, e juramento; porque se, como diz Mauricio Sabino grande Jurisconsulto, estamos obrigados a favorecer sobre to-

todas as cousas a tres, primeira aos orfaõs, que se nos encommendam, aos hospedes que se vam curar a vossa casa, e aos homens, que vos encommendam suas fazendas; quanto mayor obrigaçaõ he logo a do Governador de olhar muito pela do Rey, assim por estas razões, como por todas as mais, e nam desbaratar-lha? que lhe pagueis, senhor, do vosso, que por isso vos dá muitos ordenados, e vos dá grossas Commendas, e outras mercês com que podeis repartir com vossas obrigações, e deixar a Fazenda do Rey para suas necessidades, que sam muitas.

Fid. Isso será vir eu logo á India para os meus, e naõ para mim, se lhes hei de dar do que ElRey me dá: e deixando isso, ahi ha outros muitos alvitres com que possa enriquecer os meus, que naõ saõ dos que vós apontastes.

Sold. Nesses naõ queria eu fallar por honra dos Governadores; mas já que Vossa Mercê me pica, eu hei de gritar, se toda-via o senhor Secretario me der licença, e naõ estiver já enfadado de me ouvir, ou lhe occuparmos o tempo, porque terá negocios mais importantes para que o haja mister.

Despach. Muitos dias ha que me naõ veyo ás maõs cousa mais importante a meu cargo que esta; porque o que vos vou ouvindo saõ materias a nós cá muito escondidas, e pela ventura que por falta de se ellas naõ praticarem, como agora, deixa ElRey de prover muitas cousas que lhe importam; e do que vos vou ouvindo faço na memoria huns breves apontamentos, que bem sei que haõ de ser de muito serviço del-Rey: por isso, senhor, ide com a prática por diante, porque em quanto ella for desta maneira, naõ posso dizer que me gasta o tempo, senaõ que mo aproveita.

Sold. Estas cousas todas, que Vossa Mercê me ouve, saõ toscas, mas verdadeiras, e regiſtradas por hum Soldado idiota, que tirado de sua espingarda, naõ sabe mais que verdades chans. E se isto que digo fôra dito por outro entendimento, e estilo differente do meu, entaõ víra Vossa Mercê melhor as cousas em que El-Rey he bem enganado: donde, e porque razaõ o Estado da India padece faltas, tendo rendimento para naõ passar nenhuma: e isto sei eu muito melhor entender que praticar.

Des-

Despach. Eſſas ſaõ as verdadeiras verdades, que as outras ornamentadas de Rhetoricas, muitas vezes por afermoſentar as palavras virá huma peſſoa embicar nellas: por iſſo, ſenhor Soldado, procedei no que começaſtes, que póde muito bem ſer, que vos ſeja eſſa iſençaõ melhor que as certidões que trazeis.

Sold. As verdades falladas por intereſſes já o naõ ſaõ, e eu pelas fallar naõ quero nenhum galardaõ; porque o maior da vida he dizellas: mas já que Voſſa Mercê mo manda, irei proſeguindo no começado.

SCENA V.

Do ſegundo alvitre, que he contra os homens; e das deſordens, que ſe nelle commettem.

Sold. OS famoſos Tyrannos Phalaris Agrigentino, Dionyſio Syracuſano, Jugurta Numidiano, e outros muitos deſta ſorte, que ſuſtentáraõ ſeus Reynos, naõ foi com virtudes que tiveſſem, porque eraõ crueis, e deshumanos, mas foi com liberalidades que em ſuas tyrannias uſavaõ com ſeus naturaes naõ lhes tomando o ſeu, porque entendiaõ, que ſe tyrannizaſſem vaſſallos proprios, ou os naõ conſentiriaõ por Reys, ou ſe lhes degradariaõ, e ficariaõ ſendo ſenhores das Cidades, e Villas deſpovoadas; porque a obrigaçaõ de bom Rey he trabalhar por enriquecer vaſſallos, porque naõ ha Rey de vaſſallos pobres, que ſe poſſa chamar rico: e eſta foi a cauſa, por que o grande Alexandre mandou caſtigar hum hortalaõ, porque de hum jardim ſeu arrancava hortaliça, e hervas com raizes, dando niſſo a entender, que os Reys naõ haviaõ de eſtruir ſeus vaſſallos tanto que vieſſem por iſſo perder ſeus Reynos, e que aſſim como o hortalaõ ſabio naõ havia de arrancar as raizes, porque por tempo tornaſſem a brotar; nem o paſtor prudente havia de toſquiar tanto ſuas ovelhas, que as esfollaſſe: aſſim o Rey ſabio, e prudente naõ havia de tyrannizar tanto ſeus póvos e vaſſallos, que vieſſem a eſtancar: e entendendo iſto os noſſos primeiros Reys de Portugal, achamos que até o tempo delRey D. Diniz, que foi o que niſto mais ſe aballizou, empreſtavam dinheiro a ſeus

ſeus vaſſallos para tratarem, porque aſſim os enriqueciam, e ſuas Alfandegas engroſſavam. E poſto que os de agora iſto naõ façam, toda-via querem que tratem bem ſeus vaſſallos, e que ſe naõ aperte tanto com elles com coſtumes, e impoſições novas, como alguns Governadores fazem; porque por derradeiro nas grandes neceſſidades, nunca faltaráõ os verdadeiros Portuguezes, antes quanto mais aggravados, entaõ ſe apura mais ſua fidelidade: pelo que digo, que eſſoutros alvitres que ſaõ contra os homens, em que Voſſa Mercê diſſe que naõ ſayam da Fazenda do Rey, eſſes tenho eu por mais prejudiciaes a eſſa meſma Fazenda, que os primeiros. E Voſſa Mercê perdoe-me, que ainda que governou o Eſtado da India, eu hey de dizer o que entendo. Depois que paſſáraõ os Governadores Chriſtaõs, por cuja maõ, e orelha paſſavam os negocios dos vaſſallos delRey, e que ſe punham determinadamenre a ouvir a viuva pobre, o caſado neceſſitado, o prezo atribulado, e o Soldado aleijado, aos quaes davaõ breves deſpachos no joelho (porque eſtes ſaõ os verdadeiros e bons deſpachos) introduzio depois o diabo de alguns annos para cá fecharem-ſe os Governadores, e Viſo-Reys; que para juſtiça, e razaõ haviaõ de ſer como Livio Druſo Tribuno do povo Romaõ, do qual ſe conta, que vivendo em humas caſas na praça mui devaſſadas de todas as partes, ſe lhe offereceo hum grande Architecto para lhas mudar de ſorte, que ficaſſe mais recolhido; ao que lhe reſpondeo: » Que antes lhe faria mais amizade ſe lhas fizeſ-
» ſe mais devaſſas, porque o Miniſtro havia de eſtar
» em lugar público, e verem todos como vivia, e acha-
» rem-lhe a toda a hora as portas abertas. » E eſtes haviaõ de ſer os Viſo-Reys da India, e Officiaes da Fazenda, e de Juſtiça, e tambem os do Reyno, que naõ haviaõ de ter portas, nem janellas fechadas, para que foſſem viſtos de todos, e para a toda a hora lhes requererem juſtiça: mas agora por gravidade, a que eu quizera pôr outro nome, ſe fecham os Governadores a cinco portas, por furtarem o corpo aos negocios alheios, para entenderem ſó nos ſeus, e ſe acertam alguma hora darem dous dias no mez audiencia ás partes, ainda aſſim he por amor do damno delles; porque naõ ſei qual foi o primeiro infernal, que remetteo a petiçaõ

do

do negocio, que dantes se despachava no joelho, á Meza da Relaçaõ, onde alguns Desembargadores por se mostrarem grandes Juristas, lá lhe sahem com dúvidas, que do negocio que naõ he nada o fazem mui grande, e duvidoso: e quando o pobre requerente espera pelo seu despacho, que o acha taõ differente, e embaraçado, remette-se ao mais certo; vai ter ao apaniguado do Governador, ou Viso-Rey, e lá o satisfaz de feiçaõ, que outro dia lhe dá a petiçaõ despachada como queria, sem as dúvidas de Bartholo lhe fazerem nojo, porque o dar tira as dúvidas, e aplaina os caminhos, faz as leis claras, e as vontades certas. Mais: quer o Feitor, ou Juiz da Alfandega, e todos os mais Officiaes ir entrar em seus cargos, haõ mister do Governador as Provisões, que se concedêraõ aos mais, gastam muitos dias, e muitos mezes por casa do Governador, e do Secretario sem ser respondido, porque o que naõ sabe a pancada ao vinte, nem a moeda que corre, quer-se negociar ordinariamente apresentando sua petiçaõ, que he logo remettida ao Secretario, a qual como lá cahe, he como alma perdida; porque como os Governadores, e Viso-Reys deraõ nesta estocada, e por aqui determináraõ enriquecer os seus furtando; tambem a Goa (*a*) ao Secretario, e quando vai com seus papéis, naõ lhe fallaõ a proposito ás petições das partes; e vendo os homens a dilaçaõ, e sendo aconselhados do caso, fazem novos apontamentos guarnecidos de alcatifas, colchas finas, cadêas de ouro, e outras cousas desta sorte, com que vaõ ao Camareiro, e Privado, que os festeja, e lhe diz, que em tudo pede a justiça: e assim ao outro dia lhe dá os apontamentos despachados como elle quer, e os mais delles em prejuizo da Fazenda do Rey; porque as peças que deraõ haõ de trabalhar depois pelas forrar; porque ainda que metta a maõ na Fazenda do Rey tudo o que quizer, tem entendido que como chegar com as maõs pezadas, que se lhe haõ de despejar as portas. Esta estocada entra mais na Fazenda do Rey, quando se despacha hum Capitaõ para ir entrar em sua Fortaleza, e assim tambem lhe custa mais, porque lhe monta mais; levam duas resmas de papel em Provisões, humas contra

(*a*) Bem se vê que neste lugar havia erro no manuscrito.

tra ElRey, outras contra o povo; e assim as desórdens, tyrannias, e oppressões que com elles usam, só entre barbaros se acharáõ, das quaes adiante melhor trataremos. As Provisões que lhe passam saõ que lhe fazem ainda tres, ou quatro mil cruzados nos direitos de suas fazendas, á volta dos quaes furtam dez, ou doze mil. Fazem contratos de cousas que ha na terra para onde vam, e no preço delles levam outros tantos mil pardáos delRey, que elles logo tomam, e o que compram para ElRey sempre he o peyor: pedem que ninguem possa mandar Náo, ou Navio para tal Porto, senaõ elles, como se o mar, e navegaçaõ naõ fosse commum a todos; com o que impede o commercio dos moradores que sustentam as Fortalezas: em fim naõ sei para que me canço; passam-lhes, senhores, Provisões para tyrannizarem o proprio Rey, e a seus vassallos, que nunca vi outros mais aperreados, que os que vivem pelas Fortalezas, porque até de suas proprias mulheres naõ usam sem licença do seu Capitaõ, porque alguns querem só usar de algumas; e eu me achei em huma Fortaleza, onde me affirmáraõ, que porque hum morador se queixava que hum Capitaõ lhe tomava sua mulher por força, o mandou elle chamar a sua casa, e com huma canna lhe dera muitas pancadas, porque o infamava do que estava na praça. Ora por aqui poderá Vossa Mercê julgar o que será tudo o mais.

Fid. Naõ vos posso negar tudo o que dizeis: mas como quereis vós que negue eu a hum Fidalgo com que me criei, e que tem servido o Rey muitos annos com despeza de sua fazenda, as mais dessas cousas que apontastes? pois vejo que he razaõ, que no colher do fructo de seus trabalhos, hum Governador os favoreça, ainda que seja hum pouco contra a Fazenda do Rey; porque naõ he elle taõ enganado que naõ saiba tudo isso, nem será taõ pouco amigo de seus vassallos, que naõ folgue de os enriquecer em suas Fortalezas, pois vê que muitas vezes tornam a gastar muita parte em seu serviço, pelo que dissimula com tudo; porque por derradeiro saõ Fidalgos, a que elle tem obrigaçaõ.

Sold. A tudo hei de responder a Vossa Mercê: quanto ao que diz, que naõ póde negar o que apontei ao Fidalgo, que servio muitos annos com despeza de sua fazenda, está isso muito bem quando elles em Portu-

gal

gal vendèraõ muitas quintas, e mayores (a) de renda para vir gaſtar neſſe ſerviço; mas os mais delles, vem de Portugal ſem hum cruzado, e ainda ſem huma capa, e logo começaõ a puxar pela mercê do Governador, pelo empreſtimo do caſado, que foi da obrigaçaõ de ſeu pay, ou pelo outro que pretende de lhe caſar com a filha, a cuja conta lhe gaſta toda a fazenda, naõ em ſuſtentar Soldados, nem ter caſas de armas, ſenaõ em paſſear por Goa em cavallos gordos a mayor parte do anno, porque quatro mezes que andam no Malavar lhe dam logo huma fuſta com ordinaria, e mercês, que lhe ſobejam; por onde póde Voſſa Mercê dizer, que o Rey he o que gaſtou, e o caſado neſcio, que lhe deo o ſeu á conta de lhe caſar com ſua filha, que fica com ella infamada, e ſem dinheiro; e o que peyor he, que cuidam eſtes ſenhores como põem os pés na India, que o mundo he ſó para elles, e que tudo he ſeu, e que o empreſtimo que os outros lhe fizeraõ lho deviaõ por Fidalgo. E ſuccede aqui huma couſa muito graciosa, que alguns deſtes ſaõ baſtardos filhos de algum Fidalgo criado lá na Beira, que nunca vio o Rey, nem lhe ſouberaõ o nome, os quaes elle toma por via de algum parente por Fidalgo; e tirado da caſa de hum villaõ lavrador donde ſe criou, vem cá em quatro dias monarchiar: e eu que tive muito melhor criaçaõ que elle, em que paſſei a mocidade pelas caixas da guarda-roupa delRey, que me ſoube muito bem o nome, ſe me deſpacham de huma Feitoria, de huma Fortaleza, em que elle he hum ladraõ deſaforado, que pelo menor inſulto que commette merece mil mortes onde houver juſtiça, porque nunca paga direitos de ſuas fazendas, e vende a ElRey o arroz, o ſalitre, a madeira, e todas as mais couſas deſta ſorte por preços exceſſivos, ſem ſerem comprados por ſeu dinheiro, porque as mais deſtas couſas as toma por força aos moradores que vaõ ás ſuas Fortalezas pelo preço que elle quer, e tudo o que vem a ſeu porto, além de naõ poder comprar ſenaõ elle, quer ſem haver temor de Deos, nem do Rey, com outras infinitas tyrannias, que eu direi á orelha, ſe me perguntarem; e o pobre do Feitor ſe cuſpio na Igreja, o tem por excommungado, e naõ querem que o

(a) Aſſim eſtava no manuſcrito.

o Sol que nasce para todos o aquente senaõ a elle, nem que beba a agua da fonte commua o que pela ventura lhe ajudou a ganhar a Fortaleza; com muitas feridas, e com ser o primeiro que se lançou na Galeota dos Malavares; e o Fidalgo de abrigo ficou saõ, que naõ quer Deos que se derrame o sangue destes senhores. E tanto vai isto em crescimento, que haõ de vir os homens a naõ acceitarem Feitorias, porque he acceitar infamias, deshonras, e afrontas de hum Capitaõ, que eu depois naõ posso matar, naõ porque me falte para isso o animo, senaõ porque acabo meu cargo, vou dar mĩnha conta, hum se vai para França, outro para Alemanha, vaõ-se gastando os annos, fazendo-me velho, e esquecendo-me tudo por viver. Isto baste quanto a esta materia, pela qual se algum dia me perguntarem, direi o que agora calo por certos respeitos.

Ora quanto a Vossa Mercê dizer, que o Rey naõ he enganado nas mercês desordenadas, que fazem os Viso-Reys aos Fidalgos, que vaõ entrar em suas Fortalezas, e que pois o consente o ha por bem; a isso respondo, que em nenhuma cousa o he elle mais; porque se vós me differeis, que era tanto o cabedal da India, que abrangia para tudo, entaõ poderia isso ser; mas quando elle he taõ estreito, que muitas vezes por estes desmanchos vem a padecer tantas necessidades, que muitas vezes vi deixar de fazer armadas muito importantes por falta de dinheiro, pelo que entaõ se soccorre aos casados pobres, e desbaratados, a tirar emprestimos, e tomar mantimentos do Terreiro sem se pagarem; a que tudo se póde mais chamar tyrannia, que necessidade; entaõ fôra muito bom, que se achára no cofre os dez mil cruzados que se deraõ de alvitre ao Capitaõ de Ormuz, outros tantos ao de Malaca, e outros a outros das mais Fortalezas, porque esses naõ fazem aos Fidalgos ricos, e ao Estado muito pobre: donde nasce que por estas faltas se soccorrem os Governadores a novos tributos, e imposições, e deixando as cousas da guerra á ventura, fazem grandes armadas á custa dos homens, em que alguns delles se embarcam naõ a fazer Fortaleza em Challe, ou em Calecut, nem a tomar Surrate, mas a escalar as Fo.talezas do Norte, xanquear os vassallos do Rey, pôr-lhe mais direitos em suas fazendas,

acres-

acrescentar-lhe imposições novas no arroz, e bate das Aldêas, que pagam o foro; e assim por huma parte tiram do sangue do povo vinte mil cruzados, que cada anno accrescentam á renda do Rey, e por outra despendem na armada em que vaõ destruir Christaõs cem mil cruzados, e o que peyor he que desacreditam o Estado, porque melhor sabem os inimigos estas cousas, que nós proprios; e assim naõ fazem já mais conta de hum Viso-Rey, que de hum páo: differente fôra, o dinheiro que se despendeo nesta armada, estar no cofre do thesouro; porque as taes jornadas nem Deos as consente, nem o Rey as quer, antes estranhará muito sabendo as necessidades de seu povo, porque a obrigaçaõ de honra he alliviar os vassallos de tributos, e imposições. Gentio era Dario Rey da Persia, e constituindo certos tributos a seus póvos, chamando os principaes lhes perguntou, se eraõ grandes? respondendo-lhe, que eraõ honestos, lhe mandou ainda tirar ametade; porque era tal sua bondade, que aquillo que a seus vassallos parecia moderado, lhe parecia a elle muito: pois este Reyno mui ricos tinha, em que podia pôr largos tributos; mas entendeo a grande obrigaçaõ que os Reys tem de sustentar seus vassallos, como temos da Escritura em huma falla, que Achab Rey de Samaria fez aos Israelitas, na qual lhes disse, naõ havia cousa mais conveniente para o Rey, que sustentar, e defender seus vassallos e povo, ainda que fosse á custa de seu proprio sangue; e assim por este amor, e bondade lhe aconteceo, que estando cercado delRey Adad da Syria, e de Damasco com muitos grandes exercitos, e posto em grandes desconfianças, que sentidas por seus vassallos, querendo arriscar a vida para salvar o seu Rey, sahíraõ trinta esforçados mancebos a vigiar ao arrayal dos inimigos, e sentindo-os dormindo, deraõ nelles com tanto esforço, que com morte de muitos os pozeraõ em tamanho desbarato, que quando ElRey Achab sahio, já os inimigos eraõ todos perdidos: que desta maneira se arriscam os vassallos favorecidos! De que pudera dar outros muitos exemplos, que deixo por naõ enfadar. E concluindo na materia dos alvitres contra os homens, digo, que quem quer ser despachado de alguma cousa falle com a bolça; e chegou isto a tan-

to, que por hum *cumpra-ſe* em huma Patente a hum homem meu parente para ir entrar em hum cargo, de que era provido, nunca o pôde alcançar ſenaõ com dar huma colcha a hum privado de hum Governador, ſendo obrigaçaõ ſua pôr aquelle *cumpra-ſe* na Patente delRey a todo o tempo que lha apreſentarem.

Deſpach. Eſtou paſmado de ouvir tanta couſa, de que cá eſtamos bem innocentes! Peço-vos por mercê, que vades por diante por vos naõ interromperdes do diſcurſo que levaveis.

SCENA VI.

Do terceiro alvitre, que he contra Deos, e de muitas couſas outras, em que os Governadores ſaõ diſſolutos.

Sold. AGora me cabe o terceiro alvitre, que he contra Deos, porque em muitas couſas encontra ſua Divina bondade, e juſtiça: no qual me deterei o menos que puder, porque em outros lugares, ſe tiver tempo, tratarei do que agora me faltar.

Primeiramente, tanto que hum Viſo-Rey chega, ainda que começam a correr os alvitres a ſeus apaniguados, os primeiros ſaõ os Ouvidores das Fortalezas, que acodem logo muito devotos, e lá ſe mettem com quem os póde negociar, e preço apreçado, conforme para onde ſe requerem ſer deſpachados, de modo que eſtas varas rendaõ ao Camareiro, ou apaniguado tres, quatro, ou cinco mil cruzados; ſenaõ quanto me affirmáraõ, que houve vara que montou mais de dous (a) mil, afora peças, e brincos. Com tantas facilidades vaõ eſtes julgar, ſem o Chanceller os examinar, como ſe tiveraõ curſado muitos annos o direito, e alguns pela ventura que naõ ſabem ler, e eſcrever; e coitada da juſtiça, em que poder ſe vê! porque o que compra a vara ha de tirar a limpo o que deo por ella, e o com que ſe ha de ſuſtentar tres annos, e ainda ha de ajuntar para quando vier outro Viſo-Rey acudir áquella galhofa; porque ha alguns negociadores diſto, que ficam eſtas varas tendo de juro, e correm todas as Fortalezas, como quem vai a vindimar as ſuas vinhas: e a qual-

(a) Aſſim ſe acha no Manuſcrito. Talvez deveria ſer *dez*, ou *doze*.

qualquer que chegam com a vara na maõ, saõ os compradores tantos, os emprestimos para China, as peças, e presentes, que naõ cabem em casa; e mal pelo que naõ tem que dar, que esse he o que vem pagar o fato. Dissemos as desordens, e injustiças que aqui succedem, que he que nunca nesta têa de aranha se prendem senaõ os mosquitos; porque o Baneane, que orinou em cocoras, he logo condemnado; o Gentio que peleijou com outro, e lhe disse huma ruindade, he logo mettido em ferros: e o compadre, e o rico, que quebráraõ os bofes a esse Gentio, e lhe tomáraõ sua fazenda por força, e o tiveraõ prezo em casa, dizem-lhe cousa leve, póde-o fazer, que tem licença para tudo: o Mouro, que no seu mosafo jurou falso, que seja prezo, e que pague para as obras da justiça; e o compadre, ou quem lhe fez emprestimo, que perjurou no Juizo nos Santos Evangelhos, que naõ pague huma tanga do que devia a quem o demandou: o feito do Mouro Necoda, ou Capitaõ da sua Náo, que está para ir para Ormuz, e que por ventura nam tem justiça contra o Mercador sobre os fretes, ou outros contratos que entre elles ha, com duas alcatifas que lhe dá, com lhe levar alguma fazenda forra de fretes, assim lhe subeja a justiça pelos telhados, e isto ainda em feitos de muita importancia; a que o paciente naõ póde fallar, e vai com sua appellaçaõ a maior alçada gastar sua fazenda, onde pela ventura, e sem ella lhe fazem pouca justiça, ou ao menos vagarosa, de maneira, que o que demandava dous mil cruzados, que lhe deviaõ, quando por fim vem haver a sentença, e faz conta com a bolça, naõ lhe ficáraõ quinhentos liquidos, que a demazia lá se foi em gastos, e em peitas. Mais: nas inquirições, e devassas do amigo, que matou o homem, ou em que foi adultero, como o Ouvidor, e o Enqueredor em lugar que a testemunha diz *ví*, dizem elles *ouvi*; onde ha de dizer *sim*, diz *naõ*; e na defeza lhe recebe todos os artigos della, os quaes se provaõ como elle quer; e quem morreo, morreo, e o matador passêa logo; e o que he peyor, se dizeis a hum destes, que olhe o que faz, e lhe perguntais como deo aquella sentença taõ injusta? responde-vos muito desgastado: Lá estaõ os Desembargadores, que a faraõ, que eu naõ entendi mais. E naõ

ſe lembra o infernal, que todas as perdas que deo ás partes, e todas as deſpezas que lhes fez fazer nas appellações, que lhas deve ſobpena de ſe ir ao inferno. Baſta que eſte he o maior ſinal que eu tenho da India naõ prevalecer, venderem os Governadores os cargos da juſtiça a quem a ha de vender taõ claramente; porque nunca o Imperio Romano começou a declinar, ſenaõ depois que o Imperador Commodo Antonino XIX., que ſuccedeo a Marco Aurelio, cento e oitenta annos depois da vinda de Chriſto, começou a vender os Magiſtrados, e officios públicos por dinheiro, que foi o primeiro que enſinou eſte caminho para ſeus Reynos ſe perderem.

Fid. Iſſo naõ póde ſer menos; porque na India naõ ha tantos Deſembargadores, ou Letrados Juriſtas, que poſſaõ ſervir tantas Fortalezas: e já que haõ de dar eſſas varas a Pedro, que naõ he Letrado, que monta mais dar-ſe a Joaõ? que eſſas injuſtiças que dizeis, o Governador naõ lhas manda fazer, nem elle quer que ſe metta ninguem no inferno: e quanto ao que ſe dá ao meu Camareiro, e ao meu criado, que ſaõ duas colchas, outras tantas alcatifas de bofetás, e outros brincos de ouro, ou de prata, iſſo he nada, póde-os levar; que eu tenho Theologos, que me aconſelhaõ, e dizem, que he vender privança, e naõ cargos. Mas he naõ haver outros homens mais ſufficientes que os ſirvaõ; que quando os houvera, ainda iſſo tinha alguma razaõ.

Sold. Oh de quantos privados deſſes, e de quantos Theologos, que iſſo aconſelhaõ (ſe aſſim he, o que eu naõ cuido) eſtá o inferno cheio! Que quer dizer vender privanças? Em que Lei divina, ou humana, ſe achará, que por me fazerem pagar a minha Náo, que me compraõ para ElRey por cinco mil pardáos, que hei de dar ao privado tres mil? Iſſo he infamar os Theologos, e fazellos authores dos roubos. Façaõ os Governadores embora ſuas injuſtiças, e naõ dem por authores os Religioſos, que he outro peccado ſobre ſi; e aſſim ficaõ fazendo dous de mui grande reſtituiçaõ, hum do dinheiro, e outro da fama. Ora quanto a dizerdes que ſe repartem eſſas varas por eſſe modo, por naõ haver outros homens mais ſufficientes; a iſſo reſpondo, que ha muitos annos que ſe naõ coſtumaõ buſ-

car

car homens para os cargos, fenaõ cargos para os homens; e quem os quizer bufcar, achallos-ha; mas naõ fe achaõ pelo que fe perdem os privados dos Vifo-Reys em fe elles acharem; porque effes naõ haõ de peitar, mas haõ de rogar, e fazer muitas mercês, porque a neceffidade lhes naõ feja occafiaõ de commetterem em feus cargos huma defordem. O que entendendo bem os Carthaginenfes, ordenáraõ, que todos a que fe deffem os Magiftrados foffem ricos; porque fendo pobres, naõ poderiaõ fazer verdadeira juftiça; porque pela ventura, forçados da neceffidade, naõ fizeffem algum defatino. Bufque o Governador homens ricos, que os ha defintereffados; faça-lhes honras, e mercês, e achará quem adminiftre juftiça aos pobres, que eftes faõ aos que ella falta, e em que o Rey ha de ter mais o olho, prover, adminiftrar, e defender: porque os pobres, e pequenos faõ os falcões, e açores, com que os Reys caffaõ, e roubaõ os Ceos. Conta Raphael Volaterrano, de Amadeo Duque de Saboya, cafado com huma filha de Carlos VII. Rey de França, que foi Principe que mais olhou, e fuftentou pobres, que todos os do feu tempo, e com elles gaftava a mayor parte da fua fazenda, que perguntando-lhe hum dia hum Embaixador pelas aves, e cáes com que caffava, porque em Saboya havia grandes montarias, e volatarias; que levantando-fe com elle a huma janella, lhe moftrára muitos pobres, a quem feus Efmoleres andavam repartindo efmolas, e lhe differa, que aquellas eraõ as aves, e cáes, com que efperava de caffar os Ceos: palavras de Chriftaõ, e de Principe juftiçofo! porque para os pequenos, ha de eftar o Rey, e Governador fempre apparelhado para os favorecer, e lhes fazer juftiça; que os poderofos, e fobérbos todo o mundo he feu, e naõ tem porque haverem mifter quem olhe por elles, nem quem lhes faça juftiça; que a eftes coftumaõ fazer tanta, que ficaõ fendo injuftiças contra os pobres. Vamos a algum exemplo de Reys favorecedores de pobres. Flavio Suintilla, filho de Recaredo Rey dos Godos, foi taõ favorecedor de pobres, taõ caritativo, e humano com elles, que naõ teve outro nome, fenaõ Pay de pobres: nome mais alto, e grandiofo, que o de Rey, e de mais Mageftade, que de Imperador; que faõ titu-

tulos que homens da terra inventáraõ; mas Pay de pobres, titulo do Ceo, appellido de Deos, a quem só chamamos Pay, ao qual nome se elle move mais da misericordia que a todos! Pois a este Rey Pay, de quem himos tratando, fez Deos nosso Senhor tantas mercês, que lhe deo victoria contra os Rucones, venceo, desbaratou os Romanos, e os deitou fóra de toda a Hespanha, por onde mereceu ser senhor de toda ella, até do Reyno de Portugal; e assim viveo neste Imperio muitos annos em paz, e concordia, porque desta maneira paga Deos a quem o agasalha, e favorece em seus pobres. Succedeo-lhe seu filho Richimiro máo, perverso, descaritativo para com os pobres; pelo que veyo logo a perder os Reynos, que Sisnando com o favor dos Francezes lhe tomou. Ora zombai com desfavorecer os pobres! E póde muito bem ser, que por isso castiga Deos nosso Senhor o Estado da India pelo pouco caso que os Governadores fazem delles; de maneira, que pelas devacidões, e injustiças que contei, parece que abre Deos nosso Senhor sua maõ daquelle Estado pela soltura com que vejo viver a todos; porque assim vivem todos á sua vontade, tanto me dá Mouro, como Gentio, ou Judeo, que se lhes naõ dá de commetterem culpas; porque sabem que logo se remiráõ dellas com dinheiro; e por outras injustiças, e devacidões como estas, esteve o Reyno de Castella quasi perdido em tempo delRey D. Henrique, quando aquelle excellente Philosopho, e insigne Poeta Fernaõ de Pulgar fez aquellas graves, e sentenciosas trovas, chamadas *Mingo Rebulgo*, que por ver ir tudo perdido, e viverem todos á sua vontade, sem temor de Deos, nem obediencia da Lei, de que o Rey tinha toda a culpa, o reprehende naquella trova, que diz assim:

Moderado con el sueño
No locura de almagrar,
Como quien no espera dar
Cuenta dello a ningun dueño;
Quanto yo no amoldaria
Lo de Christoval Mexia
Ni del moço Moro agudo;
Ni de outro Tartamudo,
Todo va por una via,

Em

Em lhe chamar moderado ao Rey, dá bem a entender, que o Rey que naõ cura de ſeu povo, e que lhe naõ faz adminiſtrar, que eſtá dormindo hum ſomno de deſcuido, e com phreneſis de doudo, porque natural he de doudo romper-ſe, e eſtragar-ſe: aſſim o Rey, ou Governador, que deixa eſtragar-ſe, e desbaratar o ſeu povo, eſtá doudo, e frenetico; porque ſe os Reys houveram de dar conta a alguem de ſeus deſcuidos, naõ houvera tantas deſordens; ou ſe caſtigaſſem hum Governador pelas que faz na India, eſperáram os homens haver alguma emenda. Querendo os Lacedemonios prover nas deſordens dos Reys para que governaſſem com medo dos homens, quando o naõ tiveſſem de Deos, ordenaraõ aquelles Ephoros, que eraõ huns Magiſtrados novos, como Dictadores de Roma, que tinhaõ inteiro dominio, e poteſtade ſobre todos os outros Principes, e Governadores, os quaes ſerviaõ de deſaggravar os pequenos, e acudirem ás injuſtiças que os Reys fizeſſem a ſeu povo. E o primeiro que teve eſte cargo foi Elato, cento e trinta annos depois de Licurgo, ſendo Rey de Lacedemonia Theopompo, o qual era taõ bem moderado, que conſentio eſte novo Magiſtrado, tendo mais o olho ao bem, e quietaçaõ de ſeus vaſſallos, que a ſeu particular goſto, e intereſſe: e ſendo reprehendido de ſua mulher, porque conſentia em ſeu Reyno outrem que mandaſſe mais que elle; que ſería cauſa de o deixar abatido a ſeu filho; reſpondeo, que antes lhe ficaria mais ſeguro, e duravèl, quanto foſſe mais confirmado em boas leis, e ſeus vaſſallos menos vexados. Eſtes eraõ os Reys, que ſe podiaõ chamar pays do povo; e naõ menos de louvar ſaõ os noſſos Chriſtianiſſimos Reys de Portugal, que, còm o meſmo zelo de Pays, ordenáraõ tambem Juizes de ſua Conſciencia para deſaggravarem ſeus vaſſallos, que tambem reſpondem aos Ephoros dos Lacedemonios: e em quanto eſte bom ſanto coſtume durou, tinhaõ os vaſſallos ſempre aquelle ultimo remedio, ao menos na India, aonde he mais neceſſario, que no Reyno: e em quanto nella houve eſta Meza de Conſciencia, que he ſuprema aos Viſo-Reys, e Governadores, eſtavaõ elles alguma couſa enfreados, e naõ viviaõ taõ livres. E tornando á trova de Fernaõ de Pulgar, dava a entender andar naquelle tempo tudo

taõ

taõ confuſo, que ſe naõ atrevia a differençar os Chriſtaõs, a que elle chama Chriſtoval Mexia já vindo, nem os de outro Tartamudo pelos Judeos, que entendeo por Moyſés, que era tartamudo, nem do moço Mouro, e agudo, pelos Mouros que ſeguem Mafamede, que he venerado na caſa de Meca; diz, que ſe naõ differençavaõ huns dos outros, porque todos andavaõ, e viviaõ a ſeu goſto. Ora tornemos ás injuſtiças dos Governadores: direi outra que hey por mayor, que todas as que fazem contra Deos. Morreo o Cidadaõ rico, e honrado; deixou a filha com doze, ou quinze, ou vinte mil cruzados; faz o creado do Governador diſto alvitre; pede-lhe que o caſe com ella, o que elle faz com muitas forças que uſa com as grandes promeſſas que faz ao Juiz dos Orfaõs, e ao tutor; ſenaõ quanto houve hum, que prometteo o cargo ao Juiz por outros tres annos, e lá teve modo com que o metteo na eleiçaõ, e o fez ſahir nos pelouros contra os privilegios, e liberdades da Cidade: e aſſim a moça filha do Cavalleiro muito honrado, que pudera caſar com outro rico, e remediado, fica caſada com hum creado ſeu lá do matto, ſem partes, nem calidades: e muitas vezes por eſta cauſa vem a fazer mil deſmanchos. Mais: fica outra orphá rica em poder do tutor com outra pancada de dinheiro; vem outro creado a pedilla; e tanto anda o Governador ſobre eſſe negocio, que entra em partido com o tutor, que de quinze mil pardáos que a moça tem, lhe dará dous mil; e por aqui a leva: e nunca até agora vi nenhum Viſo-Rey tomar a filha do Cavalleiro honrado muito pobre (que ha muitas na India ſem remedio), e caſalla com o ſeu creado rico. E o meſmo que digo deſtas, digo tambem da viuva rica, que lhe ficáraõ Aldêas de dous mil pardáos de renda, a qual o Governador caſa com o creado, e lhe abate no foro, e tira a obrigaçaõ do cavallo: e além da offenſa que commette contra Deos em uſar de força, faz furto contra o Rey, no que lhe abateo no ſeu foro; de maneira, que neſtes caſamentos naõ ha livre alvedrio, que até delle ſaõ os Governadores ſenhores abſolutos.

Deſpach. Muito me contaſtes; graves couſas vos ouvi: naõ ſei como Deos noſſo Senhor diſſimula tanto, e com tanta torpeza! E aſſim corre iſſo? digo-vos, que

fi-

fico taõ eſcandalizado deſſas couſas, que a primeira vez que dellas poſſo fazer lembranças a ElRey, naõ deixarei de o perſuadir a que rijamente caſtigue tamanhas diſſoluções, principalmente neſta couſa dos caſamentos; porque naõ he juſtiça que a filha do Cavalleiro mui honrado com muito dinheiro caſe deſſa ſorte com creados pobres, e tanto além dellas: realmente, que naõ ſei como os naõ remorde a conſciencia.

Sold. Perdoe-me Sua Mercê: aſſim como os Poetas contam, que os que paſſam aquelle rio Lethe perdem a memoria; aſſim os mais dos Viſo-Reys em paſſando o Cabo da Boa-Eſperança a perdem de tudo, e naõ ſei ſe diga que o temer a Deos, e ao Rey.

Fid. Fólgo que para nenhuma deſſas couſas que trataſtes tive tempo; porque neſſes poucos mezes que governei, naõ me veio nada diſſo ter ás maõs; e que me viera, niſſo que dizeis dos caſamentos, tambem o fizera; porque eu ſou obrigado a honrar os meus, e fazellos ricos.

Sold. Iſſo he verdade: mas honrallos com deshonrar o proximo, naõ póde Voſſa Mercê fazer; porque aſsàs de afronta ſe faz ao homem, ainda que já morto, em lhe tomar a ſua filha, e a dar a quem a elle naõ houvera dar, ſe fôra vivo, com a fazenda que elle adquirio com tanta lançada, e com tanto infortunio e trabalho, para dar ſua filha, e a ſeu goſto caſalla com quem ſe honre. E ſe aquella Lei, que fez Solon, como Plutarco em ſua vida conta, defende com tanta rigoridade, que nenhum vivo ſeja ouſado dizer mal de nenhum morto; quanto mayor pena terá logo, naõ o o que diz delle mal, ſenaõ o que lhe faz mal na honra, e na fazenda? Deixemos a offenſa que faz contra Deos, que he o principal; pois vai contra os ſantos Concilios, principalmente o Tridentino, que defende, que ſe naõ uſe de força, nem poder em nenhum caſamento; porque ha de ſer com conſentimento de ambas as partes; e muitas vezes nem a orphá tem a idade para conſentir nelle, nem lhe daõ lugar para iſſo. E porque cuido tenho já enfadado, deixarei a materia do quarto alvitre para outro dia, porque tambem terei tempo de correr algumas couſas pela memoria.

Deſ-

Despach. Naõ ſaõ as couſas que tratais para enfadar, ſenaõ para chorar; por iſſo por amor de mim que vades por diante com o que tratais: ſegundo o goſto, e proveito que tenho de vos ouvir, parece que me vai fugindo o tempo.

Sold. Pela bocca dos pequenos deſcobre Deos muitas vezes grandes ſegredos, que encobrio aos grandes, e ſabedores: ahi naõ ha mais alta philoſophia, que a verdade: eſta dita pela bocca de hum taõ pequeno, como eu, faz os meſmos effeitos, que houvera de fazer ſendo pronunciada pelos ſabedores da terra; e neſte negocio naõ me fundo mais, que na verdade, que ella he a que dá falla a mudos, e enſina aos ignorantes; e por iſſo irei com as materias por diante.

SCENA VII.

Do quarto alvitre, que he contra todos; e que couſa ſaõ dividas velhas.

Sold. QUando tratei dos alvitres contra os homens, toquei das neceſſarias idas dos Governadores ao Norte, e da grande oppreſſaõ, que com iſſo daõ aos póvos, e das injuſtiças que ſe uſam, de que algumas deixei para eſta parte, em que determinava tratar dos alvitres que ſaõ geralmente contra todos; convem a ſaber: contrá Deos, contra o Rey, e contra os homens. Que lhe parece a Voſſa Mercê? que torpezas, e fealdades ſe commettem nas miſeras Cidades que elles vaõ viſitar? Em ſe o Goverdador apoſentando em qualquer dellas, ſenaõ for muito continente, naõ faltam curioſos que lhe dem para alvitre, que fnaõ tem huma filha fermoſa; e que fuã traz requerimentos com elle, que he cortezá, e bem diſpoſta; que outra, que tem o ſeu marido prezo, que he muito bem parecida: e eſtes alvitres naõ os traz por ahi qualquer coitado; mas acontece algumas vezes ſer peſſoa taõ grave, e de tal hábito, e eſtado, que por temor de Deos me callo. A mim me affirmáraõ, que houve Governador, ou Viſo-Rey, que pedio de roſto a hum homem pobre, que lhe pedia hum officio, huma filha ſua que tinha mui bem aſſombrada; a que lhe reſpondeo o po-

bre;

bre: » Que minha filha naõ tem outra coufa de feu » mais que fer honrada; e nunca Deos tal queira que » eu faça. » Ora vêde que bofetada efta para hum Governador? e para fe naõ metter logo capucho, ou ao menos dar hum bom cafamento para tal filha de tal pay? Naõ me lembra o que niffo paffou; que eu naõ me achei naquella Cidade, e affim ouvi contar a peffoas graves: naõ quero ficar em reftituiçaõ de nada. E fe o Governador, ou Vifo-Rey da India naõ tiver tanto refguardo em fi como Alexandre, que naõ quiz ver as filhas de Dario, fegundo a maldade he grande, ficará rendido, e desbaratada a razaõ; e o entendimento ficará proftrado aos pés de feus appetites, que he o mais abatido eftado que póde fer; porque mayor gloria he vencer hum homem a fi proprio, que tomar grandes, e poderofas Cidades: e fe os foldados virem que o feu Capitaõ fe deixa vencer da moça de Capua, como o feu Anibal, tambem fe deixaráõ efquecer de fua obrigaçaõ. Tanto refguardo tinham nifto os antigos Capitães, quanto trabalhavaõ por defviar os feus foldados deftas torpezas; que aquelles bens que fe ganhavaõ de boa guerra lhe chamavaõ *Caftrenfes*, que em Latim fe diz *Caftrum*; porque os foldados (fegundo Vegecio efcreve) haviam de fer taõ caftos, como fe foraõ caftrados: e de verdade que foi bom avifo efte, e deftes antigos guerreadores; porque mais diminue as forças hum acto de luxuria, que a falta de hum membro, como vemos que muito mais fomenos fe acaba a virtude de huma arvore com hum muito pequeno damno da raiz, que com lhe cortarem toda a rama. E pelos obrigar a eftas obras, e a outras grandes virtudes, coftumavaõ os Antigos a dar aos feus foldados efcudos brancos, para que, fazendo façanhas taõ notaveis, que mereceffem ficar na memoria dos homens, as pudeffem pintar nelles, porque naõ imaginaffem que lhes baftava a gloria dos feus antepaffados; porque, fegundo Ovidio, nem a linhagem, nem as façanhas dos avós eraõ baftantes para os ennobrecer, fe elles por fi naõ eraõ virtuofos, e esforçados. Efte coftume de efcudos brancos para fe nelles pintarem as façanhas, fignificou Virgilio no feu Livro IX., fallando de Heleno, onde diz: que morreo com o feu efcudo branco fem gloria;
por-

porque o matáraõ taõ mancebo, que naõ teve tempo para ganhar por sua pessoa alguma cousa que nelle pintasse. A este escudo branco chama *Persio* na quinta Satyra *Candidus umbo*, dizendo que já sabe da sujeiçaõ do aio o escudeiro que recebêra escudo branco. E pois tanto trabalhavaõ naquelles tempos os Capitães de trazerem seus soldados ao caminho da virtude, que parece que haviam elles de obrar tambem de feiçaõ que lhes fossem exemplo dellas; porque, segundo muitos Philosophos, o mais certo caminho para os grandes fazerem ir os pequenos ás virtudes, he pôr exemplos mais, que preceitos: e por dar de si este heroico exemplo aquelle continente, e valeroso Capitaõ Scipiaõ Africano, sendo-lhe no cerco de Carthago presentada huma moça cativa, muito fermosa, natural Numidiana, a naõ quiz ver, e a libertou, e casou: a qual victoria de si mesmo engrandecem mais os Escritores Romaõs, que vencer Numidia, libertar a patria, e destruir Carthago, com todos os illustres feitos que mais fez. Pelo qual, querendo os Poetas engrandecer isto muito, fingem que Minos, que he no inferno Juiz da ordem dos Cavalleiros, e Inquisidor dos delictos, contendendo diante delle Scipiaõ, Alexandre, Anibal, e sobre quem levaria o primeiro carro, deo sentença por Scipiaõ; porque mais valeo com elle sua clemencia, que a potencia de Alexandre, nem as forças de Anibal; visto como Scipiaõ conquistára toda Africa juntamente com a lingua, e com a lança: e nunca commettêra guerra, que naõ fosse justificada; nem mostrára aos inimigos a potencia dos Romaõs, sem os convidar primeiro com a clemencia; e nunca derramou sangue no campo, que primeiro naõ derramasse lagrimas de piedade; e que naõ sómente venceo os inimigos, mas a si mesmo com a razaõ na moça de Carthagena: e que posto que Alexandre fôra humano, e esforçado, e naõ quizera ver as filhas de Dario por naõ cahir em concupiscencia, todavia foi vencido da colera, e do vinho, de tal maneira, que matára seus mayores amigos: o que tudo em Anibal se nota; porque ainda que suas façanhas foraõ mais valiosas, todavia cheiráraõ a crueldade, e a tyrannia, e com isso fôra vencido em Capua de Morfisia sua cativa; e por fim se matára, por naõ ver os rosto aos Ro-

Romaõs. Antiocho o III., eſtando em Epheſo, veio huma Sacerdotiſa de Diana muito fermoſa; e por entender de ſi que folgára de a ver, ſe foi logo daquella Cidade; porque antes quiz cortar por ſeus appetites, e deixar muitos negocios importantes em aberto, que chegar a fazer huma couſa injuſta, e deshoneſta. ElRey Ageſiláo, eſtranhando-lhe hum ſeu privado por que naõ quizera ver a Megabuto filha de Antipater, que eſtava cativa, lhe reſpondeo: » Que mais queria » vencer a ſi, e ſer ſuperior em ſemelhantes couſas, » que ganhar por força de armas huma poderoſa Ci- » dade; porque mais he de eſtimar em hum Capitaõ » conſervar em ſi ſua propria liberdade, que tiralla a » outros. » Gentios eraõ eſtes todos, que trabalháraõ tanto por conſervar a pureza, ſem preceitos que a iſſo os obrigaſſe mais que os da razaõ. Confuſaõ grande para hum Governador Chriſtaõ, eſtragado em ſeus appetites! porque naõ ſómente offende a ſua honra e obrigaçaõ, mas offende graviſſimamente a Deos, e ao marido da mulher que deshonra, e afronta ao pay, e irmaõs, e ao mundo todo que o ſabe. E naõ ſó elle cahio em tamanhos peccados; mas foi occaſiaõ de ſeus creados cahirem em outros muitos: porque por apreſentarem a petiçaõ da viuva pobre, e da orphá deſamparada, para que lhe abatam no foro, ou lhe paguem o que deviaõ a ſeu marido, e ao pay; e da caſada, que tem o marido prezo por caſo crime, ou porque deve o quartel; lá o fazem por termos taõ infames, e diabolicos, que me paſma; e o que peyor he, que naõ ſei ſe ſe prézaõ deſtas couſas.

Deſpach. Vós eſtiveſtes hum prégador: mas naõ me eſquece que fallaſtes em dividas velhas: folgára de me dizerdes o que he.

Sold. Dilo-hei a Voſſa Mercê: he dinheiro que ElRey deve a Pedro, e Joaõ, e a outras peſſoas, de fazenda que lhe tomáraõ do arroz, do trigo, do breo, do cairo, da pregadura do Navio; em fim, de todas as couſas que haõ miſter para as ribeiras das armadas, e armazens, das quaes ElRey naõ paga a mayor parte (ElRey naõ, que fallo mal; que elle naõ manda tomar o alheio); mas o Governador, e Viſo-Rey, que lhas tomou para as neceſſidades, que por ventura ſe puderaõ eſcuſar, porque ſempre elles meſmos ſaõ cau-

ſas dellas; e depois dos pobres dos homens andarem muitos annos requerendo o ſeu pagamento, ſem ſe doerem de ſuas miſerias: tomam por derradeiro remedio venderem o papel da divida ao creado, e valido do Governador, e ao Fidalgo ſeu parente pela quarta parte. Mais: vai o Fidalgo entrar na ſua Fortaleza: entre os favores que os Viſo-Reys lhe fazem, he Proviſaõ para ſe pagar de dez, doze, e quinze mil pardáos de papéis velhos, os quaes compra pelo meſmo preço do quarto; e chegando á ſua Fortaleza, logo ſe paga do dinheiro por em chêo; e pelo papel de quatro mil pardáos dá mil, e perde o pobre homem tres mil, com que ſe podia remediar, os quaes o Capitaõ, ou o apaniguado do Governador lhe comem ſem eſcrupulo.

Deſpach. Valha-me Deos! grande roubo, grande deſtruiçaõ da Fazenda delRey, e eſpantoſa injuſtiça das partes! caſo para ſe prover, e caſtigar rigoroſamente!

Sold. Vê Voſſa Mercê quantas Forralezas ha na India? pois cada tres annos embebem niſto paſſante de cincoenta mil pardáos roubados ás partes, e tomados tambem a ElRey, e ao Eſtado, os quaes depois vem a faltar para couſas mui neceſſarias; ainda que o mais juſto, e neceſſario fôra pagarem-ſe ás meſmas partes.

Fid. Que amizade quereis logo, que faça ao Fidalgo meu amigo? e que tem ſerviços, ſenaõ eſſas couſas, e outras? porque tambem naõ lhe dar nada he crueza: e eu naõ fui o primeiro que iſſo uſou; e teraõ razaõ de ſe queixar do Governador, que lhe negou o que ſe concedeo aos outros.

Sold. Mouro morreo meu pai, Mouro quero eu morrer: de modo que o primeiro Governador iſſo fez a ſeu parente; ficou logo em coſtume fazerem-no todos. Naõ tem eſſes Fidalgos ordenados; naõ grangeam empreſtimos de vivos, mortos, e de orphaõs; naõ compram e vendem á ſua vontade; naõ ſaõ na ſua Fortaleza deoſes; naõ tiram de algumas duzentos, cento e oitenta mil cruzados? pois a pezar de . . (*a*) os dez mil del-Rey

(*a*) Tinha aqui o manuſcrito alguma falta.

Rey de papéis velhos, naõ se puderaõ escusar; porque quem tem cem mil, que tenha noventa, ou cincoenta, ou quarenta, e póde viver assim como assim; e esses a ElRey por huma banda, e outros tantos pela outra supprem muitas faltas do Estado: pois porque se naõ poupa isso? Em quanto a me dizerdes, que naõ podeis negar isso a hum Fidalgo vosso amigo, que vai entrar em sua Fortaleza; amigo muito da alma era Antipater do grande Phocion; e pedindo-lhe huma cousa como esta, lhe respondeo: » Olha cá, Antipater, » naõ podes usar comigo do amigo, e lisongeiro; » porque o amigo naõ pede a outro, senaõ o que he » justo; e o lisongeiro tudo o que quer. Assim o Fidalgo, que vê o Estado individado, e pede ao Governador, que lhe mande dar na sua Fortaleza a Fazenda delRey; mais lhe podeis chamar cruel, e inimigo, que vassallo Real: porque o bom vassallo, mais pretende o augmento e acrescentamento da honra, e fazenda do Rey, que da sua propria. Ora em que Lei, e razaõ está, que a divida do pobre homem, que vendeo ao Rey sua fazenda, que em cinco, e seis annos lha naõ paguem, por dizerem, que naõ havia dinheiro: que venham os Viso-Reys depois a pagar ao seu apaniguado, que Deos sabe se vaõ forro, se a partir, e que para isso naõ falte o dinheiro? e praza a Deos, que o naõ tomem a huns para o pagar a outros, que tambem depois lhes fique em divida velha! Quaõ fóra estaõ estes de serem como o mesmo Phocion, de que ainda agora fallei, o qual governando Athenas, e tendo feito algumas dividas ao Estado para cousas necessarias, pedindo-lhe Lamacho algum dinheiro para certas festas, e sacrificios que se costumavam fazer de certos em certos tempos, lhe respondeo assim: » Pelos Deoses te juro, que teria vergonha se désse » dinheiro, ainda que fosse para esses, e outros sacri- » ficios, e o deixasse de dar áquelle Callide; » (apontando n'hum homem que alli estava, a quem se devia huma quantidade de dinheiro, sobre o qual andava em requerimento.) Pois este bom Governador deixava de fazer sacrificios aos Deoses, para pagar antes suas dividas: quanto mais justiça será a do Governador, que deixasse de dar ao parente, e creado, nem ainda pagar-se de seus ordenados, por pagar á pobre

viu-

viuva; á orphá a fazenda que tomáraõ ao pay, e marido para o ferviço delRey? Deixo outras muitas injuftiças, e deftruições, que padece o povo, e fazenda do Rey com eftas hidas dos Vifo-Reys a vifitar as Fortalezas do Norte; porque já canço, e me magôo; que bem tinha ainda que dizer das hidas dos Veedores da Fazenda, que elles fazem para hirem vifitar aquellas Fortalezas; o que hey por hum dos grandes defferviços do Rey. De huma fó coufa me efpanto, que naõ vejo Vifo-Reys curiofos de hirem vifitar as Fortalezas do Canará, Malavar, até Ceilaõ, que tambem faõ delRey, fenaõ fó as do Norte; nem fua cubiça lhes deixa ver, que devem os homens de ter notado a razaõ difto; mas de tudo lhes dá bem pouco: e bem puderaõ elles vir de lá cheios de peças, brincos, e louça; mas tambem fei dizer, que naõ vem pobres de pragas; porque em virando as coftas, as rogativas que tem de todo o povo groffo, e miudo faõ, que nunca paffem o Cabo de Boa Efperança, que naõ logrem o que lhe tomáraõ; que por os hofpitaes venhaõ a morrer feus filhos: e naõ fei fe tem a alguns abrangido eftas pragas; porque Deos naõ dorme, e fempre ouve a voz do jufto, e o fangue de Abel contínuo pede juftiça de Caim.

Fid. A tudo o que tendes dito me rendo: tudo o que differtes faõ bocados de ouro. Eu fico fóra deffe jogo, porque naõ tive tempo para fazer effa jornada.

Sold. Se o houvera, tambem Voffa Mercê houvera de o fazer; porque feus apaniguados, que defejaõ de gaftar os bofetás de Baroche, e as colchas de Dio o houveram de perfuadir a iffo.

Fid. Pela ventura que o fizera; porque mal, e peccado mais depreffa imitamos, que o bem.

Sold. Iffo eftava para dizer; porque o primeiro Vifo-Rey que paffou ao Norte, naõ foi bufcar brincos, fenaõ pelouros, que achou em Dabul quando o deftruhio, e na foberba armada de Mirhocem que em Dio desbaratou, com que vingou a morte do filho, e levantou, e engrandeceo tanto o nome Portuguez, que começou com iffo a dilatar, e eftender efte Eftado. Lopo Vaz de Sampayo ao Norte foi; mas a bufcar a armada de Agamamude, e peleijar com ella, como fez, deftruindo-a

do-a de todo; andando com as armas ás costas, e a espada ensanguentada até a empunhadura, acrescentando a Fazenda do Rey; naõ com imposições postas aos vassallos, mas com muitas prezas dos inimigos. Nuno da Cunha foi ao Norte tres vezes; mas a tomar Baçaim, a fazer Fortaleza em Dio, e a destruir o Estado de Cambaya. D. Garcia de Noronha tambem fez esta jornada; mas a reformar Dio, e a buscar a armada do Turco, que lhe foi fugindo, sem ousar ao esperar. O Viso-Rey D. Joaõ de Castro foi ao Norte duas vezes; mas a descercar Dio; a destruir o Estado de Cambaya, até se apresentar nos campos de Baroche áquelle poderoso Rey, offerecendo-lhe batalha, que elle naõ ousou acceitar; e ao recolher vir destruindo a Costa do Idalcaõ, e a pôr-lhe por terra a sua famosa Cidade de Dabul; e outras cousas como estas a que muitos foraõ, no que entaõ punham sua bemaventurança, e os soldados accezos daquelle primeiro furor, e brio Portuguez obravam cousas dignas da eterna memoria; porque tambem eraõ honrados, e favorecidos dos Viso-Reys, que se sangravam nos braços para elles: e assim naquelles tempos naõ os achaveis pelas portarias, e alpendres dos Mosteiros, dos Frades, como depois vi: e tambem por isso já os naõ ha, porque desenganados do tempo, e cubiças dos Governadores, se lançáraõ a outra vida; huns pela China, e Japaõ; outros por Bengala, e Melindre: e quatro soldados que andam no serviço, já se fizeram á natureza da terra, que se naõ querem embarcar sem os Capitáes lhes encherem as maõs de dinheiro, e cuido fazem bem; porque já que as mercês, que se com elles repartiam, se daõ aos creados dos Viso-Reys, e os soldos lhos naõ pagam, senaõ quando se embarcam, negocêam-se por outra via; porque elles haõ de comer, e já os Fidalgos que lho davaõ saõ mortos, e tudo se vai acabando, e ainda mal! porém porque cada dia ha de ir isto de mal em peyor; porque já se naõ pretende, senaõ levar, e vindimar cada tres annos esta vinha: entaõ lá virá outro, que em vez de remediar a destrua mais; e o que he peyor, que lhes dá taõ pouco disso, que eu ouvi dizer a hum Viso-Rey, que naõ estava innocente: » Que bem via » que a India se perdia; e que naõ poderia durar

 » mui-

» muito; que onde quer que estivesse lhe dessem no-
» vas ser tudo acabado, o sentiria. »

Despach. Segundo isso, só Deos póde remediar essas cousas pelo modo que vaõ: que o Rey naõ póde fazer mais, que buscar Fidalgos illustres, e experimentados, que lhe parece o serviráõ mui bem, e mandallos por Viso-Reys. Se elles tem taõ má consciencia, que fazem essas cousas; e em vez de enriquecerem o Rey, e alliviar o povo, o empobrecem, e carregaõ de tributos; e em vez de acreditar o Estado, o desacreditam: de quem logo se ha de fiar? que cá na terra naõ ha Anjos; e do Ceo naõ os haõ de eleger para isso.

Sold. Muitos remedios ha; mas esses naõ quero eu dizer agora: e só a ElRey os dissera, e com lhe custar ainda alguma cousa; porque já que tudo o mais digo de graça, essa só lhe hey de vender muito bem.

Despach. Eu serei de parecer, que vo-la paguem a vosso gosto, pois tanto importa: mas ouvi-vos dizer, que os Veadores da Fazenda, que tambem vaõ ao Norte, fazem nelle injustiças, e desserviços a ElRey: folgára de saber como, e em que? porque os mais dos Viso-Reys escrevem o contrario a ElRey.

Sold. Naõ vi cousa mais contra seu serviço; e logo o mostrarei, se Vossas Mercês naõ estiverem já enfadados de me ouvirem.

Desp. Bofé, senhor Soldado, naõ estou; antes me dais vida em me allumiar nestas cousas, para dellas saber dar no Conselho melhor razaõ: por isso naõ largueis o intento que levais.

SCE-

SCENA VIII.

De como os Veadores da Fazenda, que vaõ ás Fortalezas do Norte, saõ muito desnecessarios; e das desordens que commettem na Fazenda delRey.

Sold. ORa tenham Vossas Mercês tento; porque por algumas razões hey de mostrar como estas hidas dos Veadores da Fazenda ás Fortalezas saõ contra o serviço delRey. A primeira, nenhum Veador da Fazenda destes, ou poucos, vaõ á sua missaõ, que primeiro o naõ solicitem, e o naõ peçam de mercê; e ainda naõ sei se peitam para isso grossamente a alguem. Do que se vê claramente, que já naõ vai para servir o Rey, senaõ para se servir a si. Outra razaõ: o fim, e intento das hidas destes homens ás Fortalezas, he naõ se fiarem os Governadores dos Feitores que nellas estaõ; o que parece caso de Leza-Magestade, pois se naõ fiaõ de quem ElRey fia seus cargos: pelo que o a que estes homens vaõ, he a mandar dinheiro, madeira, taboado, cifa, azeite, cotonias, arroz, trigo, Navios, e todas as mais cousas para as armadas, e almazens; e para só fazerem este serviço, lhe daõ mil cruzados de ordenado; vinte homens para os acompanharem, e lhes pagarem quarteis, e mantimentos; hum navio armado em quanto por lá andarem; cinco pardáos mais cada dia para sua meza; e provisões para todas as mais despezas que lhes forem necessarias; e para certos alvitres quinhentos pardáos de soldos velhos, e outros quinhentos nas dividas dos Feitores, se ficarem devendo no balanço que lhes derem; e outras cousas como estas. O proveito que fazem nestas hidas á Fazenda delRey, he comprar a madeira ao Capitaõ de Baçaim pelo preço que elle quer; e o trigo, e arroz, a quem lhes manda mais capões, e esquifes jaspeados, senaõ quanto se o compráraõ a cinco pardáos, e praza a Deos o naõ carreguem a seis, e a hum para elles; e por esta maneira todas as mais cousas á vontade de seus donos, porque tambem o servíraõ á sua vontade. Fazem despezas ordinarias,

e extraordinarias, cada hora frétam Náos e Navios para levarem a Goa eftas coufas a gofto de feus donos, que effas faõ as fuas mangas. De forte que emprega a ElRey dez, quinze mil cruzados neftas coufas, o Veador da Fazenda que foi a iffo, e faz defpezas de tres, ou quatro mil pardáos; pela qual razaõ fôra de mais proveito comprar efta coufa em Goa a maior valia. O que he muito graciofo, que fe entrais em cafa deftes Veadores da Fazenda, achar-lhes-heis a falla, e a varanda chêa de alfaiates; huns a fazer colchas de feda, e bofetás, e outros acolchoados ricos; e lá mais dentro na camara Ourives a batter, a fazer garrafas de prata, cadêas, e braceletes para as filhas, e mulheres; guarnecer cofres de tartaruga de prata, e cafcas de coco das Ilhas; e em baixo nas lojas torneiros, e carpinteiros a fazer efquifes de muitas feições, efcritorios marchetados, guarda-roupas de marçanaría: de maneira, que entrais em huma cafa de Contratador, e naõ de Veador da Fazenda: e ha alguns taõ correntes nifto, que levaõ Provisões para devaffarem dos Officiaes da Alfandega, e Capitães Móres das Náos, no que lhes untam as rodas de feiçaõ, que nenhum official por culpas graves que tenha o vedes caftigado, e todos faõ foltos, e livres: e fabe Voffa Mercê quanto he ifto affim, que ouvi a hum Fidalgo meu amigo, Capitaõ de huma deftas Fortalezas: que no feu derradeiro anno havia de mandar pedir de alvitre ao Governador huma Provifaõ para devaffar dos Officiaes da Alfandega; porque lhe havia de montar mais de tres mil dobras, pelo que fabía que os Officiaes de feu tempo deraõ a hum Veador da Fazenda, que lá foi devaffar delles, ficando todos em feu cargo, havendo entre elles hum que defembarcava das Náos de Méca de noite os caixões de ouro, e prata, e em fua cafa fazia os direitos que lhe ficavaõ, com o que negociou muito; e por derradeiro o diabo lhe levou tudo. E algumas vezes ouvi queixar a efte Fidalgo deftes Veadores da Fazenda; e cuido que affim o efcreveo a ElRey, que no primeiro anno de fua Fortaleza, em que hum Governador acabou, e outro começou, tinhaõ vindo a ella tres Veadores da Fazenda, que fizeraõ de defpeza á Fazenda delRey mais de doze mil pardáos. Ora o ferviço que fazem nas Alfandegas, he as peças cu-

curiofas, e ricas, que a ellas vaõ, avaliarem-nas em muito menos do que valem para as tomarem pelo preço: e defta maneira fe enchem de peças baratas, que cuftam a ElRey bem caras. Em huma Alfandega deftas fuccedeo huma vez efte cafo: hum mercador Mouro levava para Méca hum fardo pequeno de bofetás, os mais ricos que podiam fer, que os fez de encommenda em Baroche para os Bachás do Turco; e indo á avaliaçaõ, lhos puzeraõ cada hum em oito pardáos, valendo doze, ou quinze, fó por lhe tomarem alguns por aquelle preço; e entendendo o Mouro o cafo, começou a gritar, que os feus bofetás valiam mais de quinze pardáos, que ElRey de Portugal ficava enganado na avaliaçaõ; que elle queria pagar os direitos á fua Alfandega, por como fua fazenda valeffe. Entendendo os Officiaes o cafo, lhos puzeraõ em dez pardáos cada hum, e naõ lhe tomáraõ nenhum de vergonha: porque antes o Mouro quiz pagar os direitos, ainda que foraõ em dobro, que tomarem-lhe os que os Officiaes quizeffem por menos muito do que valiam: com outras cem mil coufas, que deixo por haver nojo de tantos roubos; porque tudo o que os Veadores da Fazenda vaõ fazer, o faraõ os mefmos Feitores, a quem o Rey deo os cargos por feus ferviços, que faõ taõ honrados como elles, e muitas vezes mais, fem effes gaftos, e defpezas, que feraõ melhores pouparem-fe para as neceffidades.

Fid. Oh que iffo naõ póde fer; porque effe Feitor quer ter em fi o dinheiro delRey para tratar com elle; e quer-fe pagar de feus ordenados o Capitaõ, e de outras dividas, que cada dia faz fantafticas; e affim naõ fe fará nada, nem virá o que he neceffario para a Ribeira, e almazens delRey.

Sold. Effe he o mayor engano da vida: bem fei que fó por efte refpeito o fazem por naõ pagarem aos Capitáes: mas nunca fe elles pagam melhor, que quando levam effes Veadores da Fazenda; o porque, elles fe entendem, e eu, que naõ poffo fallar tudo: quanto mais que os Veadores da Fazenda já levam por lifta tudo o que haõ de pagar, e comprar, as quaes coufas fe puderaõ mandar aos Feitores, que fempre haõ de fazer tudo a menos cufto, e mais barato: mas os Vifo-Reys querem fazer effas mercês a feus apani-
gua-

gnados, e darem eſſes cinco, ſeis mil pardáos por alvitre.

Deſpach. Cuido que tendes razaõ; porque os Feitores, que ElRey tinha na Mina, e em Flandes, naõ hia lá nenhum Veador da Fazenda comprar-lhes as couſas que ſe haviam miſter para os almazens do Reyno; aſſim aos Feitores das Fortalezas lhes podem mandar ordem, e liſta do que ſe ha miſter para o terem comprado ante-tempo, e quando valer mais barato: mas ouvi-vos fallar nos ſoldados velhos, e que por elles ſe hia muita parte do rendimento da India; folgaria de ſaber o como: e deve de ſer iſſo como as dividas velhas, de que já fallaſtes.

Sold. Mas peyor. Saiba Voſſa Mercê, que iſſo he huma lima ſurda, e hum cano, por onde ſe vaſa a mayor parte da Fazenda do Rey, e o ſuor das partes, que o dam, como quem o dá ao diabo, por mais naõ poderem; e ſe o naõ dam, tomam-lho por força: e eu naõ queria deſcubrir mais defeitos, que os que tenho já dito.

Deſpach. Déſtes-me a vida niſſo; porque eſſe negocio da matricula muitas vezes ſe praticou de ſe desfazer, ou de ſe pôr algum remedio para naõ ſe ir à Fazenda delRey por eſſes ſoldos velhos. Agora folgarei de ouvir voſſo parecer, para ſaber dar razaõ de mim, ſe ſe praticar neſte negocio. E pois até agora foſtes taõ liberal das couſas que cumprem ao ſerviço de S. Alteza; neſta, que naõ he de menor importancia, vos naõ moſtreis eſcaſſo; que eu vos prometto, que ſe vos ſatisfaça muito bem, e que ElRey ſaiba os ſerviços que niſto lhe fazeis.

Sold. Naõ queria mayor galardaõ, que aproveitar alguma couſa o que diſſer, para ſe remediar; porque quem vê ir as couſas da India tanto de cabeça, como eu entendo que vaõ, aſsàs fôra obra de bom Chriſtaõ ſe lhe puder acudir, ainda que ſe faça como outro Solon, o qual vendo a Ilha de Salamina (donde era natural) tomada, e poſſuida dos Megarenſes, e porque ſe praguejava muito dos Athenienſes conſentirem poſſuirem-lhe os inimigos a ſua Ilha, eſcandaliſados diſſo os Governadores, fizeraõ huma Ley: que todo o que fallaſſe em ſe cobrar a Ilha Salamina, morreſſe por iſſo: e porque a Solon lhe doía tanto a quebra do

Eſ-

Eſtado Atheníenſe, e naõ ouſava de fallar por medo da Lei, fingio-ſe doudo; e enchendo-ſe de carvaõ, ſe foi pela Cidade de Athenas cantando huns verſos, que por prolixidade naõ digo, ſobre a afronta que ſe fazia áquelle Eſtado, em lhe poſſuirem os Megarenſes ſua Ilha; os quaes tiveraõ tanta força, que, desfazendo-ſe a Ley, o elegeraõ por Capitaõ para cobrar outra vez aquella Ilha; porque a quem lhe dóe a honra do Eſtado, todos os meyos buſca para pôr remedio em ſuas couſas. Mas Voſſa Mercê me manda que lhe diga, que couſa ſaõ ſoldos velhos: tratarei eſte cano da matricula por onde todos ſe vaſaõ; a qual pelos roubos, que os Governadores, e Capitáes das Fortalezas fazem, ſe tratou algumas vezes de ſe desfazer.

SCENA IX.

Do que ſaõ ſoldos velhos; e do roubo que ſe faz a ElRey, e ás partes nelles; e do remedio que haverá para ſe evitarem.

Sold. PRimeiramente tratando de ſoldos velhos; porque Voſſa Mercê me pergunta; dar-lhe-hey informaçaõ delles. Soldos velhos ſaõ aquelles que ElRey me deve a my, a Pedro, a Joaõ, dos quaes haverá no Livro da Matricula mais de hum milhaõ de ouro; e a cauſa he porque todos os que paſſaõ de Portugal a eſtas partes, quer ſejam ſoldados, quer caſados, quer officiaes mecanicos, todos vem aſſentados em ſoldo, e vencem ſempre onde quer que eſtejam, tirado Bengala, ou Melinde. E deſtes ſaõ infinitos mortos, que tem ſua matricula em pé, e ſeu ſoldo corrente; e mortos de vinte annos vencem ſoldo, e paga-lho ElRey, naõ já a elles, mas a outros, que lho tomam por eſta maneira. Vai hum Capitaõ entrar em ſua Fortaleza: paſſa-lhe o Governador proviſaõ para lhe pagarem quarteis a cincoenta creados, e a doze parentes: a eſtes ſaõ ſoldos grandes que paga, e aquelles recolhe para ſi, deitando no ſeu caderno o homem que já he morto; que anda pela Melinde, e Bengala; e alguns fantaſticos, que depois o Governador

dor manda que se lhe levem em conta, sem embargo de se lhe naõ achar titulo; e o Escrivaõ da Feitoria, ou por medo, ou por má consciencia, lhe passa ao pé do caderno certidaõ: » Que teve todos aquelles homens » que lá estaõ lançados. » Pela mesma maneira o Feitor tem certos homens para se lhes pagarem quarteis: tem comsigo dous; todos os mais recebe, e lança em titulos alheios. Nas Fortalezas fronteiras, onde ha por Regimento trezentos, e quatrocentos homens, pagam seiscentos, e setecentos; e nellas de maravilha se achaõ duzentos, e todos os mais com praças mortas: e fazem cada dia homens novos fantasticos, e depois quando vem os cadernos á matricula para se descontarem ao Feitor os homens, que o Capitaõ pagou, naõ acham titulo á quarta parte delles; e como os Capitáes lhes passam assignados de lhos fazerem levar em conta, o pagam por elles; os quaes se soccorrem ao Viso-Rey, ou Governador, que lhes passa Provisaõ para levarem em conta todos os que naõ tiverem titulo. Eu sei dous, ou tres Capitáes, que lhes mandáraõ levar em conta mais de quarenta mil pardáos a cada huma destas praças mortas. Ora se cada tres annos isto ha em huma só Fortaleza; que fará em tantas? por certo que nisto se dispende a maior parte do rendimento. Mais: em huma Fortaleza, onde se armam todos os veröes seis, ou sete Navios, para andarem dando guarda ás cafilas, aos quaes se manda pagar a vinte e cinco homens: cada hum destes Capitáes delles recebe todo o soldo dos vinte e cinco, e naõ levam mais que doze, ou treze, e os mais repartem em tres partes; huma para o Capitaõ da Fortaleza, outra para o Feitor, e outra fica ao Capitaõ do Navio, e a esse conta os mantimentos delles; e assim andam sem gente estas armadas, e se daõ os Cossarios nelles, tomam-nos, como já aconteceo algumas vezes. Ora veja Vossa Mercê que tal anda o serviço delRey; e suas armadas como andam arriscadas. Deixo outras muitas soppas, que se molham nesta porcelana de mel da Fazenda do Rey, que saõ infinitas, em que entram os Officiaes da Matricula, e dos Contos, que sempre tem lá seus tratos, e lhe lançam certas matriculas, que elles fazem com muito gosto, porque lhes haõ de cahir nas mãos; a huns para os des-

descontos; a outros para darem suas contas: mas com estes os desculpo; porque se isto naõ fizeram, coitados delles, que lá haõ de ir pagar suas culpas; porque a Casa dos Contos he o Purgatorio dos Feitores, e Thesoureiros da India; e onde tambem ha della e della (como lá dizem); porque já na India naõ ha cousa sá; tudo está podre, e afistulado, e muito perto de herpes; se se naõ cortar hum membro, virá a enfermar todo o corpo, e a corromper-se. E tornando á materia dos soldos velhos, dá hum Feitor, ou Thesoureiro sua conta; ficou devendo dous mil cruzados; lança logo provisaõ, que pague os mil, e que os outros se lhe descontem em soldos velhos de pessoas que appresentar, e já a essa conta vem com a divida feita, e assim ajunta o soldo por amigos, e por os que o naõ saõ, a que sabem as matriculas, e saõ ausentes, e mortos, e se lhes descontam. Vai hum creado do Governador ás Fortalezas do Norte a fazer alguma diligencia de seu amo, ou quando chega de Portugal a levar recado ás Cidades da sua vinda, e da saude do Rey, o que lhe naõ monta taõ pouco, que naõ passem de duas mil dobras: com isso leva Provisaõ de trezentos, ou quatrocentos pardáos de soldos velhos para Dio, ou Ormuz; e já os leva descontados pela maneira acima, e estes se lhe pagam em mui boa moeda. Mais: pede o Fysico do Governador, ou Viso-Rey Provisaõ para lhe pagarem todo o soldo velho que lhe derem os soldados que elle curar, e elles sem visitarem nenhum, porque todos vaõ parar no Hospital, ajuntam cinco, e seis mil pardáos por matriculas alhêas: e hum Escrivaõ de matricula geral me disse, fallando nessa materia, que a hum Fysico de hum Viso-Rey descontára por esta ordem vinte, ou vinte e dous mil pardáos nos seus tres annos. E porque me naõ esqueça huma cousa que me parece injusta, naõ passarei por ella; e he, que nas Fortalezas, nas pagas que se fazem aos soldados, lançam de dez em dez, e no cabo fazem hum termo que fiquem huns por outros, senaõ tiverem dinheiro nos titulos; e se falta nelles dinheiro algum para se lhes descontar, o fazem no titulo daquelle que está mais perto delle; e assim fica o paciente pagando dous quarteis; hum que lhe tomam, porque lhe sabem na matricula,
que

que elle nunca foi a Ormuz , nem a Dio ; e outro que mais lhe defcontam , como fiador do que eftava mais perto delle , que naõ tinha titulo : e ifto me aconteceo a mim já ; e por iffo como magoado fallo. E por eftes exemplos fe veraõ todos os mais , por onde o Rey he roubado ; e quando o Eftado padece neceffidades , naõ tem donde fe valer ; porque a mayor parte do rendimento de fuas Alfandegas fe vai por eftas defordens.

Defpach. Fólgo de ouvir effas coufas taõ claras , porque nunca mas differaõ fenaõ marchando : pelo que nos pareceres , que fobre iffo fe tomáraõ , nunca me foube determinar , como já agora farei ; pois vós com o bom zelo de Portuguez tratais mais do que releva a voffo Rey , que a ninguem : mas já que eftamos nefta materia , folgaria de me dizerdes voffo parecer fobre efte negocio , e remedio que fe lhe póde pôr ; porque além de voffa experiencia , e bom juizo , havieis de ouvir lá praticar ifto a homens avifados , e velhos na India , que dariaõ muito boa razaõ nifto.

Sold. Alguns ha que a podem dar muito boa em todas as materias ; porque as tratáraõ , e víraõ mais annos , e melhor que os Fidalgos que faõ chamados a confelho , que muitos delles naõ tem experiencia de nada : mas he efta maldiçaõ Portugueza tal , e fua defconfiança tamanha , que o homem que naõ he Fidalgo , naõ he chamado para nada : tendo exemplo em todas as outras nações , em que fe tem mais refpeito á idade , e experiencia de guerra , que ao fangue , e nobreza : mas deixando efta materia , em que havia bem que dizer ; pedir-me Voffa Mercê parecer no negocio que tratavamos ; he elle tal , que era neceffario para iffo outro faber differente do meu , e de minha profiffaõ ; porque iffo he para homens , que curfáraõ a fazenda , e negocios della mais : porém quem ha , que poffa dar melhor informaçaõ difto que Sua Mercê , que curfou a India muitos annos de Capitaõ , Capitaõ Mór , e depois de Governador da India , diante de quem todos os negocios fe tratáraõ ; eftes , e todos os mais lhe corrêraõ pela maõ , junto ao differente juizo , que do meu tem por fua illuftre geraçaõ , e differente creaçaõ ?

Fid. Naõ confinto iffo : porque naõ he argumento baftan-

te eſſa creaçaõ, e geraçaõ que dizeis, para poder dar melhor razaõ que vós, e mais em couſas, que os largos annos de experiencia vos tem muito claramente moſtrado o bom, e máo: por iſſo hide por diante, e dai-nos voſſo parecer; porque o meu, direi quando Sua Alteza mo perguntar; e póde ſer que me allumieis em muitas couſas, que me teraõ eſquecido.

Sold. Melhor he obedecer, que ſacrificar: eu ainda agora ſou vaſſallo de Voſſa Mercê, como quando o era ſendo meu Governador: pelo que farei o que me manda; direi o que me parece pela ordem da ſoldadeſca; que da Fazenda, eu a naõ entendo.

Primeiramente: ſou de parecer, ſe S. Alteza pretende pagar alguma hora o que deve, que ſe tirem a limpo todas as dividas dos ſoldos que ſe devem a vivos em hum livro; e dos mortos em outro, os quaes fechados ſe mettam no cofre do Theſoureiro, ou em huma Torre do Tombo, que na India houvera de haver para todas as antiguidades, e ſe lançarem nella todas as Cartas delRey, de Capitáes Móres de Armadas, e das Fortalezas; Cartas dos Reys vizinhos, e reſpoſtas dellas; fórmas de Embaixadas; pareceres que ſe tomam ſobre as couſas do Eſtado; Canhões de Armadas que ſe fazem, com os nomes dos Capitáes, com todas as mais couſas que podem ſervir para ſe os Chroniſtas aproveitarem para ſuas Eſcripturas, para de todo ſe naõ apagar e extinguir o nome Portuguez, taõ celebrado, e famoſo por todo o Univerſo, de cujo deſcuido pudera fazer hum muito largo Capitulo; e envergonhar tantos Governadores, quantos na India houve taõ pouco curioſos do que lhes a elles meſmos cumpre; porque neſta Torre houvarem ſeus feitos de ficar perpétuamente em memoria. Mas tornando a noſſo propoſito: tiradas eſtas dividas em livros ſeparados, e feita huma matricula dos Moradores da Caſa, e Fidalgos que recebem contínuos ſoldos, e moradias; todos os mais livros velhos ſejam logo queimados; e naõ ſe uſe mais do modo da materia, ſenaõ por eſta ordem. Fazerem-ſe na Cidade de Goa ſeis bandeiras de Ordenanças, nas quaes ſe matriculem todos os ſoldados da India por eſta fórma. Os ſoldados que reſidirem em Goa, que ſe aſſentem nas bandeiras que quizerem, de que ſeraõ Capitáes os mais velhos, e honrados Fidalgos

gos da India, que as ordenaráõ com feus Sargentos, Caporaes (*a*), e mais Officiaes; e terá hum Efcrivaõ com feu livro, em que affente o foldado que fe for para a fua bandeira, nome, terra, e anno em que veyo; e paffará o Governador que for Provisões para todas as Cidades, e Fortalezas da India, para que os Capitáes dellas com grandes penas façam affentar os foldados todos, que na Fortaleza ao prefente fe acharem, de que ferá Efcrivaõ hum dos mais honrados Vereadores da Terra; e quando fe forem affentar, lhes dirá o dito Efcrivaõ os nomes dos Capitáes das bandeiras de Goa, para que efcolham em qual dellas fe querem affentar; e tanto que nomearem a que quizerem, o affentaráõ n'hum livro, que para iffo teraõ por efte modo: *Fuaõ, filho de fuaõ, veyo em tal era, e affentou na Bandeira de Fuam*: e por efte modo todos os mais; e ao affentar, fe lhes notificará aos taes foldados, que tanto que chegarem a Goa, fe recolham ás fuas bandeiras: e como em todas as Fortalezas fe cerrarem eftas matriculas, mandaráõ o treslado dellas á India: fc. a cada Capitaõ feu rol, em que lhe mande as matriculas dos foldados, que fe nas fuas bandeiras affentáraõ; os quaes Capitáes os affentaráõ logo nas matriculas dos foldados de fuas bandeiras para faberem a gente que tem, affim prefente, como aufente; e depois deftas matriculas das Fortalezas chegadas, hirá cada Capitaõ feu dia no mez á matricula geral, aonde haverá hum livro grande, em que affentem os foldados de fuas bandeiras, de que faraõ matricula de cada bandeira por fi. E fervirá ifto do Vifo-Rey faber em huma hora os foldados que na India tem, e onde refidem: e tanto, que fe quizerem ir para fóra, façaõ fabedores a feus Capitáes, ou ao Efcrivaõ de fua bandeira para lhe pôr cota: efte Fuam foi-fe para fóra de Armada, ou a outra coufa; e os que vierem de fóra fe hiraõ logo apontar nas bandeiras, em que fe matriculáraõ, aonde refidiaõ; e ao fazer das Armadas hiraõ os foldados receber a matricula com os feus Capitáes, e no feu livro do ponto lhes poraõ feu recebimento; e affim o foldado que recebeo em Dio, ou em Damaõ, que o Feitor vem defcontar, fe bufcará no

(*a*) Saõ os que hoje chamamos Cabos d'efquadra.

no mesmo ponto da bandeira em que se lá assentou, e assim se pagará aos que servirem, e naõ haverá poder o Capitaõ pagar a cincoenta homens sem os ter comsigo; nem o Feitor, e outros Officiaes aos seus: e por este modo ficam naõ havendo soldos velhos, nem os soldados podendo dar o seu a ninguem, porque o naõ tem senaõ quando recebem: mas para isto era muito necessario, que lhes pagasse S. Alteza aos que em Goa residissem, o seu mantimento, que cada mez se ha de dispender nisto; que os dos soldos velhos que se pagam cada anno a quem já disse, e os dos casados de Goa, e de todas as demais Cidades se apontaráõ n'hum livro, que os Capitáes das taes Fortalezas para isso teraõ, por suas matriculas, e os tresslados se mandaráõ ao Viso-Rey, para mandar fazer hum livro na matricula de casados, e os nomes das terras aonde residem, aos quaes se naõ pagará soldo, senaõ quando se embarcarem de Armada; porque estaõ os livros chêos de dividas de soldos destes casados, que muitos ha trinta, e quarenta annos que se naõ embarcaõ, e seus titulos estam em aberto, e vencendo soldo, e muitos que saõ mortos ha muitos annos, que vencem como vivos, e outros que se foraõ para a China, e para o Reyno, sem se desscontarem que estam vencendo; e destes que digo saõ a maior parte das dividas que S. Alteza deve destes soldos. E tanto que hum soldado casar ou em Goa, ou em qualquer outra Fortaleza, será obrigado hir-se ao Escrivaõ dos soldados, e apontar-se por casado, se está escrito neste livro; mas se se casou em Chaul, e se escreveo em Dio, será obrigado ir ao Escrivaõ, que em Chaul he deputado, apontar-se de novo, e dizer: *Fuam, filho de Fuam, da Bandeira de Fuam, casou nesta Fortaleza*: e assim se apontará por casado no livro do Capitaõ; e o Escrivaõ de tal Fortaleza será obrigado a mandar a Goa certidaõ ao Capitaõ da bandeira, ou Escrivaõ della em que se certifique de como Fuam de sua bandeira se casou, para que quando for á matricula apontar a tal bandeira, faça declaraçaõ no livro da matricula, de como se casou aquelle Fuaõ, o qual logo será passado ao livro dos casados no titulo da Fortaleza em que casou. E assim se saberá sempre quaes saõ os soldados, e casados, e os

que

que saõ vivos, e mortos: e para isto seraõ obrigados os Escriváes das Misericordias de todas as Fortalezas, a tanto que nos Hospitaes entrar soldado enfermo que falecer, mandar seu nome em matricula, e de que bandeira he, para que o Escrivaõ de tal bandeira lhe ponha em seu titulo verba de morto; e assim tanto que no principio do mez se forem apontar á matricula, fará o tal Escrivaõ declaraçaõ dos que se foram para fóra, e dos que casáraõ, e morrêraõ; porque naõ haja andar morto por vivo, casado por soldado, nem ausente por presente; e com isto ficará a cousa taõ desembaraçada, que hum naõ possa receber na matricula de outro, nem o que se foi para China ter o titulo corrente, nem receber Pedro por Joaõ, nem os Capitáes pagarem mais homens dos que tem, e os Viso-Reys naõ fazerem mercês de soldos velhos; no que se poupará mais de vinte mil pardáos cada anno, que se pagam pelo modo que disse. Isto que tenho dito he o que me parece sobre este negocio; no qual poderá haver outros melhores pareceres que o meu, que eu naõ desgabarei, porque naõ sou taõ affeiçoado ao meu, que qualquer outro me naõ pareça melhor; e quem quer acertar, assim o deve fazer em tudo; porque doutrina he de Plataõ no seu Timeo: que nunca víra errar homem affeiçoado ao parecer alhêo, e que muitos víra perder por seguirem o seu. S. Paulo, vaso de eleiçaõ, naõ se quiz affeiçoar a seu parecer estando determinado para ir a Roma, e seguio o de seu Discipulo Philemon: e na Escritura Divina temos, que David fôra muito mayor Profeta que Nathan, e sobre o negocio da edificaçaõ do Templo naõ se affeiçoou tanto a seu parecer, que naõ acceitasse o de Nathan. Deos nosso Senhor teve grandes queixas com Moysés sobre os Filhos de Israel serem taõ affeiçoados ao que lhes parecia, que em tudo engeitavaõ o conselho alhêo, por cuja causa andáraõ toda a sua vida perdidos, e assombrados dos cutelos dos inimigos. Assim digo que tambem isto summetto ao parecer alhêo; e se o que dou nisto for bom, faça-se o que fizeraõ aquelles Ephoros de Lacedemonia, que estando em hum conselho, deo hum homem simples, como eu, hum muito bom parecer em hum negocio muito arduo; e quadrando a todos, lançáram a este homem do

Se-

Senado fóra , e elegêraõ outro mui grave , a quem mandáraõ dixeſſe aquelle meſmo parecer com as meſmas palavras , como quem de hum vaſo ruim muda o licôr para outro melhor. Mas toda-via em tudo iſto que tenho dito acho hum ſó inconveniente , que he naõ ſoffrer a India eſtas companhias ; porque ſe os ſoldados ſe virem unidos , ſaquearáõ as Cidades , roubaráõ os póvos , e faraõ outras exorbitancias : por onde naõ ſei qual he peyor , ſe antes ElRey perca o ſeu , que haver eſtas deſordens.

Deſpach. Por certo que naõ ſinto eu nenhum deſſes Athenienſes , que melhor parecer pudera dar niſſo que vós , como fareis em todas as couſas mais ; que eu vos vou ſentindo hum fervor , e eſpirito para outras mayores , e de mais ſubſtancia.

Fid. Naõ póde parecer mal iſſo que dixeſtes , e aſſim ſe raſtejou já em tempo delRey D. Sebaſtiaõ ; porque quando mandou a primeira vez á India D. Luiz de Atayde , já levava por Regimento fazer eſſas ordenanças , e aſſentar os ſoldados em bandeiras ; o que elle uſou alguns dias ; porque as couſas boas nunca ſe vai com ellas ao cabo : e quanto ao que receais das deſordens dos ſoldados , ſe elles tiverem Capitães de honra , naõ haverá nada diſſo ; porque o dia que hum fizer hum deſarranjo , o mandará paſſar pelas alabardas : e como o fizer a quatro , os mais ſe refrearáõ ; e o Capitaõ que diſſimular com alguma couſa deſtas , que o Viſo-Rey o mande logo com grilhaõ ao Rey.

Deſpach. Ainda que eſtive muito attento a eſte negocio da matricula , naõ me eſquece que tocaſtes nos Contos , como que tambem ha neſſa caſa mangueiras ; por amor de my que , em quanto ſe o Sol vai pondo , trateis eſſa materia , que naõ ha de ſer pouco importante : porque como entro novamente neſte cargo , quero ſaber tudo , e haver lingua das couſas da India , para poder dar razaõ de todas.

Sold. Para iſſo havia miſter mais tempo : e eu quando toquei eſſe negocio de paſſagem , naõ cuidei que Voſſa Mercê lançaſſe delle maõ ; mas já que me embaracei neſtas couſas , irei acabando o ſeraõ com eſta materia , pois Voſſa Mercê ma dá.

SCE-

SCENA X.

Em que se tocam algumas cousas dos Contos de Goa; e outras differentes materias.

Sold. A Casa dos Contos de Goa he a cousa mais importante para a Fazenda delRey, que ha na India; á qual concorrem todos os Feitores das Fortalezas de Armadas, Náos, e Navios, Almoxarifes, e Rendeiros de todas as rendas, que saõ muitas. Para o que era necessario que estivesse esta Casa provida de homens muito honrados, de muita verdade; e Officiaes muito bons, e de consciencia, que de tudo isto está falta: ha nesta Casa dez Contadores com seus Escrivães; dous Revedores; hum Recebedor de restos com seu Escrivaõ, que tem duzentos e dezoito mil reis; e hum Provedor dos Contos. Destes Officiaes o Provedor mór dos Contos tem de ordenado trezentos e trinta mil reis; os Contadores a cento e quarenta mil reis; e treze Escrivães, cada hum a sessenta mil reis. Alguns destes Officiaes conheci eu mui ricos, que na Casa engrossáraõ sem terem mais que o que disse; e se naõ for por meyos illicitos, naõ podem fazer mais que sustentar-se piedosamente, como faziaõ os antigos que eu conheci, que viviaõ com verdade, e faziaõ justiça: mas alguns dos de hoje tem quintas, pomares, casas curiosas, e trazem muito dinheiro ao trato; e os meyos por onde engrossam, apontarei alguns como soldado, e naõ como Official. Primeiramente: vai entrar hum Feitor em Ormuz, ou em qualquer outra Fortaleza, já fica concertado com o Contador, que lhe ha de tomar sua conta; e assim lhe manda em quanto lá está suas encommendas, peças, brincos, e muito dinheiro á conta do seu ordenado; e assim quando acaba seu tempo, que vem dar sua conta, deixa o tal Contador a que está tomando de outro Official pobre, que ha dous annos que alli anda, e que naõ teve que lhe dar, ou que roubar por isso, e toma a do outro em quatro dias, sem lhe lançar papel fóra, porque todos lhe achou correntes; e se algum tem algumas dúvidas, elle lhas tira, e faz na Meza do Despacho

tu-

tudo franco: o dinheiro que lhe tem mandado lhe mette na folha; e na arrecadaçaõ dous papéis velhos da contia que tinha recebido; e seu ordenado paga-se depois por em chêo. Mais: promette hum Contador a hum Viso-Rey da conta de hum Official tantos mil pardáos, á conta dos quaes lhe faz logo mercê; e revolvida a conta, ou dado balanço ao Official, sáhem-lhe com cinco, e seis mil pardáos de dividas, que elle naõ deve, e he logo executádo, e sua fazenda vendida; e depois que vai dando sua conta, em que allega os erros, e houve de justiça que foi a divida mal executada, fica ElRey devendo aquella contia, que nunca paga, e os outros logrando-se da sua casa, e do palmar, que lhe vendêraõ. E sabem Vossas Mercês quaõ prejudiciaes saõ estas execuções desta sorte, sem se dar encerramento á conta; que a esse respeito vem os Feitores das Fortalezas com muito dinheiro em punho, e vaõ dando hoje dous mil reis, e á manhã mil, e outro dia quinhentos; e assim vaõ preparando os caminhos á sua vontade, e encertando-lhes suas contas com todas as dividas, que os papéis trazem, sem lhes perguntarem por ellas. Outra hei de dizer, que he de mais damno ao Viso-Rey taõ esquecido de sua alma, e de sua honra; que todos os restos que ficam destas contas que se haõ de carregar sobre o executor, conforme a seu Regimento, arrecadam para si, além de outras cem mil tyrannias, que se naõ castigam; porque os que as haõ de fazer andam tambem interessados naquellas materias; e puxando por dinheiro por qualquer via que for: por onde lhe naõ sei remedio mais, que o de Deos; que se cá algum pudera ter, era hum Provedor, homem livre, de honra, e verdade, e taõ inteiro, que o naõ leváraõ pareceres de Contadores interessados, o qual com seu olho veja tudo, e faça despachar os pobres, e castigar o Contador que lhe dilatar sua conta: e faça ElRey honras, e mercês aos homens que o servirem com verdade, e justiça, e achallos-ha; e naõ dê o tal negocio a quem rogue, senaõ a quem elle rogue; porque de se naõ fazer isto, nascem todas as desordens das cousas.

Fid. Apontastes bem nessas cousas; que eu algumas vezes que fui aos Contos vi essa Casa desbaratada, e pobre de Contadores; e desejei de prover nisso, que

naõ he de taõ pouca importancia, que naõ haja muito o Rey, e as partes, como dissestes.

Sold. Bem desejei de passar por muitas cousas, mas accusa-me a consciencia, porque me diz, que se as naõ manifestar a quem as póde remediar, que ficarei em restituiçaõ; e por isso me naõ posso ter: já que comecei, Vossas Mercês iestejam attentos, porque lhes importa isso. He necessar o darem conta a S. Alteza. Tomou-se naquella Casa conta a hum Feitor; sahíraõ-lhe com huma divida de doze, ou quinze mil pardáos, que o pobre do Official sabia naõ ter em si: pelo que clamou, e pedia justiça, que se lhe naõ fez: foi executada a divida na fazenda, e repartida; e o paciente veyo a morrer pobre, e desapossado de sua fazenda: vieraõ depois os herdeiros dahi a muitos annos a rebolir a conta, acháraõ-lhe o erro; e pedindo revista, o apontáraõ; e achando-o claramente, lhes passáraõ papéis para requerer a ElRey seu pagamento, que nunca houve, nem haverá. E destes exemplos ha alguns que eu pudera trazer; e escusaõ-se os Officiaes com dizer, que naõ souberaõ mais; e o Regimento os desculpa, pois lhes naõ dá nenhuma pena: por onde eu era de parecer, que o Contador que sahir com divida, que naõ seja muito averiguada, e vista pelos Revedores muitas vezes; que achando-se depois o erro, pague de sua casa assim o Contador, como o Revedor aquillo que a parte pagou mal; porque pela experiencia que tenho daquella Casa, e das malicias da India, sempre hei de cuidar que lhe quizeraõ fazer divida, ou para a darem por alvitre aos Viso-Reys, que com ella folgam muito; ou para a repartirem entre si, e os Officiaes; porque depois que os Viso-Reys despíraõ as armas, e tratáraõ da fazenda, folgáraõ de lhes vir ás maõs por todas as vias; e ha alguns que a essa conta trazem os Contadores taõ mimosos, que naõ ha quem possa com elles; pelo que tem pouco escrupulo de lhes cavarem dinheiro devido, e naõ devido de boa, e má parte, e de lhes levarem alvitres de fazendas alhêas, que naõ devem nada; e o que peyor he, que ás vezes saõ de homens mortos, que suas mulheres, e filhos pagam sem o dever, ou lho tomam sem ellas se saberem defender; porque daquellas cousas puderaõ seus maridos dar muito boa

ra-

razaõ. Tempo ſei eu, ſegundo ouvi queixar a algumas peſſoas, que das contas que dos Officiaes mortos eſtavaõ por tomar, tiráraõ muitos papéis, e os faziaõ de novo correntes para outros Officiaes mudadas verbas, e tudo o mais, dos quaes ſe pagavaõ logo; e ſe os herdeiros do morto as quizeraõ acabar, acháraõ os papéis menos, que podiaõ ſer de muita contia. Mais: deo outro Feitor conta de huma grande ſomma de dinheiro que elle tinha muito em ſi; lá ſe negociou com o Contador, que parece que lhe naõ duvidou nada, e encerrou ſua conta, e lhe paſſou ſua quitaçaõ, ſem lhe ſahir com divida, ficando deſta bolada as maõs bem chêas a elle, e a outros Officiaes. Dahi a tempos foi reviſtá a conta, e achou-ſe-lhe de erro contra ElRey huma grande ſomma de dinheiro, pelo qual o Official foi executado em ſua fazenda, e peſſoa, e os Contadores que entráraõ na bolada ficáraõ fóra comendo o que o pobre pagou, Em fim que deſtas quantas Voſſa Mercê quizer, e de outras, em que de cançado naõ fallo.

Deſpach. Muitas couſas ouvi, de que eſtava bem innocente, e que he forçado acudir-lhes; mas eſta dos Contos me parece a principal; e foi lembrança muito neceſſaria, e merecedora de ſatisfazer. Eu vos prometto que de todas, eſta ſeja a primeira de que faça lembrança a S. Alteza; e eſpanto-me muito dos Governadores naõ eſcreverem ſobre iſſo, ou de naõ proverem em couſa taõ importante.

Sold. Tem outras que lhes relevam mais a elles; e por iſſo ſe eſquecem das que relevam ao Rey, pois eſtas ſaõ mais da ſua juriſdiçaõ: ſaõ mais Veadores da Fazenda, que Capitáes da guerra. E o que eu peyor tomo he, que a eſtes Contadores que tecem eſtas meadas, e que andam com eſtas embutilhadas dos alvitres, fazem elles mais mercês, e eſcrevem melhor delles a ElRey, dizendo-lhe, que lhes acreſcentáraõ em ſua fazenda tanto e mais tanto. E certo, ſenhores, que ſe me quizera deter neſte negocio deſtas creſcenças em que cada dia os mais delles enganam o Rey, deſejo de lhe dizer, que mande em ſegredo inquirir deſtas creſcenças; porque em aquelle meſmo anno, em que elles eſcrevêraõ que lhes acreſcentáraõ, achará, que paſſou o Eſtado mais neceſſidades, e miſerias, que

nunca; e que se pedio emprestimo ao povo, e que se naõ pagou aos mercadores o arroz, o trigo, o breo, a madeira, e em fim tudo o que se compra para as Armadas. E se este tomar forçosamente aos vassallos para ElRey por este modo chamam acrescentar, posso eu chamar furtar, do que os Ministros devem dar larga conta a Deos, e de naõ mandarem saber destas cousas. Que vos hei mais de dizer? com isto só quero concluir este negocio. Sahem com dividas contra as partes, e logo as carregam sobre o executor dos restos, e tiram certidões disso, que mandaõ ao Reyno, que montaõ muito; depois livram-se as partes; naõ devem nada; e lá no Reyno cuidam que tem cá hum poço de ouro. E mais, senhores, quero-vos dizer huma verdade, e descubrir hum segredo, e Sua Mercê, que governou a India, confessará; affirmo-vos que alguns Viso-Reys houve que naõ disseraõ verdades aos Reys, e que menos credito havia elle de dar por justiça ás Cartas destes, que ás dos particulares; porque estes com medo do Rey, e amor da patria, naõ trouxeraõ nada: mas o que já naõ tem nenhum do Rey, nem sei se de Deos, que verdades lhe póde fallar? Faça ElRey huma experiencia: depois que hum destes Viso-Reys (nos puros naõ fallo) vier para este Reyno, mande ElRey huma das Cartas que lhe escreveraõ á India á maõ de hum Prelado grave, que inquira sobre aquellas cousas de pessoas honradas, e sem suspeitas; achará as mayores falsidades do mundo, entaõ se desenganará, e castigue muito rijamente quem lhe escreveo taes cartas, para ficar por exemplo aos outros, e naõ fiar-se tanto dellas, que a nada mais dá credito: e se de fóra escrevem outra cousa a ElRey, e lhe daõ outras informações, sempre se reportam ás cartas que os Viso-Reys lhe escrevem. E se naõ, vejam Vossas Mercês quantas vezes escreve a Cidade de Goa a ElRey queixas dos seus Viso-Reys lhe quebrarem seus privilegios, e liberdades; a que naõ responde mais senaõ, que lá escreve a seus Viso-Reys sobre aquelle negocio? Ora vejam que fará nelle o Viso-Rey que aggravou a Cidade, e que justiça, e emenda lhe fará! mas sabem Vossas Mercês de que isto vem? de sua Alteza naõ mandar ver as cousas da India com tempo, para nellas prover; porque es-

eſtá já em coſtume guardar-ſe tudo para Janeiro, e Fevereiro, em que ſe as Náos fazem preſtes, e entaõ como o tempo he curto, naõ fazem mais que reſponder como por de mais, e metter o jogo na maõ do Viſo-Rey, que ſempre faz o que quer: mas para iſto naõ ſer aſſim, houvera de haver neſte Reyno hum Tribunal ſeparado para as couſas da India de homens muito inteiros, e zeloſos do bem commum, que viraõ os negocios da India todos, e reſpondeſſem a elles com tempo, dando primeiro conta a ElRey; e aſſim quando as Náos partirem eſtará tudo provido, e deſaggravar-ſe-ha a Cidade das ſem-razões que os Viſo-Reys lhe fazem, e os homens particulares das injuſtiças que recebem; porque, ſenhores, para hum Eſtado taõ apartado do Rey, e onde os Viſo-Reys, e Miniſtros da Juſtiça, e Fazenda ſaõ taõ livres, parece injuſtiça quando huma peſſoa eſcreve aggravos do Viſo-Rey, reſponderem-lhe: » Lá eſtá o Viſo-Rey, que vos fará » juſtiça. » E ſe elle he o que me faz as injuſtiças, como as emendará? O que naõ poſſo deixar de ſentir, e fallar niſto como bom Portuguez, por certo, ſenhores; e olhai que vo-lo affirmo aſſim, que naõ teve ElRey na India mayores inimigos da ſua Fazenda, e Alma, que alguns Viſo-Reys: e naõ vos enganeis com moſtras de virtude; porque naõ ſei que tem a India, e debaixo de que Planeta eſtá, que aſſi muda os penſamentos, e deſejos bons, que he paſmar; e naõ quero mayor exemplo, que em Sua Mercê que ahi eſtá, que governou aquelle Eſtado por ſucceſſaõ, taõ amigo antes dos ſoldados; taõ zeloſo da juſtiça; taõ aborrecido das deſordens dos Viſo-Reys, que nenhuma couſa tratava nas converſações mais, que de como naõ fazia mercês aos homens; de como ſe governava por creados, e partes; de como naõ deixava fazer juſtiça aos Miniſtros; e de como tomava as couſas para os Almazens, e Armadas ſem as pagar. Diga elle o que fez, eſtando governando: eu hey de fallar verdade; e Voſſa Mercê me mande por iſſo matar; que ſou de ſeſſenta annos, e já naõ perco nada: nunca em voſſo tempo vi juſtiça, nem ſe pagou a ſoldado nada, nem a Mercador o que ſe tomaſſe: tudo era vendido por dinheiro pelas Praças; clamores, e prantos, ſem haver quem os pudeſſe remediar. Aqui

me

me cahe a propoſito hum caſo que ſuccedeo a hum Fidalgo, o qual eſtando por Capitaõ em huma Fortaleza, vivia nella outro muito honrado, caſado, e pobre; e eſtando eſte Capitaõ hum dia em práticas com ſua mulher, lhe diſſe: » Por certo, que naõ ſei qual » he o Governador, ou Viſo-Rey de taõ má conſcien- » cia, que naõ dá de comer a eſte Fidalgo. » Eſtas queixas fazia em público. Acertou aquelle meſmo Inverno de morrer o Governador, e ſucceder eſte Capitaõ na governança; e eſtando já de poſſe della, lhe lembrou a mulher as queixas que fazia de naõ darem de comer áquelle Fidalgo, pedindo-lhe, que pois agora eſtava em ſua maõ, que o remediaſſe: ao que lhe reſpondeo eſtas palavras: » Olhai cá, ſenhora, entaõ » fallava como fuaõ; ágora hei de fazer como Gover- » nador da India. » E aſſim naõ lhe deo nada. Guarde-vos Deos, ſenhores, deſtes que blaſonam das couſas dos Viſo-Reys; que ſe ſe virem naquelle lugar, haõ de fazer muito peyor.

Fid. Pois naõ me perdoareis eſſas verdades ſó por eſtar preſente?

Sold. Naõ, ſenhor; que de, ſe ellas naõ fallarem, eſtá o mundo no eſtado em que eſtá. Sabeis de que me eſcandalizo, e de que os Reys haõ de dar grande conta a Deos? diſſo que dizeis, e de elles vos naõ terem caſtigado a vós, e a outros Governadores, e Viſo-Reys. E ſe vós, ſenhor, quando ſuccedeſtes na governança vos receareis que ElRey vos havia de caſtigar, naõ andareis, e governareis mais regiſtado? por certo ſi: mas como ſabeis que tudo paſſa por alto, e que o mais que vos fazem he prender-vos na voſſa quinta, nada vos dá: naõ temeis ao Rey, nem a Deos... E naõ queirais que falle mais; que me farei doudo, e andarei pedindo pelas ruas juſtiça contra quem tem a culpa de todas eſtas couſas.

Deſpach. Oh prouvera a Deos, que deſſes doudos víra eu alguns! Mas ſabeis porque o mundo eſtá perdido? porque todos ſaõ ſezudos, e tratam mais de ſi, que de ninguem, e naõ lhes dá de mais, que do que lhes releva.

Sold. Sabem Voſſas Mercês, que eu cuido (hei de dizer eſta verdade, e tenhaõ Voſſas Mercês por temeridade, e cuſte-me o que me cuſtar) que lhes naõ dá aos Mi-

niſ-

niſtros de cá, e de lá mais da India, que daquella palha que alli eſtá. E que me parece que folgáraõ della ſe acabar por vos deſobrigardes della; porque pelos meſmos deſcuidos com que a provém de cá, entendemos os de lá iſto. Que quer dizer eſcreverem-vos hum anno as Cidades, Fidalgos, Religiões, e particulares, que a India eſtá perdida, e que he neceſſario que lhe acudam; que o Viſo-Rey he froxo, e pouco zeloſo do bem commum; eſſe meſmo anno quando eſperamos por hum Viſo-Rey com muitas náos, dinheiro, bombardeiros, ſoldados, e munições, mandardes mais hum anno de governo ao Viſo-Rey, de quem tiveſtes tantas queixas, e acudirdes á India com quarro Náos ſem gente, e ſem nenhuma couſa das que apontaſtes? Naõ he iſto dizerdes, que vos naõ dá nada de nada, ou que naõ leſtes as cartas que vos eſcrevêraõ, e ſe as leſtes, que vos eſquecêraõ os clamores que hiaõ nellas? Por certo que ſe naquelle Eſtado houvera hum Rey Chriſtaõ, a quem os homens puderaõ ir ſervir, que já o houveraõ de fazer, e naõ ſe cançar com as couſas da India: mas lá naõ temos mais que inimigos de todas as partes que nos deſejam beber o ſangue, os quaes ſabem taõ bem, como nós, os procedimentos dos Viſo-Reys, e das queixas que delles eſcrevem, e quando chegaõ as Náos do Reyno, a gente, e ſoccorro que trazem, e o pouco que a todos deſte Reyno dá daquelle Eſtado, e os deſgoſtos que todos os da India temos da pouca conta que della ſe faz; pelo que já nos naõ eſtimam; e ſe elles puderaõ, e naõ tiveraõ as maõs atadas, entendei, ſenhores, que já o negocio havia de eſtar concluido: mas graças a Deos! que os tem enfreados com o medo do Graõ-Mogor, que deſeja de lhes tomar os Eſtados, e por cuja vida nos convem fazer orações; porque ſe elle morre, e eſtes Barbaros ſe vem fóra deſtes receyos, tenho medo que deſcarreguem ſua potencia contra nós, e que nos tomem ás maõs; porque o tempo do Viſo-Rey D. Luiz de Attayde he acabado, que com aquella ſua grande prevençaõ ſe ſuſtentou contra todos: vêde que ſerá hoje ſem artelheria, ſem munições, ſem armadas, e ainda ſem ſoldados, e ſem Capitáes, porque tudo he acabado.

Deſ-

Despach. Valha-me Deos, como tudo isso falta! e os Viso-Reys que fazem?

Sold. Muito gracioso he o perguntar-me Vossa Mercê isto, pois já eu lho disse muitas vezes; e pergunto eu a Vossa Mercê: que faz ElRey, que naõ manda saber o que tem na India, e como estaõ seus Almazens, e como andam suas Armadas, e o como procedem seus Capitáes Móres? que os Viso-Reys tratam do que lhes releva; e o que he muito para notar, que deixam estas cousas, que saõ de tamanha obrigaçaõ sua, e mettem a fouce na messe alhêa; pelo que assim vaõ as cousas de mal em peyor.

Despach. Declarai-me isso, que eu naõ o entendo.

Sold. Sim farei: e dem-me Vossas Mercês huma pequena attençaõ. Na India primitiva quando os Portuguezes tinhaõ seu nome alevantado sobre esses signos Celestes, aquelles Cesares que a governáraõ naõ traziaõ o olho em mais, que em dilatar a santa Fé Catholica; em acrescentar o patrimonio Real, e enriquecer o Estado, e os vassallos; em fazer eleições de Capitáes; em trazer as Armadas mui ordenadas, e providas; em ir buscar os Turcos a Suéz; em castigar, e opprimir o Malavar; em trazer enfreados, e sopeados os Reys vizinhos; em trazer soldados fartos, e contentes; em exercitar as bandeiras, assim de espingardas, como de artelheria; em visitar os hospitaes, e em muitas outras cousas desta sorte. Agora já se naõ costuma isto; mudou-se o vinte a outra cama: já as Armadas se fazem por cumprimento sem tempo, e sem ordem, os soldados andam clamando, as casas que em Goa havia de esgrima, tornáraõ-se em escolas de dançar, e ensinar moças barreiras, nem de huma cousa, nem de outra he officio vil; e assim naõ ha bombardeiro em toda a India que acerte á Serra de Sintra sem lhe atirar do pé della: as visitações dos hospitaes tornaraõ-se na Casa dos Contos, e da Relaçaõ: de Governadores se fizeraõ Vereadores; e de Capitáes Prelados: e assim tudo o mais desta sorte.

Despach. Que chamais Prelados, e Vereadores? declarai-nos isso, que deseio de entender.

Sold. Sua Mercê o sabe mui bem; mas dillo-hei a Vossa Mercê. Fizeraõ-se os Viso-Reys Prelados, porque já agora os Frades de S. Francisco, e S. Domingos naõ

naõ podem eleger Prelados senaõ os que elles querem; de maneira, que se mettem na jurisdicçaõ Ecclesiastica tudo o que querem; e fazendo mostra que lho naõ consitais, vereis se vos tapam as boccas, e se vos pagam vossas ordinarias; e naõ vem quanto Deos defende ao Rey tomar o officio de Prelado, e como castigou por isso alguns. E se quereis exemplos, vêde El-Rey Jeroboaõ, que querendo tomar o officio de Sacerdote, foi amoestado pelo Profeta Jadaõ (*a*) que tal naõ fizesse, que se desserviria Deos muito disso; e que se o fizesse, entendesse que hum da geraçaõ de David mataria cruelmente naquelle altar os Sacerdotes, e que queimaria os ossos delles: e assim que naõ deixou de ser esta profecia certa, e verdadeira; porque pondo a maõ sobra o Altar Jeroboaõ, se dividio logo em duas partes aquelle Altar diante de todos; e lançando o Rey maõ do Profeta para o prender, se lhe paralyticou. Asarias Rey de Jerusalem por querer tambem tomar o officio de Sacerdote, lhe foi á maõ o Pontifice Asarias com os Sacerdotes, os quaes elle ameaçou, e logo veyo hum terremoto tamanho do Ceo, que cahio hum monte dentro da Cidade, e deo hum rayo do Sol no rosto delRey, de que ficou gafo, e o obrigáraõ a se apartar do povo. Em fim que eu hey de dizer a Vossas Mercès, ainda isto he pouco; porque até nas Conservatorias dos Papas, e preferencias dos Dominicos com os Agostinhos houve Viso-Rey que se quiz entremetter; por onde eu lhe receio algum grande castigo; e quando cá naõ for, será lá, aonde as penas saõ bem differentes, e o arrependimento já naõ val: porque doutrina he dos Theologos, que se Deos nosso Senhor neste mundo castigasse todos os peccados, pareceria tirar-nos da vista dos olhos (mediante a fé christã) a Resurreiçaõ, e o ultimo dia do Juizo. O que seria claro, se aqui neste mundo se pagassem os peccados, já naõ haveria lá no outro que pagar; e assim que hum se castiga aqui porque se mostre sua providencia, e poder, e para que outros o temam; deixa o caf-

(*a*) Quasi sempre que nesta Obra se allega algum facto da Historia Sagrada, naõ he simplesmente tirado da Escriptura; mas das Antiguidades de Josepho. Veja-se sobre o facto aqui apontado o Cap. 3. do Liv. 8. das referidas Antiguidades.

o caſtigo para a outra vida, porque entendam que há lá onde ſe pague o devido. Tudo iſto que até agora diſſe, ſubmetto á correiçaõ da Santa Madre Igreja; porque ſaõ materias em que os Soldados naõ temos licença para fallar. Iſto he quanto a ſe fazerem os Viſo-Reys Prelados: diſſe tambem que ſe faziaõ Vereadores, porque já agora nas eleições das Cidades, que ſaõ livres, ſe tem mettido tanto, que ſe naõ faz Vereador, nem Juiz dos Orfaõs, ſenaõ quem elles querem: e hum Viſo-Rey houve, que eſtando embarcado no rio de Goa em huma gallé para ir fóra o dia, que ſe na Camara fazia huma eleiçaõ deſtas, e levando-lhe lá á gallé a pauta, a naõ houve por boa, e fez logo a eleiçaõ por ſi, e metteo nella quem quiz, ſem os Vereadores ouſarem a boquejar. E ſabem Voſſas Mercês de que iſto vem? de quererem ter naquella Camara Vereadores ſuas feitorias para fazerem tudo o que quizerem, e lhes concederem quanto pedirem, como fazem, muito em prejuizo do ſerviço delRey, e de ſeus vaſſallos: mas tambem vos ſaberei dizer, que deſtas deſordens dos Viſo-Reys tem a meſma Cidade culpa, porque ſe têm taõ deſauthorizada com o Rey, e com os Viſo-Reys nos modos de ſuas eleições, e nos deſpropoſitos de ſuas eſcripturas, que nenhuma conta fazem della; porque como os mais dos Vereadores ſaõ eleitos por amigos ſolicitados, e por votos adquiridos, e alguns a quem nunca ſouberaõ pay, nem máy, antes os víraõ vir em officios baixos, os quaes trazem o olho no intereſſe, naõ lhes dá nada do bem commum, porque naõ tratam mais que do ſeu particular.

Deſpach. Iſſo he novo para my: e de ſerem Vereadores tem intereſſe?

Sold. Ora eſſa he boa graça, que Voſſa Mercê me pergunta! E que couſa ha hoje de que os homens naõ pretendaõ têllo? E ſaiba Voſſa Mercê quanto me affirmáraõ que diziaõ alguns, que lhes importava o anno de Vereador quinhentas dobras. Ora vêde como o naõ haõ de ſolicitar! e aſſim o fazem, que em ſe lhes acabando o lugar logo ſahem na pauta; e aſſim ſei que houve tempo em que andou em Goa o Governo da Cidade em cinco, ou ſeis homens naõ mais, e nunca outros melhor naſcidos, e entendidos chegáraõ áquelle lu-

lugar, porque o naõ solicitáraõ: e o mesmo digo da eleiçaõ da Misericordia; porque tambem de maravilha se buscam os mais virtuosos, senaõ os mais amigos, e parentes. Eu ouvi dizer a hum Cidadaõ meu parente, homem bem honrado, e entendido, que havia muitos annos era Irmaõ, e que na folha que levava dos Eleitores sempre punha os melhores da terra, e que nunca lhe sahia nenhum daquelles por Eleitor; e a razaõ era porque fazia a folha com sua consciencia, e naõ punha nella sollicitados, senaõ escolhidos; porque para isso nunca teve parentes, nem amigos. Ora já que me cahe a proposito, naõ quero passar huma cousa desta santa Casa da Misericordia; e he, que houve tempo, em que os Fidalgos que foraõ Provedores, faziaõ daquillo governança, e tudo era emendar Compromissos, e acrescentar outros de novo com tamanhos despropositos, que he pasmar; e certo que se havia de lembrar a ElRey, que, como Protector daquella Casa, e de todas as do seu Reyno, mandasse inquirir sobre suas cousas, principalmente sobre as eleições; e que se rompessem todos os Compromissos que naõ fossem feitos na Misericórdia de Lisboa, como cabeça de todas as Casas, e que nenhum Irmaõ de Meza possa ser Eleitor, porque de o serem saõ os despropositos todos; porque nella ante-tempo se forjam as eleições: e como os homens sabem que forçados della haõ de sahir, todos tem sollicitado para o que querem; e disto nascem muito grandes inconvenientes, e desserviços de Deos. E perdoem-me Vossas Mercês, que me divirto da eleiçaõ da Cidade, em que hia tratando, e do grande damno que he entremetterem-se nellas os Viso-Reys, porque dahi succedem muitas cousas, em que naõ quero fallar de vergonha: porque já privilegios dos Reys naõ guardam; pois quem naõ guarda os de Deos, tudo fará. Sinaes grandissimos para tudo se acabar! ameaçado está por Deos, que todo o Reyno em si diviso se desolaria. Que mayor divisaõ que a do Viso-Rey, ou do Governador com Deos? Vejam-se os castigos que elle deo ao povo de Israel por esta divisaõ, achar-se-ha a Escriptura Divina chêa delles; e por outra parte das muitas mercês que fez aos Reys, e Governadores conformes, e governados por seus preceitos, como lhes acrescentou seus Reynos, e destruío

seus

ſeus inimigos. Veja-ſe Joſaphat Rey de Jeruſalem temente, e zeloſo da honra de Deos, que vindo para o deſtruirem os Moabitas, Amonitas, e Arabes, naõ tendo o bom Rey com que ſe defender, ſoccorreo-ſe a Deos com todo o ſeu povo; o qual, querendo-lhe pagar ſeu bom zelo, metteo tal odio, e diviſaõ entre ſeus inimigos, que vindo huns com outros á batalha junto do Lago Aſphaltidem, tendo a Cidade de Engadde de cerco, foi entre elles tanta a mortandade, que quando Joſaphat chegou aos deſertos de Thecua, vio os arrayaes ſem gente, e os roubou, e queimou, e recolheo graves, e ricos deſpojos; e por aquella mercê deo logo alli muitas graças ao poderoſo Deos, pelo que aquelle Valle ſe ficou chamando *das Graças*: porque o agradecimento de ſuas mercês naõ ha de ficar para depois, ſenaõ logo depois que tendes neceſſidade que vos ſoccorra. Outro grande ſinal tambem vejo na India, pelo qual receyo graviſſimos caſtigos; e he ver os Viſo Reys, e Miniſtros mais amigos das honras, e proveitos dos ſeus, que das obrigações, e encargos delles; e praza a Deos naõ abranja eſta maldiçaõ tambem a eſte Reyno! Iſto he couſa que Deos ſente muito, e caſtiga logo: e vêde o que diz S. Paulo: E vós quereis ſubir ás honras, e recolher os fructos, e refuſais o trabalho? pois naõ póde ſer; porque a primeira couſa em que o Viſo-Rey, e Miniſtros haõ de pôr o penſamento, quando ſaõ chamados para o cargo, he nas obrigações delle, que ſaõ tamanhas, e taõ pezadas; que muitos quizeraõ antes viver em pobreza, que chegar a tamanhas honras com tantos encargos. De Oſthanes Perſa temos nas ſuas eſcripturas, que por morte de Cambyſes, por outro nome Aſſuero, ou Nabucodonoſor, pondo-ſe em parecer ſete Perſas dos principaes, ſe ſeria melhor governarem-ſe por muitos; aſſentou-ſe: que entre todos ſe elegeſſe por ſorte o que havia de governar. O que viſto por Oſthanes, correndo pelo penſamento os encargos do tal cargo, ſe lhe cahiſſe nelle a ſorte, diſſe a todos, que elle queria ficar de fóra, e que entre os ſeis ſe lançaſſem aquellas ſortes: e aſſim cahio em Dario, e elle ficou livre dos encargos, que o cargo repreſentava. Em Tito Livio temos, que quando o Conſul Minucio eſtava no ſeu arrayal cercado dos Sa-

hi-

binos, e Equês, foi em Roma eleito Lucio Quincio Cincinnato por Dictador para ir chamado; e indo com suas hostes, cercou os inimigos em seus arrayaes, assim como elles o tinhaõ feito ao Consul Minucio; e por fim os venceo, e fez passar por baixo do jugo; e indo a Roma foi recebido com triunfo, e no cabo de quatorze dias renunciou a Dictadoria, podendo usar della seis mezes, e tornou-se á sua lavoura, receando os encargos de sua dignidade; porque isto succede aos Capitáes como estes, que andam buscando para os cargos, e naõ os que os sollicitam, grangêam, e ainda peitam; porque estes mais querem os fructos, que as honras, e elles lhes fazem passar mui levemente pelos encargos dellas. Quando os Romaõs mandáraõ aquelle inteiro Fabricio por Embaixador a ElRey Pirrho a resgatar os captivos, que estavaõ em seu poder daquella batalha que venceo na Cidade de Heraclea de Campania, sendo Consul Valerio Livino, commettendo-o Pirrho que ficasse com elle, que o faria Viso-Rey da terça parte do seu Reyno; que tudo lhe engeitou elle, porque via todos os encargos de tamanha obrigaçaõ; e antes queria morrer de fome (por ser muito pobre), que tomallos sobre si. Aquelles Capitáes Romanos, que recebiam triumpho insigne de Ovaçaõ, e os mais, primeiro cumpriam com seus encargos, que chegassem áquellas honras. Deixemos muitos, que as deixáraõ muito grandes, e muitos proveitos, por naõ se atreverem com tamanha obrigaçaõ. Vamos aos que ainda engeitáraõ sua propria vida. Em Tito Livio temos, que estando o Consul Marco Regulo captivo em Carthago, sendo prezo, e desbaratado pelos Asdrubaes com morte, e destruiçaõ de trinta mil Romãos, e cinco mil captivos (*a*), depois que os Consules Paulo Emilio, e Fulvio Nobilior houveraõ tamanhas victo-

rias

(*a*) Ha aqui mais de hum engano. Primeiramente naõ he T. Livio o Historiador, de quem sabemos este facto; pois que a parte da sua Historia, que comprehendia a primeira Guerra Punica, se perdeo. Ha tambem erro em se dizer que Regulo foi desbaratado, e prezo pelos Asdrubaes; quando se sabe que ao contrario elle foi o que os desbaratou; e depois por Xantippo Lacedemonio he que foi feito prizioneiro, mortos trinta mil Romanos, e cativos quinze mil: e naõ cinco mil, como aqui se diz.

rias dos Carthaginezes, que os obrigáraõ a pedir pazes ao Senado, para o qual negocio elegêraõ por Embaixador ao Consul Marco Regulo, que ainda estava captivo; primeiro lhe tomáraõ juramento, de que depois do negocio a que hia acabado, se tornasse a Carthago. E presentando-se no Senado, e dada sua Embaixada sobre que houve differentes pareceres, foi por fim chamado o mesmo Regulo a conselho, o qual com huma falla muito grave, e elegante amoestou a todos a proseguirem na guerra, e que se naõ fizessem pazes aos Carthaginezes; porque entendia delles que nunca seriaõ amigos verdadeiros dos Romanos; e que, segundo o estado em que estavam, os poderiam sujeitar, e destruir facilmente, e que lhes naõ fosse impedimento o seu captiveiro para deixarem de proseguir na guerra, pois era hum bem taõ commum. E para que passe daqui, naõ quero deixar de estranhar aos Viso-Reys o grande erro que todos commettem, e fazem tantas pazes ao Samorim; estando taõ entendido, que em quanto houver Mouros em seu Reyno naõ póde ser nosso amigo; porque está muito averiguado, e experimentado tantas vezes, que todas as vezes que querem quebrar as pazes, roubar os vassallos, e (*a*) affrontar o Estado, e enxovalhar os Viso-Reys, o fazem; porque quando o negocio vem a parar em grande rompimento, he passearem-lhe por sua Costa os nossos Navios, e queimarem-lhe quatro palhaças, e outras tantas almadias com grandes Carajas, e Certidões, que disso lhe passam; e por fim do negocio, vem fazer pazes, que naõ duram mais que em quanto os Mouros querem. Ora como he taõ mal entendido isto neste Reyno vendo damnos taõ claros, para naõ mandar El-Rey sobpena do caso mayor, que nunca já mais se faça paz ao Samorim, senaõ toda a guerra que o Estado puder? porque se os Viso-Reys quizerem, em quatro annos poraõ em estado aos Naires de se alevantarem contra os Mouros, e metterem-nos a todos á espada. E se me disseraõ que se faziaõ essas pazes dissimuladamente, assim por necessidade, como para poupar, entaõ estava isso muito bem: mas o Estado naõ tem nenhuma necessidade do Samorim; porque para a car-

(*a*) No manuscrito estava *apontar*.

carga das Náos em Cochim, Coulaõ, e nos rios de Canara, ha quanta pimenta se houver mister, deixando a que póde vir de Malaca, que he huma grande somma. Ora para poupar nada se faz, porque forçado, quer haja pazes, quer naõ, haõ de ir armadas a Malavar, em que se dispende muito: por onde pois isto está taõ averiguado, para que saõ pazes, nem fazerlhe mais guerra, que passear-lhe a Costa, tomar-lhe os portos, e impedir-lhe os mantimentos, evitarlhe os passos que saõ a roubar? Só com isto sem mais lhe darem em terra, nem arriscar gente, se consummirá todo o Malavar em quatro, ou cinco annos. Por certo que estou pasmado de como se isto naõ entende, e como lhe naõ fazemos de huma vez boa guerra, para elles tambem fazerem boa paz. Digam-me Vossas Mercês isto: porque naõ ha hum Viso-Rey taõ resoluto, que faça isto que digo? Custa a armada que vai ao Malavar sessenta mil pardáos; porque naõ tomará vinte mil, e os deposite em Cananor, e tenha alli intelligencias com os Naires, e ainda digo mais, que com o mesmo Samorim, e dar-lhe o dinheiro para lhe mandar em segredo queimar quantos Navios de Cossarios houver em todos os rios, o que se fará mui facilmente, e os Naires, e Samorim por dinheiro entregaráõ suas mulheres, e filhos; e assim, queimandose os Navios, naõ ha para que se fazerem armadas, senaõ alguns Navios ligeiros contra outros taes? E se me disserdes, que assim ficaráõ os soldados sem terem em que se exercitarem; a isso digo, que ahi está Cei-laõ, Malaca, e outras partes, em que se repartam, e com isto ficaráõ todos os Viso-Reys para commetterem as emprezas que quizerem com se naõ dispender a fazenda Real nestas armadas. Naõ tendes Surratte, naõ tendes Baroche, naõ tendes outras trezentas partes de mais proveito para o Rey, e para os soldados? Que quer dizer paz ao Malavar este anno, para outro paz, des que a India se descubrio, e nunca se guardarem? Naõ já assim os Romaõs, que entendendo Marco Regulo, como hia dizendo, o damno, e affronta que era daquella República, fazer-se pazes a Carthago, persuadio ao Senado a guerra com entender o risco que sua vida corria; porque antes a queria perder, que desacreditar sua patria; do que a nós os Portugue-

zes

zes dá bem pouco, e aos Viso-Reys menos, pelo que vaõ muito ricos para suas quintas, e nada lhes dá das affrontas, nem quebras do Estado; porque quando se a India perder, todos, e ainda os que mais a esfoláraõ, se haõ de jactar que naõ foi em seu tempo, e haõ de blasonar daquelle, em cuja maõ isto succeder (o que Deos naõ permitta!) só para com isso cuidarem, que acreditam tyrannias: e pela ventura, que se isto succeder, que temo que seja em tempo de hum Viso-Rey melhor, mais justiçoso, e menos cubiçoso que todos, sendo elles os que a perdêraõ, e que deraõ com ella de pernas acima. E tornando a Regulo, depois de persuadir ao Senado a naõ fazer pazes, lhe pedio licença para se tornar a seu captiveiro, do que todos ficáraõ espantados; porque querendo-o deter, naõ quiz, dizendo: que antes queria cumprir com os encargos de seu officio de Embaixador, e do juramento que fizera, que ficar em sua liberdade: e despedindo-se delles se foi a Carthago, onde logo foi morto com tormentos; porque souberaõ que elle lhes estorvára as pazes. E pois me cahe aqui a proposito, naõ deixarei de tocar o quam mal os Viso-Reys, e Governadores cumprem com os encargos dos juramentos que tomam, e homenagem que dam neste Reyno; e por certo que me tremem as carnes cada vez que cuido o juramento que dam todos nas mãos delRey, no qual juram, que naõ requerêraõ aquelle cargo por si, nem por outrem, nem o solicitáraõ; caváraõ, peitáraõ, e repeitáraõ, e ainda o mais que por honra de muitos callo. Juram mais de fazer justiça, e cumprir os Mandados delRey, de que elles estam taõ fóra, e zombam tanto, que cuidam que naõ tem quem lhe peça disso conta; e assim he que lha naõ pedem, pois chegando á India, na entrada de Goa, lhes dam hum juramento sobre hum Crucifixo, e Missal, em que promettem de guardar os privilegios da Cidade, e elles de proposito os quebram a cada passo, sem lhes ficar disso escrupulo por cousa muita pouca; porque cuidam os Viso-Reys que podem pouco senaõ puzerem os pés por cima das Ordenações, e Regimentos delRey, e ainda o tem por opiniaõ; e o mesmo Rey tem a culpa, porque nos Regimentos que lhes dá, diz no cabo: » Que por cima de tudo faraõ o que lhes parecer que

he

he serviço seu : o que elles entendem taõ mal ; ainda que por melhor dizer, do que elles querem usar taõ mal, que tomam o tal capitulo para capa de suas desordens, e appetites, pondo os pés por cima de tudo, e quebrando todos os Regimentos, Leys, Privilegios, e Provisões que quizerem. E tornando á materia dos encargos que hia tratando, lêmos tambem de Sthenio Governador dos Mamertinos, o que fez a todos os de seu povo, que seguissem a parte de Mario. E sendo vencidos de Pompeo, tendo determinado matar a todos, levantou-se o Sthenio, e disse : que naõ era justo, que por culpa de hum só homem padecessem tantos póvos ; que else fôra occasiaõ de todos serem da parte de Mario : pelo que, já que elle só tinha a culpa, nelle só se cumprisse á sentença. Maravilhado Pompeo de seu esforço, lhe perdoou, e o mesmo fez a todos os Mamertinos ; porque vio quanto á risca cumpria seu Capitaõ os encargos de seu officio. Tito Vespasiano XI. Imperador de Roma cumpria tanto os encargos do seu officio, que lembrando-lhe huma noite, que aquelle dia se lhe passára sem fazer algum bem, e que se affastava de seus encargos, começou a bradar rijamente, dizendo, que perdêra aquelle dia. Porque bem perdidos podem os Reys, e Governadores contar todos os em que naõ fizerem algum bem, ou em que cumprirem mal com as obrigações de seus cargos. Pericles todas as vezes que era eleito por Capitaõ dos exercitos, dizia comsigo : » Olha, Pericles, » que has de mandar, e governar homens livres ; Gre» gos, e Athenienses. » Chrysippo por se naõ arriscar a cumprir mal com os encargos do officio, engeitou o de Governador de sua patria, dizendo : que se o fizesse mal, descontentaria a Deos ; e se bem, aos homens. Ora vejam Vossas Mercês que perigo este, em que os Viso-Reys se mettem com tanta confiança, como se foram a algumas bodas : por isso cada hum lance as barbas em remolho ; que tarde, ou cedo ha de pagar os males que fizeraõ, e os juramentos que taõ facilmente quebráraõ : e por aqui cuido que tenho eu tambem cumprido com meus encargos : por isso dem-me licença, que he noite, e devo já de os ter bem enfadados.

Despach. Naõ cuido que aquelle homem do Danubio fal-

lou no Senado de Roma mais livre, e mais altamente, do que vós tendes feito em defensaõ do Estado da India: eu vos tenho ouvido cousas taõ estranhas, e maravilhosas, ou, para melhor dizer, taõ torpes, e fêas, que naõ sei como Deos naõ tem acudido a ellas com algum grande castigo.

Fid. Algumas cousas entre tanta verdade dissestes, a que eu, como homem que governei aquelle estado, pudera replicar, e mostrar que estaveis apaixonado.

Sold. A isso me deterei mais hum pouco, porque folgarei de Vossa Mercê me mostrar em que; porque eu pretendo defender minha verdade, e innocencia.

Fid. Parece que mostrastes muita paixaõ em dizer: ElRey naõ fazia bem nos Regimentos que nos dá, em dizer no cabo, que por cima de tudo façamos o que nos bem parecer em seus serviços; porque aos homens, que ElRey elegeo para tamanha dignidade, e fia delles tamanho Estado, naõ parece licito que lhes áte as mãos; porque os casos saõ mais que as leys; e podem succeder alguns, em que seja necessario quebrarem-se todos os Regimentos, e Ordenações. Pois mais vos digo, que ha annos que se trata neste Conselho de deixar tudo no do Viso-Rey, sem embargo de aos Capitães lhes parecer outra cousa; porque os Viso-Reys tem mais obrigaçaõ que todos de saber as cousas melhor, e ter de todos os negocios melhores informações.

Sold. O' Vossa Mercê quer-me tirar a terreiro de novo? digo logo que sobre isso darei trezentos gritos: e he possivel que se tratasse nunca de se deixar tudo no parecer do Viso-Rey, tendo Prelados, e Capitães de conselho mui graves, e vistos em todas as materias? E se isso assim fôra; qual havia de ser o Capitaõ, que quizesse achar-se em conselho, em que por cima de seus votos fizesse o Viso-Rey o que lhe parecesse? Certo que desse descredito se poderiaõ os Capitães queixar muito a ElRey; nem me posso persuadir, que lhe entrasse nunca na imaginaçaõ hum negocio, que será de mayor prejuizo, que todos os do mundo; porque se com os Viso-Reys estarem amarrados ao Conselho Geral da India, muitas vezes por cima delles fazem o que querem, pelo que succedem tantas desordens (que fôra hum infinito querellas recitar); que seria

dei-

deixando tudo em só seu parecer? por certo que, segundo os mais tratam de seus particulares, que por qualquer muito pequeno dariaõ com a India de pernas acima; e quando lhes pedissem conta, tem desculpa muito de acceitar, que he dizerem, que assim o entendêraõ: e quero que por seus gostos façam huma desordem que custe toda huma Armada, e que se remediasse depois em lhe cortarem a cabeça; que consolaçaõ será isso para a viuva pobre, e para a orphá desamparada, que nella lhe matáraõ seu pay, e marido? Ora em fim, senhores, requeiro a Vossas Mercês, que assim o apresentem em Conselho, que naõ digo que o tomem os Viso-Reys só dos Capitães velhos, e experimentados, mas ainda dos Cidadãos que cursáraõ os negocios; e, se for necessario, dos soldados velhos; porque bem certo he, melhor vem quatro olhos que dous, e cento que vinte; e mais em hum governo taõ derramado como o da India de Maluco até Sofala, que nem o Viso-Rey, nem os Capitães tratáraõ todas as terras para darem razaõ das cousas dellas: por onde he muito necessario que se busquem homens praticos, e vistos nellas, para darem informações, e naõ haja dizer, porque naõ saõ Fidalgos, naõ haõ de entrar em Conselho; porque Cavalleiros ha na India, que tiveraõ taõ honrados Avós, como esses Fidalgos, e se naõ foram ou por falta de adherencia, ou por outras razões, por que ficaráõ perdendo sua valia, se lhes Deos deo taõ bom, e melhor entendimento, que a muitos desses Fidalgos, e viraõ mais que elles? mas he esta nossa naçaõ taõ coitada, ou tanto para pouco, que trabalhamos por nos anniquilarmos huns aos outros; sendo taõ differente nas mais, que sempre folgáraõ de engrandecer seus naturaes, que achamos por essas escripturas assim Gregas, como Romanas, alevantados grandes Capitães de homens bem baixos, porque em todas se estimáraõ sempre muito as virtudes, e o valor: só nesta nossa naõ; e deve nascer o haver isto em poucos, conforme aquelle verso do nosso grande Poeta Luiz de Camões nas suas Lusiadas, que diz: *Que quem naõ sabe a Arte naõ a estima*; quem usa das virtudes, sabe-as estimar; e porque entre nós faltam, falecem os favorecedores dellas. E porque me tenho detido muito, e a noite

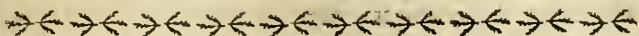
vai-ſe chegando, Voſſas Mercês me dem licença para me recolher; e ſe mais querem de mim, preſtes eſtou para os ſatisfazer outro dia.

Deſpach. Muitas couſas quero eu de vós, que me ſaõ neceſſarias ſaber para meu cargo: pelo que vos peço, que á tarde d'amanhá vos venhais para my, porque tenho muitas informações que tomar de vós; e entaõ me dareis voſſos papéis, que eu trabalharei por vos deſpachar, conforme a voſſos merecimentos.

Sold. Sim farei, e direi o que ſouber; porque folgarei de aproveitar alguma couſa.

Fid. Eu tambem me acharei aqui, porque fólgo muito de vos ouvir, ainda que trataſtes muitas couſas, em que confeſſo me envergonhaſtes.

Sold. Sangue, e obrigaçaõ tem Voſſa Mercê para favorecer as verdades, ainda que ſejam contra elle. Sei dizer a Voſſa Mercê, que os Viſo-Reys da India ſaõ como os que andam embebidos em algum vicio, ou de taful, ou de amancebado; que naõ conhecem o erro, ſenaõ depois que ſahem fóra delle: e fiquem-ſe Voſſas Mercês embora, que á manhá nos veremos.

DIA-

DIALOGO
DO
SOLDADO PRATICO,
QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.
SEGUNDA PARTE.

ARGUMENTO.

Ao outro dia se foi o Soldado para casa do Despachador, onde se achou o Fidalgo; e entre elles se passou o Dialogo seguinte.

SCENA I.

Fid. OH venhais embora; agora fallavamos nós em vossa pelle.

Sold. Naõ seja isso do rifaõ antigo, que diz: *fallai vós no ruim, e logo apparecerá.*

Fid. Naõ se póde isso dizer por vós; porque quem faz tudo taõ bem feito, nem em saber chegar a tempo, e a horas sabe faltar. Assentai-vos, e tornaremos á nossa conversaçaõ, que naõ he pouco proveitosa.

Despach. Ao menos para my sei dizer, que he muito necessaria; porque me tendes informado de cousas que nunca ouvi de outrem com tanta verdade, e isençaõ, como vós tendes dito todas: e já que estamos sós, e fechados, por amor de my, que me digais o vosso parecer sobre huma cousa, em que toda esta noite dei muitas voltas em cama; e he, que remedio póde S. Alteza mandar pôr a este negocio das demandas so-

ſobre os cargos; porque vejo vir de lá homens com ſentenças dadas contra elles, e muitas por couſas muito para rir; e tenho iſto por couſa muito contra o ſerviço delRey, e de Deos, porque a jornada he muito comprida, e arriſcada para virem cá buſcar o ſupprimento dos cargos.

Sold. Por certo, ſenhor, que Voſſa Mercê me lembrou huma couſa, que me eſquecia, e que eu trazia muito eſtudada, para ſer a primeira ſobre que gritaſſe neſte Reyno. E ſe iſſo ſe entende, e Voſſas Mercês o tem notado, e viſto; como naõ ſignificam a S. Alteza eſſas couſas para prover nellas, e acudir a ſeus vaſſallos? Porque que goſto podem ter todos de o ſervir, ſe depois de eu o fazer vinte annos, e depois de me deſpacharem, cabendo-me o cargo dahi a outros vinte, quando cuido que poſſo lograr o fructo de meus trabalhos, armarem-me hum caramilho de huma falencia na minha patente, em que o Eſcrivaõ que a fez tem a culpa, e darem ſentença contra my, que naõ tenho patente, por onde me he forçado tornar a a eſte Reyno, naõ ſó a buſcar o ſupprimento da falencia, mas ainda pedir a mercê de novo, porque pela ſentença fiquei excluido? Como, ſenhor, taõ pouco he vir da India a eſte Reyno, e taõ pouco cuſta? pois ſabei que muitos homens ſe deixam antes morrer pelos hoſpitaes, e ſuas mulheres, e filhos á eſmola da Miſericordia, que virem buſcar eſſes ſupprimentos, aſſim por a viagem ſer muito grande, e arriſcada, como por ſer de tantas deſpezas, que por darem de comer a hum homem com hum moço em hum canto de hum camarote, em que durma bem encolhido, lhe levam oitocentos pardáos; pois diſto tudo naõ ham os Miniſtros de dar larga conta a Deos, em naõ terem, em cem annos ha que a India he deſcuberta, remediado iſto? porque as Ordenações deſte Reyno, pelas quaes todos os ſeus Eſtados ſe governam, foraõ feitas muito antes que ella ſe deſcubriſſe, e os caſos de cá ſaõ muitas vezes mais que as leys, e fica meu remedio no arbitrio do Juiz o entender bem, ou mal; ou em o meu contrario ter mais valias, e poder dar o que eu naõ poſſo fazer, porque ſou pobre.

Deſpach. Tudo iſſo ſe tem cá ſentido, e entendido, e ha dias que ſe trata de prover neſſas couſas; e ha alguns

guns de parecer, que o negocio dos cargos se tire das máos dos Desembargadores, e que o Viso-Rey com o Arcebispo os determinem; porque assim se evitaráõ as desordens que nellas vam.

Sold. A' que delRey, á que delRey, quem me acudirá, que me vejo perdido! naõ sabe Vossa Mercê aquelle adagio Italiano, que diz: *Cahi da certã, e dei nas brazas*? por certo que assim será este negocio: ora em fim venho a entender, que nunca neste Reyno se acertará com a junta ao governo da India; e sem embargo de termos já praticado hontem nesta materia, eu hei de tornar a ella, porque he de muita importancia; e entaõ direi os remedios que isso poderá ter, para naõ dar tamanha oppressaõ aos vassallos; ora quanto *cuidáraõ* (*a*) que atalháraõ em arrancar os cargos das máos dos Desembargadores, e os metterem nas dos Viso-Reys? *os quaes se* (*b*) muitas vezes naõ deixam fazer justiça aos Desembargadores em negocio das entradas das Fortalezas, e cargos, quando contendem dous Fidalgos, que hum delles he seu parente, e os inquietam, sollicitam, e ainda peitam; que faraõ quando o jogo lhes ficar todo na mão? por certo que ficará o negocio bem encaminhado, e que posso affirmar, que o mayor alvitre que hoje haverá na India, será esse para elles.

Despach. Isso será se lhes ficar tudo em poder; mas quando o Arcebispo for ás Juntas, naõ poderaõ fazer nada.

Sold. Muitas vezes me quer Vossa Mercê tirar a terreiro sobre as desordens dos Viso-Reys; mas que estivera presente o Papa! ora quero-vos dar tudo cozido; pois naõ acabais de cahir nestas cousas. Vem hum feito de huma Fortaleza, sobre que contendem dous Capitáes, já preparado de casa do Juiz dos Feitos, e em estado de sentença; póem-se o Viso-Rey com o Arcebispo a correr seus termos, e ver suas razões; ei-los votam; o Arcebispo está em huma opiniaõ, e o Viso-Rey em outra: que remedio? he necessario vir hum Letrado, ou dous para serem bastaõ; fica o negocio pa-

(*a*) No manuscrito estava a palavra *acudiraõ*.
(*b*) Estas palavras naõ estavaõ no manuscrito: acrescentáraõ-se por parecerem necessarias para completar o sentido.

para á manhá. Manda o Viso-Rey chamar o Letrado, ou Letrados, que ham de ser adjunctos; e só com elles na sua camara vem o feito, e o praticam, e tantas razões lhes dá o Viso-Rey, ou tantas promessas lhes faz para os affeiçoar ao que quer, que os rende. E a outro dia, juntos com o Arcebispo, discutida a materia entre todos, tornam a votar: saõ tres contra; o Arcebispo que ha de fazer, senaõ cruzar-se, e assignar a sentença, que elle sabe que vai por ahi além? Ora se ElRey tirasse os cargos das mãos dos Juizes por cuidar que faziaõ injustiças, e que recebiaõ peitas, e os mettesse nas mãos dos Viso-Reys, cuidando que ficava o negocio mais puro, por certo que se engana, porque lhes dará com isso hum ninho de guincho (como lá dizem); e o que se houvera de dar a dez, levaráõ elles só: porque os homens ham de negociar, quer tenham justiça, quer naõ, e ham de abrir a bolça; porque isto he o que corre hoje em toda a parte: e desengano-vos, que me naõ fio de nenhum Viso-Rey que chega áquelle Estado; porque ainda que vá deste Reyno puro, lá o damnam, e transtornam; e este negocio de ver perolas, e as peças ricas do Oriente he mui perigoso.

Despach. Naõ sei que vos diga a isso; pois que remedio póde ElRey dar a essas cousas; porque elle deseja fazer justiça a seus vassallos, e lhe naõ dá trabalho?

Sold. Alguns ha; e os que por ora se me offerecem, saõ estes. Que mande ElRey, que nenhuma Patente se passe neste Reyno depois das Consultas sahidas, em que se despacham todos os homens; que se mande á India por vias em todas as Náos, por que lá se lhes passem as Patentes; e entaõ naõ haverá falencias, nem será necessario supprimentos dellas: e cada homem leve na mão Certidaõ do Secretario do com que vai despachado na Consulta, para por ella requerer sua Patente: e faz nisso ElRey dous grandes bens; o primeiro, evita os damnos, e trabalhos de demandas; e o outro, acrescenta o rendimento da Chancelleria da India, que he necessario que se ajude com tudo: mas se esse for o inconveniente, e cá neste Reyno naõ quizerem perder isso, ao tempo que cá lhes derem Certidaõ do com que saõ despachados nas Consultas, hiraõ

raõ paſſadas pela Chancelleria, e pagaráõ nella o ſeu marco de prata, de que lhe paſſaráõ certidaõ, e entaõ na India ſe lhes fará declaraçaõ nas ſuas Patentes; ainda que melhor de tudo era ficar eſſa Chancellaria para a India, que tambem he Eſtado delRey, e tudo fica ſeu. Segundo remedio: he fazer S. Alteza neſte Reyno hum Juiz das Patentes da India, ao qual levem todos os homens as ſuas para as rever; e viſtas por elle, achando-lhes falencia, lhes mandará requerer ſupprimento, e depois da Patente pura, e ſem dúvida, ponha ao pé della a viſta, para que na India lhe naõ poſſam arguir dos defeitos della.

Deſpach. Eſtá iſſo por eſſa via muito bem; mas ſe ſobre eſſa Patente viſta eu quizera arguir hum homem que he da naçaõ; como ſerá iſſo?

Sold. Iſſo acontece poucas vezes; mas para iſſo ſaiba El-Rey a quem dá ſeus cargos, e os deſpachos de ſuas abonaçóes diante do Juiz das Patentes; porque iſſo na India he muito perigoſo, porque toda a peſſoa que quizer arguir deſſe defeito, lhe naõ faltaráõ teſtemunhas compradas a pardáo: e bem ſe lembra Voſſa Mercê daquelle dito do grande Affonſo de Albuquerque, que queixando-ſe já diſſo, dizia a alguns: » Sabeis quam » má gente he a da India, que me puzeraõ que eu » era puto, e mo provárаõ: » ſendo elle hum Fidalgo taõ honrado, taõ Chriſtaõ, e taõ honeſto, que affirmáraõ que nunca creados ſeus lhe viraõ o pé deſcalço: e por evitar iſto, havia S. Alteza mandar, que todo o homem que deſpachaſſe neſte Reyno, fizeſſe ſua abonaçaõ diante do Juiz das Patentes, para aſſi ir de tudo puro á India: e quando lhe coubeſſe ſeu cargo, naõ fazer mais que entrar nelle, e lograr o fructo de ſeus trabalhos com deſcanço. O terceiro remedio, e que me parece melhor aſſi para os homens, como para a conſciencia delRey, he ter na India Meza da Conſciencia de homens muito apurados, de que ſeja Preſidente o Arcebiſpo, ſó para eſte negocio de cargos, e nella ſe determinarem; e ſe tiver falencia alguma Patente, poſſam ſupprir nella; porque a tençaõ dos Reys he lograrem ſeus vaſſallos o fructo de ſeus ſerviços, e entrarem nas Fortalezas, e cargos, que por elles lhes dam, ſem tanta vexaçáõ, infamia, e deſpezas, como já tenho dito, e com iſto

ſe

ſe ſegurará o Rey na conſciencia, e ſe evitaráõ infinitas deſordens.

Deſpach. Naõ apontaſtes mal; e prometto-vos, que nos primeiros Conſelhos que houver das couſas da India, farei lembrança deſſas com muita inſtancia, porque naõ ham de deixar de ſer acceitas.

Fid. He iſſo bem feito; mas naõ ſe ha de fazer; e a razaõ he: porque nós os do Conſelho nunca queremos que ſe faça couſa, que pareça prejudicial ao cargo dos Viſo-Reys, porque ſaõ noſſos parentes, e amigos; mal peccado! ſempre temos niſſo mais o intento, que no ſerviço do Rey, e bem commum.

Sold. Peza-me muito de ouvir dizer iſſo a Voſſa Mercê; porque parece que ſois todos favorecedores das injuſtiças, e deſordens: e qual he o Viſo-Rey Chriſtaõ, que naõ folgue muito de o alliviarem na conſciencia, e o tirarem de tamanhos encargos, como ſaõ os de julgar vidas, e fazendas alhêas, e ficar alliviado para entender nas couſas de guerra, que he ſeu proprio officio, como Capitaõ Geral? que para as mais couſas de Juſtiça, e Fazenda tem o Rey Miniſtros ſobre que deſcarrega tudo; mas o quererem-ſe metter em tudo he o que tem a India no eſtado em que eu a deixei: e e pois Voſſas Mercês me tem dado licença, eu hei de tratar de vagar donde iſto naſce, e que couſas foraõ a unica occaſiaõ de a India desfalecer tanto.

Fid. Muito folgaremos de vos ouvir; e entendei que vos naõ ha de montar iſſo pouco.

SCENA II.

Sold. DEm-me Voſſas Mercês, por amor de Deos, huma grande attençaõ; porque as materias que hei de tratar ſaõ de muita importancia. Aquelle famoſo Philoſopho Seneca com outros muitos e Capitães, affirmáraõ, que com as meſmas Artes com que os Eſtados ſe conquiſtáraõ, com eſſas ſe haviaõ de conſervar. O Eſtado da India ſe ganhou com muita verdade, fidelidade, liberalidade, valor, e esforço: ora vêde ſe o eſtado em que eſtá naõ he pelo contrario deſtas couſas. Aqui me cahe a propoſito hum dito muito aviſa-

ſado de hum Rey de Cochim, o qual vendo ir aquelle Eſtado peyorando, diſſe: logo elle começára a deſcahir, tanto que de Portugal deixárao de vir eſtas tres couſas, verdade, eſpadas largas, e Portuguezes de ouro. Ora quero moſtrar a Voſſas Mercês, como da falta deſtas couſas naſcêrao todos os males da India. Vamos á primeira, que he verdade: as verdades com que eſte Eſtado ſe ganhou, forao Viſo-Reys embarcados, armas veſtidas, fazendo guerra aos inimigos, acreſcentando o patrimonio Real, e enriquecendo o Eſtado, e os vaſſallos: e ſe nao vêde como eſteve a India no tempo dos que ſeguírao eſtas verdades, que forao D. Franciſco de Almeida, Affonſo de Albuquerque, e todos os mais Viſo-Reys, e Governadores até Jorge Cabral, e ainda quero dizer até D. Conſtantino; mas depois que ſe deixou de uſar deſta verdade, e que ella ſe perdeo, aconteceo aos Viſo-Reys, e Governadores aquillo que a Anibal, que em quanto andou com as armas veſtidas pelos exercitos, dormindo nos campos em hum couro de boy, que era a ſua cama mimoſa, conquiſtou toda a Heſpanha, e Italia, e ainda fôra ſenhor de Roma, e do mundo todo, ſe ſeguíra ſempre eſta verdade; mas depois que a perdeo, e ſe recolheo ás delicias de Capua, e depoz as armas, logo tornou a perder quanto em tantos annos tinha ganhado: aſſim os Viſo-Reys, e Governadores da India, em quanto ſeguírao eſta verdade, foi ella próſpera, e temida; mas depois que ella ſe perdeo, e que deſpírao as armas, e ſe deixárao de embarcar, e ſe recolhêrao ás delicias da Cidade de Goa, e ſe fizerao Veadores da Fazenda, e Preſidentes da Relaçao, logo a India foi de pernas acima, e nós todos nos acobardamos, e nos perdêrao tanto os inimigos o reſpeito; que aquillo que nós primeiro faziamos, que era ſuſtentarmo-nos de prezas ſuas, o fazem elles agora, que ſe ſuſtentam de noſſas prezas. Nao quero aqui paſſar pelo dito de hum Capitao Turco, daquelles que forao contra noſſa Fortaleza de Dio, ſendo Capitao Antonio da Silveira, no qual me quero tambem envergonhar a my, e aos ſoldados da India, porque nao fiquem ſem ſua raçao. Eſte Turco, depois de paſſado aquelle eſpantoſo cerco, eſtando fallando nelle com ElRey Sultao Mamude Rey de Cambaya, contando-
lhe

lhe as maravilhosas, e altas Cavallarias que víra nella fazer aos Portuguezes, depois de em seus louvores gastar muito tempo, arrematou com dizer: » E affir-» mo-te, poderoso Rey, que pelo que vi fazer a estes » homens, que elles só saõ merecedores de trazerem » barbas no rosto. » Ora vejam Vossas Mercês a que estado temos chegado, que aquillo que aquelle Turco notou em nós mais para louvar, e temer, isso he o menos que hoje estimamos: em quanto os Capitáes, e soldados tinhaõ barbas largas, tinhaõ vergonha, que naõ sei se hoje se achará; por certo que desejo ver resuscitado aquelle bom Rey D. Manoel, e com elle hum daquelles soldados veteranos com que a India se conquistou, com huma barba pelos peitos, hum pellote pelo joelho, huns musgos cortados, huma crangia ao peito posta em hum murraõ, huma chuça ferrugenta nas mãos, ou huma bésta ás costas, e apar delle hum dos soldados deste tempo com huma capa bandada de velludo, coura, e calções do mesmo, meyas de retróz, chapeo com fittas de ouro, espada, e adaga dourada, barba rapada, ou muito tosada, topete muito alto: parece-me que tornaria aquelle bom Rey logo a morrer de nojo; e que poderia pedir conta aos Reys seus successores de se descuidarem tanto nas cousas da India; e de naõ mandarem prover, que se torne tudo áquella primeira idade, se querem que a India torne a seu ser.

Dizei-me, senhores, ha hoje no mundo terra mais fronteira, e em que sejam necessarias andarem as armas mais na maõ, que a India? por certo naõ: pois que descuido he naõ se attentar este negocio, e naõ haver hum Viso-Rey que se ponha á soldadesca para todos o seguirem, e querer parecer Capitaõ, para todos quererem parecer soldados? que esta he a segunda cousa, que aquelle Rey de Cochim dizia, que já naõ vinha do Reyno, naquella comparaçaõ das espadas largas, querendo-nos dar a entender quanto nos hia já falecendo aquelle antigo brio, e valor Portuguez, quasi alludindo áquelle dito do nosso bom Rey D. Joaõ II. quando dizia, que o bom Portuguez havia de ferir com os terços; e assim depois que neste Estado entráraõ verdugos compridos, balonas, e trajos estrangeiros, logo tudo se perdeo; porque a guerra naõ se

faz

faz com invenções, senaõ com fortes corações; e nenhuma cousa deitou mais a perder grandes Imperios; que mudança de trajos, e de Leys. E se naõ vejam aquelle grande da China, e a famosa República Veneziana se se tem sustentado tantos milhares de annos em tamanha potencia, se he por outra cousa, senaõ por naõ consentirem nenhuma mudança destas. A terceira cousa que dizia aquelle Rey de Cochim: que já naõ vinhaõ do Reyno Portuguezes de ouro; era moeda, com que entaõ se fazia a carga de pimenta, e taõ estimada de todos os Reys da India, que della faziaõ seus thesouros; e assim depois que naquelle Estado entráraõ moedas estrangeiras, logo elle começou de definhar; porém eu cuido que aquelle Rey o naõ dizia pelos Portuguezes de ouro, senaõ porque os soldados daquelle tempo, Capitães, e Viso-Reys eraõ todos ouro na verdade, ouro na liberalidade, ouro na fidelidade, ouro no valor, ouro no primor, ouro no esforço: em fim que daquella idade toda de ouro viemos a descahir nesta toda de ferro, em que tudo isto falta; por onde receyo que este negocio se vá concluindo; porque vejo a Justiça Divina taõ irada contra aquelle Estado, em que ha annos que vai usando do rigor do seu juizo, que foi sempre castigar geraes, e publicos peccados com geraes, e publicos peccadores; se naõ vêde se vos naõ castiga por mãos dos inimigos, que sempre dominámos, e subjugámos; porque até os mais coitados tem alevantado mãos contra aquelle pobre Estado: por onde eu temo que se torne o seu a seu dono, se Deos nisso naõ prover, e naõ puzer os olhos de sua Misericordia em muitos virtuosos que nelle ha.

Despach. Tudo o que dissestes saõ puras verdades, e bem entendemos que tudo se acabára, se nosso Senhor naõ tivera postos os olhos de sua Misericordia em taõ sumptuosos Templos, e em tantos Religiosos virtuosos, e em tantos innocentes, e sobre tudo na piedade, zelo, e Christandade dos nossos Reys, que em todas as Religiões mandam encommendar seus Estados a Deos, e nem por muitas que sejam as cubiças, e peccados ha de permittir que seus Templos, em que tantas vezes de dia, e de noite seu santo Nome louvam, se convertam em nefandissimas mesquitas do torpe-

pe Mafamede, onde seja outras tantas na hora vituperado; Deos he misericordioso, elle porá os olhos nisso com aquella brandura, e mansidaõ com que os pôz no Ladraõ.

Sold. Eu assim o confio na sua Divina bondade; mas tambem me lembra, que grande número de innocentes, Religiosos santos, Templos sumptuosissimos havia naquella infelice Constantinopla, e por todo o Imperio da Grecia; mas permittio Deos o que vimos, e elle sabe porque juizos: naõ ha na terra mayor Santuario, nem cousa de mayor veneraçaõ, que o Santo Sepulchro, e consente elle estar em poder dos torpes Mahometatanos; por onde naõ podemos deixar de recear, que faça outro tanto ás Cidades, em que he taõ offendido, e em que tanta tyrannia se faz, taõ pouca justiça se guarda, tanto adulterio se commette, e em que tanta orfá se deshonra, e em que tanta onzena se consente, e em que tudo o que Vossa Mercê quizer, se verá a cada passo; porque nunca Deos deixou de castigar peccados; pois he verdade taõ sabida, que em todos se segue a pena; e assim como pelo peccado de Adaõ em pena se seguio a culpa para os descendentes; pelo que no fim daquella primeira idade castigou Deos nosso Senhor o mundo por seus peccados com a agua do diluvio universal; no fim da segunda foi menor o castigo, porque se diminuiraõ forças naturaes; pelo que se contentou com o castigo de cinco Cidades: na terceira idade, além das pragas do Egypto pela idolatria de Beelphegor, além dos vinte mil homens, que matou a Tribu de Levi por mandado de Moysés, castigou Deos o povo com outro castigo mayor: na quarta idade castigou Deos os Israelitas no cativeiro de Jerusalem, que Jeremias nove annos antes tinha prophetizado: na quinta idade foi o castigo de menor rigor, porque o mais delle foi o temor, e afflicçaõ, em que Aman poz o povo dos Judeos, ainda que naõ pela culpa que Aman lhe punha, mas só pela idolatria quasi ordinaria, de que os Profetas daquella idade sempre os arguiraõ; e ainda que o peccado de idolatria he taõ grande, que absolutamente se chama peccado; porque aquella idade hia já descahindo muito nas forças naturaes, contentou-se a Divina Justiça de lhe dar castigo de temor: nesta idade em que estámos,

por-

porque ſe chama tempo de Miſericordia, eſpera Deos ao peccador que ſe converta; mas neſta ſe caſtigáraõ os tyrannos que martyrizaraõ os Santos; neſta ſe caſtigáraõ os Herejes, Sciſmaticos, ainda que eſte caſtigo naõ foi de tanto rigor, como na terceira idade ſe fez em Datan, e Abiron; e neſta idade caſtigou Deos peccados particulares, como vimos em tanto Reyno Chriſtaõ Grecia, Hungria, e outros, que taõ opprimidos eſtaõ com o jugo do Turco nas Alemanhas altas, e baixas: por peccados vimos caſtigar a Villa de Sehilſtaun no Friburgo de Briſgoia quaſi tres leguas de Baſiléa, a qual em eſpaço de huma hora ſe queimou toda a 10 de Abril Quarta feira de Trévas: França, Flandes, e Inglaterra naõ deixou Deos ſem caſtigo nas muitas, e contínuas guerras, em que continuamente andam, e em mortaliſſimas peſtes, que muitas vezes cahíraõ ſobre ellas; e o mayor caſtigo foi largar Deos noſſo Senhor a maõ delles. Naõ ficou ſem eſtes caſtigos a opulenta Heſpanha; porque por peccados veyo a ſer entregue a Mouros; nem eſcapou o noſſo Portugal, porque, ſegundo ſe entende, por injuſtiças lhe mandou Deos terremotos, peſtes, fomes, e deſaventuras: pois os peccados da India naõ quereis que os caſtigue Deos? Sabei, ſenhores, que o ha de fazer, e que cuido que começa já no deſcuido que neſte Reyno ha daquelle Eſtado, e nas pequenas Armadas, e provimentos que lhe mandam; porque quando tanto mal naõ tinha entrado naquella terra, e os Reys de Portugal a traziaõ nos olhos, parecia que nas ſuas ribeiras lhe naſciam Náos, no ſeu theſouro dinheiro, e pelas prayas Marinheiros, Meſtres, Pilotos, Bombardeiros, Calafates, de que tudo hoje falece; e aſſim permittia Deos que ſe moveſſem os peitos daquelles Reys a mandarem tantas Armadas, e tantos provimentos, e gente, como ſe ſabe; porque houve annos que partíraõ deſte Reyno vinte Náos com quatro, e cinco mil homens, e todas chegavaõ a ſalvamento, porque trazia Deos noſſo Senhor poſtos os olhos na piedade daquelles Reys, e no zelo dos ſeus Viſo-Reys, e Governadores; e aſſim andava tudo taõ próſpero, que me lembra encontrar pelas ruas de Goa mais Capitáes velhos, e Fidalgos para ſerem Viſo-Reys do mundo, de que hoje encontraráõ ſoldados de nome

me; e quando neste Reyno se queriaõ fazer vias para successsões de governança, havia tantos que naõ se sabiaõ determinar os Reys na escolha; e hoje se quizerem fazer quatro vias, e Vossa Mercê me der juramento para isso, eu naõ as saberei fazer; e o que peyor he, que esses que saõ, já naõ querem embarcar-se senaõ por Capitães Móres; e como naõ ha tantas Armadas, ficam muitos sem servir, e requerem que estiveraõ em Goa com grandes casas, e fazendo muitas despezas dos Morgados, que nestes Reynos para isso vendêraõ. Em fim venho, senhores, a concluir, que hum dos mayores castigos que Deos dá aos póvos, he tirar-lhes os bons, e experimentados, como fez áquella soberba Athenas Mãi das Sciencias: e nunca Roma foi taõ próspera, como no tempo que a governavaõ velhos, sabios, e desinteressados; e tanto que estes faltáraõ, entrou a cubiça, e logo se perdeo.

Despach. Tudo isso que dissestes he muita verdade; mas he tanta a bondade, religiaõ, e caridade dos Reys de Portugal para seus póvos, e vassallos, que só por isso lhes ha de conservar Deos nosso Senhor o que tanto lhes custou. E quem o offender, lá está o Juizo, e o castigo guardado, de que alguns fazem bem pouca conta. Ora Deos he bom, elle remediará isso como nos a nós convem; porque mais cuidado tem de nós, que nós mesmos: e já que isto está taõ bem praticado, e vós tendes dado mostras de verdadeiro Portuguez em vos doerdes dessas cousas, e as descubrirdes; eu quero doerme das vossas, e despachar-vos, como vossos serviços merecem, e eu desejo, pelo que vos estou affeiçoado: dai-me vossos papéis, se os trazeis; e a primeira vez que achar S. Alteza desoccupado, eu lhos presentarei, e com isso as mais razões que tem de vos fazer mercê pelo zelo que mostrastes a seu serviço: eu fico que sejais mui bem respondido.

Sold. Bejo as mãos a Vossa Mercê por essa vontade: naõ quero que ponha Vossa Mercê os olhos em mais, que na minha pobreza, idáde, e serviços, e conforme elles me fazer mercês. Os papéis saõ estes; as feridas que me deraõ no serviço delRey saõ estas espingardadas neste braço, e outra pelas pernas, de que

de ambas fiquei aleijado; além das frexadas, e outras muitas feridas; o corpo cinco vezes queimado; e ainda que isto vai nestes papéis mui justificado, mais claro, e verdadeiro está neste corpo.

Fid. Eu sou boa testemunha das mais dessas cousas, e naõ taõ pouco vosso amigo, que algumas vezes que vos vi desembarcar em terras de inimigos naõ desejasse de vos fazer muitas mercês; mas atalhou-me o tempo com me tirar das mãos o governo: porém agora estais em parte, e em poder de quem ha de olhar mui bem por vossa justiça, e naõ haveis de perder nada de vossa honra, e trabalhos.

Sold. Assim o creio eu por certo, que essa confiança me trouxe a esta casa sem para isso buscar padrinhos; e quiz minha ventura achar logo hum taõ bom, como Vossa Mercê, por cujo meyo eu sei que naõ serei mal despachado.

Despach. Descançai nesse negocio; mas dizei-me, que he o que pedis em vossa petiçaõ?

SCENA III.

Sold. JÀ' agora naõ ha na India que pedir; tudo he dado por trezentos annos, e eu naõ tenho para esperar tanto: dem-me o que quizerem, tornarei para a India com huma Patente ao pescoço; se morrer, morrerei no hábito; e havereis que me naõ ficou nada por fazer. E já que me cahe a proposito, naõ posso deixar de estranhar as grandes devacidões, que houve nos despachos da India; porque sabemos delRey D. Joaõ o III., de gloriosa memoria, que trazia na sua algibeira hum canhenho de todos os cargos, e Commendas, e em vagando qualquer, a dava ao que lhe parecia que tinha mais merecimentos; e assim nunca despachava hum cargo destes senaõ para logo entrarem: e com isto folgavam os homens de servirem, e punhaõ por isso a vida, e andava isto taõ a ponto, que havia Fidalgo, que quando se fazia prestes para se vir despachar a este Reyno, lhe chegava huma Carta missiva delRey, por que lhe fazia Mercê da Fortaleza de Ormuz, ou Sofala, na qual logo hia

entrar; que eſtas ſaõ as mercês de eſtimar: mas hoje que tudo eſtá taõ entupido, confeſſo a Voſſas Mercês que naõ tem os homens goſto de ſervirem; e ſe o fazem, he porque naõ tem outro remedio; e iſto ſuccedia porque ſe naõ davaõ os cargos ſenaõ a quem os merecia, e trabalhava; e hoje dam-ſe a quem tem mais valias, e naõ ſei ſe por outros meyos; porque vemos ainda muitos homens, que nunca ſerviraõ o Rey, nem puzeraõ pé no barco, melhor deſpachados que outros, como eu, que envelheci por elles, e outros alguns, que quebráraõ os braços nelles; e iſto magôa tanto aos homens da minha ſorte, que ſe naquelle Eſtado houvera outro Rey Chriſtaõ a quem pudeſſem ſervir, certamente o fariaõ; porque andam os homens taõ enfadados; e ſe niſſo naõ houver algum termo, ſe ham de vir a deſenganar, e a naõ ſe embarcar nenhum para aquelle Eſtado, e buſcar cá ſeu remedio.

Deſpach. Tendes niſſo muita razaõ, e todos cahimos neſſas culpas: mas deixemos o paſſado, que já naõ tem remedio; buſquemo-lo no por vir; eſte folgaria de me dizerdes qual ſe póde ter neſte negocio para ſatiſfaçaõ dos homens que ſervem, e para os que naõ tem merecimentos ſe naõ lograrem do que por juſtiça ſe lhes naõ deve.

Sold. Muitos remedios ha; mas o principal he mandar ElRey ter maõ nos deſpachos alguns annos, para nelles ſe dar evaſaõ aos providos, e ſuſpender as treſpaſſações; e depois que ſe entrar no negocio dos deſpachos, ſaberem a quem ſe dam os cargos, que ſejam a creados delRey de ſerviços, e entaõ poderáõ os homens eſperar de entrar em ſeus cargos, e ainda he mais neceſſario que tudo, naõ paſſar ElRey Proviſões que paſſa aos Viſo-Reys para poderem prover todos os cargos da India, de Feitorias para baixo; porque com ellas provê cada Viſo-Rey mais de trinta cargos, e ficam com iſſo taõ entulhados, que nada ha poder hum homem eſperar vagar-lhe o cargo de que he provido: e certo que cuido naõ lançam neſte Reyno conta ás Fortalezas, e cargos da India; porque com naõ ſerem mais de dezeſeis, ou dezoito Fortalezas, quaſi cada tres annos vem dez, ou doze deſpachos dellas afóra os que eſtaõ na India, a quem ſe mandam os deſ-

defpachos : e todos os mais cargos de Feitorias, Juizes de Alfandega, Efcriváes della, e das Feitorias, Capitanías pequenas, e Tanadarias naõ paffam de quarenta, e vem cada tres annos mais de cincoenta homens providos; por onde naõ ha poderem nunca vagar os cargos; e ainda neftes fe mettem as trefpaffações, como já diffe, que he hum infinito: por onde venho a refumir, que quando fe defpacha hum homem, feja em idade de vinte annos, naõ entra no feu cargo até os feffenta: pois como efperarei eu gozar de cargo algum? naõ fou taõ nefcio: venho por honra a efta Côrte a requerer fem efperança de me darem coufa em que poffa entrar, por cumprir com minha obrigaçaõ; e quando morrer, levarei a Patente comigo á cova, para que faibam os foldados do meu tempo, que me naõ defcuidei de minha obrigaçaõ, ou que deixáraõ de me fazer mercê por pufillanime, ou pelo naõ merecer.

Defpach. Naõ fei que vos diga a iffo! muitas vezes fe tratou de fe fufpenderem as trefpaffações; naõ fei como já naõ fe effeituou. Tudo o que diffeftes he fanto, e iffo muito bem fe entende; mas todos naõ o queremos acabar de executar por noffos particulares. Póde fer que em algum tempo fe trate deftas verdades que diffeftes; mas tornemos a voffos negocios, folgarei de haver coufa que vos arme, e caiba logo; porque effa idade naõ eftá para efperar: por iffo vêde o que há; que eu vos farei defpachar, para vos tornardes neftas Náos.

Sold. Naõ finto eu agora coufa que me poffa caber logo para me dar bem de comer, fenaõ Defembargador da Relaçaõ de Goa, Chanceller, Juiz dos Feitos, Provedor dos defuntos; porque com qualquer deftes ficarei mui bem remediado, e affim me naõ faltaráõ vinte mil pardáos em cafamento; porque naõ fei que tem eftes Defembargadores, que antes os querem, que Capitáes das Fortalezas.

Defpach. Affim fôra iffo de voffa profiffaõ, como fe vos dera; mas he neceffario que quem houver de fervir effes cargos, feja Letrado, e vifto em ambos os Direitos.

Sold. Bofé, fenhor, que para alguns Grammaticos, que já lá foraõ, e que eu conheci, ainda eu fico de ven-

tagem ; porque estes com dous debruns de Latim foraõ feitos Desembargadores por valias ; porque Latim como elles sabem, eu o sei ; o mais farei o que alguns fizeraõ ; darei sentença por quem me mais der ; eu naõ curarei de ver Bartholo, nem Baldo ; porque isso será viver plasaco , e estar amarrado ao pobre do ordenado ; e eu desejo de ter logo em tres annos vinte mil cruzados.

Despach. Valha-me Deos ! e he possivel que os homens que S. Alteza manda á India administrar justiça, para o que lhes dá grandes ordenados, enriqueçam por esse modo ?

Sold. Desejo de me rir dessa justiça, que estes que digo lá foraõ fazer : tamanho engano ha neste Reyno, que naõ entendem que hum estudante de vinte e cinco annos, muito rosado, e bem disposto, e em huma terra taõ lasciva, e mimosa, e onde tanta delicia reina, que haja de fazer justiça mais que a seus gostos ? Olhai vós os setenta annos chêos de muitas cans, e authoridade que elles lá mandáraõ em huns barbiponentes mais recamados, e encrespados que os cabellos de hum mulato, e cujas opas roçagantes (trajos daquelles Senadores antigos) saõ calças recamadas, capotes barrados, espadas douradas, e brincadas, cavallos guarnecidos de ouro, e prata, muitos lacayos adiante, e pagens detraz, e tudo isto do dia que á India chegam a hum mez, de feiçaõ, que se os encontrais pelas ruas, mais parecem Embaixadores de França, que Desembargadores da Relaçaõ ! Pois isto donde veyo, ou quem lho deo, senaõ a quem elles deraõ a justiça que era de outro ? e ainda mal ; porque isto he tanto assim, que nunca a India foi tanto perna ácima, senaõ depois que alguns destes entráraõ nella. Até o tempo de Jorge Cabral, em que naõ houve mais de hum Ouvidor Geral, hum Provedor Mór, e Procurador da Corôa, naõ foi a era dourada ? e ainda muito mais felice até o tempo do Viso-Rey D. Joaõ de Castro, em que naõ havia mais que hum Ouvidor Geral, que trazia tudo taõ direito, e bem governado, que em se fazendo hum crime era logo punido : e depois de tanto Juiz naõ vejo punir nenhum. Pois quem foi o infernal que enganou ao Rey, e lhe fez em huma terra ganhada de novo, e cercada de inimigos, em que he necessario an-

andar sempre com a espada na mão, metter varas em lugar de lanças; Leys em lugar de arnezes; Escriváes em lugar dos soldados? na verdade muito mais saõ elles agora que os soldados: e naõ lhe pareça a Vossa Mercê que fallo por ahi além, porque digo na verdade, e torno a affirmar, que mais gente anda de ordinario pelas Audiencias, que nas Armadas. Dizia o divino Plataõ: que nas terras onde havia muitos Medicos, havia muitas enfermidades: e pela mesma maneira podemos dizer, que onde ha muitos Ministros de justiça, ha muitas maldades. Naquellas Repúblicas antigas os graves Legisladores que as governavaõ, nunca lhes ensináraõ esta ordem do juizo que hoje se usa: *A. Libello, Contrariedade, Réplica, Treplica, Dilações, Suspeições*, nem todos os mais termos, com o que faz hum processo, e feito, que hum homem naõ póde alevantar, tudo inventado contra a malicia humana; o que nunca Socrates ensinou aos Athenienses, nem Solon aos Gregos, nem Numa Pompilio aos Romanos, nem Prometheo aos Egypcios, nem Lycurgo aos Lacedemonios, nem todos os mais que fizeraõ, e ordenáraõ Leys para o bom governo de seus póvos, só por os affastarem de contendas, trapassas, pleitos, e demandas. Esta he a razaõ, por que aquelle famoso Lycurgo mandou, qne as Leys que fez na sua reformaçaõ da República Espartana, naõ fossem escritas, nem postas em nenhuma fórma, senaõ que se imprimissem nos animos dos homens; porque tinha por cousa muito certa, que a mayor parte da felicidade, e boa fortuna de qualquer República bem instituida, consistia principalmente em naõ estarem as Leys escritas, senaõ em se guardarem, e pôrem por obra, e terem-nas em seus animos em grande veneraçaõ; e quem ordenava isto naõ havia de consentir em seus póvos tamanhos volumes sobre nada; e assim saõ já agora mais altas as rumas dos feitos nas casas dos Escriváes, do que saõ os muros das mesmas Cidades; e o que nesta materia me escandaliza mais que tudo, he que se hum Juiz, ou Ouvidor quer sentenciar verbalmente huma causa de pouca importancia, como hum queixume, que hum homem deo de outro, que lhe disse huma ruindade, naõ querem os Escriváes diante delles, senaõ que se faça auto, e tirem testemunhas,

e que

e que corra judicialmente, no que a olhos viſtos roubam aos meſquinhos, ſem nunca ſe prover niſto. Os Locrenſes fizeraõ huma ley, que todo o homem que na ſua República inventaſſe alguma ley, ou ordem nova, que em quanto ſe publicaſſe eſtiveſſe elle com huma corda amarrada ao peſcoço, e junto a huma força; porque ſe a ley que inventára foſſe em damno do povo, morreſſe logo alli enforcado. Oh que ley he eſta ao Eſtado da India para os alvitreiros, e novelleiros, que vaõ aos Viſo-Reys com couſas taõ prejudiciaes ao ſerviço delRey, e ao bem commum, que mereciaõ trezentas forcas! e o que peyor he, que naõ ignoram os Viſo-Reys aquillo; mas como he couſa que lhes dá proveito, folgam muito: porém naõ deixam de ter o que lhe vai com aquellas couſas na conta em que elle eſtá; e certo fiz já eſcrupulo de conſciencia em dizer algumas vezes aos Vereadores de Goa, que haviaõ de ter hum cofre do theſouro público, que ſe naõ gaſtaſſe em outra couſa, ſenaõ em mandar matar por dinheiro eſtes prejudiciaes, e perturbadores dos póvos. As Leys, ſegundo Ciceraõ no primeiro *de Oratore*, foraõ feitas para que foſſem premio das virtudes, e pena dos máos: agora na India he o contrario; porque ſaõ premios para os máos, e pena para os bons; quem agora he inventor de huma maldade, malſim de huma mentira, eſſe he o que val, e eſſe léva as mercês; e os bons ſaõ abatidos, e deſprezados, e a verdade naõ ſe conhece. Dizia hum Philoſopho, que eſtava indeterminado a quem buſcaria, ſe a hum rico máo, ſe a hum pobre virtuoſo; e dizia, que elle continuamente via as portas dos ricos mui acompanhadas, e as dos pobres naõ. Ora vejam Voſſas Mercês a que eſtado nos chegáraõ noſſos peccados, que ſe naõ conhece a virtude, ſendo ella, ſegundo alguns Filoſophos, huma perfeita razaõ, e que tem ſeu aſſento no entendimento do homem ſabio, e tem tanta força, que lhe faz aborrecer os vicios, como aquelle que he dom dado por Deos noſſo Senhor, para que as couſas eſcuras, e cegas traga á luz; porque aſſim como a luz clara deſcobre todas as couſas, aſſim os máos a aborrecem, porque lhes deſcobre ſuas ignominías. A verdade, e a luz, dizia Menandro, que era amarga, ſendo doce, aos máos, porque o goſto do entendimen-

to que havia de julgar eſtava gaſtado ; e para eſtes taes era como para os que tem dôr de olhos , que podiaõ ſer comparados aos morcegos , que aborrecem a luz.

Deſpach. Eſta materia he grave , e fólgo de vo-la ouvir : e deſſa maneira vai lá a couſa ? bom ſerá prover-ſe niſſo , e mandar S. Alteza novos Officiaes velhos , e ricos , a quem honrem filhos , e netos pelo irem ſervir neſte negocio , e com ordenados , e mercês baſtantes para ſe naõ inclinarem a nada.

Sold. Iſſo remedio he , mas he remendar ; porque alguns velhos ſe mandáraõ já lá por inteiros , que fizeraõ graviſſimos exceſſos de juſtiça. Por muito melhor remedio tinha eu mandar vir os ſeus Eſcrivães , que ſaõ os que lhes daõ as deſordens , e alvitres ; e affirmo a Voſſas Mercês , que hum ſó deſtes que iſto fazem baſta que lá fique para apegar a enfermidade a todos. Os gafos degradaõ-nos de povoado por naõ contaminarem a terra : aſſim eſtes alvitreiros haviam de ſer degradados para a Ilha de Santa Elena , onde naõ poſſam pegar tamanha enfermidade. Affirma Raſis , no Livro 25 do ſeu Continente , que todas as quenturas putridas , ou mortaes pela mór parte ſe apegam aos que chegam perto ; e aſſim eſta doença de que trato he tanto mais pegadiça , quanto mais mortal he que todas , pois mata a alma , que val ſobre tudo ; e ſe he verdade , como he , pois o experimentamos , o que diz Galeno na ſua Technica , e Avicena no primeiro Fen , que a compleiçaõ ſá póde n'hum ponto enfermar , e que em muito menos ſe póde corromper ; porque a peçonha da cubiça naõ tem nenhum antidoto , logo ſe apodera do coraçaõ ; mas quando iſſo que Voſſa Mercê diz houveſſe de ſer , que ſe mandaſſem eſſes Deſembargadores , advirto que ſejam taes , e levem varas taõ groſſas , que com nada ſe poſſam torcer ; porque algumas vi eu já lá taõ delgadas , que com hum rubim , ou diamante ſe dobravam logo ; porque já com alcatifas , colchas , e peças de ſedas , balças de louça da China , e outras couſas deſta ſorte , iſſo fallas inclinar até o chaõ ; e o bem que tem , que nunca quebram por muito pezo que lhes ponhais ; porque haverá deſtas que póde com hum cavallo ſellado , e enfreado , ſem fazer mais que torcer. Quebram ellas algumas vezes ,

mas

mas os focinhos aos pobres, quebram-lhes a honra, e fazenda; para o que nenhum remedio ha senaõ levantar os olhos ao Ceo, e chamar pela Justiça de cima, que forçado ha de chegar, porque Deos naõ se descuida nestes negocios; que se dissimula, he para vir com mão mais pezada. Conta Xenophonte, que os Persas naõ tinhaõ em seus retabulos outras figuras, ou Deidades, que huma hastea grossa branca, e direita, pela qual significavaõ a justiça; na grossidaõ da hastea mostravaõ quam mociça, e segura havia de ser a justiça; pela altura, limpeza, e pureza della, e em ser direita, que se naõ havia de torcer por pay, e mãy, nem por todos os thesouros da vida; e daqui se póde imaginar que ficaria este costume que se usa dos Juizes trazerem as varas por insignias das justiças. Mas o melhor de tudo era tornar a India ao primeiro estado, e naõ haver mais de hum Ouvidor Geral, Chanceller, e Juiz dos Feitos, no que se poupariaõ mais de vinte mil cruzados, que estes Desembargadores gastam cada anno da fazenda delRey, e se atalharáõ as desordens dos homens, e emendar-se-haõ de suas burlas, e trapaças, e faraõ suas compras, e vendas na praça, sem os embaraços com que hoje as fazem; e os tratos, e distratos, póde ser que se guardem quando virem hum só Juiz.

Fid. Dizeis bem; póde ser que com isso se recolham os homens a bom viver, e que naõ haja tanta perturbaçaõ, confusaõ, e trapaça.

Sold. Vossa Mercê sabe este vocabulo *pleito* donde vem? pois saiba que he Castelhano, e muito antigo, que no bom tempo queria dizer *concordia*, como parece nas Leys de Fuero jusgo, e dahi veyo a pleitesia, ou pleito, e homenagem, que os Capitães, e Viso-Reys fazem nas mãos delRey da governança, e Capitanias, que lhes entrega: agora se mudou isto de feiçaõ, que o que era sinal de concordia he causa de inimizades, e discordias: e por entender isto muito bem o nosso Rey D. Pedro de Portugal, e ver que já naquelle tempo as confusões das demandas lhe hiaõ corrompendo o Reyno (segundo achei em huma curiosa Chronica), mandou, que todos os Juristas se sahissem do seu Reyno, ou aprendessem officios de novo, porque queria quietar seus póvos. ElRey Mathias de Ungria mandou

dou com público pergaõ, que todos os Juriſtas ſe deſ-appareceſſem de ſeu Reyno, como o eſcreve Vives no Livro de *Corruptis Diſciplinis*, e logo ficou o Reyno em paz: a meſma façanha tentou a Catholica Raynha Dona Iſabel em Salamanca; mas ceſſou ſeu bom zelo, e eſpirito por conſelho de Letrados Catholicos, que naõ ſei quam bem andáraõ em eſtorvar huma obra taõ importante na Chriſtandade, e de que tanto fructo, e paz ſe ſeguiria.

Deſpach. Aſſim pudera iſſo ſer, como ſe fizera; mas os Reynos naõ ſe podem conſervar ſem Leys; porque fôra huma confuſaõ muito grande.

Sold. Leys ſaõ ſantas, e boas, mas uſamos nós mal dellas; e andamolas eſtudando para lhes dar ſentidos mui differentes do que ellas tem. E muitas couſas deixáraõ aquelles antigos Legisladores de propôr em ſuas Leys polas naõ trazer á memoria dos homens: eſſa foi a razaõ, por que Solon naõ fallou na pena que teria quem mataſſe ſeu pay, porque dizia, que naõ queria que entraſſe na imaginaçaõ dos homens tamanha maldade; o que ſe agora naõ faz, ſenaõ buſcar novos modos de malicias, e trazer á memoria dos homens novas invenções de buſcar o inferno, em que huns, e outros por ſuas vontades ſe mettem. E ſabem Voſſas Mercês quanto he iſto aſſim, que chegou a malicia da India a tanto, que ha homens que compram demandas, e aucções, e outros, que todos os dias vaõ ás audiencias, e de Eſcrivaõ em Eſcrivaõ, e de Juiz em Juiz, com tanto goſto, que cuido niſſo tem poſta ſua bemaventurança; de modo, que quem vir agora a Cidade de Goa, verá huma eſcola formada deſtes Eſcriváes, pequenos, e mayores, de inqueredores, procuradores, informadores; e certo que he grande confuſaõ ver eſta infernalidade em huma terra rodeada de inimigos, que nos deſejam beber o ſangue, e na qual naõ houvera de haver ſenaõ eſcolas de armas, carreiras, ſoldadeſca a ponto; porque os inimigos trouxeſſem ſempre ante os olhos as armas Portuguezas; para que ſempre andaſſem timidos: mas elles em lugar diſto vem o que já diſſe; ſenaõ quanto os Bramenes, que ſe fazem Chriſtáos, ſe fazem burlões, e ſubtis, e ſabem melhor a ordem do juizo, que os meſmos procuradores, que iſto he o que lhes fomos lá enſinar; e os Coſſarios

rios pelo mar tomando os Navios, sem haver quem os guarde; porque as Armadas fazem-se fóra do tempo, e ainda assim faltas de soldados; e em terra as audiencias chêas de homens até ás ruas, de feiçaõ que muitas vezes desejei de haver hum Governador taõ curioso do serviço de Deos, e do Rey, que désse hum dia por estas audiencias, e tomasse toda a gente, e a mandasse embarcar em huma Armada a peleijar com os Paraos; e á fé que se hum fizesse isto huma vez, que se refreariaõ os burlões, e naõ se dariaõ tantos a esta calaçaria, embarcar-se-hiaõ nas Armadas, receberiaõ seus soldos, e naõ faltariaõ soldados nas galés, nem seriaõ entaõ necessarios tantos Juizes, e tantos volumes de livros, e feitos. Lembra-me que lí na Escriptura Divina, que os Phariseos traziaõ cozidas nos habitos compridas tiras de pergaminho, em que andavaõ escriptos os seiscentos e treze preceitos da Ley; e a estes pregaminhos chamavaõ *phylacterias*, que quer dizer *custodia amoris*; porque nelles diziaõ os Phariseos, que guardavaõ o amor de Deos, tomando este nome na significaçaõ methaphorica; porque propriamente significa *phylacterion* guarda de amor contra a peçonha: cuidavaõ que a guarda dos Mandamentos estava em trazer muitos pergaminhos, em que elles andavaõ escriptos; e por isso Christo Senhor nosso, reprehendendo-os de hypocritas, diz, que naõ faziaõ cousa do que diziaõ, e que dilatavaõ, e ensachavaõ suas phylacterias, como quem diz seus enganos. Assim desta maneira alguns dos Letrados Juristas da India tem a guarda das Leys nos muitos, e grandes volumes que lhe vêdes em casa, como os pergaminhos; no coraçaõ Deos sabe o que vai: ainda que naõ nego a Vossas Mercês, que ha alguns Desembargadores honrados, e inteiros na justiça, e que houvera mais se os Viso-Reys os naõ perturbáraõ; e sempre naquella Meza da Relaçaõ houve quem desejou de fazer justiça; mas ouvi dizer a hum delles, bem honrado, e livre, que naõ bastava isso, porque tinhaõ os Viso-Reys sempre na Meza tres bombardas assestadas com que venciaõ, e derrubavaõ tudo: pelo que alguns que eu conheci se tiráraõ do Desembargo, por quietarem a sua consciencia.

Despach. Nunca cuidei tanto de hum Soldado; mas pare-

rece que falla hum Anjo em vós, para que neste Reyno se saibam cousas taõ novas a nós, das quaes eu farei huma grande reflexaõ a ElRey para mandar prover nisso: mas tornemos a vós, porque desejo de vos despachar a vosso gosto: dai-me de palavra relaçaõ de vossos serviços, para estar informado de vós quando tratar do vosso despacho.

Sold. Fui duas vezes ao Estreito de Méca esperar as Náos sem cartazes em Galeões; outra em fustas a esperar as galés; andei tres annos continuos na guerra de Ceilaõ, e achei-me naquelle grande cerco da Costa; andei dous annos no Malavar, aonde ajudei tomar muitos Paraos, de que sahi ferido algumas vezes; invernei todos os invernos em Fortalezas fronteiras; afóra outras miudezas, que ahi vaõ por papéis, de maneira que gastei doze annos continuos no serviço delRey naquellas partes, depois que nesta Corte em sua Guardaroupa servi cinco; e depois de me acrescentar tres nas Armadas do Reyno.

Fid. Merecimentos tendes bastantes para vos despacharem muito bem. Folguei de vos ouvir, porque desejava de vos perguntar a razaõ, por que já naõ vaõ ao Estreito as Armadas de Galleões, como em nosso tempo?

Sold. Isso pergunte Vossa Mercê ao senhor Secretario que ahi está, que deve saber se o defende ElRey, e a causa porque; que o que eu poderei dizer será o grande serviço que era dos Reys de Portugal, e proveito do Estado da India, irem todos os annos Armadas áquelle Estreito; para o que peço a Vossas Mercês, que me queiram ouvir hum pouco.

SCENA IV.

Sold. ANtes que tivessemos na India Fortalezas, nas primeiras Armadas que os Reys de Portugal mandáraõ á India, traziaõ seus Capitáes Móres por Regimento, que dessem huma vista ao Estreito de Méca; assim para saber o Soldaõ de Babylonia que lhe podiaõ nossas Armadas impedir aquelle commercio, e romagem da nefanda Casa de Méca (que em tudo ti-

tinhaõ os noſſos Reys o primeiro intento ſempre na honra de Deos noſſo Senhor), como para fazer prezas nas Náos dos Mouros, que elles tratavaõ mandar extinguir da India, pára com mais facilidade mandar plantar por ella a Ley do Evangelho; e para iſſo mandou depois Armadas depũtadas para andarem naquelles Eſtreitos, de que em huma dellas veyo por Capitaõ Mór o grande Affonſo de Albuquerque, que começou a fazer guerra a ambos aquelles Eſtreitos, e ao Reyno de Ormuz mais de tres annos continuos, ſuſtentando ſua Armada toda das prezas que fazia nas Náos dos Mouros. E depois que ElRey D. Manoel tratou de mandar fazer aſſento na India, que tomáraõ os noſſos pé nella, e começáraõ a fundar Fortalezas, naõ tinha o Viſo-Rey, que a iſſo veyo, mais rendimento, que as prezas do Eſtreito de Méca, aonde todos os annos hiaõ noſſos Galleões: e depois ElRey D. Joaõ de glorioſa memoria mandou a ſeus Governadores, que continuaſſem eſta guarda do Eſtreito do Mar-Roxo; tanto em vituperio, e affronta da Ley de Mafamede, quanto para proveito, e rendimento do Eſtado da India, que ſempre (até que ſe perdeo eſte bom coſtume) ſuſtentou ſuas Armadas deſtas prezas, porque a India naõ tinha outro rendimento; e aſſim além diſto outros muitos proveitos, que eraõ haver ſempre no Eſtado Galleões para iſſo, andarem os ſoldados contentes, e fartos com as prezas que de lá traziaõ, recearem-ſe as galés dos Turcos de ſahirem fóra do Eſtreito; e aſſim algumas vezes que o fizeraõ, Armadas noſſas as tomáraõ logo: o commercio do grande Reyno da Ethiopia, e de todo aquelle Reyno Chriſtaõ correo taõ liberalmente, que todos os annos hiaõ Navios noſſos a ſeus portos, e levavaõ Biſpos, Patriarcas, e Religioſos para os doutrinarem, o que depois veyo a ſe impedir de todo por falta deſtas Armadas: os Reys vizinhos andavaõ aſſombrados com a potencia dos noſſos Galleões, e Caravellas; e tudo iſto taõ a ponto, que nunca Armada Caſtelhana paſſou ás partes de Maluco, quando o Imperador Carlos V. contendia com os noſſos Reys ſobre o ſenhorio daquellas Ilhas, que naõ acudiſſem lá noſſas Armadas, e os naõ trouxeſſem á Cidade de Goa por força: as Fortalezas de Ormuz, Malaca, Dio, Baçaim, e outras naõ ſe conquiſ-

quiſtáraõ ſenaõ com os noſſos Galleões, de maneira, que podiamos dizer, que em cada Galleaõ tinhamos huma Fortaleza no mar com que aſſombravamos o mundo todo. E em tempo de Franciſco Barreto, ſendo Governador da India, ſe queimáraõ de huma vez quatorze Galleões, e dentro em hum anno fez outros de novo, que eu com os meus olhos vi entregar ao Viſo-Rey D. Conſtantino, providos de todo o neceſſario; pois tudo iſto ſe fazia com as ajudas das prezas do Eſtreito de Méca; porque o Eſtado naõ rendia mais que ſeiscentos mil xeraſins: e hoje que rende hum milhaõ e quatrocentos mil cruzados, naõ ha nada diſto, nem ha Armada para os Eſtreitos, nem hum Galleaõ para huma neceſſidade, ſe a houver; porque as noſſas fuſtaſinhas naõ ſaõ mais, que para dous coſſarios da Coſta; e ſe naquelle Eſtado houver hum aperto, naõ temos a que nos apegar ſenaõ aos cabellos.

Deſpach. Jeſus me valha! e donde vem iſſo? que eu vejo as cartas que os Viſo-Reys eſcrevem a S. Alteza, e nas Certidões que de lá trazem, que deixam no Eſtado tantos Galleões, gallés, fuſtas, e tantas pipas de polvora, e tantos outros provimentos, que cuida ElRey que tem a India ſegura para muitos annos.

Sold. Depois que os Viſo-Reys tratáraõ mais de ſi, que do ſerviço de Deos, e delRey, logo começáraõ a uſar deſſes ardís para ſe acreditarem; porque que razaõ ham de dar elles de ſe deſcuidarem das Armadas, e naõ fazerem Galleões? Voſſas Mercês ſenaõ imaginem que o Imperio Romaõ naõ ſe começou a perder (como já diſſe) ſenaõ depois que ſe começáraõ a vender os Magiſtrados; e aſſim eu dou a India por acabada; porque hoje naõ ſe dá nella nada por merecimentos, ſenaõ por dinheiro: e ſabeis, ſenhores, que até as Capitanias das galés, fuſtas, e eſtancias, ſe daõ com preço apreçado; e a mim me contáraõ, que hum Fidalgo muito moço, que naõ tinha idade para ſer Capitaõ de huma fuſta, lhe deraõ huma galé para Malavar por hum ſerviço de mãos, e ſaleiro de prata de baſtiães; e aſſim me diſſe hum homem bem baixo da Coſta, que tinha hum irmaõ em hum officio muito vil, o qual andava no ſerviço, que aquelle veraõ havia de ir por Capitaõ de hum Navio ao Malavar; e perguntando-lhe eu quem lho havia de dar, reſpondeo-me:

que

que largaria a hum privado do Viso-Rey as ordinarias, que saõ duzentos pardáos. Ora vejam Vossas Mercês a que miseravel estado chegou a India, por onde, senhor Secretario, vos requero da parte de Deos, e delRey, que lhe signifiqueis isto, e que mande ter tento neste negocio; porque nem todos os que servem ElRey lhe deve a satisfaçaõ, e naõ he razaõ que se dê a hum mechanico, ou filho delle, o cargo que me ham de dar a mim, que sou hum Cavalheiro muito honrado de trezentos annos para cá, que sempre servi com a lança na maõ aos Reys.

Despach. Isso que dissestes he muito santo; e certo que estou pasmado de ver em quantas cousas o diabo engana a esses homens!

Sold. Pois que cuida Vossa Mercê? o diabo he menino? tem mil modos de enganar os homens; e o que he peyor, que todos sabemos que nos engana, e deixamo-nos ir apôs aquella golodice, que nos representa com esta negra cubiça; e certo que estive já cuidando, que cubiça deve ser nome do mais feyo demonio que ha no inferno, e do mais nescio! ainda que digo mal; que nescios saõ os que elle engana com cousa taõ vil, e prejudicial á alma. De huma cousa estou pasmado, que he ver muitos Viso-Reys embaraçados com a Fazenda do Rey, e dos vassallos, e tomar os cargos a huns para os dar a outros, e naõ ví até hoje huma restituiçaõ, e embaraçarem-se taõ leves na consciencia, que pasmo; mas tambem aqui entra a astucia do demonio cubiça, que faz muito facil tomar a Fortaleza a hum para a dar a outro com a fazenda, e todas as mais cousas, como se aquillo fôra hum nada. Ora em fim, senhores, resumo-me, que se naõ crêra taõ firmemente na Fé de Christo, e nos Mandamentos da sua Ley, que pudera embaraçar-me com o que vejo fazer a homens, que professam o nome de Christãos com tanta facilidade, como se fizeraõ hum grande serviço a Deos. Elle está nos Ceos, e naõ dorme; medo tenho que venhamos a pagar todos, e que os que andarmos naquelle Estado nos vejamos ainda com a agua pela barba, sem nos podermos valer; e já vou titubeando de paixaõ, e naõ atino com o que digo; por isso dem-me Vossas Mercês licença, porque me quero recolher.

Despach. Tornaî-vos a assentar, que quero saber de vós outras cousas, e a primeira he as partes que ha de ter o Viso-Rey, que S. Alteza quer agora eleger para a India este anno, e que cousas lhe saõ necessarias para lá.

Sold. Já que Vossa Mercê quer incitar-me, naõ posso eu fugir a isso, mas he necessario ser hum pouco comprido; e se for enfadonho, ponham Vossas Mercês a culpa a si, ou me mandem alevantar a qualquer hora que os enfadar.

Despach. Isso me naõ fareis vós nunca pelo gosto, e proveito que tenho de vos ouvir: por isso tratai essa materia quam de vagar quizerdes; porque me releva estar nella resoluto para quando se tratar desta eleiçaõ.

Sold. Já hei de obedecer a tudo, e Vossas Mercês me estejam hum pouco attentos, porque eu trabalharei por breviar.

O Viso-Rey que se ha de eleger para o Estado da India, quanto á eleiçaõ, ha de ser a que fazem os Reys da China para as suas Provincias, nas quaes este costume seguem: Nunca elegem Viso-Rey, ou Governador para huma Provincia, senaõ aquella pessoa, que naquella parte para onde he eleito naõ tem nenhum parente em nenhum gráo, para assim mais desimpedidamente administrarem justiça; porque as mais das desordens que os Viso-Reys da India tem commettido, foraõ por causa de seus parentes, e assim por darem a alguns delles as Armadas que naõ merecem, como por tomarem as Fortalezas a outros para lhas dar a elles. O Viso-Rey, ou Governador, que o Rey da China elege para qualquer das Provincias, chega a ella só sem nenhuma Magestade; e tanto que appresenta sua Patente, assim he servido, e venerado de todos, como o mesmo Rey, e os Chinas o servem de tudo abundantemente; e quando o mandam tirar, assim se torna a sahir, como qualquer particular; e primeiro tiram devassa da sua vida, se fez injustiça; e se ficou devendo alguma cousa, he logo punido com a derradeira pena: o que naõ ha nos nossos Viso-Reys, que tanto que saõ eleitos, logo se lhes ajunta hum exercito de parentes, e criados, que nem tres Estados da India bastam para elles, e todos

saõ

ſaõ accommodados por fas, ou nefas, e os annos que governam fazem as couſas que tenho relatado em toda eſta prática; e quando ſe tornam para eſte Reyno, todas as Náos da carreira naõ baſtam para lhes recolherem ſuas fazendas, e dos criados, e parentes; e das injuſtiças, e inſultos que commettêraõ, e dividas que deixáraõ, naõ houve quem lhes perguntaſſe por iſſo; e huma das mayores tyrannias, que eſtes homens uſam em ſeu governo, he que a nenhum delles fica ElRey devendo nada em ſeu titulo, porque todos ſe pagam de ante-maõ, e a viuva pobre, e o homem aleijado, e orphã deſamparada, ficam por pagar de ſuas tenças de quaſi todo o ſeu tempo. E ſe ahi houve algum que levou certidaõ, que lhe ficou ElRey devendo dinheiro, por outras partes que quiz deixar o titulo em aberto para allegar depois que ſe naõ pagou, elle repagou-ſe. Que aſſim como na proviſaõ dos Reynos quando ſe deferem por eleiçaõ dos homens, ſe tem mais reſpeito ao bem dos póvos, para bem dos quaes ſómente ſe inſtruíraõ, e naõ ao proveito dos meſmos Reys, como bem notáraõ muitos Doutores; aſſim nem mais, nem menos o Viſo-Rey que ſe ha de eleger ha de ſer homem, que claramente ſe ſaiba delle, que terá na ſua eleiçaõ mais reſpeito ao ſerviço do ſeu Rey, e bem daquelles Eſtados, que a ſeu particular, pois que a ſollicitada, ou inculcada por reſpeitos, ſerá total deſtruiçaõ daquelle Eſtado. Ora eis-aqui quanto á parte da eleiçaõ: e quanto ás partes que o eleito ha de ter, ſaõ aquellas tres, que o grã Capitaõ Gonçallo Fernandes de Cordova dizia, que havia de ter o bom Capitaõ, que ſaõ ſer clemente, ter maõ larga, e bocca prudente: e deſtas tres tratarei o que ſe me offerecer, e começarei pela primeira, que he ſer Capitaõ clemente, a qual virtude ſe lhe poz primeiro, como mais neceſſaria que todas. Enéas muitas virtudes teve para ſe lhe poderem louvar, mas de nenhuma fez Virgilio caſo, nem engrandece, ſenaõ a clemencia, e piedade, porque neſta ſe encerram todas as mais virtudes, as quaes traz a ſi até os proprios inimigos, como lhe aconteceo com Achemenides Capitaõ Grego, e companheiro de Ulyſſes, que em Sicilia eſtava perdido, e embrenhado pelo naõ matar o gigante Polyphemo, como fez a ſeus com-

companheiros; e aportando alli Enéas com a sua Galé, sabendo-o o affligido Achemenides, fez comsigo este discurso: » Se fico neste matto, morrerei de fome; » se appareço, matar-me-ha Polyphemo; se vou para » Enéas, pela ventura se quererá vingar de mim do » mal que eu, e todos os Gregos fizemos a Troya. » que farei? todavia generoso deve ser o filho de Ve» nus, e Anchises: nenhum taõ grande Capitaõ deve » acanhar o acanhado, nem affligir o affligido. » E determinando-se, sahio do matto; e presentando-se a Enéas, lhe deo conta de seus infortunios; o qual o recebeo, e tratou humanamente, trazendo-o sempre por companheiro; e por estas, e por outras obras como estas, alcançou o nome *Piedoso*; e pelo contrario quando os Escriptores querem viruperar a ElRey Cina, lhe chamaõ cruel, e assim sua crueldade foi causa de morrer ás mãos de seus soldados. O Imperador Antonino *Pio* com que ganhou tamanho, e taõ heroico sobrenome, senaõ por esta parte de Capitaõ taõ louvade em todos? E nenhuma outra cousa fez o grande Cesar subir á Monarquia do mundo, senaõ tanto que chorou sobre a cabeça de Pompeo, sendo o mayor inimigo que tinha; e esta foi a causa, por que em Roma coroáraõ o grande Fabio com coróa de grama do prado, a qual se concedia aos Capitães clementissimos, e que depois das guerras acabadas traziaõ os seus soldados a salvamento, e satisfeitos. O grande Capitaõ Milciades naõ foi taõ famoso no mundo, senaõ por sua clemencia, e affabilidade, a qual foi tanta, que se escreve delle, que naõ havia homem, por baixo que fosse, que o naõ ouvisse taõ de vagar, e humanamente, como se fôra hum dos grande do Reyno; porque esta he a principal cousa, que faz a hum povo honrar muito ao seu Principe. ElRey Philippe de Macedonia era taõ notado desta grandeza, que refusava tomar huma Cidade por força de armas, se entendia, que se podiaõ arriscar seus soldados: e isto mesmo he o que fez a Scipiaõ taõ illustre; que muitas vezes dizia, que mais queria conservar hum soldado, que destruir mil inimigos. Que materia esta para os Capitães da India; que assim aventuram os seus em cousas de muito pouca importancia, como se foraõ ovelhas; e assim se recolhem contentes, deixando trezen-

tos, e quatrocentos Portuguezes degollados, como alcançáraõ huma grande victoria! e o que mais m escandaliza he, que nas certidões que passam aos so dados da jornada em que se acháraõ, todas saõ de g bos seus, e que destruiraõ, e queimáraõ, sem dec rarem os soldados que perdêraõ; e se lho estranhai respondem-vos: que morrêraõ patifões, naõ lhes le brando, que esses saõ os com que a India se conqu tou, e os que com elles ganháraõ suas Fortalezas nestas jornadas assi arriscadas, de maravilha se mat Fidalgos, como já em outra parte disse. E tornand nosso fio; Pompeo, dignamente merecedor de sobre me de Magno, por sua clemencia chegou a triump quando veyo de Africa, sem haver sido Senador porque Silla, que primeiro que todos lhe chamou M gno, foi o que o quiz estorvar, virando-se Pompe elle, lhe disse: » Naõ sabes, Silla, que muitos m » adoram o Sol ao nascer, que ao pôr? quero diz » que tanto se ha de ter o homem que começa a c » cer em virtudes, como o que vai acabando. » E to por Silla sua brandura, e clemencia, começo gritar: *Triumphe*, *triumphe*; mas Servio Senador o quiz consentir, sem primeiro lhe naõ dar algumas tas, ao que lhe respondeo Pompeo, que tal naõ ria; porque honras compradas, ficam sendo vitupe Oh como me cahe aqui a proposito o como isto já recebido neste Reyno, e no Estado da India! quam poucos Capitães lhes lembra isto de Pomp porque hoje mais tratam de honras compradas, que nhadas; e mais tratam de Fortalezas trespassadas, que recidas! e naõ sei ainda se diga o mesmo das governa mas sabem Vossas Mercês de que isto vem? do to que se fez dos despachos da India, de que já tratei; o que naõ aconteceo a Pompeo, que ant quiz arriscar a naõ triumphar, que a dizerem qu comprava. O Consul Marco Fabio, concedendo-lh Senado triumpho mayor pela victoria que alcançou tra os Veios, e Etruscos, o engeitou; porque na lha foraõ mortos os Consules Manlio, e Quinto F seus companheiros (*a*); porque naõ havia por me

(*a*) Manlio era o Consul Collega de M. Fabio; Q. Fabio era irmão do mesmo M. Fabio, e naõ Colle Consulado. V. T. Liv. Histor. lib. 2. cap. 47.

ora de honras a victoria, que tanto ſangue dos ſeus
ıe cuſtára. Naõ he bem que paſſe pela facilidade com
ue os Capitáes da India entram em Goa triumphan-
ɔ, esbombardeando, cheyos de plumas, e pontas de
ıro, deixando muitos companheiros deſcabeçados pe-
s prayas de Calecut, e por outras partes, que he
uma couſa muito eſcandaloſa, e que ſe havia de pro-
ɜr. Mas tornando a noſſo fio da clemencia dos Ca-
táes, por eſta parte ſer mais neceſſaria que todas:
uando Plutarco na vida de Romulo póe aquellas tres
rtudes, com que os Reynos, e Imperios ſe acreſ-
ɜntam, que ſaõ clemencia, moderaçaõ, e verdade;
ɔe a clemencia primeiro, como mais neceſſaria: e eſ-
foi a cauſa, por que Marco Marcello edificou o
mplo da Virtude diante do da Honra, por moſtrar,
ıc naõ ſe póde paſſar ao da Honra, ſenaõ pelo ca-
inho da Virtude, pela qual ſe entende a clemencia,
qual tendo-a hum Capitaõ perfeita, e em gráo con-
mmado, terá todas as mais; porque as virtudes em
áos remiſſos ſe acham humas ſem outras; mas em
áos conſummados, como diſſe, eſtaõ humas com as
ıtras travadas de feiçaõ, que naõ póde hum ter juſ-
ça, ſem logo eſtarem com elle a temperança, a for-
leza, e prudencia, e o meſmo he nas virtudes Theo-
gaes, que naõ póde hum ter fé em gráo perfeito,
ıe naõ tenha tambem a eſperança, e caridade. A eſ-
virtude da clemencia, de que vou tratando, chama-
ó os Gregos *Philanthropia*, que quer dizer affabili-
de humana; e aſſim os meſmos quando queriaõ en-
andecer os ſeus Deoſes, e ſeus Reys lhes chamavaõ
ſeilichioi, que he tanto, como chamar-lhes manſos,
amoroſos, o que nos Reys ha de reſplandecer mui-
; porque os homens querem ſer levados por amor
ı todas as couſas: e por ſer eſta virtude muito ne-
ſaria, mandava Deos que os Reys foſſem ungidos
m oleo, pelo qual ſignificava a brandura, e humani-
de; porque aſſim como o oleo tem virtude de abran-
r, aſſim queria que os Reys foſſem brandos para
ıs ſubditos: e deſta parte tenho dito o que baſte.
ach. Diſſeſtes tudo quanto hum muito douto podia di-
r; mas naõ canceis, ide com a materia por diante;
rque he de muita doutrina.

SCENA V.

Sold. A Segunda parte que o Capitaõ ha de ter, he mão larga, a qual he taõ neceſſaria ao Capitaõ, que antes haveria por menos mal faltarem-lhe todas as mais partes; porque o Capitaõ que com mão fechada quer conquiſtar Provincias, he ir buſcar pela ribeira acima o que lhe cahio no pégo: e ſe os Juriſtas põem por obrigaçaõ ás partes que querem correr com ſuas demandas, que haõ de ter bocca fechada, e bolça aberta, e pés de ferro; quanto mais neceſſaria ſerá eſta virtude ao Capitaõ que ha de conquiſtar Provincias, que naõ ás partes, que o naõ ham de fazer mais que a tres, ou quatro peſſoas, ſc. Juiz, Eſcrivaõ, Procurador, Enquiridor, e Sollicitador. Nunca até o dia de hoje lêmós, que Capitaõ com mão fechada venceſſe inimigos; e cada dia vemos o Capitaõ liberal render graviſſimas Fortalezas, e ſujeitar indomeſticas, e barbaras Nações. Liberalidade naõ he outra couſa, que uſar moderadamente das riquezas, como ſe diſſeſſemos, que dellas naõ ſe havia de dar taõ pouco que fique em eſcaceza, nem tambem dar tanto que venha a ſer prodigo; mas he hum meyo entre hum, e outro, que compõe eſtes dous extremos, e o que enſina o quanto, e quando, e a quem ſe ha de dar: e pelo contrario a avareza he hum appetite deſordenado, huma cubiça inſaciavel, e huma enfermidade que abrange a todas as partes do corpo; e creſcendo cada dia mais, faz o homem affeminado, de maneira, que, ſegundo os Platonicos, para ſerem ricos he neceſſario cortar os appetites que tem os avaros, e naõ conſentir que ſe accumulem theſouros, e riquezas para ſe guardarem. Muitos Reys vemos perder os Reynos por avaros, e naõ conſentirem largueza, e outros ganharem os alhêos por liberaes. ElRey Achêo de Lydia foi taõ avaro com ſeus ſoldados, que de o naõ poderem ſoffrer, o matáraõ, e o lançáraõ no rio Pactolo, pelo que diziaõ criar arêas de ouro, para que alli mataſſe ſua ſêde. Em Creſſo iſſo meſmo foi cauſa de ſua morte; porque ſua avareza o levou a mor-

morrer a mãos de Parthos. Lepido, hum dos triumviros, estando apoderado de Sicilia depois que desbaratou Plinio, Capitaõ de Sexto Pompeo, que he o que o fez durar taõ pouco em seu Principado senaõ a taquanheza? porque indo Octaviano com exercito sobre elle, se lhe passáraõ todos os soldados de Lepido a elle, fugindo de sua avareza, e assim se lhe entregou, e elle o mandou a Roma sem cargo, nem officio, senaõ o de Pontifice Maximo, que tinha adquirido. Em quanto esta infernal peste da avareza naõ entrou em Roma, foi sempre senhora do mundo; mas depois de Commodo Antonino, successor no Imperio, que começou a vender os Magistrados, e que entregou o coraçaõ todo nas mãos da avareza, logo começou a descahir da sua grandeza. Como tambem aconteceo ao Estado da India, que em quanto foi governado por Viso-Reys, e Governadores tementes ás Leys de Deos, e do Rey, amigos, e cubiçosos de honra, teve sempre os inimigos debaixo dos pés, e se sustentou de prezas que faziaõ nossas Armadas; mas depois que esta infernal peste entrou nelles, logo começou a descahir de todo, e os inimigos a nos perderem o respeito, e a sustentarem-se de prezas que hoje fazem em nós; e por naõ gastarmos o tempo em contar de avarentos, aos quaes deixamos com suas miserias, tornemos aos Capitães liberaes, que por o serem foraõ famosos no mundo. Lêmos do grande Baccho, que foi o primeiro que começou a mostrar sua liberalidade com os soldados, o qual, além de lhes pagar o seu ordinario, lhes fazia mercês de dinheiro, corôas, armas, estatuas, e outras cousas semelhantes, com que os trazia taõ contentes, que os intrataveis montes do Oriente povoados de féras bravas, e gentes indomesticas, e ferozes, atravessavam com muito gosto, e com elle o fizeraõ senhor da India, que foi o primeiro estrangeiro, que por armas a conquistou. Nenhuma outra cousa fez ao grande Alexandre ser taõ grande no mundo senaõ sua liberalidade, engeitando trinta mil talentos de ouro, e muitos Estados, que seu inimigo Dario lhe offereceo em dote com sua filha (segundo conta Curcio); o que sendo estranhado de seu amigo Parmeniaõ, lhe respondeo: » Se eu fôra tu, acceitára isso; » mas sou Alexandre mais cubiçoso de honra, que de

di-

» dinheiro; e lembrou-me, que eu era Rey, e naõ » mercador. » Aqui me poderia deter em vituperar alguns Viso-Reys, e Governadores da India, que deixáraõ de ser Capitáes, e se fizeraõ mercadores, largando da máo as obrigaçóes de seu cargo, e descuidando-se das Armadas, e de tudo o mais, por fartarem seu appetite, e mercanceando com o dinheiro del-Rey, pelo que deixam de fazer Armadas importantes; e quando as fazem, saõ fóra de tempo, como já disse, por terem em si o dinheiro. Por huma cousa naõ quero passar: he muito para se significar a ElRey o com que cada dia o enganam, e he, que como elles tem dinheiro em si, por este modo fingem muitas vezes necessidades no Estado, entaõ fazem que tiram dinheiro do seu cofre, e o emprestam aos Officiaes para as Armadas, e tiram Certidóes, que emprestáraõ a ElRey tantos mil pardáos, naõ entendendo elle esta falsidade, e que nenhum vem de Portugal que traga cousa que possa emprestar. Oh senhor, dizei estas verdades a ElRey, para que saiba o que passa, e castigue quem o engana; porque taõ máo he o enganarem-no a elle, como enganar-se elle: e deixando isto, tornemos á nossa ordem da liberalidade dos Capitáes. O grande Pompeo com esta virtude sujeitou todo o Ponto, Armenia, Syria, Cilicia, a grá Mesopotamia, Fenicia, Palestina, e Judéa, Arabia, e muitas outras Naçóes, trinta e nove Cidades, que deixou com presidios Romanos, afóra novecentas Náos que tomou a differentes piratas, e novecentas Cidades, que deixou sem presidio Romano, e mil Castellos, e isto segundo conta Plutarco; e diz, que da terceira vez que triumphou da Asia, a sujeitou; e que os tributos que deixou postos a estas Provincias, montáraõ cincoenta mil homens, e que trouxera ao thesouro público vasos de ouro, e prata, que pezavaõ vinte mil talentos, afóra o que repartio com os soldados; e que o que menos houve foraõ mil e quinhentas dracmas; de maneira, que pela conta de Appiano, os tributos que acrescentou sommavaõ oito milhóes e meyo de ouro, e o que metteo no thesouro doze milhóes, afóra o que repartio com seus soldados, que eraõ vinte mil infantes, e quatro mil cavallos, que parece que naõ bastávaõ para conquistar tantas Provincias; mas o com

que

que mais as venceo foi com ſua liberalidade; porque o bom tratamento que fazia a todos, e o muito que lhes dava, dobrava as forças, e peleijava cada hum por dous, e tres dos inimigos. Diz mais Appiano, que levou Pompeo no ſeu exercito vinte e cinco Legados, naõ levando nenhum dos outros Capitães mais que dez: mas a liberalidade de Pompeo fazia deſejarem todos de o ſeguir: para eſtas legações naõ coſtumava o Senado nomear parente nenhum do Capitão Mór, como diz Julio em huma Epiſtola a Attico, por evitarem muitos exceſſos, e por naõ darem aos parentes aquillo que direitamente era dos ſoldados; e eſta foi a razaõ, por que Gelon, quando entrou no governo de ſua República, ſe deſpedio dos parentes, e amigos, como homem que morria, porque entendia que ſe naõ podia conſervar hum Reyno com os parentes andarem de permeyo; e aſſim he verdade; porque naõ ha mayor deſtruiçaõ para huma República, que haver nella excepçaõ de peſſoas, e ter-ſe reſpeito á carne, e ao ſangue. Aqui quizera tocar outra tecla dos parentes, e creados dos Governadores, e Viſo-Reys da India, que ſaõ os que a comem, e deſtroem: mas ſe me cahir outra vez a lanço, direi o que ſobre iſſo entendo: huma ſó couſa poſſo affirmar, que em quanto nella houver Governadores entregues aos parentes, irá deſcahindo, e declinando, como o fez o Imperio Romano, depois que ſe quebrou aquella ordem de naõ admittirem nas Legações parentes dos Conſules, como já diſſe; e tornando a Pompeo (que ſó por curioſidade ſe póde ouvir iſto), os Legados de que fallamos tinhaõ ſegunda authoridade *poſt Conſules*. Vegecio no II. *de Re militari* (*a*) eſcreve, que Pompeo repartira a cada ſoldado de pé mil e quinhentas dracmas, e a cada hum de cavallo tres mil talentos, e aos Centuriões dobrado, e aos Legados mil talentos, e aos Prefeitos, que era a ſegunda dignidade, outro tanto; no que diz que diſpendeo quatrocentas e vinte mil libras de prata ſó nos ſoldados de pé, e cavallo; e ha-ſe de ſaber que cada libra valia dez eſcudos, que fazem quatro milhões, e oitocentos mil eſcudos de ouro;

(*a*) Ha engano neſta citaçaõ, como ſe póde conheçer lendo a obra de Vegecio.

ro; e nesta conta naõ entra o que deo a Centuriões, a soldados forasteiros, a Embaixadores, a espias, e outras muitas despezas extraordinarias, que, calculando-se o que se dispendeo (segundo Appiano), fazem nove milhões, e seiscentos mil escudos, e tudo isto foi tirado daquella parte, que antigamente foi o Reyno dos Lydos. Troxe todas estas miudezas, porque notei huma cousa muito contra a dos tempos de agora, a qual he, que nem Appiano, nem Tito Livio (*a*), que contam estas grandezas, e liberalidades de Pompeo, naõ fazem mençaõ do que Pompeo tomou para si; porque estava entendido, que os Capitães daquelle tempo mais pretendiam honras que proveitos: mas os Viso-Reys, e Governadores ao contrario; venham os proveitos, as honras tenha-as quem quizer. Aquelles antigos Capitães folgavaõ da enriquecer seus vassallos, mas os Viso-Reys de os empobrecer; e tanto, que até os trinta mil cruzados, que ElRey lhes dá para repartir com elles, mettem elles em muitas partes fantasticas, e em homens que nunca nascêraõ no mundo. Conta Plutarco, que Ptolomeo Philadelpho respondêra a huns, que lhe taxavam fazer taõ largas mercês, que elle naõ queria deixar de si fama de rico, senaõ de fazer a muitos ricos. E assim costumava dizer o grande Alexandre, que aquelle era bom Rey, ou Capitão, que aos amigos conservava com dadivas, e mercês, e aos inimigos attrahia a si com beneficios, e boas obras. Dionysio Siracusano (segundo Plutarco escreve) entrando em casa do Principe seu filho, o achou fazendo rezenha de muitas peças ricas de ouro, e pedraria, que lhe tinhaõ dado, e com muita paixaõ lhe disse: » Por certo que melhor eras para mercador, que » para herdeiro de Sicilia; pois tens mais nature- » za de enthesourar, que de repartir, e fazer mercês; » o que te convem fazer, se queres depois de mim » herdar este Reyno; porque te affirmo, que os gran- » des, e altos Estados naõ se sustentam com guar- » dar, senaõ com dar, e repartir. » Cesar por onde veyo subir á Monarquia Romana, senaõ por sua liberalidade? a qual era tanta, que acrescentava o animo aos

(*a*) Bem se vê que ha engano em citar aqui Tito Livio.

aos ſeus, e abatia o dos inimigos, e aſſim por grandeza, quando fazia paga aos ſoldados, lhes mandava dar dinheiro aos punhados, dizendo, que de outra maneira ſe enganaria na conta. Coitado de mim ſe houver de dizer o que neſta parte peccam os Viſo-Reys da India, taõ differentes em tudo de Ceſar, que elle dava dinheiro aos punhados; e os ſoldados da India naõ lhes podem arrancar ás punhadas das máos cinco pardáos! Se Dionyſio Siracuſano víra o que vai naquelle Eſtado, com mais razaõ pudera chamar aos Viſo-Reys mercadores, que Capitáes; porque aſſim andam com canhenhos nas aljabeiras de receitas, e deſpezas, como os mercadores com os ſeus livros de caixa. E tornando a Ceſar, que por curioſidade naõ quero paſſar por ſuas couſas, pois Voſſas Mercês me tem dado licença taõ larga; conta delle Appiano no ſegundo *da Guerra Civil*, que depois que alcançou o Imperio, a cada ſoldado deo cinco mil dracmas Atticas, e a cada Capitáo de turma duas vezes dobrado: era huma turma eſquadra de trinta de cavallo (ſegundo Varro, e Vegecio), e aos Tribunos dos Milites o dobro, e a cada hum do povo huma mina Attica: e Suetonio Tranquillo, Eſcriptor antigo, nomêa eſtas mercês, que fez Ceſar por Sextercios, e que diſtribuíra quatrocentos por cada hum, o qual número Appiano toma pela mina Attica; e por ſua conta a cada ſoldado lhe coube cinco mil dracmas, e aos Cavalleiros dobrado: e Suetonio diz, que diſpendêra Ceſar por cada Cavalleiro vinte e quatro mil nummos, que ſaõ ſeis mil dracmas; e que quando fizera eſtas deſpezas ſe acháraõ em Roma vinte mil homens; e Hircio no ſeu tratado da *Guerra Africana* diz, que ſó de veteranos havia vinte mil, e que cada hum levára de mercê cinco mil dracmas, conformando-ſe niſto com Appiano, que montou o que elles leváraõ dez milhões de ouro, e acreſcenta mais Centurios, Cavalleiros, Tribunos, e os moradores de Roma, e das Cidades de Italia, com que fazia hum número infinito: e fallando Appiano do ſeu triumpho, que durou quatro dias, affirma, que o dinheiro amoedado, que hia no triumpho paſſava de ſecenta e cinco mil talentos, e duas mil e oitocentas corôas, que pezavaõ mais de vinte mil libras; e pela conta de Appiano, os ta-

len-

lentos que hiaõ em dinheiro amoedado vinhaõ a fazer trinta e nove milhões de ouro, e que cada dez mil libras faziaõ hum milhaõ. Trouxe estas particularidades para mostrar a liberalidade, e grandeza, com que se conquistou o mundo; e como aquelles Capitães venciaõ mais com mercês, que com armas, e outras cousas. Subio Philippe pay de Alexandre a tanta grandeza com mão aberta; e muitas vezes dizia, que naõ havia fortaleza tão forte, que se naõ conquistasse, se a ella pudesse subir hum asno carregado de ouro. Nicias com nenhuma cousa alcançou favor do povo para vir a ser senhor de todos, senaõ com liberalidade, que era officio de Capitão prudente; porque com o dar alcançou nome de Principe Liberal, e o amor, e vontade de Cidadãos. Dizia Marco Bibulo por Cesar, sendo ambos companheiros na Edilidade (que era officio de Almotacés), que tinha a Cesar em conta de Castor, e a elle de Pollux; porque assim como o templo, que estava edificado em honra destes dous, naõ tinha o nome senaõ de Castor, que assim tambem todas as sumptuosidades, e magnificencias que ambos faziaõ, todas tinhaõ o nome de Cesar, e nenhuma de Bibulo; porque isto tem as pessoas affaveis, e liberaes, ficar delles sempre eterna memoria; e os acanhados e tacanhos esquecerem como Bibulo. Themistocles, Capitão dos Athenienses, por onde veyo a ser famoso, senaõ pela liberalidade, e o naõ querer nada para si, e o dar tudo aos soldados? como lhe aconteceo huma vez; que andando na ribeira do mar (depois de huma batalha que alli teve com os barbaros, em que os desbaratou), vendo muitos de seus corpos mortos com braceletes, e outras joyas de ouro, e pedraria mui ricas, sem fazer caso disso, disse a huns soldados: » Tomai, soldados, tudo; já que naõ sois » Themistocles. » Oh quem víra alguns Viso-Reys que eu conheci com outra prêza como esta! como a havia de enthesourar, requerer seus quintos, e fazer diligencias sobre alguma cousa, se lhe faltasse, que até das entranhas dos soldados as havia de arrancar! mas estes nada se pareciaõ com Themistocles. Vêde, senhores, quanta força tem a liberalidade, que vindo Alexandre conquistando a Asia, commettendo a Hircania, e os póvos Marcos, o veyo buscar por sua fama Thalestris,

ou

ou como lhe outros chamaõ Minithea, Raynha das Amazonas com trezentos mil homens de guerra, a qual caminhou vinte jornadas só por ver hum Capitão taõ liberal, e de que tantas cousas ouvia, a qual (segundo conta Justino) dizem, que foi prenhe delle, o que ella muito estimou por ter hum filho de tamanho Capitão. O mesmo caso aconteceo á Raynha Sabá, que foi de taõ longas terras ver a grandeza de Salomaõ, e lhe levou muitos dons. E concluindo com esta materia de liberalidade, direi só este exemplo. Costumavaõ os Antigos famosos quando se punhaõ a comer mandar tanger muitas trombetas, para que acudissem os pobres a receber sua raçaõ; porque no repartir com elles mostravaõ sua grandeza. Isto, senhores, na India está acabado, porque os Capitães da guerra mudáraõ estylo, comem fechados, e em silencio, por naõ terem raçaõ de repartir com os soldados pobres, e aquillo que na primitiva India tinhaõ por honra, e grandeza, que era agasalhallos, e sustentallos, tem agora por infamia; que a este estado saõ chegadas as cousas! por onde eu receyo que a India naõ seja de dura.

Fid. Dizeis verdade, e ainda mal, porque isso he assim, e porque eu tambem o receyo.

Despach. Quam mal se parecem os Capitães, e Viso-Reys com estes que contastes! naõ sei que conta fazem, e em que pretendem nome.

Sold. Em ter, e guardar; e naõ sei se passou esta peste deste Reyno áquelle Estado, porque todos chegam a elle com esta linguagem de *quanto tens, tanto vales*. Eu estou cançado, houveraõ-me Vossas Mercês de dar licença.

Despach. Já nos haveis de fazer mercê de acabardes vosso discurso, e de concluir com a terceira parte, que vos ficou por dizer.

Sold. Ora em fim já me hei de sacrificar, pois mo mandam; e estejam hum pouco attentos.

SCENA VI.

Sold. A Terceira cousa, que ha de ter o bom Capitão, he bocca prudente, que he a verdade de Plutarco. Oh que cousa taõ formosa, que he na bocca do Viso-Rey, ou Capitão, a verdade, e palavras brandas, e prudentes! porque estas depois que sahem pela bocca fóra, naõ se podem tornar a recolher: e por isso dizia aquelle Philosopho, que muitas vezes se arrependêra de fallar, e de calar nunca: e taes saõ as boas palavras, como a mesma liberalidade; porque de tal maneira póde hum Capitão dar, que lhe naõ seja agradecido, e de feiçaõ póde negar, que lhe fique huma pessoa devendo, e agradecendo tanto, como se lhe déra. As palavras saõ testemunhas do coraçaõ: o alterado, e inquieto, e tacanho nem sabe dar, nem sabe fallar: natural he ao soldado na guerra esperar pelo louvor, e pelas mercês do seu Capitão; pelo que se arrisca aos mayores perigos, e trabalho, para nelles ser visto delles, quando entende que lhe naõ faltam obras, e palavras; porque o dar he proprio de Capitão, porque sabe que fica nisso ganhando mais, que o que recebe; pois adquire o que pretende, que he fama, e gloria; e o soldado recebe o que se lhe deve, e naõ fica devendo nada: de maneira, que a boa palavra ao Capitão he hum thesouro taõ precioso, que todo o ouro do mundo fica muito atraz; nem ha tambör, nem trombeta, que mais incite os animos dos soldados, que a palavra prudente do seu Capitão: esta he muitas vezes a escada, com que se sobem soberbos muros; as armas com que se escalam Fortalezas mui grandes; as bombardas com que se desfazem poderosos exercitos, e a que mina mui inexpugnaveis baluartes; e a que desfaz fortes malhas, e colletes; a que faz todo o perigo facil, toda a carga leve, o naõ comer fartura, o naõ dormir repouso; esta he a que faz o fraco forte, e o forte mais ousado, os montes planos, e chãos, a noite escura alegre, o dia triste gracioso, e sobre tudo a morte fêa formosa; e assim taõ necessaria he na guerra a bocca pru-

prudente do Capitão, como as proprias armas; porque os inimigos vencem com ellas, e os vencedores animam-se com as palavras. Em nenhuma outra cousa mais se mostra a prudencia do Capitão, que na bocca; porque menos he na guerra bolça fechada, que bocca desmandada. Nos Proverbios lêmos, que a discreta palavra abranda toda a ira; e assim como a Escriptura diz, que a agua tibia faz vomitar o que está no estomago; assim faz a boa palavra. Dizia Diogenes, que assim como o rosto do homem, vemos qual he n'hum espelho, assim o interior da alma o conhecemos pelas palavras; e que assim como hum vaso no tom se conhece se está quebrado, ou saõ, assim tambem pelo som da palavra se conhece que tal he o Capitão. E por esta causa respondeo Socrates a hum que lhe perguntou pelo valor da pessoa de Archeláo filho de Perdiccas, que nunca o ouvíra fallar, porque a palavra do homem he o verdadeiro tóque, em que se prova sua prudencia: na bocca do homem está o bem, e o mal; tenha quantas bondades quizer, naõ tenha bocca prudente, tudo se lhe escurece, e desdoura. Pytheas grã Duque que foi dos Athenienses (segundo Plutarco), foi Principe honrado, temido, e muito esforçado Capitão; mas todas estas grandezas barrou com suas indiscretas palavras; porque aos Capitães mais se olha pelo que dizem, que pelo que fazem; de maravilha o Capitão na guerra peleja, nem arrisca sua pessoa, e com tudo a elle se attribue a honra, e gloria da victoria; porque ainda que os soldados peleijáraõ com as armas, e com as mãos, elle o fez com a boa, e prudente palavra, e governo; porque ao exercito, sem o que governa ter bocca prudente, podemos-lhe chamar sem Capitão; como Cesar chamou ao exercito de Petreyo, e Afranio, que estavaõ em Hespanha por Pompeo, o qual (segundo escreve Suetonio Tranquillo) depois que se apoderou da Monarquia Romana se foi para Durazzo; e tendo Cesar determinado de o ir buscar, deixou de o fazer por causa da invernada, pelo que se determinou passar a Hespanha, e disse aos seus: » Vamos primeiro commetter o exercito sem Capitão, » e depois iremos buscar o Capitão sem exercito: » e isto disse, porque os Capitães de Pompeo, Afranio, e Petreyo naõ eraõ prudentes na bocca; e porque Pompeo

peo tinha esta prudencia sobre os Capitães de seu tempo, por isso lhe chamou Capitão sem exercito, o qual havia por mais duvidoso de conquistar, do que os grandes exercitos de Hespanha com homens indignos de nomes de Capitães. Os famosos Escritores, assim Gregos, como Latinos, naõ se esmeravam tanto em escrever os feitos que os grandes Capitães faziaõ, como o que diziaõ; porque entendiaõ qne pelas palavras se conheciaõ as obras. De Dario se escreve, que estando hum dia comendo, movendo-se práticas entre os seus sobre Alexandre, hum Capitão chamado Memnon, que naõ era prudente na bocca, metteo muito cabedal em dizer males de Alexandre, o que Dario naõ soffreo, e com ira lhe disse: » Calla-te, Memnon, que te naõ trago » comigo para que deshonres Alexandre com a lingua, » senaõ para que venças com a espada. » E por aqui se vera a differença que havia da bocca prudente de Dario á do seu Capitão, que nem do seu inimigo consentia dizerem-lhe males. Do mesmo Alexandre se lê, que ouvindo praguejar delle certos soldados, lhes dissera com huma bocca muito prudente: » De grandes Capitães he » ainda que ouçam mal, fazer bem: » e lhes fez mercê. Scipiaõ Africano competindo com Claudio sobre a senhoria de Roma, Claudio com bocca naõ muito prudente allegava seus merecimentos, e entre elles dizia: » Oh Padres Conscriptos, e nobres Senadores de Roma » (e com isto nomeava todos por seus nomes), quem » sabe taõ bem o nome a todos, dizia elle, naõ he » senaõ de amor; por onde naõ me podeis negar a Se- » nhoria: » mas Scipiaõ com bocca muito prudente, disse aos Senadores: » He verdade o que Claudio diz, que » sabe o nome a todos; mas eu sempre trabalhei por » todos mo saberem a mim: » e com isto subio á dignidade que esperava. Tiberio Cesar, dizendo-lhe alguns de má inclinaçaõ, que em Roma havia alguns que praguejavaõ delle, respondeo muito prudente, que na Cidade livre haviaõ de ser livres as linguas. Muitas cousas fizeraõ ao Cesar Carlos V. famoso no mundo, mas eu hey, que a principal foi bocca prudente; e tanto que nunca amigo, nem vassallo sahio delle descontente, nem inimigo escandaloso; e porque se em muitas cousas mostrou suas palavras prudentes, sobre todas foi naquellas altissimas, e christianissimas que disse quan-

do

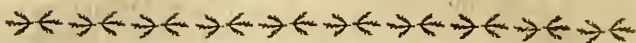
do venceo aos Proteſtantes de Alemanha, e ſe vio da outra parte do Albis: » Vim, vi, e Deos venceo: » imitando ao primeiro Ceſar; mas hum fallou como Gentio, e outro como Chriſtaõ. E concluindo eſta materia; o homem que ſe ha de eleger para governar aquelle Eſtado, ha de ter tres couſas já ditas, clemencia, liberalidade, e prudencia, que ſaõ as tres graças, a que os Poetas chamam *Aglaia*, *Euphroſina*, e *Thalia*, pelas quaes queriaõ ſignificar a couſa alegre, gracioſa, e florída, porque naõ ha couſa mais alegre que a clemencia, nem mais gracioſa que a liberalidade, nem mais florída que as palavras prudentes. E porque devem Voſſa Mercês eſtar enfadados, iſto he tempo, dem-me licença: e certo que naõ cuidei que me eſtendeſſe tanto; mas o fervor me foi embebendo as horas.

Deſpach. Foi-mo elle furtando a mim, que tomára ouvir-vos até á manhá; porque me diſſeſtes couſas, que naõ eſperava ouvir da bocca de hum ſoldado; e ſabeis dar taõ boa razaõ de tudo, que á manhá nos vejamos; porque convem ao ſerviço delRey ſaber de vós as couſas que he neceſſario mandar prover no Eſtado da India para ſua ſegurança, e qual he mais neceſſario conquiſtar-ſe primeiro Ceilaõ, ou Achem, porque ha cá differentes pareceres.

Sold. Naõ ſei ſe tenho talento para tanto; mas pois Voſſa Mercê me diſſe que era ſerviço delRey, *farei*, como lá dizem, *das tripas coraçaõ*, *e tirarei forças da fraqueza*, e eſta noite paſſarei eſſas couſas pela memoria, para ſaber dar melhor razaõ dellas.

Fid. Tendes-me encantado! confeſſo-vos que me embaraſſaſtes com o que vos ouvi, porque tocaſtes em materias mui graves, e de muita ſubſtancia. A' manhá, querendo Deos, me tornarei para cá, porque vos quero ouvir, para eſtar preſente neſſas materias, quando ſe tratar dellas em conſelho.

Sold. Iſſo eſtimarei muito; porque como Voſſa Mercê ſabe tanto daquelle Eſtado, ir-me-ha allumiando em algumas couſas: por ora fique Deos com Voſſas Mercês.

TER-

DIALOGO
DO
SOLDADO PRATICO,
QUE TRATA DOS ENGANOS, E DESENGANOS DA INDIA.

TERCEIRA PARTE.

ARGUMENTO.

Ao outro dia á tarde se foi o Soldado para casa do Secretario, como ficáraõ com elle, e já o achou com o mesmo Fidalgo praticando sobre as cousas, que entre todos se tinhaõ tratado o dia d'antes, louvando a liberdade com que o Soldado fallava, e a experiencia que tinha de todas as cousas daquelle Estado, e entrando, lhe disse o Fidalgo:

SCENA I.

Fid. PODEIS-vos gabar, senhor Soldado, que esta noite nos tirastes o somno a ambos, com cuidarmos em quantas cousas nos dissestés; tanto para ficarem escritas, que isso estavamos agora, o senhor Secretario, e eu dizendo, e só por isso mereceis que se vos faça huma grande mercê.

Sold. Naõ he taõ pouco fazer eu perder o somno a Vossa Mercê, quando lho naõ fez perder o governo da India, e o pezo daquella máquina: e certo que naõ sei qual he o Governador que gosta do que come, e que

que tem horas de repouso com tantos cuidados, quantos pela razaõ devia ter; e muitas vezes estive cuidando se lhes viria isto de terem perdido o sentido das cousas, ou de se lhes dar de todas muito pouco; porque vi chegarem novas de estar Maluco muito apertado, Malaca de cerco, e que os Malavares tomáraõ hum poço de ouro aos vassallos delRey, e que na sáhida que fez o Capitão Mór do Malavar em hum rio dos inimigos lhe matáraõ duzentos homens, e em outro desastre cem, e que tomáraõ huma Náo da China carregada de ouro, e dar-lhes disso taõ pouco, como se fôra huma palha. Em fim, senhores, os adagios das velhas saõ evangelhos pequenos, e aquelle que diz: *Onde naõ ha dono, nem dó*; he muito certo: estes senhores que governam, naõ saõ donos da India, doe-lhes muito pouco; estaõ com o tento em irem ricos, o mais passe por onde passar, que elles vem-se com as costas sans, e os pobres dos moradores ficam com ellas quebradas: pois os Capitães Móres das Armadas vos gabo; recolhem-se com os focinhos quebrados, e com alguns Navios perdidos, e ao entrar da barra de Goa he tanta a bombardada, que naõ ha quem se ouça; e ao sahir em terra, tanta pluma, e tanta bizarrice, como se deixáraõ destruido o mundo; e nas Certidões, como já disse, tudo saõ gabos que fizeraõ, que destruíraõ, e que gastáraõ tanto. Ora vejam Vossas Mercês se he verdade o que digo do pouco sentimento que todos tem das cousas: Vossas Mercês naõ querem senaõ tirar-me tantas vezes a terreiro para me fazerem apaixonar.

Despach. Isso que dizeis he assim, que eu tenho em meu poder essas Certidões: e ainda he peyor, que se acertaõ de andar em requerimento dons Fidalgos, que foraõ Capitães de Armadas, quando fallaõ comigo em segredo, naõ diz nenhum de outro senaõ mil affrontas; que naõ soube ser Capitão Mór; que lhe tomáraõ Navios; que naõ deo boa guarda ás cafilas; que lhe perdêraõ os soldados o respeito; que lhe matáraõ os Malavares tantos homens; que naõ gastou nada; e elle tudo o que diz do outro lhe succedeo peyor; e eu estou com muita paciencia ouvindo tudo sem lhe responder.

Sold. Ahi verá Vossa Mercê o que eu digo; pois como os despachais?

Despach. Deo-me Deos tal condiçaõ, que por importunações me tomáraõ minha mulher. Confesso-vos que me enfadaõ tanto, que lhes dou tudo pelos naõ ver, nem ouvir.

Sold. De maneira, que por importunações vos metteis no inferno: bofé que he isso muito bom! e eu com os braços, e com as pernas chêas de cutiladas, e de espingardadas em serviço delRey, que porque naõ fui importuno, fique por despachar, he boa justiça essa! Os cargos, e Fortalezas dam-se a quem mais serve, ou a quem mais importuna? Se tal he, eu avisárei aos soldados que naõ curem de papéis, nem de arriscarem as pessoas, senaõ de aprenderem na escola dos enfadonhos, pois essa doutrina val tanto neste Reyno; e pela ventura se vos disser muitas vezes, que olheis pela India, que se perde, que mandeis bombardeiros, artelheria, Galleões, dinheiro, e soldados, e tudo o mais de que está falta, que me mandeis metter no tronco por enfadonho; naõ me entendo com isto! Quem falla verdades, prezo por sobejo; quem requere mentiras, despachado por importuno: ora dai-me algum regimento para levar na aljabeira á India, para os homens saberem o como ham de requerer: Vossa Mercê metteo-me nisso em grande confusaõ; naõ cuidei que me faltava isto saber; porque já o tenho percebido no coraçaõ; pois dous soldados que vieraõ comigo requerer, andando por vossa casa, e dos outros Despachadores, hum delles fallava tudo o que queria, dictava despachos, e fazia juramentos, que tremiaõ as carnes, chamava-vos huns taes, e quaes, que naõ despachaveis senaõ quem vos dava, e tantas cousas destas lhe ouvi, que lhe disse algumas vezes: » Olhai cá, fuaõ, » ou vos ham de despachar estes homens por naõ vos » ouvir, ou ham de mandar metter-vos no hospital por » doudo: » e assim aconteceo, que este está já despachado á sua vontade, e diz que o agradece á sua lingua. E outro que acertou de ser sezudo, brando, bom homem, muito bom Cavalleiro, que levou até agora seu negocio por termos muito honrados, e de paciencia, e que fugio de importunar, este que esteja hoje ainda por despachar, tendo dobrados serviços do outro;

e as-

e assim algumas vezes disse a este homem: » Olhai » que se esses termos vos ham de fazer nojo, gritai, » fallai, porque aqui dam mais a quem mais falla, » que a quem mais peleja. » Ora vejam com que gosto viráõ os homens a buscar quem tem obrigaçaõ de lhes fazer justiça, se elles vem taõ claramente estas injustiças? Ora peza-me de naõ ter idade já para me metter n'huma Religiaõ; porque o mundo me tem desenganado para esperar delle nenhum bem. Quero-vos contar huma historia que me aconteceo andando de Armada na enseada de Cambaya: desembarcando na Cidade de Goa, estando eu fallando com hum mercador Gentio muito rico, veyo outro metter-se na conversaçaõ; e perguntando eu com quem fallava, e que homem era aquelle? respondeo, que era hum grande Cavalleiro, e quando os Turcos xaquearaõ Mascate muito bem peleijára; e andando elles roubando pela povoaçaõ, estava em cima da terra muito alta, e dalli praguejava, e dizia muitas ruindades: cahio-me aquelle negocio tanto em graça, que muitas vezes o contei por galanteria: agora digo que muitos Fidalgos, e soldados, que cá despachastes muito depressa, peleijáraõ como este Gentio de cima da terra, deitando brabosidades contra os inimigos; e eu, que andei com a espada núa, e chêa de sangue, entre elles peleijando com muitas feridas, que esteja por despachar. Tal he o mundo como isso; o bom he logo peleijar de bocca, e deixar estar as mãos.

Despach. Por certo que tem isso muita graça; folguei muito de ouvir esse conto, e de o saberdes trazer tanto a proposito, e cuido que fallais em tudo muito a ponto, e que muitos peleijáraõ na India dessa maneira, que me vem cá tambem matar com a bocca; de maneira, que eu, e os Turcos corremos muito risco com esses.

Sold. Naõ se cance Vossa Mercê, que estes que digo nem ham de matar a elles, nem a vós; satisfazem-se com aqui sonharem que peleijáraõ muito bem; parece-lhes que foi assim, e requerem pelo que imagináraõ, e naõ pelo que fizeraõ.

Despach. Que vos hei de dizer? digo minha culpa; entregaõ-me hum feixe de papéis, que eu os naõ lerei por hum Condado; e porque estaõ com a opiniaõ de

soldados velhos, e antigos, salvo-me na fé dos padrinhos, e despacho-os pelo que pedem, e naõ pelo que merecem; ora daqui por diante ficarei ensinado á minha custa.

Sold. Será isso á custa delRey, e minha; porque lhes dais os seus cargos sem ordem, e merecimentos, e a mim negais o que com tantos requeiro. Ora deixemos isto, e vamos ao primeiro, que ficámos hontem de nos ajuntar aqui, que foi para tratarmos das cousas que he necessario mandar prover para segurança daquelle Estado, no que eu desejo de ver, e entender neste Reyno muito de proposito, ainda que me naõ despacheis a mim, nem aos outros; porque o bem commum precede ao particular.

Despach. Isso he de Christão, e folguei muito de vo-lo ouvir; porque outros muitos ha, que tomáraõ naõ se tratar nunca senaõ do que releva a elles, e o mais que se perca tudo.

Sold. Naõ sei se abrange isso tambem a Vossas Mercês; porque com saberdes o estado em que está a India, quando parece que no despacho ha de sahir que se deixe tudo, e que se acuda muito depressa a ella, porque se naõ perca, e que se ordena huma grossa Armada, e obriguem a ir á India muitos Capitães, que entendem a guerra, muitos bombardeiros, artelharia, e dinheiro, vejo arrebentar com quatro Nãos carregadas de provisões de alvitres para vós, e para vossos criados, e muitas Leys contra os pobres dos moradores, sem nenhum fundamento, nem proveito delRey, nem daquelle Estado.

Despach. Que vos hei de fazer? que cuidam cá que acertaõ nisso; porque o escrevem assim os Viso-Reys, a cujas cartas se dá muito credito pela obrigaçaõ que tem de fallarem verdade ao Rey, e trabalharem de pôr remedio ás cousas, que virem ir desordenadas.

Sold. Eis-ahi, senhor, como he tudo: escreve hum Viso-Rey, que naõ he bem que andem os homens em palanquins, e que naõ tragam pagens Portuguezes, e que naõ respondam aos homens que estam ausentes, que naõ paguem soldos velhos, nem liberdades das caixas senaõ na India, havendo que dais alvitres de poupar, e outras trezentas cousas muito para rir; e se vos

vos efcrevem os homens livres, e que temem a Deos, e naõ leaes a feu Rey, que acudais á India, que fe perde, zombais diffo, e cuidais que vos enganam; e ao outro que damna aos homens, acudis com tanta provifaõ, que he pafmar. Dizei-me, fenhor Secretario, que fundamento fe tem nefte Reyno a naõ refponderem aos aufentes, fendo juftiça; nem refponderem primeiro a eftes, que ficam no ferviço da India, que aos que fe vieraõ della em tempo que pela ventura ha muita neceffidade de homens? e fe naõ merece mais o que actualmente ferve a feu Rey, que o que deixou feu ferviço? todos podem vir a efte Reyno requerer; fe muitos homens ha que naõ tem poffe para iffo, logo perderáõ feus merecimentos os foldados velhos; e as liberdades das caixas, que lhes pagavaõ nefte Reyno, e que fe mandam pagar na India, quem o ha de fazer, fe me naõ pagam o meu foldo, que actualmente venço, porque havendo de me dar quatro quarteis para o anno, naõ recebo mais que dous? e como fe póde na India fuftentar hum foldado com vinte pardáos por anno? iffo he pôllo a rifco de furtar, ou fe ir para os Mouros, como muitos já fizeraõ. Eftas coufas por certo que naõ fazem o Rey pobre, antes o enriquecem; porque pagando o que deve a quem o ferve, enthefoura thefouros muito grandes de Mifericordia para com Deos, que por iffo lhe confervará feus Eftados em paz, e quietaçaõ, e lhos acrefcentará em feus rendimentos. Ora quero, fenhores, faber, que nojo faz ao cafado, que tem feus moços, andar no feu palanquim, achando-fe indifpofto, ou tendo o feu cavallo enfermo?

Defpach. Tudo iffo que differtes he fanto; mas que vos ha de fazer ElRey, fe da India efcrevem, que o rendimento della bafta para tudo; e quanto a defpacharem nefte Reyno os homens que eftam prefentes, e naõ fe fallar nos aufentes, he para que os que andam nefte Reyno fe tornem para a India, que há lá neceffidade delles.

Sold. Eis-ahi a juftiça: defpachais os que aqui eftam para fe tornarem, e os que lá ficam fervindo, que padeçam! antes para fe fazer juftiça fe havia de tratar primeiro do defpacho dos aufentes, pois eftaõ continuando no ferviço; porque fe virem que fe faz affim, naõ

naõ ſe viraõ os homens de lá, e naõ dareis aos que cá eſtam mais do que merecem, para que ſe tornem.

Deſpach. Aſſim o concedo eu. Tambem eſſe negocio de ſe naõ fallar em auſentes, naõ deve eſtar taõ fechado, que ſe naõ deſpachem todos os annos muitos, e ſempre ſe parte com todos. Em quanto ao que dizeis dos palanquins, he máo coſtume, e parece que andam nelles os homens affeminados, e a eſſa conta os Fidalgos naõ tem cavallos para acompanharem ſeus Viſo-Reys, e com iſſo parece que ſe habituam á huma vida molle, e que naõ he trajo de ſoldado.

Sold. Eſtá iſſo muito bem, e aſſim he que eu ſou o que mais eſtranho que todos, pois por eſſes peccadores naõ ham de pagar os caſados innocentes: eſſes outros he muito bem que naõ andem em palanquins, e que os obriguem a ter cavallos, e que o que naõ acompanhar o ſeu Viſo-Rey, ſeja caſtigado; e a eſtes Fidalgos naõ ſe lhes ha de pôr outra pena, ſenaõ que percaõ ſeus deſpachos, e que outros os naõ pudeſſem merecer; porque das mais penas zombam; e com o entrar em perder deſpachos, eu vos dou minha palavra, que ande taõ a ponto, que lhe naõ poſſa o provido detraz delle arguir de peccado. E mais, ſenhores, ſabei que eſta ley de palanquins, depois que paſſou á India, foi hum ninho de guincho, como lá dizem, para os criados dos Viſo-Reys; porque eu vi haverem eſtes licença para os homens de negocio andarem em palanquins; e a mim me diſſeraõ alguns, que lhes cuſtára a vinte, e a trinta pardáos. E eſtes homens, como compram todas as couſas das bolças dos neſcios, pagam tudo largo, e muito mais largo com o entrar em diligencias; porque eu ſei alguns que em relhos de ouro, e collares de pedraria, gaſtáram com as amigas dez, e doze mil cruzados; e aſſim depois quebráraõ, e fugiraõ com grande ſomma de dinheiro das partes: e com eu aviſar a alguns amigos diſſo, naõ ſei que dom tem eſtes homens ſobre o dinheiro alhêo, que andam ás rebatinhas, a quem lho dará primeiro, e ainda para lho tomarem os peitam: por onde certo que cuido todo o dinheiro da India he mal ganhado, e que permitte Deos, que o diabo o leve

ve por estes canos, e por outros. Ora deixando isto, grandes penas para quem andar em palanquim, e para os que se escusam do serviço delRey nenhuma! Em verdade, senhores, vos digo, que desejo de me fazer doudo, para me desentoar nesta materia. Vi alguns mexelhões, que como andárão dous verões por Capitães de Navios, já naõ querem senaõ Galé; e se lha dam, já ao outro anno naõ querem acceitar senaõ Armadas de Capitães Móres; e se o foraõ hum veraõ do Norte, já para o outro o naõ querem ser, senaõ do Malavar; de maneira, que cada hum se quer vestir da sua livre vontade, e naõ da do Rey, a quem servem; e para isto naõ ha ferros, nem troncos, que estes merecem melhor que Armadas: tomára hum Viso-Rey de tanta fé, para que em se hum escusando do serviço, o embarcasse logo em huma Náo com huns grilhões nos pés, que entaõ eu vos segurára que os outros se recolhêraõ; nem isto hey medo que seja remedio, antes temo, que em estes chegando a este Reyno, além de os despacharem com Fortalezas, lhes deis hum entretimento pelos ferros que levou: e por isso, senhores, deixai-me, que me fazeis irar contra todos os Despachadores, em tempo que venho labutar com elles.

Despach. Sobre isso que dizeis dos que se escusarem, tem ElRey provído muitas vezes, porque de tudo he informado.

Sold. Nada sei disso; se lá foraõ provisões, os Viso-Reys as sumiriaõ, porque nunca se usou dellas; e assim os castiga Deos naquillo em que peccam; porque assim como naõ cumprem as Provisões delRey, assim lhes naõ cumprem as suas, nem lhes guardam seus regimentos; e daqui nasce desacreditarem-se as Leys, e terem-lhes pouco respeito. Muitas vezes vi apregoar na India algumas, que se naõ guardavaõ mais de tres dias; e certo que parece isto jogo de meninos, ou dos despropositos. Sahe o Viso-Rey com huma ley sobre pagens, e diz, que os Capitães de Ormuz, Sofalla, e Malaca poderáõ trazer quatro pagens, e os das mais Fortalezas dous, e todos os mais Fidalgos hum; isto durou seis dias: sahe outro com outra ley, que naõ tragais gualdrapas: olhai este desproposito. Outro manda, que naõ tragais diante dos cavallos Cafres com

som-

ſombreirinhos de mão, que lhe tomavaõ a chuva no inverno. Naõ houve mais que apregoar, e parar: certo que quando iſto via, que cuidava que ſe fazia aquillo ſó para que ſe ſoubeſſe quem era o Viſo-Rey, e que folgava de ſe mandar apregoar pelas praças. Ouvi de mandado do Viſo-Rey, fuaõ, homem: Joaõ, ſey (reſpondia eu ao porteiro); vai-lhe dizer, que faça alguma ley contra os Malavares, que nos tomam todos os annos vinte, e trinta Navios. Huma vez me aconteceo ir em Goa a cavallo com hum Fidalgo velho, e vir pela rua hum tambor, que parecia que vinha rompendo batalha, e o cavallo do Fidalgo começou-ſe a inquietar, o que elle ſentio muito, e paſſando pelo que tangia o fez callar, e lhe perguntou cujo era, e onde hia? ao que reſpondeo, que do Governador; e que hia lançar hum pregaõ: ao que o Fidalgo lhe diſſe: » Vai-lhe dizer que vá beber de » tal, que os Malavares andam ſenhores do mar, e » elle anda cá pela Cidade quebrando nos as cabeças » com o ſeu tambor; que mande apregoar, que nenhum » Malavar navegue, que iſſo he o que releva; e que » eſſeoutro que vás apregoar he parvoice, que nem » importa, nem ſe ha de guardar. »

Deſpach. Naõ eſtá eſſa hiſtoria má, e bem fôra iſſo que dizeis, fazer-ſe Ley contra os coſſarios; mas elles naõ lha guardaraõ.

Sold. Nem a elles lhes dará huma palha diſſo.

Deſpach. Dizei-me, ſenhor, que reſpeitos houve para eſte Viſo-Rey defender pagens?

Sold. Fazer tiro a alguns Fidalgos, que naõ eraõ deſpachados com as Fortalezas dos quatro pagens: e ſabeis o que iſſo montou? que hum que trazia quatro metteo logo oito, e ninguem lho perguntou.

Deſpach. Que damno faz trazer hum Fidalgos muitos pagens?

Sold. Antes cuido que he ſerviço de Deos, e delRey; porque vem todos os annos nas Náos duzentos meninos, e ſe naõ tiverem quem os recolha, como fazem eſtes Fidalgos, morreráõ ao deſamparo; e aſſim ſe vaõ creando por eſtas caſas, e depois ſe fazem ſoldados, e honrados; e quando ſeus amos entraõ em ſuas Fortalezas, fazem-lhes bem, e partem com elles, e muitos vem a ſer ricos; e aſſim a terça parte dos mora-

do-

dores honrados das Fortalezas da India foraõ destes assim : este he o mal que lhes faz esta creaçaõ, e o bem que lhes quer fazer quem lhes quer tirar este remedio.

Fid. Dizeis muito bem, e assim he; que na India os mais dos moradores foraõ criados dos Capitães, que nella estiveraõ, e no cabo dos seus tres annos cada hum deixa seus dous pares delles casados, e ricos. Este Viso-Rey, que quiz defender isto, deo-lhe a paixaõ.

Sold. Essa faz muito mal aos que governam aquelle Estado, porque por ella fizeraõ algumas grandes injustiças; e affirmo-vos, senhores, que chega isto a tanto, que ousarei affirmar, que houve Viso-Rey que estimava mais satisfazer seu appetite, que sua obrigaçaõ, e que lhe dava muito pouco de pôr a India em hum balanço, só por cumprir com sua paixaõ. Perguntarme-heis de que vem isto? vem de cuidarem, que em quanto estam naquelle lugar lhes he licito mostrarem seu poder até contra Deos, se posso dizer isto; porque bem contra elle se faz o que se faz contra a justiça.

Despach. Essa materia he de importancia, e por isso ide de vagar com ella, porque me tereis muito prompto a vos ouvir.

Sold. Já que assim he, ouçam-me Vossas Mercês.

SCENA II.

Sold. COmeço por aqui : quer hum Viso-Rey huma cousa destas; diz-lhe o Desembargador livre, o Theologo virtuoso, que o naõ póde fazer; entra logo o diabo, e diz-lhe : faze, que tudo podes; e assim tomam taõ mal dizerem-lhe, que naõ póde, que lhe parece já lhe tiram o governo das mãos. » Como » naõ posso, diz elle, se posso tudo quanto ElRey » póde? » e diz muito bem naquillo que se inclue, quanto lhe disseraõ os outros; porque ElRey naõ póde fazer injustiças : se se isso naõ remedêa, eu dou por perdido tudo. Quer hum Viso-Rey batter moêda falsa, que assim lhe posso chamar, pois damnifica o po-

povo ; val o cobre a quarenta xerafins o quintal ; battem os bafarucos a razaõ de feffenta , e fetenta ; vem os Mouros da outra banda , que trazem o olho em noffas coufas , e vendo o exceffivo ganho , battem logo lá em terra firme grande quantidade de bafarucos , e á formiga a mettem em Goa , na qual ganham hum poço de ouro , porque ainda a fazem mais pequena. Vem os Mercadores das vaccas , padeiros , botiqueiros , hortalões , e todos os mais ; ou naõ querem tomar a moeda , ou valendo trezentos réis hum xerafim , pedem trezentos e feffenta ; accrefcentam hum bafaruco na medida de arrôz , no peixe , na carne ; o padeiro faz o paõ de menos pezo , e affim por efta maneira , todas as mais coufas , com que os pobres perecem , e clamam ; acodem logo com o remedio , que he abatter na moeda tres bafarucos , que valham dous , que he grande roubo ; e affim o povo padece , e o criado do Vifo-Rey , que abatteo o feu cobre , fica com os cinco , e feis mil cruzados de ganho ; e fe lhe quereis ir á mão , e dizeis , que naõ póde batter aquella moeda , ri-fe de vós , e zomba de todos.

Defpach. Pois que determinam Fidalgos taõ honrados ? vam lá para deitar a perder a India ? porque fe naõ attenta niffo ; e porque os naõ caftiga ElRey ?

Sold. Já eu diffe ao que lá hiaõ alguns delles ; naõ queira que lho diga tantas vezes ; o bom he baralhar efte jogo , e naõ paffar mais avante.

Fid. Todos defejamos de acertar ; mas nem a todas as coufas fe póde acudir com o rigor que dizeis : que havemos de fazer que nos himos lá remediar ? e fe cá tornamos fem dinheiro , naõ nos fallaráõ a propofito. Ora quanto ás penas , que dizeis que fe ponham aos que fe efcufam de fervir , naõ póde fer , porque ElRey neceffita os homens.

Sold. Effa vos nego eu já ; homens que fogem do ferviço , e de fe embarcarem nas Armadas , e de foccorrer as Fortalezas , naõ fe ham mifter para nada. Mas quero-vos tambem fatisfazer a iffo ; diffimulai com eftes , por naõ fazer tanta execuçaõ , com naõ mandardes todos os annos a ElRey hum rol deftes , a que podemos chamar vadios , para o tempo dos defpachos fe lhes naõ refponder. E que mayor caftigo quereis , que fazellos vir a efte Reyno , e tornar fem o defpa-

pacho, para que os outros se envergonhem, e se naõ escusem? eu vos dou minha palavra, que se isto se fizer haja tanta emenda, que pasmem todos; mas se elles vem, que com isto lhes dam tanto sem se embarcarem, como aos que continuavaõ suas Armadas, fazem muito bem naõ se cançar. Vós, senhor, despachais a estes, como ainda agora dissestes, por enfadonhos? fazem muito bem de viver á sua vontade, e naõ se cançarem, como eu toda a minha vida fiz, que nunca quietei senaõ os tres mezes do inverno, e ainda nesses tive mayor trabalho, que nas Armadas; porque peleijava com a fome, que he o inimigo contra quem naõ val esforço, nem armas; que nas Armadas naõ faltava hum prato de arrôz com huma cavallinha salgada; que estes saõ os regalos em que lá servimos a ElRey: e certo que se a vida de huma fusta se tomára em penitencia de peccados, que naõ sei mais dura vida dos Padres do ermo; porque se dormiaõ no chaõ, era dentro em huma lapa quentes, e reparados das inclemencias dos tempos; se comiaõ hervas cozidas, e com hum pedaço de paõ duro, tinhaõ muitas consolações espirituaes, com que se sustentavaõ, e viviaõ mais de cem annos; se naõ bebiaõ vinho, tinhaõ aguas de fontes suavissimas, que os consolavaõ: mas os soldados todo o anno, ou toda a vida, dormem em hum banco da fusta descubertos á chuva, e ao Sol; hum prato de arrôz que comem, he cozido com muitas pedras, e pó; e a agua que bebem he dos tanques, taõ fedorenta, que póde causar peste. Ora vêde se era isto bastante penitencia, se a passára por meus peccados! mas nós soffremos tudo, porque naõ temos outro remedio.

Nas Repúblicas bem ordenadas tudo se encaminha a bem, e tanto se trabalha por remediar cousas pequenas, como as muito grandes. Se vos cahe hum pequenho argueiro no olho, em quanto o naõ tirais inquietais-vos todo; assim o faraõ cousas muito pequenas no olho da vossa República: se lhe naõ acudirdes ao argueiro pequeno, tralla-heis sempre inquieta: *de pequena bostella se cria grande mazella*, dizem as velhas. Se vos cahe huma pequena pedra no sapato, faz-vos manquejar: cuidais que isto naõ he nada; que argueirinho deixardes andar;

dar (*a*), e os homens viver á sua vontade, importa pouco. Sabei, senhor, que nisso vai tudo: porque se naõ ha de attentar em huma República pelo soldado que naõ tem nada, donde lhe vem andar com tanto ouro, tanto velludo, tantos pagens Portuguezes, que he pasmar? pelo Fidalgo mancebo, que vem do Reyno sem hum cruzado, querer logo ter casas de trinta de alugueis por mez, cavallo ajaezado de prata, caprazões ricos, e quando entrarem por suas casas parecer entrar por hum deserto, ou casas de encantamento; na casa dianteira quatro cadeiras, na camara hum esquife em que dormem, e todas as mais casas poderse nellas esgrimir, e jogar a pella? Pois para que he isto, e para que se dissimula com este argueiro no olho, porque se naõ tira? pois estes para sustentar isto ham de buscar todos os meyos illicitos que puderem, e enganarem a donzella, a viuva, e deshonrarem a casada, e por aqui se vem a estragar a vossa República. Quando a India florecia, nenhum destes Fidalgos mancebos tinha casa, nem cavallo, pousavaõ cinco, e seis com hum Fidalgo velho, ou que tinha acabado de sua Fortaleza, ou que estava para entrar nella, sem terem mais que hum pagem, e hum Boi (*b*) para o sombreiro, e assim viviaõ taõ registados, que era muito para louvar a modestia daquelle tempo; e de maravilha achaveis hum destes em huma baixeza, nem se casavaõ, como hoje fazem, com quatro cruzados, que logo se lhes acabam. Os soldados cinco, e seis tambem em huma casa terrea, de que pagavaõ dous pardáos por mez, e alli se negociavaõ com só duas capas, e duas esquipações, e hiaõ fóra aos dias, comiaõ huma raçaõ, se lha dava o Fidalgo velho, senaõ sobre a espingarda lhes fiavaõ arrôz, e azeite para se allumiarem; naõ faziaõ vilezas, nem os achaveis devassando as ruas; e tanto que havia Armadas, corriaõ-se de passear pela Cidade. Contar-vos-hei huma galanteria a este proposito de huma mulher corteză. A esta foi hum soldado de noite batter á porta, sendo o Viso-Rey na Armada, e perguntando ella quem era, lhe res-

---

(*a*) He fielmente como se achava no manuscripto.

(*b*) *Boi* chamam na India ao criado, que leva o chapeo de Sol. Vej. Bar. Decad. 3. Lobo: *Corte* Dialogo 9.

respondeo, que gente de paz, ao que ella apressada tornou, dizendo: » Bem creyo; porque quem anda em Goa sendo o seu Viso-Rey na guera, bem de paz » he: » e assim aos soldados daquelle tempo lhes fazia Deos mercês; e de maravilha se embarcavaõ, que se naõ recolhessem com muitas prezas, e com muitos parós tomados; hoje, muito ao contrario, naõ ha quem os faça embarcar; passeam por Goa todo o inverno; e tanto que entra o veraõ, e que se querem fazer Armadas, sommem-se logo; e tanto que sabem que deram á véla, tornam logo a apparecer, sem haver Viso-Rey que lhes pergunte por isso: e quando se as Armadas recolhem, se sabem que ham de mandar soccorros a Maluco, Malaca, e Ceilaõ, alguns das Armadas deixam-se ficar pelas Fortalezas de Canará, e os de Goa se escondem pelos covîs, ou forões; e assim de maravilha succede cousa boa: naõ ha quem peleije, nem quem soccorra as Fortalezas: sabem-no os Viso-Reys, vem que faltam soldados na paga; e depois de partidas as Armadas os vem passear pelas ruas muito lustrosos, e naõ inforcam quatro para terror dos mais: e certo que cuido a alguns lhes dá pouco que vam os soldados, nem que venham, porque naõ fazem Armadas, mais que por cumprimento. Escrevem ao Reyno, que fizeraõ tantas Armadas, os successos dellas, sejam quaes forem, porque lhes da disso muito pouco: acudí, senhores, a isto.

Despach. Acudirá Deos alguma hora, e tambem o Rey o fizera, se o naõ enganaramos por nossas pretenções. Mas tornando ao que importa, e ao que he necessario prover-se na India, que he o para que hoje nos ajuntámos, nos dizei as cousas de mais importancia para se significarem a ElRey.

Sold. Diz Vossa Mercê bem: deixemos os desproposítos de que hia tratando. A primeira cousa em que se havia de entender he nos excessos dos trajos dos soldados, e ordenar que andem como taes, naõ como rufiães; faça-se Ley, que os Viso-Reys pareçam Capitães Geraes, como o saõ; porque folguem todos de parecer soldados, e que andem em corpo, calções a meia perna de cotonia, ou guingaõ, espada curta, quando muito prateada, talabartes de couro, e ferros, e naõ com tanto calçaõ de veludo, tantas espadas douradas, tan-

tas

tas tranças de ouro, e tantos passamanes, e guarnições de ouro, e prata, que pasmo donde lhes isto vem. Este he o argueiro no olho, senhores, que vos dizia, e de se dissimular com isto vindes ás vezes a perder ambos os olhos; e de naõ tirardes esta pedrinha do sapato vindes a perder hum pé: certo, senhores, que folgáreis de ver hum soldado do meu tempo com hum sayo de guingaõ pardo, ceroulas de cheila, gibaõ do mesmo, coura de couro golpeada, gorra de milaõ, espada curta em talabartes d'anta; e muito mais folgáreis de os ver peleijar, que vos pareceriaõ taõ gentís homens, que vos perderieis por elles; o que tudo hoje he ao contrario; porque cuido que os soldados de hoje, de alguns digo, que muitos ham de primor, mas fallo dos enfeitados, e que naõ trazem o ponto senaõ nas louçanias, e assim dos que ao encontrar dos Malavares trabalham por se ir, salvo porém aquillo de que tanto cabedal fazem. A outra cousa, em que se havia de mandar prover, e de que se faz taõ pouco caso, he naquillo que já tratámos, de guardarem os Viso-Reys as Provisões, e Regimentos do Rey; porque nisto está todo o bem, ou todo o mal: manda ElRey huma Provisaõ, que se façam embarcar para o Reyno todos os homens de naçaõ, e todos os estrangeiros, pelos haver por prejudiciaes ao Estado: pregoa-se a Provisaõ para que se embarquem naquellas Náos; fazse isto com tempo, porque o tenham de se saberem negociar: e como elles estam interessados na terra, e vivem nas delicias que já disse, lá se negocêam em segredo, e passam-lhes provisaõ de espera por mais hum anno, e vai-se esquecendo o negocio de anno em anno, e elles ficando na terra contra vontade delRey, e em grande prejuizo do povo.

Passa ElRey outra Provisaõ: que sirva fuaõ de Veador da Fazenda, o outro de Secretario, e certo Letrado de Ouvidor Geral, Juiz dos Feitos, Procurador da Coröa, e outros: como isto vem aos Viso-Reys, que as recolhem em seus escriptorios, dissimulam com ellas, e dam os cargos a quem elles querem, que nunca saõ senaõ aos que lhes a elles relevam, e outros naõ sabem o que lhes ElRey manda: em fim, senhores, que se houver de trazer todas as cousas, será hum infinito, porque infinito he o poder que os Viso-

so-Reys tem tomado; o bom he dobrar aqui a folha, porque toca a muitos.

Fid. Ainda que vós foreis Secretario dessas cousas, naõ soubereis mais dellas. Isso he assim, mas muitas vezes se engana o Rey com esses homens, e os Ministros deste Reyno dam tambem o que querem a quem querem; porque esses homens saõ de sua obrigaçaõ, e querem-lhes pagar com isso.

Sold. Está assim muito bem! seja como fôr, manda El-Rey, faça-se: *rou, rou, faça-se o que ElRey mandou*: cumpram o que lhes mandam, obedeçam, e rescrevam, e elle mandará o que for de seu serviço. E quem vos disse a vós, que naõ houve tambem alguns Viso-Reys, com que se ElRey enganou bem? por isso deixáraõ de os receber, e obedecer? ElRey póde fazer do seu o que quizer, sem lhe pedirem conta disso. Sei-vos, senhores, affirmar, que houve Viso-Rey, que escrevendo-lhe ElRey, que se servisse de hum certo Official, porque assim o havia por seu serviço, quanto mais instancia nisso fez, tanto peyor foi, porque como elle queria dar o cargo a hum de sua obrigaçaõ, pelo mesmo caso, que sentio em ElRey gosto de se servir do outro, por esse mesmo o desapossou, e se servio do que quiz; e o que peyor foi, que avisáraõ ao despachado, que o queriaõ matar; pelo que se fosse para o Reyno, e por isso se accolheo á hum Mosteiro, donde se embarcou timido, e escondido.

Despach. E assim passou isso sem castigo?

Sold. Rio-me desses castigos; pagou depois os ordenados a seus herdeiros, e da desobediencia ficou taõ saõ, como hum pero. Castigue ElRey rijamente quem lhe naõ guarda suas Provisões, começar-se-ham as cousas a encaminhar para bem, e naõ haverá tantas desordens.

SCENA III.

Despach. ORa deixemos essas miserias; cuido que naõ tem remedio, e tratemos do que hontem ficámos sobre qual destas cousas será mais necessario conquis-

quistar, se Ceilaõ, se o Achem; porque muitos ha de parecer, que Ceilaõ he mais importante por ser mais á porta, e a Ilha ser grande, e abundantissima de tudo, e capaz de sustentar quantos Portuguezes ham espalhados pela India: sempre ouvi dizer que os Reys passados deraõ por Regimento aos primeiros Governadores, que se a India padecesse naufragio, se recolhessem os Portuguezes a Ceilaõ, e que dalli se tornariaõ a reformar, e a recuperar o Estado. Outros dizem, que de mais importancia he o Achem para segurança de todo aquelle mar, e de nossas Fortalezas de Maluco, e Malaca, e trato da China, e Japaõ; porque com sua Fortaleza em seu porto se segurava tudo: agora queremos ver o que vós parece disto.

Sold. Esse fundo he mui alto para minha fraca bateria. Eu sou soldado pobre, sei da minha espingarda; que isso he de Capitães experimentados: mas com minha pouca sufficiencia, pois Vossas Mercês mo mandam, direi o que sei, e o que ouvi a velhos antigos.

Primeiramente digo, que o valeroso Capitaõ, e Viso-Rey D. Francisco de Almeida, governando o Estado da India, mandando-lhe ElRey fazer algumas Fortalezas, lhe respondeo, que as com que a India se havia de defender eraõ muitos Galleões, muitas Armadas, e bem providas, e muito boa soldadesca; que as Fortalezas eraõ curraes, e quanto menos houvesse, tanto a India seria mais prospera, e teria mais poucas obrigações: e eu assim affirmo ainda agora; porque muitas Fortalezas ha, que naõ servem mais, que de fazer despezas, e estarem mal providas, e arriscadas a huma desventura: e entaõ se tomam hum curral destes corre a fama pelo mundo, que tomáraõ na India huma Fortaleza a ElRey: e se me dixerdes, que cinco, e seis Fortalezas destas se ordenáraõ por alguma boa occasiaõ que entaõ havia, e que depois ficáraõ assim para as darem em satisfaçaõ a outros tantos homens que serviraõ; está isso muito bem; mas como podeis pelo respeito particular arriscar huma cousa tamanha, como a honra do Estado, que depois vem a montar muito? O que estas Fortalezas gastam cada anno que saõ quatro mil pardáos cada huma (que sabem do Estado; porque ellas naõ rendem nada) dai-os aos pro-

providos, e ficaráõ satisfeitos, e o Estado desobrigado dellas, e de seus sobresaltos; porque para fazerem pagar as pareas, que saõ quatro fardos de arroz, e para comprar outro, basta huma Armada sobre suas barras, que elles ham de temer mais, que as Fortalezas, que tendes sem soldados, e sem munições. Se as de mais importancia, em que consiste todo o poder, e rendimento do Estado, de que já fallei em outra parte, tendo tanto cabedal para se poderem sustentar, e reformar, estam piedosas, e quasi no chaõ; como quereis sustentar outras, que vos naõ rendem cousa alguma, antes vos fazem despezas? Se me disserdes, que algumas ha, como saõ Mombaça, Mascate, Moçambique, e Sofala, que eraõ necessarias, porque se naõ mettessem alli Turcos, e para sustentarmos a posse das minas da prata, e ouro; isso vos concederei; mas haveilas de ter taõ bem providas, como as de Ormuz, e Dio, naõ tanto pelo que rendem, como pelo que importam; mas assim a seu alvedrio, e sem ordem, he naõ terdes conta com o serviço delRey: e fallo assim, porque fallando por estes termos com Vossa Mercê, o faço com todos os que disso tem a culpa.

Despach. Todos a temos; nós cá de naõ sabermos o como isso lá está, e em naõ avisarmos a ElRey, e os Viso-Reys em naõ olharem por cousa taõ importante, e em que lhes a elles vai a cabeça; porque essa perdeo D. Jorge de Castro de noventa annos com os mayores serviços da India, porque entregou a partido a Fortaleza de Chale, em que elle teve menos culpa que os outros, que nós cá despachamos.

Sold. Tres idades das minhas havia mister para dizer o que vi, e o que lá vai, e por humas cousas me esquecem as outras: mas quero deixar isto, e responder a Vossas Mercês á pergunta que me fizeraõ, de qual era por ora mais importante; conquistar-se Ceilaõ, ou Achem? Digo, senhores, que ambas essas cousas saõ mui necessarias; mas para se poderem conquistar, como he razaõ, primeiro o ham de fazer ás minas da prata da Chicoua no Reyno de Monomotapa, cousa taõ sabida, taõ ricas, e prósperas, que excedem a todas as do Mundo: porque eu vi fazer algumas vezes a experiencia nas pedras que de lá trouxe Vasco Fer-

nandes Homem, e em outras que muitos trouxeraõ, e eu a fiz em huma onça, que me deo hum Padre de S. Domingos, e refpondeo duas partes de prata a huma de pedra; pois efta riqueza, e efta felicidade, que eftá em voffo poder, e que ninguem póde ir a ellas, fenaõ entrando por voffa porta, porque fe perderá por defcuido? certo que naõ póde fer mayor, e mais quando todos vemos, que para a confervaçaõ de hum Eftado tamanho, como o da India, naõ lhe bafta o que ella dá, e he neceffario fuftentallo, e ajudallo com outras coufas, e eftas ham de fer minas; porque o Eftado que as naõ tem, fempre he pobre. Vêdes a potencia de Caftella, a confervaçaõ de tantos Reynos, e Senhorios, que fó no de Flandes contra os rebeldes tem aquelles Catholicos Reys gaftado mais de quarenta milhões de ouro; pois fe naõ tivera minas na Nova Hefpanha, e em outras partes, como pudera fupprir a tanto? O Imperio Romano poderia fubir a tanta grandeza, fenaõ fôra ajudado da riqueza da Lydia, da Arabia, da Perfia, e de outras Provincias chêas de minas? fe naõ vêde as efpantofas riquezas, que vos já contei, que Pompeo metteo no thefouro público, e as fobrenumeraveis que repartio com feus exercitos; e fe houver quem duvide deftas minas de prata, ferá porque naõ fabe diffo tanto como eu; pois acertei eftar em Moçambique, em cafa de hum parente meu, quando Vafco Fernandes Homem veyo deftas minas de prata, e que trouxe o fenhor dellas prezo, que o poz em cafa defte meu parente, aonde ouvi praticar fobre eftas minas muitas vezes; e como fe defendia naõ fe cavarem, e de como os Cafres tiravaõ as pedras, e o mefmo fenhor, que fe chamava o *Achalá*, me diffe como elle as fundia, e tirava a prata. Mas deixando ifto, a India para fi, fenhores, rende piedofamente; porém para mais milagre he fem thefouros fuftentar-fe desde Sofala até Maluco com o que dá de fi; e ainda foraõ os cabellos mais, fe as mãos naõ foffem tantas, como diffe; por iffo, fenhores, defenganai a El-Rey, que fe quer fubir á Monarquia, ha de mandar conquiftar eftas minas; e naõ fó fe fará tudo o que fe pretende, mas ainda enriquecerá Portugal, e Hefpanha.

Defpach. Grande negocio he effe; naõ fei como fe naõ

põe

pôe os hombros a cousa tamanha, e taõ necessaria; se isso fôra dos Reys de Hespanha, já houvera de estar tudo descuberto, e senhoreado.

Sold. Tambem os nossos Reys o fizeraõ se se dispuzeraõ a isso, ou tiveraõ ventura para terem minas; mas parece que todas se guardáraõ para os Hespanhoes, e praza a Deos, que se naõ guarde ainda este nosso Reyno para elles!

Despach. Que máo fôra isso? ElRey de Castella naõ he tambem Portuguez como nós? mas porque dizeis isso?

Sold. Vejo este nosso Rey moço sem casar; faltam-nos herdeiros de casa; se assim for isto, viremos a dar nestes outros de fóra; e naõ vejo outro inconveniente, senaõ a antiga reixa, que sempre houve entre nós, e os Castelhanos.

Fid. Quando succedesse isso, nada me receyo; porque essa ponta naõ a ha senaõ na gente baixa, que na nobre he outra cousa mui differente. Quem mais primorados que os Hespanhoes? quem mais cortezes? quem mais liberaes? quem mais politicos? quem mais que tudo o que, senhor, quizerdes? Naõ merecemos nós isso.

Despach. Deixemos de disputar do que está nas mãos de Deos; tornemos ao nosso fio. Dizei-nos, senhor, que he necessario para se conquistarem estas minas?

Sold. Menos que as de Perú, e Nova Hespanha; duas Náos que vaõ deste Reyno, com trezentos soldados cada huma, direitas a Moçambique, e levarem pannos Covilhães, e Portalegres para se vestirem, alguns vinhos, e tudo o mais se lhes ha de mandar trazer de Goa.

Despach. Que mais he isso?

Sold. Dillo-hei a Vossas Mercês: ham-se de mandar deste Reyno hum anno antes nas Náos da carreira oitenta mil cruzados; quarenta mil em cada hum anno, para que se tenhaõ feitos mil barês de roupa, da sorte que os Cafres querem para o resgate das cousas, que valerem sessenta mil cruzados de Reales; ficam vinte mil cruzados, de que logo darei a despeza. Estes mil barês de roupa se vendem em Sena, e Teté o mais barato a duzentos cruzados de ouro o bar; saõ cem

mil cruzados de ouro , que baſtam , e ſobejam para ſuſtentarem os ſeiscentos homens de ſoldo , e mantimento ; porque pagando-ſe-lhes quatro quarteis por anno , em que monta vinte e quatro mil cruzados , tirados dos cem mil , ficam ſetenta e ſeis mil cruzados. Deſtes ſe ham de mandar outros ſeſſenta mil cruzados para outros mil barès de roupa , ſobejam dezeſeis mil cruzados , que ſe mandaráõ todos os annos á India a empregar em vinhos de paſſas , conſervas , ameixas paſſadas , amendoas , e outras couſas deſta ſorte para os enfermos ; porque como os homens tiverem paõ , e vinho , na terra ha gallinhas , e carnes em abaſtança ; e aſſim naõ adoeceráõ ſenaõ poucos ; porque o que os mata he fome , e lançarem-ſe ás Cafras. Os vinte mil cruzados , que ſobejam do primeiro cabedal , tambem ſe ham de mandar empregar á India em roupas para gaſtos , e deſpezas , e alguma parte delles , ou ametade á Coſta de Melinde para ſe comprar a roupa de Pate , que he a de ſeda , e algodaõ , de que os Reys , e ſenhores ſe veſtem , que val muito no Reyno de Monomotapa para fazer preſentes aos ſenhores do Reyno , e ainda ſobeja muita quantidade de dinheiro para as deſpezas dos trabalhadores , e os officiaes , e para as materias do Forte , que ſe fizer ſobre as minas , em que ſe deſpenderá pouco pela barateza das couſas.

Eis-aqui com hum cabedal de oitenta mil cruzados feitas as deſpezas de ſeiscentos ſoldados continuos para quantos annos quizerem , os quaes ſe ham de ir ſevando todos os annos com cento e cincoenta das Náos do Reyno ; e como as minas eſtiverem deſcubertas , e com preſidios ſobre ellas , ſería de parecer , que ſe déſſe licença geral para toda a peſſoa que da India quizeſſe ir em Navio ſeu ás minas com roupas , farinhas , vinhos , conſervas , e ficára aquillo taõ próſpero , e farto , que ſe façaõ povoaçóes de Portuguezes , e Chriſtáos da terra , com que fique aquillo outra Nova Heſpanha , e della puderáõ penetrar eſſe coraçaõ da Cafraria até a outra parte de Angola , com o que ſe faça communicavel o mar Atlantico com o Indico ; porque tenho para mim que ha menos de duzentas leguas de traveſſa. E eu vi na Feitoria de Moçambique regiſtada huma carta , que o Governador Franciſco Barreto eſcreveo

veo a ElRey, andando na conquista deste Reyno de Monomotapa, em que lhe dava conta; que fôra á costa de Melinde a fazer certos negocios, e que estando no Reyno do Atondo lhe affirmáraõ huns Mouros antigos, que dalli até o outro mar da outra Costa haveria quinze, ou vinte dias de caminho; ao que ElRey lhe respondeo, que trabalhasse de mandar descubrir aquillo; porque mais o estimaria, que as minas.

Eis-aqui, senhores, os proveitos que se tiraráõ de se descubrirem estas minas por esta fórma, que disse: Faraõ o Estado taõ próspero, que possa commetter todas as conquistas que quizer, e os vassallos taõ ricos, como os da Nova Hespanha, e a Igreja Romana enriquecida com tantas terras mettidas debaixo da sua obediencia; porque logo toda esta Cafraria se ha de converter á Fé de Christo, e tomar suavemente o jugo sem repugnancia. Ora a terra he taõ próspera que dará trigo, cevada, gráos, e todos os mais legumes, e as creaçóes de gados grossos, e miudos saõ mais, e mayores, que em todas as outras partes do mundo; pois que mais ha que desejar, nem que esperar? Poder-se-ham plantar todas as frutas do mundo, e darem-se mais prosperamente, que em outra parte; far-se-ham formosas vinhas, porque as uvas que ha em Sofala saõ preciosas, e eu comi alguns cachos dellas ferraes, como as de Abrantes. A hortaliça he excellente; dar-se-ham olivaes mui prosperos; porque a gente da companhia de Nuno Velho Pereira, que se perdeo na Costa do Cabo da Boa-Esperança, e que atravessou toda a Cafraria, achou azambujeiros com a fructa como azeitonas; pois a montaria de porcos, veados, coelhos, e lebres, e tudo o mais, deve ser mui próspera pela fertilidade da terra. Ora como formos senhores destas minas de prata, logo o seremos das de ouro de Botonga, das de Macapá, e de todas as mais. Ha muita lá, e algodaõ para se fazerem pannos, e têas, ha em fim tudo quanto a Europa tem, e o que na Europa se naõ sabe; e por isso fazem pouco caso de cousa tamanha. Mas huma cousa quizera perguntar a Vossas Mercês, que he, como se pratica neste Reyno de conquistas de Reynos daquellas partes, se neste Reyno se poz em pareceres largar-se a India, porque era

era prejudicial ao Reyno ſuſtentar-ſe; e ſe conquiſtaſſem os Reynos de Africa, que ſería de mayor credito, e proveito?

Fid. Naõ dizeis mal; pois affirmo-vos que ſobre iſſo houve grandes altercações neſte Reyno, e muitos pareceres, e naõ eſtá iſſo ora taõ claro de ſuſtentar a India, que naõ haja algumas dúvidas entre bons entendimentos, e repreſentadas mui licitas, e urgentes razões; mas porque eſta execuçaõ já agora cuſtará muito, ſe diſſimula.

Sold. Bofé, ſenhores, que naõ ſei que razões póde haver para ſe largar hum Imperio, que cuido naõ ha no mundo outro mayor, e aſſim em grandeza, juriſdicçaõ, e Cidades formoſiſſimas, como em riquezas, e Chriſtandade; porque ainda que naõ fôra mais que por eſta, haviaõ os Reys de gaſtar todos ſeus theſouros pela ſuſtentar; porque póde ſer que por iſſo lhe ſuſtenta Deos ha tantos annos o Reyno de Portugal, e os favorece em todas as mais conquiſtas que commette, e o tem a elle, e aos ſeus vaſſallos poſtos no cume da roda da fortuna com a grande piedade que niſſo tem uſado, e com as maravilhoſas façanhas que ſeus vaſſallos tem obrado naquelle Eſtado, na conſervaçaõ, e defenſaõ daquella grande Chriſtandade: parece-me, ſenhores, que eſtais cá mui alhêos do que aquillo he; pois ſabei, que por toda a India, deſde Sofala até Japaõ, ha mais de dous milhões de Chriſtãos, afóra o grande número que cada dia ſahem das pias do ſanto Baptiſmo. Pois iſto, ſenhores, quereis que ſe deſampare? por certo que deſamparará Deos a quem tal lhe entrar no penſamento; e poſto que eu ſeja hum ſoldado pobre, e idiota, hei de fallar ſobre iſto largo; porque para iſſo confio em Deos me purifique a lingua, como fez ao Profeta, para bradar, e gritar em materia de tanta importancia, e honra ſua; e aſſim irei cifrando as razões que dam os que fallam por parte da conquiſta d'Africa, e deſpejo da India, e as que as favorecem, e dam para iſſo; e ſobre todas darei as minhas; ſe Voſſas Mercês me quizerem ouvir; ſe naõ mandem-me alevantar, que o farei com muito goſto.

Deſpach. Naõ mandarei por certo; antes vos obrigarei, por ſerviço de Deos, e delRey, dizerdes tudo o que en-

entendeis nesta materia com a liberdade com que até agora fallastes.

Sold. Ora dem-me Vossas Mercês attençaõ para me naõ interromper.

SCENA IV.

Sold. COmeçarei, senhores, pelas razões que se dam para ser melhor conquistar-se Africa, que a India: dizem estes, que para o Reyno ser próspero, ha de ter duas cousas; fructos, e gados em abundancia para sustentaçaõ dos póvos; porque naõ estejam com o trabalho, e oppressaõ, que lhes dará em os esperar de fóra. Segunda razaõ: que ha de ter minas de ouro, e prata, e outros metaes, para sustentaçaõ da paz, e proseguimento da guerra; as quaes cousas todas tinhaõ os Reynos da Africa em grande abundancia, e os Reynos de Féz, e Marrocos tanto paõ, cevada, legumes, gados grossos, e miudos em tanta quantidade, que podiaõ partir com os vizinhos, e a esta conta todas as mais cousas necessarias para o uso humano, como linho, algodaõ, mel, cêra, assucar, muitos fructos, de que a mayor parte se dam sem cultivar a terra, e que as minas de ouro de *Tivar* (*a*), de que dizem vai grande quantidade a Marrocos, saõ mui prósperas, e que os montes claros naõ saõ pobres dellas; mas que se naõ cavaõ, e que o ouro que vai das minas de S. Jorge cada anno era cousa taõ grande, que chegou a espantar os Embaixadores do Malavar, quando D. Vasco da Gama os trouxe da India, que lhe mostrou o cofre delle, de huma caravela que entrou, o qual quando muito levava vinte mil cruzados em cadêas, e manilhas, e outras peças, que avultam muito; o qual ouro da Mina, dizem fizera rico o Reyno, e que com elle se começáraõ as conquistas dos

(*a*) As minas, de que aqui falla o A. naõ podem ser outras que as de Tombut, ou de Tocrur; em lugar da qual palavra he provavel que o Copista escrevesse *Tivar*; pois encontramos no manuscripto muitos outros nomes proprios ainda mais desfigurados.

dos Lugares da Africa; e que ElRey D. Joaõ dera ao Imperador Carlos V. com ſua irmã a Imperatriz Dona Iſabel novecentos mil cruzados em dobrões, tudo de ouro da Mina, e naõ em drogas da India; e para engrandecerem eſta riqueza, trazem as fábulas das Maçans de ouro das Heſperides da coſta de Africa, e outras couſas deſtas; a que reſponderei brevemente. Digo, ſenhores, aſſim: eu vos naõ nego que os Reynos da Africa tenhaõ tudo o que dizem, e quanto he neceſſario para a vida humana, ſem haverem miſter nenhuma couſa dos vizinhos. A iſto digo, que tudo vem a redundar em paõ, e vacca, e que ſeja mais tudo o que quizerem, ouro, minas, e tudo quanto pedirdes por bocca; e iſto quem o havia de conquiſtar, e com que poder, ſe os Romanos nunca puderaõ ſenhorear Africa, trabalhando niſſo tantos annos com tantos exercitos poderoſos? Scipiaõ Africano, porque deſtruhio Carthago, ſenaõ pela naõ poder ſuſtentar? Os Imperadores de Roma, e os de Alemanha, que ſaõ defenſores da Igreja Romana, como naõ intentáraõ eſſa conquiſta, quando os Mouros Arabios ſe ſenhoreáraõ de Africa, e de tamanha Chriſtandade, como por toda ella havia, e com tantos Biſpados, cujos Biſpos ſabemos que acudiaõ aos ſantos Concilios? E com que poder queriaõ eſtes ſenhores, que os noſſos Reys conquiſtaſſem tantas Provincias, e Reynos, e com que gente taõ pouco exercitada na guerra, que nem huma eſpingarda ſabiaõ levar ao roſto, nem cavalgar em hum cavallo, nem manear huma lanſa? Se para alguns ſoccorros, que quizeraõ mandar á India, algumas vezes para ajuntarem tres mil homens, tiravaõ das cadêas do Reyno, até os que eſtavaõ ſentenceados á morte; e algumas vezes que eſſes poucos lugares que tinhamos em Africa, fôraõ cercados de Mouros, com que trabalhos, e receyos os mandaſtes ſoccorrer? Por certo que arriſcada eſteve Arzila eſtando nella o Conde de Redondo; porque perdeo a Villa, e ſe encurralou no Caſtello, e ſempre ſe perdêra, ſe Deos lhe naõ levára acaſo alli D. Joaõ de Menezes com huma Armada. Dizei-me quanto vos cuſtou ſoccorrerdes Mazagaõ? A Fortaleza do Cabo de Guer naõ vo-la tomáraõ? Naõ largaſtes Azamor, e outras duas, ou tres Fortalezas, que na Coſta de Africa tinheis? E eſſas

que

que ſuſtentais na India hoje, naõ eſtiveraõ arriſcadas ao meſmo? Na Mamora naõ eſteve perdida toda a potencia, e Fidalguia deſte Reyno, eſtando todas eſtas Cidades á borda de Goa, onde lhes podiaõ os ſoccorros deſembarcar dentro em caſa? Que trabalhos dera ao Reyno, ſe tivera Cidades, e Fortalezas pelo Sertaõ dentro? Por certo que lhes naõ ſaberiaõ dar remedio; quanto mais que me haveis de dizer: com que poder queriaõ eſſes ſenhores que ſe conquiſtaſſe tamanho Imperio, como o de Africa; ſe vimos ElRey D. Affonſo V., com o mayor que Portugal podia dar de ſi, desbaratado, e perdido, e ir pedir ſoccorro a França? Dez mil homens, vinte mil homens, que paſſem a Africa, que ham de fazer, ou quem os ha de ſuſtentar? couſa he de que ſe podem rir os homens. Trazem por exemplo, que já chegámos a pôr as lanças nas portas de Marrocos: iſſo he hum aſſalto repentino, chegar, e fugir. Naõ vos lembra, ſenhores, verdes desbaratados aquelles dous valeroſos Capitães Nuno Fernandes de Atayde, e D. Joaõ de Menezes com a melhor Fidalguia do Reyno, Capitães taõ experimentados, que naõ ſei ſe houve outros que lhes aventajaſſem de entaõ para cá? Os noſſos Reys paſſados, primeiro que mandaſſem deſcobrir a India, naõ lançariaõ ſuas contas? Pois muito primeiro tinham poſto as mãos no deſcobrimento da Coſta de Africa, e na fundaçaõ, e tomada das Fortalezas, que naquellas partes temos; e ſe lhes foſſe melhor conquiſtar Africa, que a India, como haviaõ de communicar primeiro eſte negocio, e medir as forças do Reyno com as de Africa, ſabemos tambem, que depois de muito praticado eſte negocio, deſenganados da conquiſta de Africa, commettêraõ a da India, na qual Deos noſſo Senhor lhes fez muitas mercês, como ſabemos. E ſe quizerem ainda inſiſtir em ſua opiniaõ os que vituperam o deſcobrimento da India, perguntar-lhes-hei, que ſe iſſo naõ fôra de tanto mais proveito, que a conquiſta de Africa, vituperando, e anniquilando as drogas da India, como commettêraõ os Reys Catholicos, e depois o Imperador Carlos V. o deſcobrimento das Molucas, ſobre que tantos deſgoſtos tiveraõ com os noſſos Reys, ſendo tantas vezes primos, cunhados, e parentes, naõ tendo aquella Ilha mais que cravo, no-

nozes, e maçá, ſendo mui pobre de todas as mais couſas, e tanto, que de farinha de arvores ſe ſuſtentam? Para as ſenhorearem, mandáraõ deſcobrir novos eſtreitos por meyo de hum vaſſallo perturbador, e alevantado contra o ſeu Rey: pois ſe para iſto faziaõ tanta diligencia, e houve tantas guerras, e deſpezas, que fizeraõ por aquelle grande Imperio da India, taõ rico, que naõ ſaberei dizer de cem partes huma: que mayor riqueza quereis que o proveito das finas, e curioſas roupas daquellas partes das duas peſcarias das formoſiſſimas, e riquiſſimas perolas da coſta de Manar, e Ilha de Barem? Deixo outras muitas que ha pela India. Quem vos poderá encarecer a riqueza dos mineiros da pedraria da Ilha de Ceilaõ, rubins, olhos de gato, ſafiras, jazotos (*a*), robas, amatiſtas, e todas as mais ſortes della? Quem naõ ſabe a grandeza das minas de finiſſimos diamantes do Reyno de Biſnaga, donde cada dia, e cada hora ſe tiram peças de tamanho de hum ovo, e muitas de ſeſſenta, e oitenta mangelins (*b*)? Pois que direi dos finos, e precioſos rubins de Pegu, que houve muitos de muito grande valor, e que aquelles Reys traziaõ ferrados pelo meyo, e dependurados nas orelhas por arrecadas; e affirmáraõ-me, que de noite reſplandeciaõ? Poderá dizer iſto aquelle admiravel, e riquiſſimo ornamento, que ElRey D. Manoel mandou ao Santo Pontifice das primicias da India, que eſpantou tanto mais, que o cofre da mina ao Santo Collegio dos Cardeaes, que ſe naõ atrevêraõ a lhe pôr preço, avaliando-o em quatrocentos, quinhentos, e ſeiscentos mil cruzados, e alguns em mais? Pois o hum ſó no mundo (*c*) ſc. o deſte noſſo Rey D. Sebaſtiaõ, couſa foi que admirou os Principes, e Imperadores do mundo. Deixo as pedras particulares, que da India vieraõ; a de D. Antaõ de No-

---

(*a*) Talvez ſeja erro do manuſcripto em lugar de *jacinthos*.

(*b*) *Mangelim* he pezo, por que na India ſe pezaõ os diamantes.

(*c*) No manuſcripto eſtava *o hum ſó no mundo o Reo deſte noſſo*, &c. A palavra *o Reo*, bem ſe vê que naõ podia ajuſtar aqui de modo nenhum. E como em outros lugares, em que o manuſcripto tinha hum *R*, claramente ſe via ſer erro do Copiſta, por *ſc.*, abbreviatura de *ſcilicet*; lembrou que o meſmo poderia ſer neſte lugar.

Noronha, a de Francisco Barreto, a de D. Antonio de Noronha, que está em poder do Conde de Cascaes seu genro, e outras de sessenta, ou oitenta mangelins, pelas quaes se dava por cada huma sessenta, ou oitenta mil pardáos; e assim se naõ achava Rey, e senhor na Europa que as pudesse comprar. Pois que vos direi das riquezas, que vossas mulheres, e filhas, e que as Raynhas da Europa trazem em seus collares, cintos, braceletes, pendentes, anneis, botoaduras, e em todas as mais partes, que naõ tem estimaçaõ? vieraõ-vos de Africa, ou da India? Vamos ás minas de ouro: quaes do mundo chegam á quarta parte das que já disse de Monomotapa, e outras de Africa, das quaes todos os annos sahem para a India duzentos mil maticaes de ouro, que saõ mais de quinhentos mil xerafins, afóra mais de duzentos barês de marfim, que valem derredor de oitenta mil pardáos; e o que he muito para admirar o mundo, que ha bar de trinta dentes, bar de vinte, bar de dez, e bar de cinco, e seis; pela qual conta cuido que vem todos os annos daquellas partes ao redor de tres mil dentes, para os quaes era necessario morrerem cada anno mil e quinhentos elefantes? Pois da China vos digo eu poder-se-ham carregar Náos de páes de ouro de feiçaõ de batéis, que tem cada hum ao redor de dous marcos, e assim valerá cada paõ duzentos e oitenta pardáos, de que viráõ sómente oitocentos cada anno; porque antes querem os Mercadores trazer seda solta, peças de damascos, setins, tafetás de todas as côres, e outras muitas sortes de sedas de ouro, e de prata, porcellanas, muitas, e mui differentes mercadorias, em que se interessam muito. Naõ fallo na grande prosperidade das minas de Monancabo na contracosta de Malaca, donde he mui sabido, que hiam todos os annos a Malaca muitas embarcações de remo carregadas de ouro; e ainda depois de nós entrarmos na India havia Chatins, que saõ mercadores que naõ fallavaõ senaõ por barês de ouro, que tem cada bar quatro quintaes: e sobre todas as grandezas se podem contar por mais admiraveis as de humas Ilhas, que ficam ao nascente de Solor, onde temos Fortaleza, e huma grande Christandade, administrada pelos Padres de S. Domingos, á qual Ilha foi ter desgarrada huma embarcaçaõ com hum Portu-

tuguez, ou dous, e viraõ tamanha quantidade de ouro, que pasmáraõ; porque as armas á feiçaõ das nossas armilhas, ou escudos, as azagayas era tudo de finissimo ouro; e segundo presumpçaõ ficam estas Ilhas pegadas ás de Salomaõ, que descubrio Alvaro de Mendanha, senaõ forem ellas. Pois que vos direi da Cidade de Barcelor na Costa Canará, que ainda em tempo que a India se descubrio, havia muitos chatins, que saõ mercadores que fallavaõ por candiz (*a*) de pagodes de ouro, que he huma moeda como tremoços, que tem a figura do pagode desta gentilidade, e val cada hum mais de quatrocentos reis, e o candil de hum quarteiraõ de trigo desta nossa terra? Deixemos a prata, que vem do Japaõ todos os annos na nossa Náo do trato, que lá vai; pois que a carga della toda se comuta por elle em barês, e montam mais de hum milhaõ de ouro. E da que vem da Persia, e de todos aquelles Reynos do Sertaõ á nossa Fortaleza de Ormuz a comprar todas as cousas, que da India vaõ em dez, e doze Náos, que chegam carregadas de drogas, roupas, aguila, sandalo, camphora, porcellanas, e outras muitas sortes de cousas ricas, que todas se comutam por larins, por cavallos, por alcatifas, damascos, brocados, e outras louçanias; que vos hei de dizer, senhores? Cança o entendimento em fallar nas riquezas do Oriente. Se naõ dizei-me: onde mandava ElRey Salomaõ suas Armadas a buscar ouro, e todas as mais cousas preciosas para o Templo; á India, ou a Africa? he seguido entre os Authores de melhor nota, que da Costa de Africa hia toda a immensa quantidade de ouro, que carregavaõ os Navios, que Salomaõ mandava de Esiongaber, hoje chamado Suez, porto pretencente ao Gran-Turco no Mar-Roxo (4. Reg. 1. 22.), e Moque conclue com outros, que este parecer se póde confirmar com a authoridade dos Setenta Interpretes, que traduzem Ophir por *Sophira* (*b*) (3. Reg. 9. 28.). Como as liquidas se mettem muitas vezes humas pelas outras, se póde colligir, que sahiaõ os Navios

(*a*) *Candil*, he medida, que corresponde a meia Tonelada.
(*b*) No manuscripto estava em lugar desta a palavra *Ecotiga*.

vios desde Esiongaber, ou Suez a Sophala, que, segundo os Setenta, naõ differe muito de Sophira. E Thomás Lopes com outros na sua *Viagem da India* diz, que os habitadores de Sophala se louvam de ter livros do tempo de Salomaõ, e que os Israelitas navegavaõ todos os tres annos para estas partes, e que he dellas que tiravaõ todo o ouro. Holstenio sup. Ortelio, verbo *Ophir*, he do mesmo parecer, e diz que Ophir, ou Sophir, he o mesmo, e naõ he grande corrupçaõ a de tomar este Sophir por Sophala, visto a sua riqueza, e proximidade ao Mar-Roxo. (Anton. Vitré Tabul. Sacr. Geogr. Dapper., e outros) Pois por lá mais perto tinha aquellas Provincias, e mais á mão que as da India para mandar buscar estas riquezas, se as lá houvera. E que conquistáramos estes Reynos, que vos deraõ paõ, e vacca, como já disse; mas a India que nos dá, vós sabeis: deixemos aos Viso-Reys, e Governadores, e vamos aos Capitães de Ormuz: tiram em tres annos duzentos, trezentos mil pardáos; Sophala pretence á Africa, Mombaça he tambem na mesma Costa; Malaca cem mil, Dio, Chaul setenta, oitenta mil, e o mesmo Mascate; huma viagem do Japaõ setenta, oitenta mil pardáos cada huma. E a este respeito todos os mais cargos da India. Mostrai-me aonde poderiaõ tirar de Africa em tres, em dez, nem em mais annos tanto, como da menor destas Fortalezas? E se me disserdes, como dizeis, que nenhum dinheiro desse que vem da India se logra, e que neste Reyno ha poucos Morgados, e casas feitas delle; a isso vos responderei, que elles tiram das Fortalezas tudo o que disse; e se o diabo lho leva pelos excessos que fazem, que culpa vos tenho eu? Contentem-se elles com menos, accolher-lho-ha o estomago, e naõ se queiram fartar tanto, que se ponham a risco de vomitar.

Ora authorizemos estas riquezas da India, mas lêde Arriano, Author Grego, e achareis, que só os direitos das fazendas da India, que lhes entravaõ pelo Estreito do Mar-Roxo, quando o Imperio do Egypto era dos Romanos lhes montava sete, ou oito milhões de ouro, e alli achareis nomeadas todas as sortes de roupas, drogas, pedraria, perolas, e todas mais louçanias que hiaõ do Oriente; e depois que aquelle Impe-

perio ſe perdeo, e veyo a poder de Soldões; quem os ſuſtentava, e enriquecia, ſenaõ os meſmos direitos das fazendas da India? E depois que nos fizemos ſenhores della, e que lhes começámos a impedir o commercio que traziaõ pela via do Mar-Roxo, o ſentíraõ tanto, que logo mandáraõ Embaixadores ao Papa, a requerer-lhe fizeſſe com os Reys de Portugal, que lhes naõ impediſſem ſeu trato, e romagem da caſa do ſeu Mafamede, ſe naõ, que deſtruiria a Caſa ſanta de Jeruſalem, o Santo Sepulchro, e todos os mais Lugares ſagrados: e aſſim o Soldaõ, que naquelle tempo reinava, mandou logo á India para lançar os noſſos fóra della aquella ſoberba Armada, de que foi por Capitão Mór Mirocem, a qual o valeroſo Capitão, e Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida deſtruio na barra de Dio; e depois dos Imperadores Othomanos ganharem aquelle Imperio, quanto trabalháraõ por nos deitar fóra da India, para lhes ficar aquella navegaçaõ, e rico commercio deſimpedido? E aſſim em tempo do Governador Lopo Vaz de Sampayo naõ deſpedio contra nós huma poderoſa Armada de Galés, que todas ſe conſumíraõ antes de ſahirem do Eſtreito do Mar-Roxo pelas differenças que ſeus Capitães tiveraõ entre ſi? Depois naõ mandáraõ ſetenta e tantas Gallés, Náos, e Galleões ſobre Dio, ſendo Nuno da Cunha Governador, que todas ſe recolhêraõ desbaratadas, e com mais das duas partes da gente morta, ſobre terem por ſi todo o poder dos Reys do Oriente, que os convocáraõ em noſſo damno? Depois quantas vezes mandáraõ outras Armadas, que todas ſe lhes perdêraõ, gaſtando neſtas jornadas exceſſivas riquezas; porque os ciumes que tinhaõ das grandes da India, lhes fazia ter em pouco as deſpezas de ſeus theſouros? Ora já que alguns reprovam eſta conquiſta, praza a Deos, que naõ juntem ainda os Reys da Europa iſto que vós vituperais; como já tentáraõ alguns por induſtria de grandes Pilotos, que ſe lhes offerecêraõ a deſcubrir paſſagem por cima dos Lapones, de Gothia, e Norvegia, e de longo da coſta Tartaria hirem deſcobrir ſahida ao mar do Japaõ; pois o que tantos cubiçáraõ, e que vos compráraõ a pezo de ouro, eſtimais taõ pouco, que eſtais arrependidos de vos ter penhorado em couſa tamanha! Certo

que

que os que iſto eſtranham haviaõ de pôr os olhos em que eſte deſcubrimento foi mais por ordem Divina, que por induſtria humana. Que entendimento era capaz de alcançar, que dos ultimos fins do Ponente ſe podia ir a deſcubrir o principio do naſcimenro do Sol, ſem haver noticia do caminho, nem a que parte haviaõ de navegar, ſem aſtrolabio, carta de marear, nem outros inſtrumentos nauticos, que depois ſe uſáraõ? Naõ eſtá por iſto logo bem entendido, que Deos foi o Piloto, e que elle guiou o valeroſo D. Vaſco da Gama por hum caminho, que com hoje eſtar taõ ſabido, e continuado, cauſa tamanho rerror, e eſpanto? Com muita razaõ podemos dizer neſte negocio, que nos tirou Deos do Egypto, e que nos trouxe a terra de promiſſaõ. Que mais bemaventurada terra, que aquella em que naõ houve nunca peſte, fomes, frios, calmas, tudo taõ temperado, que naõ ha mais que deſejar? Onde ha eſta felicidade neſte voſſo Egypto em que eſtais? Lembro-vos quantos terremotos teve a India, achareis as ruinas, os ſinaes do grande eſtrago que fizeraõ; vêde quantas peſtes crueliſſimas, que de huma pancada ſó neſta Cidade de Lisboa morrêraõ della ſeſſenta mil peſſoas; quantas fomes, e miſerias tendes padecido? Na India os mais puros, e excellentes ares do mundo, fruitas, aguas de fontes, e rios, as melhores, e mais ſalutiferas de toda a terra, paõ, cevada, todos os legumes, todas as hortaliças, gado groſſo, e miudo, que póde ſuſtentar o mundo, tudo o mais maravilhoſo; o peyor que lá ha, ſomos nós, que fomos damnar a terra taõ maravilhoſa com noſſas mentiras, falſidades, burlas, trapaças, cubiças, injuſtiças, e outros vicios que callo. Ora dou-vos que deixaſſeis de conquiſtar a India, e que vos mettereis por eſſa Africa dentro; e ſe vos ſuccedêra mal, e naõ vieſſe aquella conquiſta, a effeito, que ſería de tantos infinitos homens, como tem paſſado a eſte Eſtado? Por certo, que nos comeriamos cá huns a outros; e quando por derradeiro remedio quizeſſeis deſcubrir a India, quem vos diſſe que daria Deos a outro o que tinha guardado para Vaſco da Gama?

Se fizereis reſenha dos mimos que noſſo Senhor fez ao Povo de Iſrael, quando o tirou do Egypto, e dos que nos fez a nós na paſſagem daquella terra da promiſ-

missaõ da India, acharemos que os nossos foraõ muito avantajados. Aquelles guiava-os de dia cubertos de nuvens contra a aspereza do Sol, e de noite com luminarias celestes; o mantimento era orvalho do Ceo, aquelle manná taõ precioso, que lhes sabía a tudo o que queriaõ: mas com estes mimos lhes deo outros trezentos mil descontos; que mayores? que em jornada de pouco mais de duzentas leguas os trouxe quarenta annos por desertos intrataveis, por caminhos perigosos, com sobresaltos de inimigos, pelos castigar com isso de ingratidões que usáraõ com o mesmo Deos, e o trocarem por hum bezerro, a quem fizeraõ adoraçaõ, que a elle se devia; e assim os castigou por isso, que de seiscentos mil, que sahiraõ do Egypto (isto só de homens que podiaõ tomar armas), só Josué, e Caleb entráraõ na terra de Promissaõ. Nós os Portuguezes naõ assim; porque como Deos nosso Senhor tinha determinado mandar dilatar, e prégar sua santa Ley por aquellas partes da India, e que os nossos fossem os Authores de cousa tamanha, que foi o mayor mimo, e mercê de todos os que fez aos Filhos de Israel, abrio-lhes caminho por meio desse Oceano por distancia de seis mil leguas em seis mezes de jornada, sem risco, nem perigo; porque as tres Náos que a isso foraõ, todas tornáraõ a este Reyno. Pois como quereis que hum Estado que Deos guardou para vosso só, o deixeis a inimigos da vossa Fé, que vo-lo teraõ a fraqueza, e pouquidade; e poderáõ cuidar os Gentios, e Mouros, que o Deos que adoramos naõ tem poder para nos sustentar nella, e que nós desconfiados delle, deixámos cousa tamanha, e taõ cubiçada de tantos Reys, e senhores do mundo.

Deixemos já as grandes riquezas que nos têm dado, as quaes naõ tem estimaçaõ; o que mais podemos estimar saõ as occasiões que nos Deos nosso Senhor deo naquellas partes, para polas grandes, e memoraveis victorias que nellas alcançámos, virmos a ser taõ temidos nellas, e taõ alevantados em fama entre todas as nações do mundo, que nos podem ter muitas invejas. A muitos deo a India muitos haveres, e riquezas; mui ricos homens foraõ della; mas em nenhuma das Historias achareis memoria feita destes, por mui alevantados que fossem em sangue, e dignidades; e muitos vereis de

me-

mediano nascimento sublimados nellas por seus feitos; que lhes podem ter grandes invejas os mais ricos do mundo. Pois terra que vos deo tantas cousas, riquezas, e honra, ha a quem entre no pensamento, que será bom largar-se? Naõ o creyo certo, senaõ se for no de algum infernal inimigo de todo o bem, e honra: por isso, senhores, naõ temos que fallar neste negocio, que será caso contra a Divina Magestade, e poder-nos-ha castigar mui rijamente por largarmos tamanha jurisdicçaõ, como a Igreja Catholica Apostolica Romana tem por todas aquellas partes; porque se o Rey por largarem huma Fortaleza aos inimigos, ainda que se vejam sem remedio, manda cortar a cabeça a seu Capitaõ, e o ha por alevantado, e lhe confisca seus bens; que fará a quem largar tanta Fortaleza, tamanha terra, taõ grande Christandade? Por certo que os castigue até a quarta geraçaõ. Naõ fallo nisto mais, porque hey medo do Ceo; e assim dou tambem fim a este discurso, e nós o façamos tambem a esta conversaçaõ, por ser já tarde, e as outras materias ficaráõ para outro dia; e dem-me Vossas Mercês licença para me recolher.

DIALOGO
DO
SOLDADO PRATICO
PORTUGUEZ;

COMPOSTO

POR DIOGO DE COUTO,

GUARDA MOR DA TORRE DO TOMBO

DO ESTADO DA INDIA,

ENTRE HUM GOVERNADOR

NOVAMENTE ELEITO,

E HUM SOLDADO ANTIGO.

DIALOGO
DO
SOLDADO PRATICO
PORTUGUEZ.

PROEMIO DA OBRA.

Ui natural he aos homens quererem ſaber as couſas que eſtaõ por vir, em tanto, que muitos fracos na Fé, ou que carecem da verdadeira que devem ter, por niſſo conſeguirem ſeus máos deſejos, procuraõ por meyo do demonio alcançar o que a elles he occulto, e ſó a Deos convem ſaber; e como o demonio he pay da mentira, fazendo-ſe ſeus ſervos, e offendendo o Senhor, ficam ſempre enganados; porque o demonio todas as falſidades, que vende aos homens neſta vida enfarda-las em huma verdade pouco proveitoſa para que ſeja crido no mais, que faz ao ſeu máo propoſito a outros homens, que por querer alcançar, e ſaber couſas que naõ ſabem bem, pelas naõ terem nunca viſtas, nem praticadas, por virem a ter dellas verdadeira informaçaõ, trabalham effeituar ſeus deſejos por meyos de homens que as viraõ, tratáraõ, e praticáraõ, como ſe verá no preſente Tratado de hum Viſo-Rey, eleito no Reyno por S. Alteza para o governo do Eſtado da India, que por ſerem partes taõ remotas, e em que nunca fôra, deſejando ſaber della, e raſtejar a verdade de algumas couſas, que podiaõ-lhe ſer proveitoſas para o que cumpria a bem de

ſeu

ſeu cargo, lhe correo á memoria, que por ninguem podia ſer ſatisfeito, conforme a ſeus deſejos, ſenaõ por hum Soldado ſeu ſervidor, que aquelle anno viera da India, nas quaes partes reſidíra, e ſervíra quarenta annos, com o qual já algumas vezes praticára, e entendêra delle ſer homem de muita experiencia na terra, aſſim nas couſas da guerra, como do governo, e fazenda de S. Mageſtade; e mandando hum pagem ſeu, que o foſſe chamar, o Soldado tambem, como ſeu ſervidor, tanto que ſoube que era eleito Viſo-Rey para a India, ao meſmo tempo que o mandava chamar, entrou pela porta á viſitallo, e dar-lhe os parabens da mercê que lhe era feita, ſe ella he tal que a merece, e ficou deſta maneira a couſa a propoſito para o que o Viſo-Rey deſejava ſaber do Soldado; e tanto que o teve de preſente, por eſtarem ſós, começou a praticar com elle o que queria, e o Soldado reſpondendo o que entendia nas couſas que lhe eraõ perguntadas pelo Viſo-Rey, o qual começou, dizendo aſſim:

Viſo-Rey. Muito boa ſeja a voſſa vinda! aſſentai-vos: tomo a bom prodigio eſta voſſa viſitaçaõ a tal tempo; porque, como dizem, a mayor parte das couſas eſtaõ feitas no bom principio dellas: agora vos mandava chamar, porque temos muito que fallar em couſas que importam, que pela experiencia que ſei tendes dellas, comvoſco, antes que com outrem, as quero communicar.

Soldado. Naõ póde ſer mayor bemaventurança para my, que preſtar eu para ſervir a Voſſa Senhoria em alguma couſa, como foraõ ſempre meus deſejos.

Viſ. Agradeço-vos muito eſſa boa vontade, e aſſim tendés vós certo em mim o que cumprir a voſſa honra, e peſſoa quando me houverdes miſtér, e agora dá o tempo de ſi poder-vos eu fazer alguma couſa.

Sold. Acreſcente Deos os dias da vida, e eſtado a V. S. para que ſempre faça mercês aos ſeus.

Viſ. O para que vos mandava agora chamar vos direi, e naõ me pezará terdelo em ſegredo por poucos dias, porque aſſim h neceſſario. ElRey noſſo ſenhor ha por ſeu ſerviço, que o vá ſervir por Viſo-Rey eſte anno, e me manda fazer preſtes minha peſſoa, e couſas que me ſaõ neceſſarias para a jornada, e tambem lhe dê

por

por apontamentos as cousas que para ella devem de prover, que cumprem a seu serviço: e porque sei muito certo, pela experiencia que tendes dessas partes, me podereis fallar, e fazer algumas lembranças proveitosas, vos rogo que tomeis este trabalho de me espertardes, e fazerdes, e lembrardes o que vos parece que me cumpre assim para o caminho, como para o mais da terra, porque em tudo folgarei de tomar vosso parecer; porque pelo amor que me tendes, me fallareis verdade.

Sold. Bom conselho houve em Roma; e bem se mostra nesta eleiçaõ, que tem nosso Senhor o coraçaõ de Sua Alteza nas mãos, pois o escolheo para o governo do Estado da India, e naõ de balde se diz: *Voz do Povo, voz de Deos*; porque já muitos dias ha que anda pelas praças, que vai V. S. á India: mayor parte desta cousa deve de vir de os homens lançarem seus juizos, como sempre costumam fazer, e naõ acharem neste Reyno pessoa que tenha as partes, que convem a quem ha de governar tamanho Estado, como V. S., em verdade, experiencia da guerra, muitas vezes Capitão no mar, e terra, muita renda, poucos filhos, amigo de Deos, e dos homens, e taõ apurado em bons costumes, que parece que os plantará de novo naquelles em que os naõ houver.

Vis. O mais de tudo o que dizeis, e o melhor he o que Deos nosso Senhor ha de pôr da sua parte em me aconselhar, ajudar, e favorecer, para que nas obrigações do cargo, faça seu santo serviço, e de Sua Alteza.

Sold. Ainda assim está certo que se naõ póde salvar V. S. com os homens da India; porque dizia Nuno da Cunha, que eraõ como os doentes de colera, que tinham os gostos taõ damnados, que tudo o que lhes davam a comer lhes amargava, posto que fosse assucar; e sabe Deos, que por ver a V. S. neste perigo naõ mostrei muito mayor contentamento com esta nova que me deo, por me fazer mercê; porque ainda naõ vi nenhum Viso-Rey, nem Governador, que se salvasse de ficar ou mal com os homens por amor delRey, ou com ElRey por amor dos homens, como disse Affonso de Albuquerque quando, chegando á Barra de Goa, vindo dos Rios, lhe deraõ nova que tinha por successor Lo-

po

po Soares : mas ainda foi ditoso, que se accolheo á Igreja, e naõ andou por casas de escrivães, e procuradores; nem se vio prezo, nem sua fazenda tomada, nem por juizes de seus trabalhos, e serviços os homens que nunca os tiveraõ, como tem acontecido a muitos; por onde fará máo sizo o homem, a quem a colera, ou necessidade naõ for causa de tomar sobre si tamanha, e perigosa carga, como he o governo do Estado da India; e quando S. Alteza para isso o escolhe, escusa-se de acceitar taõ trabalhosa, e perigosa honra; porque a verdadeira honra mais está em merecella, que em possuilla.

Vis. He verdade o que dizeis; mas ahi naõ ha homem neste nosso Portugal, que naõ haja mister o Rey, e que lhe esteja bem naõ fazer o que lhe mandam, mayormente os que tem casa, e bens da Corôa, que querem que fique a seus filhos.

Sold. Assim he como V. S. diz: por onde está certo que sempre haverá quem acceite estes trabalhos, e quem os requeira; huns porque tem bens, outros porque os naõ tem, e os desejam; e por isso diz o Italiano; *Cosi va il mondo*: e querello emendar he a mayor graça das graças.

Vis. S. Alteza me manda fazer prestes quatro Náos das que andam nesta carreira; e duas novas, das quaes escolherei a que me melhor parecer para nella ir: e pois as tendes todas vistas, folgarei que me digais em qual dellas me devo embarcar; porque eu estou em tomar huma das novas, que mas gabam de grandes, e fortes.

Sold. Só Deos saberá disso escolher; mas eu da minha vontade em Náo que fez já viagem, e tem mostrado de si as condições, a que os homens do mar chamam *manhas*; porque á mulher para casar, e á Náo para se haver de embarcar, naõ he máo saber-lhas, se possivel for; e quanto ás Náos esta he a regra geral, e que dá muito descanço aos Officiaes, e passageiros, terem já experiencia della.

Vis. Assim he verdade, que tambem das Náos se requere experiencia para se haver de fiar dellas a pessoa na viagem do mar, como he necessario dos homens, de que algumas cousas se ham de fiar, ou encommendar.

Sold.

Sold. A das Náos he agora a que mais se procura, e naõ dos homens, porque neste tempo anda por senhora do campo, a adherencia, ou hum naõ sei que, a que chamam: *Por dar*, *dam*: donde vem, que do principal he o menos de que se trata; que naõ póde ser mayor cegueira no mundo, que nas cousas em que naõ vai, como he hum alfayate, hum sapateiro, e outros officiaes mechanicos, se naõ pôr tenda sem carta de examinaçaõ passada pelos juizes dos seus officios, estando na mão do povo servirem-se dos que melhor souberem fazer: e permittir-se aos homens pôr tendas de governar, e capitanear, *julgar* (*a*), e pastorear grandes póvos, que ham de manter em paz, e justiça, naõ tendo mais partes idoneas para os cargos que servem, que serem filhos de seus pays, ou criados dos que lhes houveraõ as mercês; e depois de acabarem, e terem feito o damno, tiraõ a pesquiza, que fôra melhor tiralla delles, antes de serem encarregados dos cargos, para que naõ eraõ: e porque este mal he já velho, curse o tempo, que he mestre de vicios. E quanto á sua embarcaçaõ, tome V. S. meu parecer, que tenho por bem; porque vi lá Náos mui mal escançadas, sepulturas dos homens, vasos de desastres; e podendo nomear muitas, sómente lembro a V. S. a Náo Flamenga, que ou por peccados dos passageiros, ou pela Náo ser mal afortunada, das desaventuras, e trabalhos, que se nella passáraõ em duas viagens, que naõ acabou, se pudera fazer hum triste summario.

Vis. Ahi naõ ha boa, nem má fortuna, nem cousas mal escançadas; os máos, e os bons successos saõ os segredos de Deos, por que se obram as cousas como Elle ha por seu serviço; que sería erro querellas julgar pelas opiniões dos homens, que carecêraõ da verdadeira Fé, como foraõ os Gentios, donde descendemos, e nos ficou esta imaginaçaõ do máo dia, e do bom dia, e tomar agouro de algumas cousas, que naõ póde ser mayor abusaõ: mas com tudo em huma dessas Náos, direis qual vos melhor parecer, me embarcarei.

Sold.

(*a*) No manuscrito estava *vilgar*.

Sold. A Náo Santa Clara dizem que he agora o melhor pão da carreira; e nesta deve de ir V. S.

Vis. Sou contente, porque sempre fui amigo das cousas, ás quaes homens pôem bom nome.

Sold. Nella levará nosso Senhor a V. S. a salvamento, como todos desejamos.

CAPITULO I.

Da Náo.

Vis. POis já temos a Náo, que Piloto levarei comigo; porque tambem, como sabeis, nisto vai muito.

Sold. He verdade; mas venha o demo, e escolha entre estes que agora ha, que este Reyno está muito falto destes Officiaes, havendo nelle os melhores, que se podem achar em todo o mundo; e veyo esta falta de Pilotos, e homens do mar das muitas Náos que saõ perdidas nesta carreira, de annos para cá, por nossos peccados; mas dizia Domingos Fernandes, Piloto Genuez, que foi hum dos bons desta carreira, nas boas viagens que fazia, por naõ tirar o seu a seu dono, nem querendo sua gloria: *Deos as leva, Deos as traz.*

Vis. Visto está que sem Deos, nada he feito; mas os homens saõ obrigados em suas cousas pôrem sempre da sua parte, quanto for possivel, tudo aquillo que possa aproveitar nas cousas que ham de fazer, deixando o mais na mão de Deos, que em tudo disponha o que houver por seu serviço; assim tambem nisto eu, como homem, he razaõ que busque, e escolha o melhor Piloto, posto que Deos he o verdadeiro em todas as cousas.

Sold. Tudo tem V. S. em casa; porque o Piloto da mesma Náo, que foi, e veyo, he hum bom Official, e nesta conta o tem todos do seu mister; e tenho sabido outra bondade delle de homens, que com elle vieraõ, que naõ tem condiçaõ de marinheiro, que he esta tambem boa parte, que por ella lhe soffreria outras manqueiras que tivesse; porque estes homens se tem condiçaõ de marinheiro, he mais perigosa sua navega-

çaõ

çaõ que hum olho de boi no Cabo da Boa-Esperança, se se toma com as vélas altas.

Visf. Que chamais vós *olho de boi*?

Sold. Naõ ouvio V. S. dizer de hum fuzil, que deo na volta do Cabo de Boa-Esperança na Armada de Pedro Alves Cabral, que por naõ amainar logo, por naõ terem experiencia delle, que tanto que dá naquella paragem, se ajunta hum tempo novo, e tormentoso, se perdêraõ quatro Náos, humas á vista das outras, e as que ficáraõ foi porque naõ levavaõ os traquetes de gavea, e as mezenas dadas; e deste desastre nasceo o aviso, que se dá por regimento, que naquella paragem naõ dem as Náos as vélas perigosas.

Visf. Em toda a parte he bom o resguardo, mayormente no mar; naõ digo eu essas vélas tomadas, mas nas que ficam ter para esse olho de boi mais olhos, do que se pintam a Argos; porque no mar cada hum he atalaya da sua vida, e a deve vigiar; porque naõ póde haver perigo que a todos naõ caiba sua parte: por onde de todos se deve tomar parecer nas cousas que for necessario, ao menos dos homens que forem para isso.

Sold. Isso he o que os Pilotos, e os Officiaes das Náos naõ soffrem, e naõ he mais necessario para se naõ fazer huma cousa, ou naõ se fazer bem feita (*a*), que haver homens que a lembrem, ou digam primeiro; porque o tomam logo em caso de honra, como homens que naõ sabem que cousa he honra, e fazem-se amoucos, mas que se perca a Náo.

Visf. Que quer dizer *amoucos*?

Sold. Homens que se determinam a morrer com matarem a todos os que puderem, como se costumam nas partes de Malaca, que chamam *amoucos* pela linguagem da terra.

Visf. Boas estam as vidas dos coitados dos homens postas nas máos desses taes.

Sold. Por isso gabei a V. S. este Piloto, que naõ tem condiçaõ de marinheiro; porque os que acertam de a ter, tem-se mais trabalhos com elles, que com a jornada, por mais trabalhosa que seja. Ninguem lhe acertou á cara como Francisco Pereira Pestana, que vindo nesta carreyra, acertou de levar hum destes Pilotos

(*a*) No manuscrito estava: *para se fazer huma cousa naõ se fazer bem feita.*

tos rebelões ; e porque S. Alteza condemna em trezentos cruzados o Capitaõ que injuriar Piloto, logo dante-mão lhos atou em huma bolça ao prepáo com huma meya haſtea de lança groſſa ; e parece que para favor de ſeu direito lhe faria alguma oraçaõ, a qual aproveitou taõ pouco, que toda-via o bom do Piloto mereceo muito bem os trezentos cruzados, e que lhos naõ puderaõ os herdeiros tirar como propriedade, que foi vendida por menos de ametade do juſto preço.

Viſ. Nunca lhe dôa a mão! huma doudice como eſſa, faz a muito Pilotos, e Meſtres ſeſudos ; porque em tudo hei de tomar voſſo parecer, por naõ andar provando vinhos, quero que vá comigo eſſe Piloto, que na meſma Náo veyo.

Sold. Acerta V. S. muito niſſo, e o tempo lhe dou por teſtemunha ; porque elle he Piloto agora hum dos melhores Officiaes deſta carreira, e por eſſe o tem todos.

CAPITULO V.

Pilotos de ſobreſcllente. (*a*)

Viſ. COſtumam os Viſo-Reys levar comſigo Pilotos de ſobreſellente ; e hum Veador da Fazenda meu amigo, depois que ſe moveo eſta minha jornada, me diſſe, que me havia de inculcar o melhor Piloto deſte Reyno para ir comigo, o qual era grande eſpherico, e que tinha alguns principios de Aſtrologia, e homem que zombava de todos eſtes outros que querem fallar na navegaçaõ, e que por ſua mão ſe emendavaõ agora as Cartas de marear.

Sold. Por bom preço o tem vendido a V. S. ; deve ſer couſa ſua ; e ouſava apoſtar, dizendo que he neceſſario, para que vá, fallar-lhe S. Alteza a voſſo requerimento, que de outra maneira naõ quererá ir ; e por aqui trazem a agua ao moinho ; e como for chamado de S. Alteza, verá V. S. como vende as ſuas verças ; por-

(*a*) Neſte Capitulo, e em os mais que ſe ſeguem, eſtava no manuſcripto primeiro o argumento, que a palavra *Capitulo*.

porque hum homem deſtes, como ſe ha miſter poucas vezes, quando vem o ſeu dia faz valer o ſeu foro mais que a propriedade; e ſe á mão vem, quererá neſta jornada ficar Cavalleiro de Chriſto com lhe lançar S. Alteza o Hábito, porque ha já mais deſtes, dos que ſe achárão nos desbarates dos Alcaides Seſta feira d'Endoenças com D. Joaõ de Menezes, e com o Conde de Borba no cerco de Arzilla; e porque ſe nunca diz, que para bem ſaberem as couſas ha miſter mais que ſabellas, eu naõ ſou nada amigo deſtes Pilotos das pouſadas, deſtes que tem grandes mappamundos, e que cuidam que trazem a eſphera mettida no bucho; que de olharem ſempre para o Sol, e para a Lua, e para as Eſtrellas, e os Ceos donde correm, dam mais topada, que huma beſta que embica; e nunca vi a nenhum deſtes em Náo, que ſe naõ perdeſſe como o Grão Joaõ de Lisboa, e o Barboſa; tambem eſtes eraõ Cavalleiros de Chriſto, e chamavaõ-ſe Deoſes do mar, e ſempre deraõ com as Náos em terra, donde perdêraõ as vidas juntamente com muitos, e as fazendas: eu ſou muito amigo de Pilotos para o mar, que comecem nellas de pagens a grumetes, e de grumetes a marinheiros, e dahi ſó ſubindo por ſeu curſo até chegar de grão Meſtre a Piloto, porque a experiencia deſtes he hum ſaber vivo, e naõ pintado conhecimento, da terra, do mar, das aves, dos ſargaços, das trombetas, dos lobos, do Cabo de Boa Eſperança, e dos fundos donde lançam ſeus prumos, das aguas marcadas, das Coſtas; até os peixes que correm com a Náo, os que peſcam lhes ſervem para informaçaõ de ſua viagem, e da paragem aonde eſtam, e quando ſe fazem com Ilhas, ou baixos, naõ ſómente pela altura, e caminho que fazem, ſabem ſe lhes ficam a barlavento, ſe a ſotavento, mas ainda do caminho que fazem ás vezes ſobre a terra ſe aproveitam para o ſaber, e a outras couſas que, por naõ enfadar a V. S., deixo de dizer, de que eſſe grão Piloto, de que dizem a V. S., naõ deve ter nenhuma experiencia, e ſe he tal como lhe dizem, que o haveria por mais neceſſario neſte Reyno para a determinaçaõ da demarcaçaõ de Maluco, que homens, e Pilotos, que queiram vender leguas ao ſeu Rey, e fizeraõ por força rematar em limites alheyos, eſtando nos noſſos.

Viſ.

Vis. E eu creyo que me naõ he neceſſario para minha viagem; mas tenho entendido deſte meu amigo, que tem obrigaçaõ a eſte homem, e que ſe quer ajudar de mim neſta conjuncçaõ de tempo para o negociar á vontade; como ſuſpeito iſto, pois terá de pôr o mais de ſua parte, naõ me dá nada fazerem o neceſſario para o que lhe a elle cumpre, e porei de minha caſa o que puder com S. Alteza; porque, como dizem, *faze-me a barba, far-te-hei o topete.*

Sold. Deſſa maneira vá muito embora, que para a jornada de V. S. eu o tenho por deſneceſſario; porque a couſa que mais damno faz na guerra, e na tormenta, he o mandarem muitos.

CAPITULO III.

Do Secretario do Viſo-Rey.

Viſ. E Eu hei de levar Secretario comigo; e queria que proveſſe S. Alteza deſte cargo, por ſer taõ junto a mim, hum homem da minha obrigaçaõ, e que vive com S. Alteza em fôro honrado, e que teve todas as partes que convem á ſerventia do cargo, que nelle cabe muito bem, ſenaõ houverem por impedimento ſer da minha appreſentaçaõ, e couſa minha.

Sold. Algum tanto ſe ha de pôr os olhos niſſo; mas para V. S. naõ haverá caſo forte; e ſe S. Alteza lhe faz eſſa mercê, faz o que ſe naõ fez a ninguem, ſenaõ a D. Duarte de Menezes, ſegundo minha lembrança, e Nuno da Cunha; e deſtes parece que ficou na opiniaõ de alguns máos de contentar, que naõ era ſerviço de S. Alteza os taes homens da obrigaçaõ, e ſevadeira dos Viſo-Reys, e Governadores, a qual Ley ſe naõ guardou no Viſo-Rey D. Pedro: ainda que niſto ha homens da contraria opiniaõ, dando por razaõ, que he couſa mui neceſſaria em hum Viſo-Rey ſervir-ſe de Secretario que lhe tenha obrigaçaõ, e mais amor, que o ſeu intereſſe, para lhe fallar verdade deſenganado nas couſas que houver de fazer, como Official que ha de ſervir do fiel da balan-

ça

ça dos negocios; porque hum Viso-Rey he homem de carne, e naõ divino, e póde errar, e acertar, segundo a informaçaõ que tiver dellas, naõ póde ser taõ universal em tudo ao menos nos primeiros annos; para o que lhe he necessario hum Secretario, que, além de ser cousa sua, tenha experiencia da terra, e dos negocios della, e que conheça os homens, e as qualidades, e serviços seus, e que, como homem que anda pela praça, ouça o que diz, para delles se poder aproveitar em seu serviço quando cumpre, e desta maneira naõ se poderá errar o negocio, e naõ correrá por informações de homens suspeitosos, e certidões de outros, que as passam mais por fazer em suas pessoas, que por nellas fallar verdade: o Viso-Rey mette-se em huma camara só com o Secretario ao despacho, e quando elle naõ he o que deve ser, do despacho ficam as gagens, e o Viso-Rey com o descredito, e culpas de mal feito, em que ás vezes tem tanta culpa, como El-Rey de Aragaõ, sem haver na cousa emenda, porque *guarde-vos Deos defeito he.*

Vis. Eu naõ poderei quando bem me estiver ter comigo quem me desengane, se os requerimentos saõ justos, honestos, ou prejudiciaes ao serviço de S. Alteza?

Sold. Ainda isso naõ hei por seguro, porque ha homens taõ previstos nos negocios, que ajuntam as figuras que lhes servem; o peyor he que logo o Secretario se ha de guardar de V. S., dizendo, que o desacredita, e que lhe toma o seu officio, e a sua honra, e que ao seu despacho naõ ha de estar ninguem, que se ha de fiar delle o que S. Alteza fiou, porque estando só poderá fazer seu officio, e fallar verdade do mal, ou bem dos homens em segredo para naõ ganhar inimigos; finalmente saõ taõ ciosos nisto, e nas outras cousas que calo, que ham que lhes faz hum Viso-Rey injúria se despacha huma petiçaõ por si sem dizer á parte: *Dai-a ao Secretario, que me falle*; e faz-lhe disso peccado; e eu haveria por virtude despachar as partes no joelho; mas o moinho andando ganha, e estes homens naõ se contentam com doze mil reis que tem de ordenado, afóra os percalços que tem de sua escriptura, que importa muito, e outras mercês de barriz, e alvitres; porque quem mais perto está do fogo, mais azinha se aquenta, sempre põe os olhos no que tiráraõ do cargo

go os paſſados, e naõ querem ver ſe foi mal, ou bem levado.

Viſ. Se o Secretario que ſervir comigo levar peitas, e naõ cumprir com a obrigaçaõ do ſeu cargo, como he razaõ, naõ caſtigarei aos Officiaes da juſtiça, e fazenda, que o meſmo fizerem?

Sold. Quem diz a V. S. que o naõ póde fazer? mas no tempo de agora mais ſaõ os males que ſe diſſimulam, que os que ſe caſtigam; porque ás vezes val mais a deſculpa dos culpados, que a verdade dos leaes; o que fazeis por virtude, fazem entender que o fazeis por odio, ou outro máo reſpeito; quanto mais que os Officiaes deſte tempo tem dado hum entendimento a eſte nome *peitas*, que lhe naõ dera melhor Bartholo para favor de ſeu direito: enido que eſtá provado pelos Padres Confeſſores da Companhia, que ſaõ os mais rigoroſos que agora ha em caſos de reſtituiçaõ; porque diz o Italiano: *fata la Lege, penſata la malicia*; e dizem, que peita ſe entende a que ſe toma da parte antes de a deſpachar, e concerto que com ella fazeis por ſeu deſpacho; mas ſe eſtas duas couſas naõ intervierem no negocio, ſe a parte foi deſpachada ſimpleſmente, e á boa fé lhe foi feita mercê; porque o mereceo a Deos, ou a S. Alteza, póde muito bem, depois de deſpachada a parte, gratificar, e agradecer ao Deſpachador o beneficio recebido, e que ſe o naõ fizer ſerá havido por ingrato, e máo homem da Côrte, e tem por couſa averiguada, que bem póde huma parte dar huma peça que valha vinte cruzados a hum Secretario pelo papel que lhe fez, do que ha de lavar huma tanga; pois ſabe o que delle ha de pagar, ſe naõ eſcreveo niſſo engano, e ſe dera a tanga naõ lhe pediraõ mais; donde he de crer, que o mais que ha, he de ſua liberdade, e liberal vontade, e que o faz por deixar as rodas untadas para lhe correr melhor outro negocio quando o tiver; porque ſe aſſim naõ fez, dam por razaõ, que ſaõ os gaſtos grandes, e que ſerviraõ os cargos pelo governo ſómente, e naõ tem eſpadas de ouro, barriz, e gomiz de prata, anneis de diamantes, alcatifas ricas, colxas de ſeda, e outras peças, que ſaõ taõ boas, como o dinheiro de contado, onde ſe naõ toma por ſer couſa vilá, e baixa; mas eu os deſculpo, por quam agradecidos, e obriga-

dos

dos ficam ás pessoas de que allegam cousas, e recebem; porque se saõ Capitáes, e pessoas ausentes, lhe fica o Secretario servindo ante o Viso-Rey de procurador bastante, quantas vezes os avisaõ de cousas importantes á sua honra, e fazenda, e por serem segredos de justiça naõ deviaõ descubrir.

Vis. Naõ me espanto de nada do que me dizeis, porque mayores milagres do que esse, faz o rapaz do interesse em homens cubiçósos; é assim que sois de parecer, que mais ha de ter o Secretario para o que cumprir á minha honra, que ser cousa minha, e naõ me parece mal; mas tudo isto se alcança em tres dias, e eu da minha parte irei entendendo tambem a terra, e os negocios della; que assim foraõ tódas as cousas; que a experiencia naõ nasceo com os homens, os tempos, e os negocios lha deraõ.

Sold. Em tres dias? oxálá em tres annos! e assim ireis onde o vereis; porque eu espero a V. S. no cabo de seu tempo dizer outra cousa bem differente: porque o Viso-Rey D. Affonso creado foi na Côrte dos Reys, e Capitáo nas guerras, e que sempre mandou; e disse, estando por Viso-Rey na India quando chegou: » Agora posso dizer, que me tira o Viso Rey o go» verno da India, porque se mais cedo viera, tirara-o » a Simaõ Ferreira, e a Vasco da Cunha, e a outros » que me aconselháraõ: » é assim he, que naõ permittem nossos peccados que nos governem os Viso-Reys mais tempo, que aquelle que o fazem com o saber alhêo, e como entendem a terra, e os negocios della, e sabem os merecimentos dos homens, e o para que podem prestar, e servir, os mandaõ vir, como D. Affonso queria dizer nas palavras que disse.

Vis. Parece-me que estou vendo isso que me dizeis com os olhos; mas ha cousas no mundo que naõ tem remedio, nem soffrem emenda, e he louquice querer acudir á males alhêos com perigos proprios; passarei por os trabalhos que passáraõ os outros.

Sold. Porque não lhe pareça que vai nisso mais, que o gosto de ser servido de cousa sua, porque á custa da Fazenda de S. Alteza, faça V. S. do Secretario que levar mais que seu; e o tempo lhe dou por testemunha (*a*).

M CA-

(*a*) He fielmente como se achava no manuscripto.

CAPITULO IV.

Do Ouvidor Geral da India.

Viſ. HA-ſe de prover o Ouvidor Geral para levar comigo.

Sold. Veja V. S. o homem que lhe dam para ſervir neſſe cargo, porque he muito importante por ſer o principal da juſtiça, e que ha de correr com elle nos deſpachos, em que tanto vai, como ſaõ vida, e fazenda dos homens, pelo que deve trabalhar, que ſe dê a peſſoa o cargo a quem bem eſteja por ſua authoridade, vida, e bons coſtumes.

Viſ. Eu tenho obrigaçaõ a hum Letrado neſte Reyno, a que ſempre encommendei minhas couſas, e mas fez com muito cuidado, e amor, e cuido que por iſſo nunca lhe fartei a mulla de cevada, e ſinto nelle que deſejá ir comigo, e já por duas vezes mo tem recommendado; mas quer ir honrado, e acreditado, e faz-me crer por boas razões, que cumpre a minha conſciencia ſervir-me delle neſte cargo de Ouvidor Geral, e pedillo a S. Alteza; porque aſſim como até aqui teve cuidado de minha fazenda, o eſpera de ter de minha alma, e ouvirá na adminiſtraçaõ da juſtiça que me he recommendada.

Sold. Os cargos deſta calidade naõ ſaõ os que ſe ham de pedir, nem requerer; mas antes com muito cuidado o Principe deve buſcar homens para elles, que tenham letras, e idade, e bons coſtumes, e conhecidos por tementes a Deos; e que em outros caſos ſemelhantes foſſem já encarregados neſte Reyno, e deſſem boa conta delles, e moſtra de ſi; e ſabe V. S., em quanto iſto tenho, que ſería de parecer, que andaſſe ſempre eſte cargo em peſſoas que S. Alteza tiveſſe conta, e eſperaſſe fazer-lhes muitas honras, e mercês.

Viſ. Pois eſte meu amigo, a que faltam algumas couſas que dizeis, ſem azas ſalta do chaõ para o poleiro de Procurador, para Ouvidor Geral da India, e cuido que nunca ſe ElRey ſervio delle ſenaõ huma vez; por contem-

templaçaõ de hum Desembargador do Paço, o mandáraõ á Chamusca a tirar huma devassa de hum, que por querer mal a hum seu vizinho, de noite lhe arrancou hum, ou dous enxertos, que tinha plantados.

Sold. Segundo alguns Letrados saõ desarrazoados, pelos favorecer o tempo, havia de dizer, que nessa jornada fez tanto serviço a S. Alteza, que merece que o façam Chanceller do Reyno. ElRey naõ sabe mais disso do que se faz na China, porque Letrados, e se cá isto for, e que vivem de procuratorio, naõ ham por honra andarem debaixo das abas dos Desembargadores do Paço, e Casa da Supplicaçaõ, e Fazenda, e de serem seus cativos; donde vem, que como S. Alteza ha de mandar fazer algumas diligencias que cumpre a seu serviço, cada hum destes senhores appresentam o seu, e chega a braza á sua sardinha, porque lhe servem de ninho de guincho, com que tem a casa chêa de patos, e chacina das marrans, e presentes da Beira, e outras cousas que dá a terra; e como nos cargos se mostram homens de prol; e prendêraõ hum ladraõ, que na feira furtou hum asno, e corrêraõ no alcance a outros, o qual o mettêraõ em casa do Prior de Rates, que por lhe resistir o houveram por emprazado, e mandáraõ os autos á Corte; ficam desta cavalgada para tanto, que lhes parece que lhes deve ser dado lugar de Desembargador, ainda que entrem no Desembargo para o dia de S. Sereijo, com os cargos da justiça da India estam pedindo huns de mais bico revolto; por todos serem de muito negocio, e importancia, e em que os providos delles se fazem ricos em pouco tempo.

Vis. Pois naõ saõ os officios da justiça para se adquirir com elles dinheiro, nem enriquecer; se naõ se fizerem della fazenda para a vender a quem a ha mister.

Sold. Naõ poderei dizer com verdade, que esse trato tenham os Officiaes da justiça da India; mas como tenham grossas ordinarias, e a terra consente serem todos mercadores da folosa até o grou, fazem suas fazendas, respondendo-lhes seus empregos melhor, que aos outros homens pela necessidade que delles podem ter os que lhos feitorizam.

Vis. Nem isto tenho por taõ bom, como vos a vós pare-

rece, que póde ser; porque naturalmente os homens que fazem fazendas, quer suas, quer alhêas, sempre tem contendas, e demandas, que determinam por justiça, e naõ seraõ bons Juizes, nem daraõ sentença contra a Fazenda do homem que lhes feitorizou a sua, e lha acrescentou.

Sold. Nisso quero ter parecer, porque he em caso de consciencias alhêas: mas no requerimento do cargo para este seu Ouvidor naõ deve V. S. de pezar o tempo em cousas que lhe naõ sahiráõ á vontade, e deve trazer homem comsigo, que lá lhe fará mercê; porque o tempo tem muito que andar, e vá de cá intitulado por Licenciado do Viso-Rey, e tenha algumas horas de só com elle, para o acreditar com a gente da terra; e no mar faça-o Ouvidor da Náo, para lhe naõ esquecer o officio, como diz que aconteceo a hum cozinheiro do Marquez; e lá na India o fará Juiz em casos de suspensões, e mandallo-ha tirar residencias de Fortalezas, e assim o irá honrando, de maneira, que virá julgar na Meza grande, e poder-lhe-ha V. S. fazer mercê da Ouvidoria de Malaca, ou de Ormuz, que saõ as mais proveitosas; e ainda isto he pouco para o de que póde servir com favor de V. S.; e com isso lhe será melhor, que a serventia de Ouvidor Geral, e outros cargos da Meza grande, que estaõ ao presente provídos em homens de muitos merecimentos, e acreditados na terra, e de muita experiencia nos negocios della, e que de si tem dado em tudo mui boa conta; que por serem taes fôra proveitoso á terra naõ haver mudança nelles, porque huma verdade quero que saiba V. S. de mim, que os Officiaes de justiça em seus cargos, e Religiosos em seus habitos, em nenhuma parte do mundo ha outros que lhes façam a ventagem em cumprirem com suas obrigações, conforme ellas; porque se o contrario fôra, a terra he taõ pequena, que tudo se sabe, e os homens da India saõ taes, que nem a si perdoam.

Vis. Parece-me que me aconselhais bem, e fallais desenganado; porque naõ he de minha profissaõ de escolher, nem appresentar a S. Alteza homens para cargo de julgar: levallo-hei como me dizeis; lá tudo se fará bem, que naõ tenho juizo sobre mim; e quando o mal fôr muito, no primeiro regozilho de guerra, falo-

lo-hei Capitão de huma bandeira, que me naõ engeitará com dizer, que as letras naõ defpontam o ferro da lança; porque ahi naõ ha nenhum Letrado taõ obfervante em fua profifsaõ, que naõ queira ter huns arrafins de Cavalleiro; e dizem que nefte tempo naõ ha taõ illuftres Capitáes, como houve nos paffados; porque naõ faõ juntamente Cavalleiros, e Letrados, como Cefar, e outros.

Sold. Naõ eftam de má opiniaõ os que effa tem; fe o Letrado tiver tanto curfo nas armas, como nas letras, que fe poffa chamar Doutor juntamente *in utroque.*

CAPITULO V.

Do Veador da Fazenda Geral da India.

Vif. O Veador Geral da Fazenda da India, fois de parecer, que o mande S. Alteza defte Reyno provído, como fe já fez algumas vezes?

Sold. Darei nifto meu parecer a V. S.; mas ha de fer com a condiçaõ, que ha de crer de mim, que o mal, ou bem que niffo differ, naõ he o contrario do que finto, e entendo. Os Veadores da Fazenda, que defte Reyno foraõ provídos, nunca os vi na India fazer das pedras pam, fe naõ foi para fi. Affonfo Mexia de Soufa parecia dos homens que cumpriaõ com as obrigaçóes de feus cargos o tempo que fervíraõ: e naõ haveria por inconveniente ir defte Reyno provído Veador da Fazenda, fe a peffoa que o for tiver as partes que convem á ferventia do cargo, em fer homem limpo, e abaftado, e approvado em fua vida, que ferviffe cargos da Fazenda para dos negocios ter alguma experiencia, que he o melhor de todas as coufas; e que naõ feja filho de homem de baixa maneira, porque hum deftes tira ao cargo a mayor parte da preeminencia, e acatamento, que S. Alteza quer que lhe tenhaõ; porque os homens da India faõ largos no viver, e no fallar; e tambem fe acertar de fer prático nas coufas da Fazenda; póe todo o negocio della nas Leys de Roma, e convertem a recadaçaõ em pleitos, e de-

e demandas; e gaſtam mais papel em Regimentos, do que ha em Veneza; donde, por ſeguirem ſua natureza, vem a dar mais oppreſsões aos homens, que proveito á Fazenda de S. Alteza.

Viſ. Como aſſim! he verdade que os homens de baixa calidade servíraõ já eſſes cargos na India?

Sold. Eu naõ trato de fallar em prejuizo de partes: ſe iſſo quer ſaber, ſeja de outrem, e naõ de mim.

Viſ. Pois tambem vos quero eu dizer huma verdade: os homens, que tiverem as partes boas, quaes dizeis, naõ quereráõ ir á India, ſe naõ ſe forem mal aconſelhados; porque cá no Reyno tambem ha em que Sua Alteza ſe ſirva delles, e naõ quereráõ paſſar os trabalhos, e perigos do mar, afóra os que lá ham de ter com a obrigaçaõ do cargo, ſenaõ ſe S. Alteza lhes der por iſſo tanto, que lhes cuſte mais o carreto, do que val o proprio, couſa que de outra maneira faraõ máo ſizo de irem á India.

Sold. Pois, ſenhor, os que para iſſo ſe ham de offerecer, ou requerer o cargo, naõ lhes aparo, nem lhes vou, e acceitallos-hia de má vontade; porque naõ vaõ a outro fim, ſenaõ a buſcar dinheiro; e os que o buſcam, poucas vezes fazem o que devem, e o cargo he de calidade, que quem o houver de ſervir com pôr os olhos no intereſſe, e naõ na honra, e mercê, que ſe lhe fará ſervindo bem, naõ póde fazer o que deve ao proveito de Deos, e de S. Alteza, e bem das partes, como he obrigado; e por tirar eſtes inconvenientes, devia S. Alteza de deixar o provimento deſte cargo para os Viſo-Reys o proverem na India em homens de boas calidades, abaſtados, e experimentados nos negocios da terra, e acreditados nella, que os haverá para iſſo, porque deſtes taes ſerá melhor ElRey ſervido delle; e tambem fica licença a hum Viſo-Rey quando fizerem o que naõ devem para pagar-lhes ſua ſoldada, e dizer-lhes que ſe vaõ embora, e pôr-lhes ramalho, como em atoleiro, o que naõ poderá fazer aos que de cá forem provídos; porque o Governador Lopo Soares quiz fazer huma couſa como eſta em ſeu tempo, com razaõ, ou ſem ella, a hum Veador da Fazenda, e cuſtou-lhe caro; porque os Governadores eſtam ſervindo na India; e naõ podem andar encadernados ás culpas que ſeus inimigos lhes põem neſte

Rey-

Reyno para ſe deſculparem dellas, e naõ ha já ninguem taõ virtuoſo, e zeloſo da juſtiça, que a queira fazer, ſabendo que ha de paſſar por iſſo perſeguições; mas algumas vezes acontece fazerem-ſe ambos de huma conſciencia o lobo, e a golpelha, e tudo iſto acontece por culpa delRey, que he o cavide, donde todas as culpas do mal feito ſe dependuram; porque os homens ſezudos, a que he pouquice chorar males alhêos, conformam-ſe com o tempo, e fazem muitas vezes o que podem, e naõ o que entendem; porque naõ querem que ſe diga por elles: *Por bem fazer mal haver.*

Viſ. Naõ eſtais de máo parecer, e cuido que ſe tem por bom, e que ſe querem aproveitar delle, para que ande eſte cargo ſempre em homens da India, de que S. Alteza tenha informaçaõ, que ſaõ aptos para iſſo.

Sold. Ainda iſſo naõ he o que eu approvo; porque ás vezes eſſas informações ſaõ más, ou boas, ſegundo cada hum tem amigos em Palacio, e *de longas vias, longas mentiras*; e de algumas couſas feitas deſta maneira vi eu já na India fazer mais eſpanto, do que fazer tremer a terra, por verem homens provídos de cargos por eſſas informações, para qne elles eraõ menos do que eu ſou para Duque de Veneza, e aſſim o moſtráraõ no tempo que ſervíraõ mal, e foraõ tomados em muitas fraquezas, e erros, que a morte delles, e o tempo lhes deſcubrio; e por iſſo bom ſería o provimento deſte cargo ſer dos Viſo-Reys; porque de mais perto, e com melhor informaçaõ, encarreguem delle peſſoa que ſeja para iſſo, pois ha de ſer o principal que o ha de ajudar nos trabalhos; mas iſto ha de ſer á condiçaõ que pois S. Alteza o naõ proveo por naõ errar, que naõ errem os Viſo-Reys no provimento delle, e naõ queiram ſer como hum Governador que eu vi, que provendo de Veador da Fazenda a hum homem, que lhe foi eſtranhado por naõ ter calidades para o cargo, dizem que reſpondeo: » Se naõ » for bom para Veador da Fazenda delRey, ſelo-ha » para a minha: » e ſe iſto aſſim ha de ſer, melhor ſoffreráõ os homens os erros do ſeu Rey, porque he fazenda ſua, que naõ os erros dos Governadores, e Viſo-Reys, quando nas couſas naõ cumprem com ſua obri-

obrigaçaõ, conforme ao ſerviço de Deos, e de S. Alteza.

Viſ. Taõ pequena alçada quereis que tenha hum Viſo-Rey, que naõ poſſa fazer hum Veador da Fazenda á ſua vontade, e homem que elle folgue de honrar?

Sold. Eu naõ lhe tiro o poder, ſenaõ que o faça, e que ſeja bem feito, quanto nelle for poſſivel, ſem ter outro reſpeito ſenaõ ao ſerviço de S. Alteza, e naõ dar orelhas a rogos de Prelados, e ajudas de Religioſos, que no provimento de hum cargo deſtes, ou de outro ſemelhante a eſtes que vagam, andam mais negociados, que na feſta do dia do Santo do ſeu hábito.

Viſ. Que he o que me dizeis? tambem lá ha eſſas invençóes? já lá chega eſſa enfermidade?

Sod. Pois de que mal morrem os Viſo-Reys, ſenaõ de naõ ſerem ſenhores de ſi, nem de ſeu parecer? porque ainda o cargo naõ vaga quando achareis mais homens em caſa dos Prelados, e nas clauſtras dos Moſteiros, do que ſe achaõ para confiſsões em hum Jubileo, e naõ ſómente para cargos, mas já naõ ha ahi negocios, que naõ corram por elles; porque ſuas caridades, e virtudes naõ ſe ſabem deſpedir das importunaçóes dos homens mal attentados, e ſobejos, que querem negociar ſeus máos negocios por ſervos de Deos.

Viſ. Bem aviado logo vou eu com elles, que ſou de minha condiçaõ mui pouco amigo deſſas invençóes, e maneira de negociar!

Sold. Eu darei a V. S. hum muito bom remedio para ſe livrar deſtes trabalhos, de que ſe aproveitou o mais ſezudo Viſo-Rey, que nunca foi á India, que foi Dom Pedro Maſcarenhas: ſabe V. S. que fez? tanto que chegou á India, e ſe vio perſeguido de requerimentos de Religioſos, e Prelados, que lhe traziaõ mais petiçóes, que o Secretario; como os teve juntos todos, fez-lhes huma falladinha, da qual era a ſubſtancia: que o encommendaſſem a Deos em ſuas oraçóes, e lhe deixaſſem ſervir ſeu cargo, de que havia de dar conta a Deos, e a ſeu Rey; e que lhe naõ appreſentaſſem petiçóes, nem fallaſſem em negocios, nem em confirmaçóes de cargos, nem provimento de outros, que ſómen-

mente lhe requereſſem o neceſſario para o provimento de ſuas couſas, e obras, porque o faria de muito boa vontade; e o mais promettia naõ fazer, nem lhes dar para iſſo entrada em ſua caſa.

Viſ. E como tomáraõ elles iſſo? Naſceo dahi algum eſcandalo?

Sold. Mas agradecêraõ-lho muito; e aſſim como o pedio, aſſim o fizeraõ; porque já diſſe a V. S., que forçados das importunaçóes dos homens ſe mettem em negocios, de que lhes vem ſerem havidos por importunos.

Viſ. Porque naõ fazem os Viſo-Reys o que fez D. Pedro Maſcarenhas?

Sold. Porque os mais delles cuidam que o mal, e o bem eſtá no contentamento, que elles ham de ter ás Ordens, e do que ham de eſcrever a S. Alteza.

Viſ. Deſſa maneira vai a couſa? bem negociado eſtou eu!

Sold. Melhor o ham de elles ſer de V. S., porque lhes ha de fazer a vontade em tudo o que quizerem; e ſe naõ nunca lhe falta na caſa de hum Regedor cortezaõ com que ſe vinguem no pulpito, onde eu vi já Prégador taõ ſolto, que dous ſermões daquella ſorte baſtavaõ para ſe fazer hum motim de gente de outra naçaõ, que naõ fôra Portugueza.

Viſ. Em que tempo de que Governador foi iſſo?

Sold. A muitos aconteceo; mas póde V. S. crer, que naõ era no de Martim Affonſo, porque era juriſdicçaõ, e Governador, e Papa; e bem o moſtrou em como ſe houve com o Cuſtodio de S. Franciſco em Goa.

Viſ. Ainda agora haverá no mundo, quando cumprir, outro Martinho Affonſo; e confeſſo-vos, que ſe me altera o pulſo, e que eſtou eſquentado do que vos tenho ouvido.

Sold. Naõ comece V. S. logo de cá a ſentir os trabalhos que na India ha de ter; porque eu tenho os Religioſos por taes, que naõ ha de poder viver ſem elles, e que ha de folgar de em tudo lhes fazer a vontade em obras, e palavras, e ainda os naõ ha de acabar de contar; porque eſtando o Conde Viſo-Rey em Cochim ſe pôz interdicto na Sé de portas fechadas por tardarem aos Padres com ſeu pagamento, por falta de dinheiro, e naõ de boas palavras, e promeſſas do Conde

de Viso-Rey, que lhes pagaria do primeiro que houvesse; e quando os soldados víraõ as portas da Sé fechadas tantos dias, e a razaõ porque, diziaõ: » Porque nos naõ amotinaremos quando nos tardar com a » paga, pois o fazem Conegos, que tem melhor de » comer do que nós. »

Vis. Como se houve o Conde Viso-Rey com esse máo ensino?

Sold. Como filho de seu pay, e como homem a que Deos deo tanto saber, e galanteria, que em nada pôde errar; que lançando a cousa a zombaria, com graças os envergonhou de maneira, que se lhes vieraõ lançar aos pés, e pedir perdaõ com o Bispo; que me parece, que se contasse a V. S. por extenso a cousa como passou, de contentamento se lhe iria a febre, que diz que tem.

Vis. Creyo isso, e muito mais pelo que sei delle; mas porque naõ percamos o tempo, nem pervertamos a substancia do nosso negocio, tornemos a elle. Eu no vosso parecer estou na cerca do provimento do cargo de Veador geral da Fazenda, e assim o espero dizer a S. Alteza, quando for tempo para isso.

Sold. Creyo que muitos achará V. S. deste meu parecer, que tenho por bom, sob reverencia daquelles que o melhor entenderem.

Do Veador das Fazendas das Fortalezas.

Vis. POis já temos concluido, dizei-me: os Veadores da Fazenda que andam pelas Fortalezas, ha differentes opiniões se he serviço de S. Alteza havellos ahi; e porque me achei já nesta pratica, folgarei de saber de vós, de que parecer estais nesta causa.

Sold. Tambem V. S. quer que esses martyres tenham dia de que se faça commemoraçaõ delles? direi nisso o meu parecer, mui confiado que hei de achar muitos do meu voto, como naõ forem pessoas suspeitas: V. S. ha de ter por muito certo, que as cousas que Martim Affonso de Sousa, sendo Governador, approvou boas, e proveitosas á Fazenda de S. Alteza, que o saõ realmen-

mente; porque além do bom ſaber que Deos lhe deo em tudo, e a experiencia que tinha da terra, foi diſcipulo de Nuno da Cunha, com que ſe póde allegar em todas as couſas bem ordenadas da Fazenda, como com S. Paulo na Igreja de Deos: elle ſe ſervio delles, e os achou proveitoſos para o deſcuido dos Feitores, e ouſadias do Capitão, e prejuizo da Fazenda de S. Alteza, de que huns, e outros faziaõ como ſua, e acudiaõ mal ás neceſſidades do Eſtado, cuja carga carrega ſobre os Viſo-Reys: por onde dizia Martim Affonſo, que para ElRey ter fazenda na India havia de ter muitos para arrecadar, e hum ſó para gaſtar, e aſſim o fizeſſem em tempo; donde veyo pagar paſſante de cem mil titulos de dividas dos Governadores, e ter em depoſito cincoenta mil ... (*a*) das rendas da terra quando veyo D. Joaõ de Caſtro.

Viſ. Naõ tenho por muito o que dizeis; porque em ſeu tempo foi a idade dourada na India com tanto dinheiro, quanto lhe veyo ter á mão do theſouro daquelle Capitão Mouro, que vós ſabeis melhor o nome que eu, que me naõ lembra, e por iſſo nem grato, nem graça.

Sold. Eſſe dinheiro eſteve ſempre guardado, e mettido n'hum cofre, e eu o vi; e bem me deve V. S. de crer, pois que ſeja lembrado que o trouxe quando veyo a eſte Reyno com iſſo, e o deo a S. Alteza, e eraõ ſeiscentos mil pardáos de ouro, ſegundo minha lembrança; por onde eſtá claro, que tudo o que fez foi do que poupou das rendas do Eſtado da India pelas ſaber gaſtar, e diſpender, e melhor mandar arrecadar por eſtes Veadores da Fazenda, que ſaõ huns ajuntadores de dinheiro de S. Alteza, e trazem-no ao Chafariz delRey, onde elle he neceſſario para ſe diſpender nas couſas de ſeu ſerviço pela ordenaçaõ dos Viſo-Reys. E mais huma couſa apontarei por parte delles, que ſendo Officiaes, a que tantos tem faſtio, e que tem tantos inimigos por o ſerviço de S. Alteza, nunca pôde fazer a malicia dos homens, que lhes puzeraõ na ſerventia de ſeus cargos culpas, por que verdadeiramente foſſem condemnados por ellas, o que ſe

(*a*) No manuſcrito achava-ſe eſte meſmo claro, como ſinal de falta de palavra.

se vio ser feito dantes a Capitáes por naõ fazerem o serviço de S. Alteza, e o impedirem, como V. S. ouviria dizer.

Vis. Bem está isso que dizeis; mas dizem delles que lançam o pé além da máo, e que se entremettem nas jurisdicções dos Capitáes, e que de todo os desacreditam, e querem elles ser tudo na terra em que estam; o que S. Alteza naõ ha por seu serviço.

Sold. Naõ vem dahi o mal de alguns Capitáes, que muitos delles daraõ isso, que chamam honra, credito, e jurisdicçaõ, por dinheiro, e fazenda, que isto he o que vaõ buscar á India; mas como estes Veadores da Fazenda nunca vaõ pelas Fortalezas, que naõ levem provisões para se cumprirem os Regimentos de S. Alteza, de que alguns dos Capitáes recebem perda, e naõ daquillo, que ainda vem bem, e verdadeiramente da serventia de seus cargos, senaõ do que estam em posse levar á Fazenda de S. Alteza, sabe-lhes mal tirarem-lho; e tambem em parte alguns se encolhem com os ter na terra de cousas, que feitas (*a*) nella, e naõ querem testemunhas de seus erros, de comprarem por menos preço o que ham mister do que val, e venderem por mais o que tem por vender; lançando a fazenda pelas casas dos mercadores, como carne de touro, naõ pagando os direitos de S. Alteza, de sua fazenda, e de seus amigos, e apaniguados; e levando direitos de outras, que salvam por suas; e tolhendo que ninguem compre o que elles querem comprar, nem comprem a ninguem o que elles tem para vender, para o que trazem pela terra huns feitores, corretores destas virtudes, que ficam já carregados em receita de Capitáo em Capitáo por Mestres de peccados, os quaes tomam sobre si, que pagaráõ no outro mundo por elles; porque naõ fazem senaõ o que os Capitáes Mouros faziaõ na terra em seu tempo, e o que fizeraõ os seus antepassados.

Vis. Assim que por essa razaõ, mór isca de males que fazem, crem que ficam soltos de culpa, e pena; e bem parece que dessa maneira teraõ tanto dinheiro em pouco tempo, porque, segundo vejo, naõ se acha nas

---

(*a*) He fielmente como se achava no manuscrito, em que parece haver alguma falta.

nas prayas como arêas; e das razões que dais vindes ter estes cargos proveitosos á Fazenda de S. Alteza.

Sold. Sabe V. S. como isto está claro; e entendeis que levando o Conde Viso-Rey por Regimento, que naõ houvesse ahi Veadores da Fazenda nas Fortalezas mandou vir os que serviaõ, e aos Capitães proveo com alguns poderes, que lhes pareciaõ necessarios para elles poderem mostrar que fariaõ o serviço de S. Alteza muito bem; mas isto sahio pelo contrario, e deraõ alguns com o rabo pelo mais alto; porque, como diz o Castelhano: *Cabeça derrama el sezo*: e como o Conde Viso-Rey vio, que o punhaõ de cerco, e que entulhavaõ a cava de seus descuidos com boas razões, proveo de Veador da Fazenda das Fortalezas, que soffrêraõ mal; e quiz Deos que para a cousa naõ vir a mais mal, que naõ foraõ Letrados, que saõ homens menos pacientes com os Capitães; porque entendem melhor quaes saõ os casos de Lesa-Magestade, e sabem melhor formar hum auto, que hum destes outros homens da profissaõ das armas, quando saõ offendidos dos Capitães por o serviço de S. Alteza; e com tudo naõ gabo naõ se castigarem as offensas feitas aos Officiaes, e mais de tal preeminencia, por razaõ de seus cargos, e serviço, para que haja quem folgue de o servir, e olhar para sua Fazenda com a mayor fidelidade.

Vis. Os Viso-Reys, em cujo tempo isso aconteceo, naõ acudíraõ a isso com fazer justiça?

Sold. Sim; mas fazem-no de vagar, porque dizem, que a dilaçaõ cura, e que morre o asno, ou quem o tange; e deixaõ o caso posto em termos para o successor que lhe succeder no cargo, o qual por naõ ser já a pessoa que foi desobedecida, toma conhecimento da cousa, e pergunta muito miudamente os martyrios do coitado para se matar de riso, e diz, que supplicará ao Santo Padre, que o ponha no meyo dos Martyres bemaventurados: mas de huma cousa faço certo a V. S., que se huma destas acontecêra em tempo de Martim Affonso, que se houvera de castigar, e tomar a offensa sobre si; porque era taõ pontual a ser obedecido, e fazer cumprir seus mandados, que dizia Rui Vaz Freire, estando por Capitão em Malaca em seu tem-

po

po : » Cumpra-se esta Provisaõ do senhor Governador ; » porque me escreve , que se naõ cumprir , que elle vi» rá cá em hum catur fazella cumprir ; e assim como » elle diz , tenho eu por certo que o fará : » e por isso *bem sabe o demo cujo frangalho rompe* ; e S. Alteza está longe , e a obrigaçaõ dos Viso-Reys he acudir a semelhantes cousas , pois por sua mão , e por seu mandado vaõ os Veadores da Fazenda servir ; e quem os offende , o faz a elles , que estam em nome de S. Alteza ; mas *por razaõ* (*a*) isto pouco quando já os mandam servir , os entregam aos leões ; porque eu vi hum Viso-Rey depois de ter mandado hum Veador da Fazenda a Malaca a fazer certas diligencias necessarias , que S. Alteza lhe mandava fazer por seu Regimento ; e praticando com alguns Fidalgos , e homens como sería já recebido , e hospedado do Capitão , diziaõ todos : mal ; porque se o Veador da Fazenda havia de fazer o que S. Alteza mandava , que naõ podia deixar de ser muito mal tratado : sabe V. S. o que respondeo ? » Lá se » avenhaõ ambos : » que foi huma muito má resposta para Principe de justiça , que mandava hum homem fazer o serviço de S. Alteza , conforme ao que trazia por Regimento ; que he certo que houve parentes do Capitão , que lhe escrevêraõ , que se o Veador da Fazenda , que lá houvesse de fazer alguma cousa , que naõ fosse , senaõ matallo , porque com isso teria menos trabalhos : taõ pouco he S. Alteza senhor de sua Fazenda , que ha por bem matarem-lhe os Officiaes , que para arrecadaçaõ , e acrescentamento della ordena ; e de feito todos levam a morte comsigo nos Regimentos , e diligencias , que lhes os Viso-Reys mandam , se as ham de cumprir ; e sendo a culpa de quem o manda , queixam-se de quem o faz , que parece fraqueza.

Vis. Vamos com a jornada avante ; porque até aqui foi o caminho taõ bom , que naõ taõ sómente o senti , mas tambem folguei de o andar ; o tempo me ensinará lá o que hey de fazer.

Sold. Isso tenho eu por melhor , porque o tempo muda as cousas : por onde muitas vezes as cousas que hoje saõ proveitosas , a manhá vem a naõ servirem.

C A-

(*a*) Talvez deveria estar escrito *porque zelam.*

CAPITULO VI.

Do Escrivão da Matricula.

Vis. Escrivão da Matricula tambem se ha de prover para levar em minha companhia; por que o que está na India acaba seu tempo, e ha muitos que pedem este cargo, e pedem-me favor, e seu regimento; que saõ estes para mim huns trabalhos grandes, porque naõ queria justificar consciencias de homens, de que nunca fui confessor, nem confesso.

Sold. Se fallar a V. S. S. Joaõ Evangelista, ou Baptista, que pela verdade que disse foi degollado, naõ tenha nisso nenhum pejo; porque nestes cabe bem esse cargo, e o serviráõ como cumpre ao serviço de Deos, e de S. Alteza.

Vis. Os Reys nunca se servíraõ de Santos: a homens se ha de dar, e a peccadores, como todos.

Sold. Pois dessa maneira houvera melhor naõ haver matricula na India.

Vis. Nisso me parece que estais desarrazoado; reprovar essa cousa, de que tantos annos ha se usa, e por que corre o negocio da India por ella tanto ao proposito; porque se assim naõ fôra, naõ faltára já quem a S. Alteza mostrára por seu serviço naõ haver ahi matricula, e buscar-se outro remedio para o negocio de que ao presente serve.

Sold. E quem disse a V. S., que naõ haverá já homens deste meu parecer, e que se trata cada dia de quam damnosa he a matricula a seu serviço, e Fazenda? e quero dizer huma heregia; naõ me accuse á santa Inquisiçaõ: tenho que o primeiro inventor da matricula na India, se entendeo della o de que havia de servir, terá no inferno mayores penas, que o inventor da polvora, e artelheria, que tanto mal tem feito no mundo: e quer V. S. que lhe pinte a matricula de que servio na India? de hum passo de Tabelliães, em que continuadamente se fazem traspassações, doações, empenhamentos, pagamentos, cambios, vendas, tratos, e distractos, casa que se fez para soldada dos pobres ho-

homens, que ganhárão por seu serviço em preço de vinte na mão por cento na matricula; e havia logea em Goa de hum Mercadór, que se chamava Saldanha, onde se vendiaõ, e compravaõ a estes preços as cousas, naõ soldo; e nesta casa o hiaõ buscar os poderosos que tinhaõ valia para lhes ser feito delle pagamento; e assim o que ganhavaõ os pobres, e de pouca valia, pagava-se aos ricos, e poderosos: este Saldanha quando morreo, em poucas regras fez seu testamento, por naõ ter herdeiro necessario, e deixou a santa Misericordia de Goa por herdeira, por verba, que dizia assim: *Deixo toda a fazenda que me for achada por minha morte á santa Misericordia; e se Deos houve por bons meus tratos, seja gastada por minha alma, e tanto que naõ, pela de cuja for*: e o discreto Castelhano, porque entendeo que muitas cousas permittem as Leys, e costumes na terra, que façam os homens nesta vida, de que Deos na outra lhes ha de pedir conta (*a*).

Vis. Já isso está provído, que naõ haja matricula para mais, que para fazer os descontos dos pagamentos das pessoas, a que forem pagos seus merecimentos.

Sold. Bem sei eu que está já provído, mas sei que o guardam mal; porque *lá vam Leys, onde querem Reys*; e a matricula he o melhor jardim, que tem os Viso-Reys da India: ainda agora compram soldados Christãos, e Gentios rendeiros a S. Alteza as quantias, que dizem que perdèraõ em suas rendas por provisões, que para isso ham; e assim Officiaes da Fazenda para pagarem o que ficarem devendo em suas contas; e tambem quando se ham de pagar mil pardáos de soldo, que se ficáraõ devendo a hum sobrinho do Viso-Rey, ou a outra pessoa, a que quizer fazer essa mercê, naõ ha mister que os tenha vencidos em seu titulo, senaõ comprallo a dez homens, a que se fazem dez provisões para ser paga a quantia que vendèraõ cada hum, e vai-se o comprador com as dez provisões á matricula, e feitos os descontos, paga-os o Thesoureiro ao comprador. Tambem ha outra invençaõ, que está approvada por Theologos, que possam pedir o soldo emprestado a quem o tem, e fazer-lho pagar com tal condiçaõ, que lhe emprestem este dinheiro por hum certo tempo, e que ao tempo que lhe pagarem, lhe dem

(a) Parece haver aqui erro no manuscrito.

dem menos a quarta parte, que he o que se póde levar por tirar esta dúvida da máo delRey; que por taõ máo pagador tem S. Alteza! e naõ ouvíra assim dizer se tivesse Officiaes, que olhassem por seu credito, e alma; como saó obrigados.

Vis. Ides-me dizendo tantas cousas malfeitas de que serve a matricula, que me tendes feito sentir taõ mal della, como vós, e ser do vosso parecer.

Sold. Pois mais direi a V. S.: a matricula serve de estarem vencendo nella homens mortos de muitos annos, e outros, que andam entre os Mouros; que andam a chacinar fóra do serviço de S. Alteza, onde vendem moços de menor idade, a pezar do Regimento de Sua Alteza, escravos, cativos, aleijados, e naõ em serviço de Deos, e de seu Rey, senaõ de corrimentos, e cutiladas; que lhe deraõ na gualtaria: hum só bem tem a matricula, que achaõ nella os homens honrados cortezia, que se acertam naõ terem seu titulo vencido, quando lhes mandam pagar, lhes fazem o desconto por inteiro, com huma verba, que o venceráõ pelo tempo em diante; e elles leva-os Deos para si confessados, e commungados, primeiro que fiquem em conta com S. Alteza, e esquece-lhes fazer disto razaõ, e aos Officiaes tambem lhes esqueceo o erro que fizeraõ: e tambem ha de crer V. S., que este Escrivaõ da matricula, que naõ he em seu officio soberano, senaõ subdito ao Viso-Rey, e que mal, ou bem que he necessario que faça o que lhe mandar por suas provisões, e que naõ póde fazer mais que apertar as mãos, e olhar para o Ceo, cuidar em seu officio, e no juramento que tem do cargo; que se o quebrar, que perde a alma; cuida que se naõ faz o que lhe mandam, que perde sua fazenda, e he remedio de sua vida, mulher, e filhos, e que se póde ver em trabalhos; porque *quem tem casa de vidro, naõ bota pedras a seu vizinho*; e no meyo destas affrontas, toma o coitado por remedio tomar a provisaõ que lhe appresentam para fallar com ella ao Viso-Rey, e appresentar-lhe os inconvenientes, que tem para fazer obra pela provisaõ, e sahe respondendo, que se vá embora, e faça o que lhe mandam; porque sem embargo de ser contra Regimento de S. Alteza, póde mandar, e fazer: e vai-se pouco satisfeito; e por contestar com sua consciencia,

cia; dá parte da causa a seu Confessor, e o Padre taõ virtuoso he, que lhe aconselha, que naõ cumpra a provisaõ passada, pois he contra serviço de Deos, e de S. Alteza, e que largue antes o cargo, que fazer hum peccado mortal: o conselho he verdadeiro, e de homem que tem já mettido no Mosteiro todo o vinho, e azeite, e vesteria que ha mister para aquelle anno, e que o paõ naõ o compra na praça: finalmente toma o Escrivaõ a matricula por valhacouto, que mal, ou bem, fez o que lhe mandou seu Viso-Rey, e que já tem cumprido com sua consciencia quanto nelle foi, o qual exame lhe era pouco necessario, pelo que tenho visto, e me passou pelas mãos: porque andando hum Feitor de S. Alteza dando conta, lhe naõ recebêraõ huma provisaõ de hum Governador, porque fizera hum certo pagamento contra fórma do Regimento de S. Alteza, e seria por ser o Governador já neste Reyno; e requerendo ordinariamente que lhe fosse levada em conta a provisaõ, articulou, que elle era Feitor de S. Alteza, e que cumprira a provisaõ por ser do seu Governador, que em tudo tinha os poderes de S. Alteza, assim na Justiça, como na Fazenda; o qual artigo foi perguntado por testemunhas, e jurei, que os Governadores, e Viso-Reys da India na Justiça, e na Fazenda tinhaõ os poderes taõ inteiramente, como Sua Alteza; e que muitas vezes faziaõ na Justiça, e Fazenda o que S. Alteza naõ fizera, se na India estivera; fez-se graça de testemunho; e a provisaõ foi levada em conta, porque está determinado por Desembargadores, que o Principe que he dador de Ley a póde quebrar; e que pois os Viso-Reys tem os poderes de Ley, que o que naõ puderem fazer ordinario, por ser contra alguns Regimentos, ou Provisões de S. Alteza, o podem fazer de seu poder absoluto do Principe. Este foi o voto, que deraõ ao Viso-Rey D. Constantino para algumas licenças, que deo por traspassações, e vendas de cargos, que S. Alteza tanto defende; e depois por sentença, em tempo do Conde Viso-Rey, elles mesmos julgáraõ as traspassações por nullas.

Vis. Naõ vos espanteis disso, porque para fazer huma cousa, e outra, achavaõ Leys em seu favor; porque as Leys saõ como o panno de linho, que naõ tem aves-

avesso, nem direito, mais que aquelle que lhe o alfayate dá na costura, e os Letrados ás Leys com só entendimento; e por isso cada hum olhe por si: e pois taõ corrente estais no negocio da matricula, folgarei que me deis vosso parecer de como esta cousa poderá correr, sendo Deos, e S. Alteza servido, sem esta ordem que se teve até agora.

Sold. O peyor officio que ha no mundo he ser author de novidades, que muitas vezes, por alguns respeitos, naõ contentam a muitos homens, porque a cousa que se faz para contentar a muitos, he a que descontenta a muitos: huma só cousa quero que fique na memoria a V. S. de quantas lhe tenho ditas da matricula, que está nella toda a conta da India, que naõ se lhe póde tomar conta: e perdoe-me V. S. naõ lhe dizer o que entendo como isto pudera ser para se evitarem tantos males, e peccados, como se fazem por meyo da matricula, e tanta perda, quanta recebe a Fazenda de S. Alteza; porque eu quero tambem vender o meu saber, pois sou mal pago do meu serviço; porque a ordem da matricula, ou ponto de gente, foi huma maneira que ElRey quiz ter para ser servido dos homens fiado, quando lhes naõ quizesse pagar mez entrado, mez sahido, ou aos quarteis, para que por dividas em seu titulo tivessem o seu vencimento certo; e este comprar fiado sempre custou caro a quem o faz, como V. S. bem sabe, e ha ahi cousas, que em hum tempo saõ boas, e em outro tempo damnosas: a matricula na India quando nella naõ havia mais que dous, ou tres mil homens, que gastavaõ o tempo do inverno, e do veraõ nas Armadas da Costa da India, e no Estreito, e naõ tinhaõ outra vida, entaõ servia; mas agora que ha quinze, ou dezeseis mil homens repartidos por Fortalezas, Cidades, Villas, e Castellos de S. Alteza, e outras que elles por si fizeraõ em terra, e Lugares de inimigos, que já estam povoados com filhos, e netos, e huns, e outros vivem como naturaes com fazenda de raiz, e muita renda, vivem negociando seus proveitos, como abelhas, e para as Armadas de S. Alteza acham-se muitos para receber, e poucos para servir, estando vencendo sempre na matricula, e roubando a Fazenda de S. Alteza, sem nunca o servirem sendo necessarios: naõ ha Principe no

N ii mun-

mundo, que tenha tanta despensa ordinaria, e taõ desnecessaria; porque tarde, ou cedo, tudo vem a pagar, porque para tudo ha remedio, senaõ para a morte.

CAPITULO VII.

Das cousas necessarias para a India.

Vis. QUe vos parece que me será necessario, e proveitoso para esta minha jornada, para o requerer a S. Alteza, e seus Officiaes?

Sold. O principal he levar V. S. dinheiro, e tres vezes dinheiro (como disse o Inglez no Conselho a seu Rey), ou cabedal de que se faça; mayormente se a pimenta naõ ha de correr por contrato, como até aqui correo; porque as rendas da India naõ bastam para as despezas ordinarias, quanto mais para encrescimento; e se naõ põe remedio neste mal, ainda haverá quem diga, que para que serve sustentar o Estado da India, e que os que lá estaõ se avenham, ou livrem por seu direito: e isto entendeo assim D. Christovaõ Mascarenhas quando acceitou ir á India, com saber primeiro que dinheiro lhe haviaõ de dar para levar, e o que lhe haviaõ de mandar no tempo que lá estivesse; e deraõ-lhe o que pedio, para que fosse servir; o que creyo que naõ faraõ a V. S., porque vi o anno passado na India huma carta de hum senhor deste Reyno, que escrevia a hum seu amigo, e dizia: *As novas desta terra saõ, que com tomar tudo o que de lá vem, dam tudo quanto para cá pedem*; por onde parece, que donde cá naõ daraõ nada a V. S.

Vis. A mim muito me vai nisso, como sabeis; lembrallo-hei; mas sei que para o apercebimento desta Armada pedem emprestado, e que forçados da necessidade estiveraõ para naõ mandar Viso-Rey.

Sold. Assim que *cá, e lá fadas más ha*, quero contar a V. S. hum dito do Cedacaõ, que foi hum Capitão do Hidalcaõ, homem de grande preço, e saber, e muito antigo, perguntando a hum Embaixador, que lhe foi nosso, pelas forças do nosso Estado, o Embaixador lhas me-

medio por boa medida, e depois que acabou de ouvir, lhe perguntou como estavamos de dinheiro? o Embaixador lhe disse, que muito pouco. Respondeo o Cedecaõ: » Pois quem tem pouco dinheiro, de nada » póde ter muito. »

Vis. Disse verdade, que o dinheiro he o verbo da guerra, e de todas as cousas: e nestes seis annos que embora hei de levar, que gente se fará para lá?

Sold. Dous mil homens, que parece que basta, porque vai muito para a gente ir sã, e bem tratada no alojamento; porque a viagem he comprida, e trabalhosa, e differentes chuvas, aonde a gente mata huma a outra; e tambem hiraõ mais seguros se retardarem no caminho mais do tempo acostumado, de naõ terem tanta falta de agua, e de mantimentos: e sería de parecer, que naõ fosse toda a gente de armas, senaõ alguns homens do mar, bombardeiros para ficarem servindo na India, do que ha muita falta; porque eu vi já em Goa na Ribeira de S. Alteza quinhentos homens do mar que serviaõ, e pagos por ponto, e agora naõ ha cento e cincoenta, que he huma grande falta para o que cumpre ao bem do Estado, cujas forças, e defensaõ delle está na Armada do mar, e bombardeiros. Muitas vezes me disse o Condestable Mór, que naõ havia cento e vinte para servir nas Armadas, e destes os mais pouco destros no officio: pois nas Fortalezas eu sei, que mais de tres naõ tem, e esses saõ condestaveis velhos, e doentes, mal pagos, e descontentes; e esta gente quer antes ser bem paga, e privilegiada, e naõ lhes dá nada poderem andar de noite carregados de ferro, nem com armas offensivas, e defensivas, porque se naõ temem senaõ de pobreza.

Vis. Pois se isso assim he, como se fazem na India Armadas de cento e tantas vélas, com que vaõ buscar a Armada do Turco?

Sold. Fazem; mas porque ellas saõ desta maneira, disse hum Mouro, que havia de ser homem de guerra, e de experiencia nella, quando vio o Viso-Rey D. Garcia com a Armada que fez para ir buscar o Baxá do Turco que estava sobre Dio, que nunca víra mais formosa Armada de madeira; porque entendeo, que para Armada taõ grossa naõ levava gente necessaria para nel-

neſſa pelejar ; porque naõ levava quatro mil homens de peleja, e Armada para oito mil ; e mais diſſera ſe ſoubera como hia amarinhada de Mouros infiéis, e mal provída de bombardeiros, que he o mais neceſſario para a guerra do mar : mas neſtas faltas ſuppre Deos noſſo Senhor com os bons ſucceſſos que dá ; e quer V. S. que lhe prove ſer iſto aſſim ? veja com quanto trabalho ſe armaráõ neſte Reyno cem vélas, e as mais dellas groſſas, e petrechadas, e concertadas como convem a ponto de guerra ; pois ſe iſto he trabalhoſo, e cuſtoſo fazer neſte Reyno, que he hum mar magno ; que eſpera V. S. que ſeja no Eſtado da India, que he a ſeu reſpeito hum pequeno regato ?

Viſ. Viſto eſtá que ahi naõ ha no mundo Eſtado ſem neceſſidades, e trabalhos, por onde em tudo ſe provê como o tempo padece, e menos vezes como he neceſſario (*a*) : naõ fazem mais deſpeza, pois vam no conto dos dous mil homens ; e ſeria de parecer, que os bombardeiros foſſem duzentos, e mandaſſe S. Alteza lá na terra darem-ſe comedias em Damaõ, ou em outros Lugares que montaſſem pouco mais, ou menos, que o que podiaõ ter de ſeus ſoldos, de que ſe ficaſſe pagando ; e levaſſem deſte Reyno ſuas mulheres ; e que eſtariaõ melhor empregadas nelles as mercês, que em negros a que ſaõ dadas ; e muitos homens, que para nenhum ſerviço preſtam alli apoſentados, ſerviráõ de ſoldados, e de povoadores para povoar a terra, e de geraçaõ limpa Portugueza, e naõ de filhos que tem mais parentes em Cambaya, que de Tra-los Montes, que pelo tempo em diante podem vir a ſer ſuſpeitoſos, e quando forem neceſſarios para o ſervirem em huma Armada importante á defenſaõ do Eſtado, alli eſtaraõ mais certos, e mais perto, que em Alemanha.

Viſ. Bem creyo que naõ poderei acabar iſſo por agora com o Conſelho ; porque as couſas bem feitas fazemſe de vagar, dará Deos vida a S. Alteza por muitos annos, e ſerá homem, e olhará pelo bem, e Eſtado da India, e que tem huma das mayores couſas que ſe ora ſabe, que tem Principe Chriſtaõ.

Sold.

(*a*) Aqui ha falta ; porque eſtas primeiras palavras parecem do Viſo-Rey, e as que ſe ſeguem, que ſuppõem mais alguma couſa dita, já ſaõ do Soldado.

Sold. Tambem deve V. S. levar artilheria groſſa; que he lá muito neceſſaria; convem a ſaber, leóes, eſperas, e alguns canhóes, que nos tem dado a entender a experiencia, que de ſi deraõ eſſas vezes que ſe peleijou com aquelles (*a*) .... neceſſarios, e proveitoſos, porque fazem a chegada com os canhões forçados, que aquelles trazem por coxia, e os Turcos quando tomam huma Armada em calmaria, dam-lhe batteria poſtos ſobre o remo, e chegam-ſe tanto, quanto baſte para fazer damno ſem as noſſas peças, que tiram pedra, lhe poderem chegar, e gaſta-ſe a muniçaõ, e a polvora, e pilouros de balde, e os Navios noſſos, que levam eſperas, e leóes, naõ taõ ſómente affaſtam os inimigos de ſi, mas fazem-lhes damno; e tambem a Cidade de Damaõ que ſe fortificar ha miſter artilheria, e a Cidade de Baçaim para os ſeus pomparoſos, e fortes baluartes, e cerca nova, porque ſe lhe naõ póde dar da que he neceſſaria para a Armada do mar, para que ainda falta.

Viſ. Na India naõ ha fundiçaõ em que ſe poſſam fundir eſſas peças?

Sold. Sim, a melhor que póde ſer, e Meſtre della, que ſe naõ ſabe agora quem lhe tenha ventagem; mas naõ lhe mandam fazer ſenaõ peças pequenas, e naõ faz tantas, que mais ſe naõ gaſtem, e percam os Navios de Mercadores, que ſe perdem, e tomam os inimigos; que ham por intereſſe, que dam aos Almoxariſes; e por aqui vai a artilheria de S. Alteza, que tanto importa.

Viſ. Parece-me bem voſſa lembrança, tomalla-hei para a fazer a S. Alteza, e mandar o que houver por ſeu ſerviço.

Sold. Que deve querer S. Alteza ſenaõ o que cumpre tanto ao ſeu Eſtado, como he naõ haver falta de artilheria na India?

CA-

(*a*) Eſte meſmo vazio havia no manuſcrito.

CAPITULO VIII.

Da embarcaçaõ de Fidalgos.

Vis. ESTou posto èm hum trabalho grande, que os mais dos homens Fidalgos querem mandar seus filhos comigo á India; porque como naõ ha já Africa, naõ lhes podem dar despezas para outras partes, e o tempo está de maneira, que naõ ha homem taõ abastado neste Reyno, que possa sustentar mais que hum filho, ainda com trabalho, e todos os querem lançar nessa India ás más fadas, e ha de ser trabalho para mym agasalhallos, porque todos querem ir comigo.

Sold. Dos que lá haviaõ de mandar, porque os naõ póde a terra sustentar, levará V. S. os menos que puder, e os que tiver mais obrigaçaõ, e naõ se metta em mais trabalhos, e poupe-se para outros mayores, que na India ha de ter com essa gente Fidalga, onde saõ melhor fadados, do que V. S. cuida; porque seus pays sabem isto, como diz o Castelhano, naõ fazem pouco em lançar sua carga em outro, e mandam-nos á India, aonde S. Alteza os sustenta muito differente, do que os seus pays o podem fazer em casas de grandes aluguéis com pagens desbarratados, gentes bem ataviadas; que dizia o Conde Viso-Rey pelos Fidalgos da India, que sempre andavaõ ás cannas: pois os imperiaes de seda, mercasotas, e capas de escarlata, naõ se acharáõ mais em festas, e em jornadas de Principes; e por já parecer mal ao Conde da Castanheira, disse a Dom Diogo de Noronha, na sua embarcaçaõ, que lhe beijava as mãos por parte deste Reyno por se embarcar para a India sem roupa de seda, e capa de escarlata; e ha mancebos Fidalgos taõ ditoses, que em sahindo do ninho, e casas de seus pays, lhe manda dar Sua Alteza na India para sua despeza trezentos, ou quatrocentos cruzados, ou tres, ou quatro mil por anno, que he huma boa mercê, e que se antigamente dava á Fidalgos velhos no serviço, e chêos de muitas cans; e por isso naõ ha dinheiro que baste á India por as

grau-

grandes despezas que S. Alteza faz, cuidando que naõ he seu o que dá na India; e o peyor he, que quando V. S. se quizer servir de alguns destes, naõ nos haveis de achar mais que com sua pessoa ainda de meya vontade, e pedem de novo pagamento de suas dividas, e dinheiro para seu apercebimento, de maneira, que saõ ricos para viver, e pobres para servir; e por estes taes, se disse, que *pejam como Cidade, e servem como Aldëa.*

Vis. Em que gastam o de que lhes faz mercê S. Alteza?

Sold. No que disse a V. S., e outras cousas que naõ digo, porque *se naõ falla discreto o que se naõ diz honesto*; e tambem naõ quero ser perluxo, porque a brevidade em todas as cousas foi sempre louvada, quando se naõ diz menos do que he necessario; e ainda que tudo o que tenho dito hey por menos mal; porque os homens mancebos no decurso de sua vida saõ como as Náos, que por muitos annos navegaõ, de dez em dez annos naõ tem prégo dos com que sahíraõ do estaleiro; e assim elles com a idade mudáraõ suas mocidades, e costumes que tem; mas o peyor he, que nenhum quer ser soldado, todos querem ser Capitães, porque dizem, que o serviço de soldado he muito, e que naõ tem nome, nem preço para o requerimento das mercês com S. Alteza; por onde já nas Armadas que fazem naõ tratam dos Navios que naõ saõ necessarios para a jornada, senaõ dos Fidalgos, a que ham de dar embarcaçaõ, as quaes as naõ tomam para mais, que para levar os seus moços; e os soldados ficam na terra, e as mercês que lhes fazem naõ lhas medem pela despeza da gente que levam, senaõ pelo appellido que tem, e por aqui se vai o dinheiro de S. Alteza; e como se naõ faz armador que naõ seja do Viso-Rey, nenhum quer ir debaixo de outro, ainda que seja Capitão mór do mar, e naõ se póde El-Rey delles servir, que todos logo mudam as moradas, e appellidos, e honras de seus pays, e naõ põem os olhos na pouca idade, e serviço, e experiencia que tem da guerra, que para mandar he a parte mais necessaria; porque ainda que sejam castiços, e tenham animo para afilhar os inimigos com mais ousadia, que os lebréos de cavallos do Rhodano,

que

que filhaõ páo á ſerpe (*a*); os que ham de ſer Capitáes muito lhes convem mais ter que esforço; porque os homens mancebos, por muitas partes boas que tenham, ſaõ como as fructas da terra, que por excellentes que ſejam, em quanto naõ ſaõ de todo maduras, nunca tem o ſeu goſto perfeito; e para acudir a eſte deſmancho, parece que ſe havia de pôr em regimento as idades que ham de ter os homens para os fazerem Capitáes, que em outras couſas que menos vai ao Eſtado da India ſe provê; porque muitos vi já, que para ſerem acertados com o ſoldo, naõ tinhaõ idade conforme ao Regimento: e deſta maneira tirais mais fructo das Armadas, do que ſe tirou de algumas que ſe fizeraõ por culpa dos Capitáes mancebos; porque indo o Conde Pól deſte Reyno por Capitáo de huma Armada para a Turquia, diziaõ os Venezianos, que a Armada era poderoſa, mas que o Capitáo era joven, e era já perto de ſeſſenta annos: ſejam Capitáes Fidalgos velhos, creados na guerra, e que tem experiencia della, e das couſas paſſadas, que muitas vezes ſervem para as preſentes, pois os ha na terra caſados, e fronteiros de tanta nobreza, que lhes naõ ganha ninguem; e os mancebos ſirvam, e dem experiencia de ſi; que os que querem mandar, e ſer obedecidos, primeiro ham de ſaber ſervir, e obedecer, e lá virá ſeu tempo, em que o mandar lhes eſteja muito bem.

Viſ. Naõ tenho condiçaõ para me dar bem com eſſas couſas que me dizeis, e pódeis crer, que as hei de caſtigar muito bem, quando acontecer em meu tempo.

Sold. Duvída Santo Agoſtinho, e diz, que fará como todos: muito forte era Troya, e tomou-ſe; o Principe que tiver odios mal póde fazer juſtiça; fazem os Fidalgos da India guerra a hum Viſo-Rey com os parentes que neſte Reyno tem, e eu ſei que hum mandou prender hum Fidalgo em ſua pouſada com razaõ, e logo o pay do prezo, como o ſoube, deixou de lhe eſcrever, como coſtumava por ſerem amigos; e deſtas couſas, e outras vem ſer a juſtiça pouco temida, e os Vi-

---

(*a*) No manuſcrito eſtava *libreos de cavalos rodano, que filha pão á Serpe.*

Viso-Reys naõ serem taõ venerados como he razaõ; porque de se naõ castigarem os males seguem-se outros mayores, e (*a*) o que dizem da justiça, serem têas de aranha, que naõ prendem senaõ mosquitos; donde se entende, que de nenhuma sorte dos Grandes fazem crime, senaõ dos Gentios, ou Mouros, ou Christáos naturaes da terra; porque ainda que hum homem de calidade commetta hum delicto, que mereça morte, naõ fazem caso, e em dous mezes lhe dam seguro real, ou perdaõ, senaõ tiver parte, e nisto saõ os Viso-Reys muito liberaes, que naõ attendem o grande damno do bem commum; mas ao bom D. Pedro Mascarenhas naõ pareceo isto bem, porque nunca quiz no tempo que governou dar perdões, nem seguros mal dados; e se lhe diziaõ, que os homens se hiriaõ para os Mouros, ou se fariaõ Mouros, respondia: » Se » elles se quizerem errar; que eu naõ hei de errar, » porque elles o naõ façam. »

CAPITULO IX.

Da obrigaçaõ dos Parentes, e do Capitão Mór do Mar.

Vis. POis os Fidalgos na India saõ taõ custosos a Sua Alteza, e muitos delles pouco proveitosos a seu serviço, trabalharei levar os menos que puder, por seguir vosso parecer, senaõ se forem meus parentes, e criados; porque desta maneira que S. Alteza me tem feito a mercê, o mais que della pretendo he para fazer em meus parentes, e criados; porque por derradeiro estes saõ os que hey de levar, por serem meus sobrinhos que me acompanham; saõ mancebos, como sabeis, e naõ tem serviços, naõ requerem mercê a S. Alteza tambem, porque vam comigo, e lá naõ faltará em que lha eu faça em seu nome; porque, como diz o Castelhano: *Quien tiene la pluma en la mano, e se escrive del mal año, y mal año le dê Dios.*

Sold. A razaõ que tem com V. S. naõ he máo despacho para elles; por onde he dito commum na India, que

(*a*) O manuscrito, tinha: *e que o que dizem da justiça senaõ teas*, &c.

que a melhor provisaõ que se póde dar a hum homem; he Alvará de sobrinho de Governador, ou Viso-Rey; mas V. S. assim lhe faça mercê nestes que ha de levar, que lhes naõ queira pagar o parentesco com lhes fazer mercê da justiça alhêa.

Vis. Em que lhes posso eu fazer mercê da jústiça alhêa?

Sold. Em lhes dardes o que estará melhor em outros de mais serviços na terra, idade, e experiencia na guerra.

Vis. Conforme ao Evangelho da vinha, naõ lhes faço nisso injúria, que posso dar do meu a quem quizer.

Sold. Mas haveis de ter primeiro pago aos trabalhadores o jornal que lhes deveis, para se naõ escandalisarem quando aos outros melhor pagardes; e isto se entende, que ha de ser do vosso, e naõ do pão, e fazenda de S. Alteza, de que vos faz seu dispenseiro, para o repartirdes pelos que o merecerem por muitos annos de serviço em Armadas, nas Fortalezas, em que muitas vezes fossem feridos, e puzessem as vidas em risco por seu serviço, guardando os preceitos da justiça distributiva.

Vis. Farei o que fizeraõ os outros, a que naõ cortáraõ as cabeças; porque a India he taõ longe, que quando cá chega, se bem, ou mal fez, acaba homem o seu tempo, e como he curto, como sabeis; pór onde se perde pouco no que se fez mal feito, e no bem feito se ganha muito, ainda que naõ vistes vir de lá nenhum Viso-Rey, que por ende fosse feito Marquez; e por isso dizem as velhas: *Tudo passa, se naõ as cabeças dos pregos.*

Sold. Os homens das boas obras que fazem, naõ devem querer outra paga, senaõ as proprias obras; porque, como dizem: *Bastante paga he ao Juiz a boa sentença que deo.*

Vis. Pois, amigo meu, a D. Rodrigo, que he mais velho, queria eu lá intitular Capitão mór do mar, por lhe dar ordenado honrado; e tambem por razaõ do cargo o terei para lhe fazer mercês da Fazenda de Sua Alteza, e dar outros alvitres proveitosos, para que tenha de seu.

Sold. Cargo he esse, que nunca se deo a ninguem para se

se aproveitar, senaõ para gastar: e saiba V. S. que isso basta para de todo se inimizar com os Fidalgos da India, que o receberáõ mal, e tem razaõ; porque mal parecerá embarcar-se hum homem de muito serviço, idade, e experiencia, debaixo da bandeira do Capitão mór, a quem faltam todas estas partes; e ser mandado por mestre de menos saber, que o discipulo; e os Viso-Reys, que isso quizerem fazer, o mesmo erro lhes ficará por castigo, porque já nunca acharáõ homens de preço, que se queiraõ embarcar nas Armadas desses Capitães Móres, e os que forem hiraõ pezados ás mercês, e quarteis, e ainda naõ bastará para se embarcarem com elles homens de opiniaõ; donde virá que quando as Armadas tornarem, mais tempo se gastará em contar as chassas que lá passáraõ, e desconcertos, que naõ os bons feitos que se nella fizeraõ; e tudo isto ha de ficar á conta de V. S.

Vis. Como! sois de parecer que naõ haja Capitão mór do mar na India?

Sold. Antes me parece proveitoso, e honroso ao Estado da India; porque huma das cousas que sempre ouvi praticar foi, que em quanto possivel fosse nunca as victorias haviaõ de sahir de Leaõ, pelos grandes gastos que fazem em suas Armadas, que he muito mais honra serem as cousas feitas por Capitães, ficando sempre o Viso-Rey em Goa; porque faz crer aos inimigos, ainda que fique só, que com elle está o mayor poder do Estado; mas estes Capitães móres ham de ser D. Aleixo de Menezes, que foi em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira; D. Luiz de Menezes, já casado, e com filhos em tempo de D. Duarte seu irmão, por quem se dizia, que o dera Deos para remediar o mar, e a terra; e D. Simaõ de Menezes, casado, e com filhos, e Commendador de Grandola, que D. Henrique de Menezes tirou de sua Fortaleza para servir o cargo, mas ainda naõ lhe quiz ser taõ liberal da Fazenda de S. Alteza, que lhe concedesse ordenado que D. Luiz tinha, que foi causa para o naõ querer servir; ou Antonio de Miranda o velho, muito acreditado na terra, e antigo, e de muito serviço nella, e que na sua mão esteve a India no tempo das differenças d'antre Lopo Vaz de Sampayo, e Pedro Mascarenhas; hum Heytor da Silveira, hum Dio-

Diogo da Silveira. Huma das cousas que muito engrandeceo, e honrou Nuno da Cunha em seu tempo, foraõ os honrados feitos, que se fizeraõ por seus Capitáes, como foi a destruiçaõ das Cidades de Surrate, e Reinel por Antonio da Silveira; o feito primeiro de Baçaim; as Armadas do Estreito de Antonio de Saldanha, sendo Capitão mór do mar; as grossas, e grandes prezas daquelle tempo; pois os tres annos que foi Capitão mór do mar Martim Affonso de Sousa, tomou Damaõ por força de armas, destruio a Ilha de Repelim, e botou o Rey fóra, deo batalha ao Samorim em campo em favor delRey de Cochim nas terras do Balagate, tomou a poderosa Armada do Ratemar no Cabo de Comorim, peleijando com sua gente, e com a da terra, que era muita na Costa do Malavar, tomou no tempo da guerra mais de secenta Navios de remos, em que matou muitos Mouros, e se perdêraõ todos os Capitáes, e cabeças dos Mouros Malavares; donde veyo que de entaõ para cá nunca se puzeraõ com Armapa grossa de mar para nos guerrear; e quando estes eraõ os Capitáes móres do mar, sobejavalhes gente para suas Armadas, andavaõ de veraõ no mar, e no inverno hiaõ invernar nas Fortalezas fronteiras para nellas estarem mais a proposito de guerra, e representavaõ outro Governador: mandando Nuno da Cunha Martim Affonso de Sousa de Armada, mandou a muitos Fidalgos que ficassem com elle, e naõ se embarcassem; e dizia muitas vezes, indo com Martinho Affonso (*a*), lhe tinha tirado ametade dos lobos, e Governador (*b*): e taes ham de ser os Capitáes móres do mar, que ham de ter idade, credito, pezo, e cavalleria, experiencia de guerra, e saber para mandar, que presumam os homens delle, que será Governador da terra para folgarem em tudo de o servir, e acompanhar; porque o cargo de Capitaõ mór do mar he taõ honroso, que o ha de servir homem, que seja a segunda pessoa da India, e que naõ haja de acceitar outra mercê, senaõ Governador; e naõ que em Capitão mór do mar espere ser provido da Forta-

(*a*) Talvez deveria ser: *e dizia muitas vezes* rindo como *Martinho*, &c.

(*b*) Aqui tambem ha erro no manuscrito.

taleza; e feria coufa acertada os que houveffem de governar a terra terem curfo de tres annos de Capitão mór do mar; e defta maneira para fe embarcarem os foldados havia mifter poucos prégões, que fazem conta, que fervem, e acompanham nos trabalhos homem que lhos ha de pagar; mas ver hum Capitão mór do mar, que fe hum Vifo-Rey morre, naõ ha de eftar na fucceffaõ primeira, que fahe por Governador Capitão de Fortaleza, naõ póde fer mór corrido.

Vif. Antes que S. Alteza fe ferviffe no governo do Eftado da India de homens graves, e fenhores de titulo, podia haver effe voffo parecer lugar; mas agora naõ ham de andar na India por Capitães móres do mar, debaixo da bandeira doutro Governador.

Sold. Ifto eftá affim formofo, mas eu tratava do proveitofo; porque eu eftou bem com S. Alteza fe fervir de homens de calidades dàquelles, que lhe ganháraõ o Eftado, e com elles o fuftenta; porque a verdade, he fervirem-fe os Principes de homens cubiçofos de honra, e mercê, e que os poffaõ bem caftigar quando o merecerem.

Vif. Já parece que naõ leva iffo emenda, e que correrá affim daqui por diante, e no provimento de Capitão mór do mar, em que naõ eftais do meu parecer, devieis-vos de lembrar, que o Vifo-Rey D. Garcia de Noronha fez a D. Alvaro feu filho Capitão mór do mar, e D. Joaõ de Caftro, e o Vifo-Rey D. Affonfo aos feus, fendo muito mancebos.

Sold. Os filhos dos Vifo-Reys tem outra preeminencia, e lhes tem os homens outro refpeito para folgar de fervir com elles; e ainda ifto naõ baftou, que fempre nas Armadas que foraõ, eu vi, que as mandáraõ acompanhadas de Fidalgos velhos, e experimentados na guerra, como V. S. póde faber pelos que fe acháraõ com Dom Fernando no desbarato das Galés dos Turcos.

Vif. Prezo por mil, prezo por mil e quinhentos: naõ he effa fó a caufa de que me ham de fazer peccado; e fe me o cavallo correr bem, naõ fe empregará effe defar.

Sold. Naõ ponha V. S. os olhos no que fe lhe póde diffimular, fenaõ no que ha de fazer; que as coufas que

que fizer ſejam juſtas, honeſtas, e proveitoſas ao Eſtado, que por S. Alteza, e Deos lhe he encommendado; porque Deos a quem dá muito bem, lhe ha de pedir conta eſtreita do talento que lhe deo.

CAPITULO X.

Das más deſpezas que ſe fazem.

Viſ. POis deſſa maneira mal me poſſo eu pagar do que S. Alteza me deve de meus ſerviços em Africa, e idas a França, e Caſtella, e Roma, onde ſe houve por bem ſervido de mym; ſe neſta mercê que me fez em pago delles hei de andar com o prumo na mão a buſcar bom fundo onde ſurja, e naõ honrar, e enriquecer os meus parentes, e criados, pois muitos delles ſaõ de S. Alteza, e me ajudáraõ em meus trabalhos.

Sold. Dahi vem o mal á terra.

Viſ. Por onde eu tambem queria a D. Luiz, meu ſobrinho mais moço, dar-lhe huma viagem para a China, e huma Náo pela via de Bengala, e dahi a Malaca, e de Malaca a Sunda, a qual lhe darei das de S. Alteza apparelhada; e quando naõ, far-lhe-hei mercê em ſeu nome para ajuda de ſeus empregos, como outros fizeraõ; porque me dizem, que com eſtes favores, e ajudas minhas, tirará de lá mais de cincoenta mil cruzados, os quaes S. Alteza terá nelle quando cumprir a ſeu ſerviço muito certos, na guerra, e na paz.

Sold. Mais certos eſtam os oito, ou dez mil, que ha de cuſtar a S. Alteza eſſa viagem, naõ ſendo de ſeu ſerviço; e ainda iſto tenho por menos mal, que eſſoutros de mayor contia, que Viſo-Reys fazem em ordenarem Armadas, naõ ſómente pouco proveitoſas, mas muito deſneceſſarias, e que vam a riſco de deſaſtres, ſómente por quererem fazer homens de gavia, ou de bandeira na gavia, e obrigarem a ElRey fazer-lhes mercês por ſerviços, que merecem caſtigar pelo pouco proveito que delles tirou, e deſcreditos, e máos acontecimentos das jornadas, e por eſtes caſos, e outros,

tros, deſpezas deſneceſſarias, e groſſas mercês, que á Fazenda de S. Alteza tem poſto em muita neceſſidade, e de cada vez ſe vai mais individando; porque os Principes prodigos naõ ha fazenda que lhes baſte, rendendo a India paſſante de ſeiscentos mil cruzados, os quaes ſe gaſtam de maneira, que naõ ha homem, por bom contador que ſeja, que lhes poſſa áchar deſpeza; e todos os que tem zelo do bem da terra, e do ſerviço de S. Alteza, em outra couſa naõ praticam cada dia, ſenaõ como as rendas vaõ creſcendo, e o Eſtado poſto cada vez mais em mayores neceſſidades, e pobreza, maravilhando-ſe, porque em tempo do Governador Nuno da Cunha ſempre andou no Malavar huma Armada groſſa, e de muitas deſpeza, por razaõ da guerra; outra Armada hia todos os annos ao Eſtreito; outra Armada andava guerreando a Coſta de Cambaya; e havia dinheiro para pagamento dos homens; eſtavaõ os almazens providos; tinha S. Alteza a Armada poderoſa, em que hia a peſſoa do Governador, tendo naquelle tempo o Eſtado menos cruzados de renda, do que agora tem, cem mil cruzados que rende Baçaim, ſetenta mil que rende Dio, que Nuno da Cunha por bóa guerra houve para a Corôa deſte Reyno nos derradeiros annos de ſeu governo, cincoenta mil que rendem as Terras firmes de Goa; cento e tantos mil que rendem ás terras de Damaõ, dadas por El-Rey de Cambaya novamente a S. Alteza.

Viſ. A tudo iſto que dizeis ha homens que dam por razaõ, que em tempo de Nuno da Cunha era ajudado o Eſtado com groſſos cabedaes, que deſte Reyno lhe hiaõ todos annos; por quam bom correſpondente foi em todo o ſeu tempo da muita pimenta que mandava a eſta terra, e tanto que me tendes dito, que lhes eſcrevia S. Alteza, que ſe naõ diſpendia, em huma carta que lhe foi dada eſtando fazendo a Fortaleza de Chale: outros dizem, que ajudava naquelle tempo para as deſpezas groſſas prezas, que ſe faziaõ no Eſtreito, e Coſta de Cambaya, de que tambem viviaõ os ſoldados da guerra.

Sold. Ainda a razaõ me naõ ſatisfaz; porque eſſas prezas groſſas naõ ſe faziaõ todos os annos, nem eraõ taõ certas, nem taõ ordinarias, como ſaõ os duzentos e cincoenta mil cruzados, que de entaõ para cá ſaõ

O acreſ-

acrescentados na renda de S. Alteza para suas despezas; mas os que saõ mal assentados no gastar, naõ ha rendas que lhes bastem; e o peyor he, que o dispendem, e dam a quem o naõ merece; e porque Deos sempre permitte, que o que mal se dá, mal se agradece; aos que fazem estas taes mercês, lhes ficam no cabo de seu tempo pouco amigos, pondo suas fraquezas nas praças.

CAPITULO XI.

O porque ElRey naõ tem dinheiro na India.

Vis. ASsim que sois de parecer; que as muitas, e demaziadas mercês que se fazem pòem o Estado em necessidade; e ha homens que lhes dam outro sentido, que vem esta pobreza dos muitos ordenados do Arcebispo, Bispos, Inquisidores, e outros Officiaes, despezas dos Mosteiros que agora ha, e nesse tempo naõ havia.

Sold. Isso he voz, e parecer do povo ignorante; e nunca o que se deo a Deos, ou se dispende para seu serviço, fez pobre a quem o dá; mas sabe V. S. o que faz a S. Alteza pobre? he o que me dizia Dom Joaõ Coutinho, vindo de Maluco por Capitão, e Feitor de S. Alteza de huma Náo de carreira, que trouxera setenta mil quintaes, todos de cravo, e que chegando a Goa víra duas cousas; huma, que naõ ficáraõ quatro mil de todos elles a S. Alteza, fazendo de despeza na viagem nove mil cruzados; e a outra, que indo a Maluco por Capitão, e Feitor de S. Alteza fôra lá para homens, que naõ eraõ mais honrados que elle, a quem o Governador tinha feito a mercê de toda a carga da Náo, pois a Náo da carreira da banda da India põe cem mil cruzados de arroz, e maça, e o mesmo agora acontece.

Vis. A quem fazem os Governadores tantas mercês?

Sold. Isso pergunta V. S.? naõ lhes faltam parentes, e amigos, com os quaes saõ taõ largos da Fazenda de S. Alteza, que se póde por elles dizer: *Do pão de meu compadre*, &c. e vai nisto tamanha devassidaõ, que da

da Folosa até o Grou todos requerem lugares; mortos os Officiaes da Fazenda, e Justiça, e o que tem he raçaõ do Paço, que quem a perde naõ ha grado; e o peyor he, que fazem mercês taõ grossas a pessoas que naõ tem calidades, serviços, gostos (*a*), e merecimentos, que faz aos homens parecer, e presumir que tem elles parte na caraca, e que dispensam para si; e porque o Governador Martim Affonso de Sousa era registado no dar a Fazenda de S. Alteza, pagou em seu tempo das rendas da India, que naõ eraõ tamanhas como agora, quarenta e cinco contos de dividas velhas de S. Alteza, feitas em tempo dos Governadores passados, com pagar ordinariamente aos soldados seus vencimentos aos quarteis, de que se queixam os Viso-Reys de agora do máo fôro em que os deixou pôstos, e fez as despezas ordinarias ao Estado, e tinha em depósito cincoenta mil cruzados de rendimento da India, como já disse a V. S., quando chegou o Governador D. Joaõ de Castro, que lhe succedeo no cargo.

Vis. Naõ posso entender como isso possa ser assim, pois se vê, e está sabido, que agora que as rendas do Estado estaõ em muito mayor crescimento, naõ bastam para as despezas ordinarias, que sempre a receita fica devendo á despeza.

Sold. Huma cousa, e outra he verdade.

Vis. Pois assim he, fazia Martim Affonso milagres, e fazia de pedras pão, ou convertia a arêa em arroz, como dizem que o Apostolo S. Thomé fazia para pagar aos trabalhadores da obra de sua casa, que fez na India.

Sold. Agora sabe V. S. que tambem Deos obra milagres pela discriçaõ dos homens, como obra pelas virtudes, e rogos dos Santos bemaventurados; affirmo, que cada vez que os Viso-Reys da India fizerem o que elle fez, faraõ todas as despezas ordinarias do Estado, e teraõ dinheiro em depósito para suas necessidades importantes.

Vis. Isso quero; e que me digais, que he o que fazia.

O ii *Sold.*

(*a*) Deveria talvez estar escrito *póstos*.

Sold. Dillo-hei a V. S. em mui poucas palavras; mas ha de ser á condiçaõ, que cuide muito nellas, e verá que lhe fallo verdade.

Vis. Estou taõ alvoroçado a ouvir-vos, pelo que nisso me vai, que a tudo me obrigo.

Sold. Sabe V. S. o que fez nos seus tres annos que governou? pagou muito bem o que S. Alteza devia, e naõ fez mercê a quem as naõ merecia; e sabe V. S. quam registado dava a Fazenda de S. Alteza, que hum Fidalgo, por nome Balthasar da Silva, velho em serviço, se lhe queixou, que lhe naõ fazia mercê estando pobre, respondeo, que elle naõ podia fazer mercê em nome delRey: » Porque sois Castelhano; e se vos » deve S. Alteza alguma cousa, mandar-vo-lo-hey pa» gar sendo do vosso soldo; porque pagando-vos vossa » soldada, naõ vos devem mais tempo; » e tendo parentesco algum com elle, chamou-lhe Castelhano, porque sua máy, sendo Portugueza, casára na Cidade de Rodrigo com hum Fidalgo Castelhano.

Vis. Pouco he isso de fazer, se elle aproveitar.

Sold. Mais pouco he de dizer, que de fazer, pois que nenhum outro Viso-Rey de seu tempo para cá o naõ pôde assim fazer, senaõ D. Pedro, que por sua morte, sendo inverno, em que as rendas naõ rendem, e por razaõ da guerra do Hidalcaõ, e passada de Meale á terra firme, se faziaõ grossas despezas, tinha o thesouro dez mil cruzados em hum cofre, no tempo do seu falecimento, e já soffria darem, e dispenderem mal a Fazenda de S. Alteza, mas tem para isso emprestimos.

Vis. Em quanto me tendes dito vos naõ achei homem da India praguento, como todos dizem que saõ, senaõ agora: como quereis que crêa se naõ ham de contentar os Viso-Reys da India de dispender o que têm, senaõ pedillo emprestado aos pobres, e inimistarem-se com o povo, que o gastarem em cousas muito proveitosas ao serviço de S. Alteza, e em bem da República?

Sold. Affrontou me V. S. no que me disse, que me faz dizer o que tenho para calar: e pois o direito permitte, que possa homem matar em sua defensaõ, tambem poderei dizer a verdade, se a falla he em defensaõ de honra. Eu vi Governador, que pedindo á Ci-

da-

dade de Goa empreſtimo, repreſentando neceſſidades importantes para o bem, e defenſaõ delles; do primeiro dinheiro, que de empreſtimo ſe arrecadou, tomou quatro mil pardáos, e os deo a hum parente ſeu, para comprar a Balthaſar Lobo dous annos que tinha por ſervir da Fortaleza de Cananor, em cuja vagante elle entrava, e havia de ſervir outros tres annos.

Fiſ. Naõ era iſſo bem feito; e como elle podia dar a Fazenda de S. Alteza? dai-mo a entender.

Sold. Dillo-hei a V. S.: mandou-lhe pagar os ordenados dous annos adiantados, dando fiança a vencellos, e com alguma couſa mais, de que lhes fez mercê em nome de S. Alteza, o aviou, e negociou á cuſta dos pobres; e deſta maneira fazem que S. Alteza peça empreſtado, por ter neceſſidades, e tendo-as pagas d'ante máo a quem naõ deve: e de outro empreſtimo, que depois ſe pedio em a Cidade de Goa, foi hum amigo meu o theſoureiro; e começando a arrecadar, quando ſenaõ o Capitáo da Guarda lhe veyo dizer da parte do Governador, ſe tinha algum dinheiro, que queria pagar a alabardeiros, e ao Capitaõ delles; e ſe tardáraõ muitos dias que lhe naõ vieraõ á máo papéis para ſe pagarem mercês mal dadas, e peyor merecidas: e deſta maneira pedem empreſtimos aos póvos para fazer Galleões, e comprar munições, e gaſtam-no em ſem-razões; e porque aſſim naõ ha couſa que ſe naõ ſaiba receber, já o povo ſoffre muito mal eſta invençaõ dos empreſtimos, por ſaberem da maneira em que diſpendem-ſe, que he muito differente da para que o pedem. Em tempo de D. Joaõ de Caſtro ſe pedio hum empreſtimo por ſeu mandado á Cidade de Goa, e Dom Franciſco de Lima Capitáo, em Camara, fez a falla á Cidade; porém o Governador eſtava em Dio fortificando a Fortaleza, depois da grá victoria que lhe Deos deo dos inimigos, e para provocar a fazerem o empreſtimo lhe appreſentou as neceſſidades do Eſtado, e quam pobre eſtava S. Alteza para acudir a ellas; reſpondeo-lhe hum Cidadaõ, que elle empreſtava mil cruzados, que queria fazer outro mayor ſerviço a S. Alteza, que era moſtrar que elle era o mais rico Principe que havia em Chriſtáos, e que por culpa dos que mandavaõ, e governavaõ a terra, era feito pobre, e que pe-

pedia emprestado; e fazendo-se destas palavras graça; respondeo, que naõ podia ser mais rico Principe, pois pagava o que devia, que a S. Magestade pagáraõ cinco mil pardáos d'ante mão entrando a sua Fortaleza sem os ter vencidos, e ao Capitão de Chaul outros tantos, ou mais, e ao de Baçaim, e ao de Dio; respondeo-lhe, que isso estava em costume a fazer-se aos Capitães para poderem ganhar alguma cousa em suas Fortalezas, e que para isso davaõ fiança para segurar a Fazenda de S. Alteza: ganhou mais honra nas palavras que disse, que nos mil cruzados que emprestou; e certifico a V. S., que a destes Capitães era pago adiantado mais de vinte e cinco mil pardáos, senaõ que para lhes ser feito melhor pagamento lhos quebrava nas melhores rendas de suas Fortalezas: desta maneira naõ póde S. Alteza sahir de necessidades, e o povo das oppressões; e o peyor he, que estes emprestimos naõ se tiram por Capitães, Thesoureiros, Officiaes, que comem de S. Alteza o pão, e o melhor da terra, senaõ do povo pobre, e de homens que naõ vencem soldo de S. Alteza, e que vivem por seus officios, sem ter ganho á porta senaõ bons cabides de lanças, e espinguardas: todas estas desventuras nascem do pouco amor que tem á terra, e ao povo os que a governaõ, e he muito para ver pedir o emprestimo para o cabedal da carga, e dar oppressaõ ao triste povo, e aos Capitães móres da carreira, o que S. Alteza lhes emprestou neste Reyno para lhe lá pagarem, lho quitam em nome de S. Alteza, e lho tomam em papéis de dividas, que S. Alteza deve aos homens pobres, que ham a trouco de fazendas muito bem vendidas, e aos Capitães das Náos tambem lhes cabe sua parte.

Viss. E que razaõ tem para lhes fazer essas mercês?

Sold. Nunca falta que dizer: huns, que na viagem gastáraõ vinte gallinhas com os doentes; outros, que perdêraõ no proprio nas fazendas por ma despeza que houve dellas; como he S. Alteza obrigado, segura-lhes o ganho; outros, por terem neste Reyno thias em Aronches.

Viss. Verdadeiramente de cá de fóra do jogo me parece, que me naõ armará ninguem a isso, senaõ que quem deve pague; que melhor será arrecadar a di-

vi-

vida de S. Alteza para sua despeza, que naõ pôlo em dividas.

Sold. Pois se V. S. isso faz, antes dos seus tres annos acabados o mandaráõ vir.

CAPITULO XII.

O que faz aos Viso-Reys naõ contentar aos homens na India.

Vis. COmo assim he? porque me ham de mandar vir?

Sold. Porque o mal e o bem dos Viso-Reys, sempre anda na boca dos Officiaes da carreira; que se lhes naõ fizerdes tudo quanto vos pedem, justo ou injusto, logo de lá vos ham de vir ameaçando, promettendo que neste Reyno diraõ a verdade, pelo que cumpre á sua consciencia, e pelas obrigaçóes que tem a seu Rey, de que ham de ter honra, que lhes perguntem as cousas da India, que o ham de saber muito bem contar.

Vis. Nesse foro está esta cousa posta?

Sold. Mas em muito peyor: porém perdoe Deos a quem nisto tem culpa, que foraõ os inventores de tamanha desordem, da qual elles ganháraõ pouco com Deos, e com S. Alteza, e os que agora os naõ querem seguir se perdem com os homens, e naõ ganhaõ muito com o seu Rey, havendo ser pelo contrario; porque o Viso-Rey D. Constantino, o que o fez naõ ser do gosto destes homens, e de outros da India, senaõ querer que quem devia que pagasse, e que quem furtava e matava, que morresse? das quaes cousas achou a terra de muito tempo posta em foro, que com o hyssopo de agua benta se absolvia, e como peccado venial; e a justiça ainda que seja amada de todos, ninguem a quer em sua casa.

Vis. Pois nos cahe debaxo da lança, por amor de mim, que me digais, que acháraõ homens da India no Viso-Rey D. Constantino de máo gosto para emendar esse avesso.

Sold. Dilo-hei a V. Senhoria como testemunha de vista, e naõ suspeita: ser casto, verdadeiro, naõ tomando o alheo,

alhêo; bom Christaõ, amigo da conversaõ dos infieis, muita gravidade em sua pessoa, cortez e manso ás partes a que naõ disse huma má palavra.

Vis. Por isso lhe acháraõ que era máo? deixe-me Deos fazer outro tanto.

Sold. Naõ he este o mal, que lhe acharaõ, porque este bem tem a virtude que até os máos a naõ podem negar. O donde lhe veyo o mal, dilo-hei a V. Senhoria: ser muito registado no dar, e dispender a fazenda de S. Alteza, aõ menos aos primeiros annos, cousa que aos homens mal parecia pelo fôro em que estavaõ postos: a outra era ser muito inteiro na justiça, e pouco amigo de moderar sentenças como se costuma em Castella, mandando-as executar pela ordem deste Reyno, o que a gente lá mal recebe; porque na India naõ mataõ ninguem por nenhum caso, e trazem por adagio, quem matar seu Mouro perde seu ouro; porque neste Reyno naõ custaõ os homens nada ao seu Rey, nem os ha mister para nada; o que naõ ha lugar na India, porque lhe tem custado muito dinheiro, assim em os pôr lá, como em sustentallos á custa de sua fazenda: e juntamente o que a todos custou em geral para escandalo, foi tomar as drogas para S. Alteza; fazellas defezas, que era o mais certo pão de que viviaõ os homens da India, e que pareceo máo tiralo, *e o caõ com raiva seu dono morde*; assim que de querer olhar pela fazenda, e justiça de S. Alteza, conforme ao que levava por seu regimento, e por trazer na boca, que S. Alteza era pobre, e orfão, e que hia á India mais por seu tutor, que por seu Governador, lhe veyo naõ ser muito amado; mas já agora lhe achaõ os homens na India todas estas bondades, e as pregoam, porque o bem naõ se conhece, senaõ depois que se perde.

Vis. Folgo em extremo de vos ter tirado da estrada por onde me levaveis, por vos ouvir cousa com que tanto folguei, com o saber que he terra a India, onde se os Governadores, e Viso-Reys perderáõ com os homens, se em tudo quizerem fazer o que devem a seus cargos.

Sold. Em toda a parte ha este mal; e entendendo isto Santo Agostinho, diz, que o Official que a todos contentar, naõ póde contentar a Deos; huma só cousa quero de V. S., que faça em quanto estiver na India, sustentar o Esta-

tado com a fazenda de S. Alteza, e escuzar opprimir o povo de lhe pedir emprestimo; porque para ter necessidades importantes o bem do Estado, tenha V. Senhoria por certo, que quando as houver, os homens servem juntamente com suas pessoas, e fazendas, sem lhas pedirem; e neste Reyno tem V. Senhoria o Viso-Rey D. Affonso, que quando teve novas da Armada do Turco, que entrava ao Estreito de Ormûz, e para ella se fez prestes, dissera que lhe entrava mais ouro, joyas, e prata em taboleiro pela porta, do que entraõ a cozer páo em hum forno: e ainda que disto senaõ espera como das matronas Romanas, que desguarneciaõ suas pessoas para sustentar a guerra, sempre as mulheres de Fidalgos, e Cavalleiros, e homens de obrigaçaõ ao serviço de S. Alteza, está certo offerecerem suas joyas para o que cumprir ao serviço de S. Alteza, e defensaõ da terra, como se fez a D. Affonso por quam bem justo e amado era do povo, por sua brandura e boa condiçaõ.

CAPITULO XIII.

De como os Governadores por successaõ fizeraõ cousas dignas de louvor, ajudados da experiencia que tinhaõ na terra.

Vis. HUm Fysico he necessario que leve; naõ sei se ha de hir a meu partido, ou se ha de levar ordenado de S. Alteza.

Sold. Naõ sou eu de parecer, que lhe desse V. Senhoria dinheiro, senaõ que lho pedisse pelo levar comsigo; e que naõ vai taõ mal negociado hir por Fysico mór, pois todos os que este cargo servíraõ tiráraõ nos seus tres annos sete, ou oito mil cruzados.

Vis. Como taõ bem se pagaõ lá as curas, ou taõ poucos Fysicos ha na terra?

Sold. Naõ ha senaõ muitos; mas estes Fysicos móres tanto que chegaõ, por começarem servir a Deos em seus cargos, dizem aos Viso-Reys, que ha ahi Fidalgos, e Soldados doentes, e pobres, que senaõ curaõ nos Hospitaes, e naõ tem por onde paguem as suas curas, que haja por bem que as paguem em seus soldos, e o que por isso seria taõ ordinario dos passados, lhes con-

cede logo, do que ham suas curas bem pagas no ser do soldo, e de outros partidos que fazem da roupa velha, lhes manda fazer delles bom pagamento, e com esta mercè ficaõ pagos á custa alhea das curas que fazem aos Viso-Reys, e dos mais de sua casa, e tambem nunca lhes faltaõ alvitres que pedem de mercê; donde vem que os mais destes, que lá estaõ, vivem ricos, e naõ querem tornar com os Viso-Reyis que os leváraõ, porque se achaõ bem na terra, e os entregaõ á tòrna-viagem aos Mestres das Náos, que tenhaõ cuidado em suas más disposições de os curarem.

Vis. Assim que esse Fysico, que hei de levar, segundo me dizeis, para a saude do corpo, para a enfermidade da alma que seria melhor naõ o levar; e como já ouvistes, tanto tempo esteve Roma sem enfermidades em quanto se naõ quiz servir de Medicos; e bem posso tomar este conselho para mim; pois naõ sou mais que hum homem, e em morrer se perde pouco, que para isso manda S. Alteza successores em que deve de pôr homens que me succedaõ no cargo da India, e de muita experiencia para poderem governar bem.

Sold. Naõ permitta nosso Senhor tal, senaõ que por muitos annos accrescente os dias de vida a V. S.! porque de homens em que o governo da India esteja bem, está agora a terra taõ falta delles, que he cousa para pasmar; e he hum descuido grande para o que convem ao bem della, naõ ter S. Alteza sempre homens que tenhaõ ás partes que convem a quem ha de governar, e dar conta de tamanha cousa, porque quando elles taes forem, visto está por experiencia que todo o homem que governou a India por successaõ, posto que lhe faltassem algumas partes necessarias para o cargo, sempre no que cumprio ao bem do Estado, e conservaçaõ delle, fizeraõ algumas cousas dignas de louvor, e muito acertadas: e se V. S. o quer ver, ponha os olhos nos feitos de D. Henrique de Menezes, que foi o primeiro Governador da India por successaõ, por morte do Conde Almirante, o qual entre os Mouros naquelle tempo, tornou a pôr a honra do nome Portuguez, que governou (*a*) se hia perdendo; por-

(*a*) He fielmente conforme ao manuscrito, em que se vê que ha erro.

porque como homem taõ abaſtado de grandes honras, como tinha ganhadas em Africa, naõ quiz hir a vante com ellas, e eſteve quedo; he dito commum, que quem na honra eſtá quedo e naõ vai a vante, fica a traz, e a perde. Pois Lopo Vaz de Sampayo, que governou por fallecimento de D. Henrique de Menezes, em todas as ſuas couſas trabalhou por imitalo, por lhe naõ haver inveja em caſto, amigo de Deos, e nada cubiçoſo, inteiro na juſtiça, e nos feitos da guerra, em que lhe deu Deos muitas victorias. D. Eſtevaõ da Gama, que governou por fallecimento do Viſo-Rey Dom Garcia, que foi hum dos bons Governadores, que olhou bem pela fazenda de S. Alteza, e que melhor teve providos os almazens dos mantimentos, e munições neceſſarias para a guerra, intentou, e commetteo hum dos mais honrados feitos, que ſe na India nunca commetteraõ, em que moſtrou grande animo (porque pequenos animos nunca commettêraõ grandes emprezas), como foi a jornada de Sués, em que ſe paſſâraõ grandes trabalhos, nos quaes foi taõ companheiro, como o mais pobre ſoldado de Armada, que fez grande eſpanto nos Mouros do Eſtreito, pelejou em alguns lugares; parece que naõ mereceo a Deos ſer Anthor de tamanha obra, como commettia em querer queimar a Armada que o Turco tinha em Sués. Garcia de Sá governou por fallecimento de D. Joaõ de Caſtro, fez logo fincapé em ordenar Armada groſſa de Rio, por eſtar o Eſtado falto de Navios, e fundiçaõ de bazaliſcos, e dizia, que pois os bazaliſcos, que eſtavaõ em Achem, metiaõ medo á India, queria ter outros tantos caens d'agua, que meteſſem medo a Sués, e ao Eſtado de Meca; e fez huma rica eſpingardaria para os almazens de S. Alteza, com ſuas Armadas ricas que lhe deraõ nome. Jorge Cabral no ſeu anno, que governou, entre os homens, que entendem a India, e ſe falla nelle como ſe fallaſſe neſte Reyno em hum anno de boa novidade, porque ſeguio o raſto de D. Henrique de Menezes, como homem que andou em ſeu tempo na India, e ſe achou em todos os feitos que fez, e bem moſtrou no Reyno de Calecut, e na famoſa Armada, que fez, e apercebeo em muito pouco tempo, em que eſteve para dar batalha a todos os Principes Malavares no Achem com favor, e ajuda del-

Rey

Rey de Cochim, ao tempo que chegou o Viſo-Rey de Cochim D. Affonſo, a quem entregou a India, e ficáraõ a cargo todas as couſas daquella guerra. Franciſco Barreto que governou por fallecimento do Viſo-Rey D. Pedro *dicant Paduani*, que eu ſou ſuſpeito, porque ſou muito ſeu ſervidór: huma ſó couſa quero dizer, que ſe Sua Alteza o quizer mandar á India por Víſo-Rey, os Pagãos lhe pagaraõ os ordenados, que taõ bem qniſto e amado foi dos homens da India, o tempo que governou. Aſſim, Senhor, que iſto he o que achareis em todos os homens que governáraõ a India por ſucceſſaõ; por onde ſe moſtra quam proveitoſa ſeja a experiencia das couſas da India, para quem ha de governar, pois os mílagres, que fez Martim Affonſo de Souſa, que deſte Reyno foi por Governador, de quem as fez, ſenaõ da experiencia que tinha da terra, do conhecimento dos homens della, dos tres annos que foi Capitão mór do mar? donde veyo que era em tudo taõ univerſal, que eſtando hum Soldado hum dia pedindo-lhe mercê, e abrazonando de ſeus ſerviços, lhe reſpondeo: » Naõ vindes agora de Cromandel? fal- » lai-me verdade: « diſſe o Soldado: » Sim; quem o diſſe » a V.S.? » reſpondeo elle: » Ninguem, mas pareceo-me » que os cordões deſſa camiza que trazeis: » e foi o Governador que melhor o ſoube negociar com os Reys da India, e enganar Mouros de quantos a governaraõ: e muitas couſas deixo de dizer delle; porque ſerá nunca acabar, e ſó com eſta graça quero deixar de fallar nelle: eſtando Embaixador noſſo na Corte do Hidalcaõ, conformando as pazes, lhe perguntou o Hidalcaõ: « que novas havia do Governador Martim Affonſo? ſe lhe fizera ElRey ſeu irmaõ mercê? reſpondeo-lhe o Embaixador: » Foi a Portugal a ſalvamento, e eſ- » tá S. Alteza pouco contente delle no obrar em ſeus » negocios: » reſpondeu o Hidalcaõ: » Peza-me diſſo, por- » que te juro por minha lei, que ſe tivera Capitão que » ſoubera negociar, e enganar como Martim Affonſo, que » lhe fizera mercê de ametade do meu Eſtado.

Viſ. Bem creyo, que fizera iſſo: como a lei, e a verdade dos Mouros tudo ſeja mentira, ſempre dera dinheiro por ella.

Sold. Naõ ſinto eu Principe Chriſtaõ, que por ella naõ deſſe dinheiro, e fizeſſe muita mercê a quem o ſoubeſ-

besse servir, como fez Martim Affonso no governo da India, que lhe foi encommendado.

Vis. Parece já agora menos trabalho o governo do Estado da India, mormente aos que governaõ por successaõ; pois ham de ter por Coadjutor o Arcebispo; por cujo conselho se ham de governar nas cousas da terra, assim na paz como na guerra, porque o ha (*a*) Sua Alteza por bem de seu serviço.

Sold. Por mais certo, e proveitoso haveria eu o seu conselho para salvaçaõ das almas, por sua muita virtude, e bondade, que naõ para as cousas da guerra, senaõ para a justificaçaõ della, porque com o governo, e conselho dos Theologos nunca se ganháraõ, nem accrescentáraõ Estados, e os Arcebispos para mandarem, e aconselharem na guerra, como naõ for em sua justificaçaõ, devem hir a ella, porque *vista faz fé*; e muitas vezes se acontece na propria obra tomar conselho mais proveitoso como na esgrima; e tambem os merecimentos, e serviços naõ devem ser galhardos (*b*) por homem, que a trementina nunca queimou, nem passou trabalhos para saber soccorrer nelles os Soldados; e por Nuno da Cunha segundo Governador entender isto assim, dizia que huma das cousas que lhe pezava de se fartar, era porque o farto cuida, que ninguem morre á fome, conformando-se com o exemplo: *pouco dá o farto pelo faminto.*

CAPITULO XIV.

Sobre o d'Achem, Bassorá, e Ceilaõ.

Vis. Até agora se gastou o tempo em cousas muito proveitosas; mas ainda outras tenho que mais dezejo saber, por serem chegadas a honra, e fama, porque os homens sempre tem tanto trabalho na India. Ao presente ha tres cousas em que todos pôe os olhos; por-

---

(*a*) No manuscrito estava, *porque só ha.* &c.

(*b*) Entendo que esta palavra foi escrita em lugar de *galardoados.*

porque parece que eſtaõ ameaçando o Eſtado, e promettendo-lhe trabalhos; convem a ſaber: Baſſorá, Ceilaõ, e o d'Achem, e queria, ajudando-me Deos, ir de cá acoſtado de authoridade de S. Alteza, acabar hum feito deſtes, o qual houver por mais ſeu ſerviço, que parece, ſe haver tardança na Coſta, traz damno.

Sold. Aſſim que quer V. S. ir logo deſte Reyno penhorado, e pôr-ſe em trabalhos? naõ me parece iſſo mal, porque *quem bem ſe eſtrêa, bem lhe venha*; que Nuno da Cunha deſta terra foi com dizer, que o mandavaõ apreſſadamente tomar Dio; e os ocioſos da India em elle chegando chamavaõ aos da ſua Armada os expreſſos: todavia commetteo o feito com poderoſa Armada, e o batteo; mas naõ tomou por ſer forte, e inexpugnavel de ſua natureza, e muita gente, baſtante artilheria, e grande Armada de Galés que tinha em ſeu porto: pelo que em todo o ſeu tempo outra couſa naõ fez, ſenaõ governar em partes o Reyno por mar, e terra; e foi a guerra tal, que a partido lhe foi dada a Fortaleza de Dio, como temos, pela maneira que V. S. terá ouvido.

Viſ. Tudo iſſo tenho ſabido como paſſou, e bem creyo *quem porfia mata caça*, e que fez iſſo, e outras couſas dignas de muito louvor, que lhe foraõ mal agradecidas.

Sold. E que cuida V. S., que aos Reys naõ caſtiga Deos de ſuas culpas, como aos outros homens? Eu creyo, que dos Reys naõ pagarem a quem os bem ſervió, permitte Deos o ſerem mal ſervidos de outros, que ficam bem pagos do que naõ merecêraõ.

Viſ. Iſſo he couſa que acontece muitas vezes, e vê o homem cada dia pelo olho; e ſe Deos tarda o caſtigo na meſma hora, he porque em outra lhe ha de caſtigar mais: mas deixando couſas, que ſó Deos póde remediar, folgarei que me digais muito a miudo o que ſabeis, e entendeis deſtas tres couſas que vós tenho dito, para com voſſa determinaçaõ me determinar em algumas dellas com S. Alteza.

Sold. Muito me pede V. S., e muito me dá a entender que confia de mim, devendo ſer pelo contrario; porque perguntando Maximiliano em Flandes a hum pobre, que vio ir por huma manhã de muito frio, como

po-

podia viver, pois elle com muitas roupas forradas de martas morria de frio, respondeo-lhe: » Senhor, naõ » te espantes de mim; porque me dá Deos o frio, se- » gundo tenho as roupas: » e assim he verdade que nosso Senhor he taõ piedoso, que naõ dá aos homens senaõ trabalhos com que podem; eu assim o posso dizer por mim, conforme a hum soldado de hum arcabuz, que naõ sei mais, que para servir, e obedecer, e naõ para mandar, nem governar, nem partio Deos nosso Senhor comigo conselho, para poder dar em cousas taõ grandes, e de tal calidade; lá na India embora tomará V. S. esse conselho, e será melhor dado, e de mais perto, e mais a proposito.

Vis. O que vos agora peço me deis vosso parecer, naõ estorva o que eu lá posso tomar, levando-me Deos á India, que, segundo me affirmam, ha na terra poucos para conselhos; porque todos saõ mancebos de pouca idade, e experiencia, que se naõ víraõ nunca em trabalhos alguns delles, que a natureza os naõ dotou de taõ bom, que se possa tomar delles.

Sold. Máos, ou bons, desses se ham de prestar; porque os Portuguezes basta-lhes serem Fidalgos para prestarem para tudo, e dahi vem acertarem-se as cousas, como se acertam; porque tambem ham por melhor errar em qualquer negocio, por mais importante que seja, que preverter a ordem, que se tem nos Conselhos, que naõ ham de entrar nelles senaõ Fidalgos, e outro genero de homens naõ, por muito Cavalleiros que sejaõ, experimentados, e velhos na guerra; porque fazem do Conselho desafios de justas, e tornêos, festas de Principes, onde naõ ham de entrar senaõ Fidalgos de solar conhecidos, e iguaes, ou que tenhaõ brazaõ de armas.

Vis. Bem me está, que por honra, e preeminencia de Fidalguia, que entre todas as nações de gente he privilegiada, delles se faça muita conta tendo elles as partes, por que o mereçam: de outra maneira poderemos dizer: *Pedro Alonso me chamam a mim; mas que aproveita?*

Sold. Pois ainda tenho mais que dizer a V. S.: haveis de levar de cá de S. Alteza os Conselheiros, os que vos ham de aconselhar, que de alguns vos haveis de matar de rizo; porém como os haveis de ver sem con-

confelho ter para fi, bons coftumes e authoridade, e muitos delles que naõ tem as unhas vermelhas dos Mouros que mataraõ, nem por fuas mortes guarnecêraõ fuas fepulturas com guiões, ou bandeiras, que ganharaõ aos inimigos por força de armas: e levareis mettidos no rol alguns Religiofos, que fervíraõ já em Leigos cargos de S. Alteza, e que fe moftráraõ taõ virtuofos como feus anteceffores (e daqui vem que lhes deo o habito) tornallos a metter no meio do mundo mais acreditados, naõ o tomando fenaõ para o deixarem; e fabe V. S. quam curiofos faõ deftas coufas? que eu vi em Jafanapataõ, em hum confelho que tomou o Vifo-Rey D. Conftantino, hum Frade dar o feu parecer por efcrito, o qual fe leo perante todos os parentes, que era na folha e meia de papel; eu o ouvi muitas vezes prégar, mas naõ li na Efcriptura Sagrada o que alli fe moftrou, que na Antiguidade o Imperador Danibal (*a*) trouxe ao Capitão Pompéo ao confelho com o Graõ Cefar, e os apofentou n'huma choupana de palha, que tal era a em que o Vifo-Rey Dom Conftantino eftava; mas foffria-fe o máo agafalhado, porque era em tempo, que por fer inverno tanta água tinha por baixo, como por cima chovia; e me júro, que foi o feu parecer taõ esforçado de todos; porque era de parecer, que o Vifo-Rey foffe a Ceilaõ, para o qual effeito faltavaõ duas coufas as mais neceffarias, huma, que era tempo, e outra o poder de gente; porque o Vifo-Rey o naõ tinha para tamanha empreza, de que o Padre fe tinha efquecido com os dezejos que tinha de hir a Ceilaõ, onde já refidira, e eftivera por Prelado.

Vif. Parece-me que andais furtando a parada, e bufcais rodeios para naõ virdes fazer o que vos peço: quanto aos confelhos deixai iffo em mim; porque eu os tomarei de toda a calidade de homem em quem entender, que fua antiguidade na terra, e tempo, e a guerra lhe tem dado experiencia para nas coufas della poderem dar parecer, que feja proveitofo; porque ouvi dizer que affim fazia Affonfo de Albuquerque, que depois que tomava parecer com os Fidalgos e Cavalleiros, quando havia de pelejar no mar, ou na terra, o tomava com os tres Pilotos, Condeftaveis, Bombardeiros,

(*a*) Affim eftava no manufcrito.

ros, e com os mais homens do mar; como fez na tomadı de Goı, onde dizem que hum homem do mar mettendo huma chuça por huma porta da Cidade por onde se hiaõ recolhendo os inimigos, fez com que se naõ pudesse fechar, e por alli foi a Cidade tomada com ajuda de nossa Senhora.

Sold. Assim quer V. S. que se diga por mim: *quem mete primeiro fallar Gallego*; porque he melhor obedecer, que sacrificar, direi a V. S. do negocio de Ceilaõ o que delle sinto.

CAPITULO XV.

Parecer da guerra de Ceilaõ.

Vis. DE Ceilaõ folgarei que me digais primeiro por ser cousa de que temos recebido mais damno, e devia ser por só..... (*a*) em pouco; porque he graõ perigo, como sabeis, ter hum homem em pouco seu inimigo.

Sold. O que sinto de Ceilaõ, segundo em todas as cousas que se fizeraõ tivemos máos successos de perda de muita gente, muito gasto, pouco proveito, discredito do Estado com perder do ganhado, parece-me que naõ tem justiça na causa, porque Deos nosso Senhor favorece sempre a razaõ, e quando por esta o naõ fosse, que eu mal poderei sustentar, porque naõ sou jurista; como Soldado velho tenho visto, que muita parte do nosso mal veio pelos Governadores, e Viso-Reys naõ quererem entender a guerra de Ceilaõ, e se a entendêraõ, quizéraõ-lhe errar a cura, por mais naõ poderem; porque a guerra de Ceilaõ o que tem direi a V. S., he mais longa que perigosa.

Vis. Naõ quero, que em taõ poucas palavras acabeis comigo, se naõ que miudamente me digais, em que a guerra de Ceilaõ he longa; e em que naõ he perigosa, e em que se lhe errou a junta.

Sold. Direi a V. S.: a gente que nella mandaõ estar ordinaria com Capitães, he pouca para se defender, quanto mais para fazer damno ao inimigo, e ainda este mal

P es-

(*a*) No manuscrito havia este mesmo claro, como de falta de palavra.

eftá mal provido e favorecido; donde vem, que a fraqueza noffa faz ao inimigo poderofo, e vai-nos gaftando e matando a gente pouca e pouca, e os foccorros faõ taõ fracos, que fe pode dizer, que vaõ mais a morrer, que a foccorrer, e defta maneira nos tem cuftado a guerra de Ceilaõ perda de muita gente, gafto de muito dinheiro, fem tirar mais proveito, que a perda das parêas de canella, que monta hum bom golpe de dinheiro cada anno, e outros proveitos, que a terra dava, e a noffa gente; e o remedio que ifto tem he trabalhofo e cuftofo; por onde nos acontece que perdemos a fazenda pela naõ poder grangear: efta guerra pede a peffoa de hum Vifo-Rey com o Eftado da India, e groffa Armada bem petrechada de tres mil homens para riba, e defta maneira ficará a guerra pouco perigofa, e muito proveitofa.

Vif. Iffo naõ fazia o Vifo-Rey D. Affonfo, que foi a Ceilaõ com groffa Armada, e a gente que póde ajuntar? e com effa ida naõ tirou deffes trabalhos fruito, mas antes de entaõ para cá foraõ mayores.

Sold. Iffo he verdade, que o Vifo-Rey D. Affonfo deu batalha ao inimigo, pelejou com elle naõ fó na Cidade, fenaõ até chegar a ella teve a noffa gente varios encontros, em que pelejáraõ, paffando no caminho infinito trabalho, como tambem rios a nado, minhoteiras perigofas, grandes chuvas por fer inverno, e o alojamento de gente fer no campo, o qual por toda a parte he alagadiço, que fó os fenecugos delle baftavaõ pera guerrear os homens, e com todos eftes trabalhos o inimigo lhe virou as efpáldas; e acabado de fazer ifto naõ lhe ficou mais para fazer; porque os mattos, ferras, grandes rios de Ceilaõ, a grandeza da Ilha, naõ confentio feguir naquelle tempo o alcance ao inimigo, nem podello tomar ás mãos, ou de todo pôr a gente da terra em tanto aperto, que commetta partido honrofo e proveitofo a nós; porque a Ilha de Ceilaõ he tamanha como V. S. fabe, e em tres mezes que lá póde eftár hum Vifo-Rey fe naõ póde correr eftando pacifica, e fendo ajudáda da gente da terra, e mantimentos, quanto mais quem os ha de trazer comfigo para que lhe naõ fejaõ tomados dos inimigos; porque he coufa impoffivel.

Vif. De maneira, que pela razaõ que dais me defefpe-

rais

rais de todo poder acabar esse feito, e naõ poder fazer mais nelle que o que fez o Viso-Rey D. Affonso, e tornar para casa com gasto feito, que ha de ser pouco, e começarem-se os trabalhos de novo.

Sold. Pela razaõ que agora direi a V. S., verá que digo bem em dizer, que a guerra de Ceilaõ he pouco perigosa e longa. Na guerra de Ceilaõ saõ gastados trezentos mil cruzados, por quebrados e miudos, e dous mil homens mortos na guerra, e de enfermidades, que com trabalho della padecèraõ, tudo isto se dispendeo em nosso damno, e em favor do nosso inimigo, cobrando muito credito, havendo de nós muitas victorias, que já pelejaõ por elle, fazem-no-lo muito exercitado na guerra, e a sua gente de tal maneira, que está hum grande mestre feito á nossa custa, havendo por razaõ de ser á sua, e em tudo isto se poderá poupar, ou por melhor dizer gastar, ganhando mais honra e proveito, e com menos perda de gente deste Reyno. S. Alteza manda dar huma Armada de oito ou dez vellas grossas, em que mandará dous ou tres mil homens, e com elles hum Viso-Rey para Ceilaõ, e as Náos tornarem á carga com cabedal de cem mil cruzados para sua despeza, com pequena ajuda que lhe fosse dos tres rendimentos da India, certifico a V. S., que dentro em dous annos sem perigo, nem perda de gente fosse senhor absoluto de Ceilaõ, cortara a cabeça ao Madune, aos que quizerem ter nome de Rey; e ganhara S. Alteza hum grande Reyno e terra muito proveitosa á conservaçaõ do Estado da India; porque nella ha muita madeira para fazer Armadas, muitos mattos, remos, vergas para galés, breu, ferro, cairo, azeite, carpinteiros, serradores, ferreiros, marinheiros, o que he de natureza de homens das Ilhas.

Vis. Assim que quereis dizer: *Tu que naõ podes, leva-me ás costas*; isso fará com trabalho o Rey de Hespanha, quanto mais o de Portugal? e mais naõ parece necessario fazer este gasto; pois ha Viso-Rey na India com sua gente, e Armada grossa, homens costumados na guerra, parece que essa empreza deve ser sua, e que fica mais a proposito, sem se fazer mais gasto, que o ordinario, que o Estado tem no pagamento da gente, e concerto de Armada, em que sempre se faz, e corre como roda viva.

Sold. Razaõ taõ viva, e boa naõ póde ter contradicçaõ; mas naõ vê V. S. que mais ſe fará na guerra de Ceilaõ em dous annos com dous, ou tres mil homens, do que ſe fará em tres mezes, que lá póde eſtar o Viſo-Rey da India com ſete mil? que eſta he a razaõ que dou, por onde lhe chamo longa, e pouco perigoſa; porque pede mais tempo o feito para ſe acabar, que naõ poder de gente.

Viſ. E quem me tolhe a mim eſtar em Ceilaõ dous, ou tres annos, e fazer o feito muito de vagar, como vós eſtais pintando?

Sold. Pergunta V. S. quem o tolhe? o inconveniente de invernar o Viſo-Rey fóra da India, e a ſotavento della por razaõ da Armada do Turco, que ſempre trazemos ante os olhos; e ElRey noſſo ſenhor.

Viſ. E em que no-lo tolhe S. Alteza?

Sold. Dilo-hey a V. S.: em o fazer Viſo-Rey da India tres annos tachados; e porque o cargo ſe dá por taõ pouco tempo em pagamento de ſerviços, o em que os Viſo-Reys gaſtam eſte pequeno tempo, he no que direi a V. S.: no primeiro anno he em perguntarem pelas couſas da terra, para vir dellas a ter inteira informaçaõ; o ſegundo em aproveitar o tempo, e em ajuntar o que podem, como fizeraõ ſeus anteceſſores; o terceiro em entrouxar os homens, de que começam ſer mal ſervidos, e para que lhes naõ batam no bucho na entrega que ha de fazer do cargo ao que ha de vir. Crêa-me V. S., que ſó pelo provimento, e governo da India ſer por tres annos parece a todo o homem, que da terra tem toda a experiencia, que naõ deve durar muito.

Viſ. Pois ha homens de contrarias opiniões, e que tem para ſi, que he couſa acertada fazer-ſe deſſa maneira.

Sold. Foi eſſa huma invençaõ antiga, de que quizeraõ uſar as Nações de homens ſuſpeitoſos, havendo que era remedio de conſervar liberdade para o povo, encurtar aos poderoſos o tempo de ſua governança, e mando; mas naõ ouvio V. S. já dizer os grandes gritos, que dera hum pobre chagado, porque hum homem, movido á piedade delle, lhe abanára as moſcas que tinha em ſuas chagas, dando por razaõ, que as que ti-

tinha estavaõ fartas, e as que haviaõ de vir eraõ famintas, e que o haviaõ de atormentar de novo? ora pois a terra, por forte que seja, naõ consente a ser lavrada todos os annos, e os lavradores sezudos ás folhas a semèam; naõ póde a India dar de si cada tres annos o que della querem tirar os que a governam, e nella tem cargos, e porque assim he a terra, e a gente, e a Fazenda de S. Alteza o sente; e parece que devemos já mais temer as necessidades, e pobrezas, em que o Estado está posto por esta razaõ, que nossos inimigos, por poderosos que sejaõ.

Vis. Essa cousa parece que ha de ir por essa ordem antiga, em que foi até aqui; porque Portugal he pequeno, e o Rey naõ tem com que pague aos homens o que lhes dever, senaõ com a India.

Sold. Por essa razaõ de se dar em pagamento está a terra em passamento; e fará Deos tamanho milagre a tornala ao bom estado em que já esteve, como fez em resuscitar a Lasaro, de tres dias morto; e huma cousa presumo (*a*), que ou sentem ao Estado da India por cousa, ou Portugal em tanto, que se acharáõ nelle cada tres annos homens, que convem a quem ha de governar tamanho Estado; cousa que eu haverei por muito podèr ser.

Vis. Assim que tendes concluido comigo, que o feito de Ceilaõ pede a pessoa do Viso-Rey da India com seu poder, e que desta maneira tendes por cousa facil acabar o negocio, mas que o naõ fará senaõ por mais espaço de tempo do que lá póde estar, para tornar na mesma monçaõ á India, como dizeis que he necessario: por onde vos parece, que de Portugal havia de ir Capitão, e gente ordenada para este feito pela maneira que me tendes dito, á India (*b*) ir hum Capitão mór do mar a essa empreza com boa Armada, e gente, que baste para o feito, e ficasse o Viso-Rey na India, representando nella a força do Estado.

Sold. Quando esse Capitão mór for dos que eu vi já na India, e fosse apercebido, como o feito pede, teria eu

---

(*a*) Aqui bem se vê que ha erro do manuscrito.

(*b*) Ficaria talvez remediada a obscuridade desta oraçaõ, escrevendo: *e da India*, &c.

eû por muito certa a jornada, e bom fucceffo; com ajuda de Deos, e haverem fim immenfos trabalhos, que o Eftado da India tem até agora com efta guerra de Ceilaõ; daqui fe feguio muita perda á Fazenda de S. Alteza, e vidas de homens em pouca honra noffa.

Vif. Eftou taõ contente, e tem-me fatisfeito tanto o que temos praticado fobre a guerra de Ceilaõ, que vo-lo naõ fei dizer: por iffo fe diz: *Quien las fabe, las tange*; mas de huma coufa mé efpanto, naõ eftar entendido pelos Governadores, e Vifo-Reys paffados da India efta coufa, affim como praticamos.

Sold. Tudo ifto entendêraõ todos, e lho deraõ a entender melhor, do que eu o digo a V. S.; mas naõ quizeraõ pôr em obra fazelo, antes no que acudiraõ a efta guerra foi fempre com muito defcuido em o provimento, pondo a culpa ás neceffidades, e por iffo em tal parou ella; porque fabe V. S. como fe ham os Vifo-Reys da India com os trabalhos della? como acontece aos homens que ferem em lugar que naõ ha Meftre, apertam-lhe as feridas, e enxalmam-lhas, dizendo: » Ide embora a bufcar quem vos cure; » e elles taes faõ, que as chagas, e feridas que fobrevêm ao Eftado, nenhum quer gaftar tempo em curalas, fenaõ enxalmalas, de maneira, que poffaõ efperar, para o que lhes fucceder no cargo, as curar fe quizer; donde vem que de huns, e de outros o naõ fazerem, ficam as chagas fiftuladas, e as feridas com herpes, ou efpafmo, que nem fogo, nem fangue naõ bafta para ferem curadas, fe Deos por fua bondade o naõ fizer.

Vif. Muita culpa lhes ponho naõ cumprirem com a obrigaçaõ que tem ao Eftado, que por Deos, e feu Rey lhes foi encommendado; e efta quero eu que me ponha, fe cahir neffe defcuido.

Sold. E eu naõ lhes ponho nenhuma culpa; porque eu eftive na India quarenta annos, e nefte tempo os que mal, e bem governáraõ, todos paffáraõ nefte Reyno de huma maneira, por onde naõ póde fer bem fervido o Principe, que he taõ defcuidado na paga dos bons, como no caftigo dos máos.

Vif. Bem vejo que o que foi deffes, o mefmo ferá de mim; mas com tudo, eu naõ queria que por minha

cul-

culpa desmerecesse a S. Alteza; porque quando me naõ fizer por o bem servir, e cumprir com as obrigações do cargo, ao menos ficarei ganhando com os homens, e com Deos, que haverei eu por mayor mercê, que as que posso receber de S. Alteza.

Sold. Certo está que quem as merece a Deos, as merece a seu Rey.

CAPITULO XVI.

Parecer sobre a posse, que o Turco tem de Bassorá.

Vis. VEjamos o negocio de Bassorá? que remedio lhe achais, e que vos parece nisso fazer?

Sold. O verdadeiro que lhe sinto eu, lhe deve vir por Deos nosso Senhor, a quem a cousa se deve encommendar, que a tenha da sua mão como nos cumpre, que visto está quam pouco proveito foi sempre o remedio que os homens quizeraõ dar ás cousas já no fim dellas: depois que Bassorá está por hum Turco, o poder da India com razaõ deve temer; e assim o dizia o Governador Nuno da Cunha, que naõ receava os Turcos que haviaõ de vir de Suez á India; porque naõ podiaõ passar a ella senaõ de cem em cem annos huma vez, por quam comprida tinhaõ a jornada, trabalhosa, perigosa, e tormentosa; que quando os vissemos em Bassorá, se arreceassem, porque dalli os teriamos todos os dias comnosco ás mãos nas costas da India em oito mezes do anno, em que o tempo lhes dava lugar para irem, e virem quando lhes bem estivesse; a qual guerra nos será muito trabalhosa, custosa, e importuna, e nos encolheria dos tratos, e proveitos dos homens, e rendimdnto do Estado; ficando além disso taõ vizinhos de Ormuz, que era necessario ter sempre nella grande guerra armada para favor do Estreito, e guarda da Fortaleza, o que tudo naõ podia ser sem grandes trabalhos, e despezas, que o Estado mal podia soffrer por muito tempo; e elles, como vizinhos diante a porta, melhor nos podiaõ guerrear: esta cousa que se havia de recear, já a temos vista pelos olhos; e de como a este perigo se provê, V. S. o tem

o tem bem viſto até agora, por iſſo naõ quero gaſtar o tempo em lho contar; baſta que nos troxe o tempo até vir de ambos os Eſtreitos, do de Suez donde cá vem fazer prezas no noſſo mar, e em noſſas Náos, e Navios, e do de Baſſorá, onde eſperaõ fazer pé para conquiſta de todo o Eſtreito de Ormuz, e, por melhor dizer, tomar a Fortaleza pelo tempo, e com ſuas Armadas poderem-nos encurralar (*a*) nas Fortalezas da India, que com razaõ lhes podem chamar fracos curraes: mas aſſim he razaõ que eſtejaõ; porque Liſboa eſtá taõ perto para ſoccorrer, como eſtá de Mazagaõ.

Viſ. Repreſenta-me eſta fantaſia os males, e trabalhos que de Baſſorá nos podem ſobrevir; e verdadeiramente parece, que o Turco mais ſenhorêa a terra por noſſos peccados, que por poder, e forças humanas.

Sold. Naõ me eſpanto nada diſſo; porque elle conforma as obras com o appellido, e chama-ſe Grã Senhor do mundo, trabalha pelo ſenhorear e meter debaixo do ſeu poder, e naõ ſe chama ſenhor de commercios, nem contratações, navegações como o noſſo Rey; porque Reynos naõ ſe ganháraõ nunca, nem guardáraõ de poder de inimigos, comprando e vendendo, ſenaõ morrendo, e defendendo-lhes honras e mercês, que os Fidalgos, Cavalleiros defenſores do Eſtado, e da honra do ſeu Rey (*a*), como acontece neſte noſſo tempo; e porque he natureza dos homens affeiçoarem-ſe ás couſas a que os ſeus Principes e mayores ſe affeiçoáraõ, e exercitáraõ, vem daqui á naçaõ Portugueza neſte tempo ſerem todos já homens de pezo, e medida, e ſaberem mais experiencias de algariſmo, que o Nicolas, que fez a Arte de contas.

Viſ. Naõ eraõ por certo taes, no tempo que ſe eſcreveo delles quam animoſamente ſe houveraõ com os Romanos na defenſaõ de ſua Patria, debaixo da bandei-

---

(*a*) O manuſcrito dizia aſſim: *tomára a Fortaleza pelo tempo com ſuas Armadas*, &c. Pareceo-nos que a pequena emenda de tirar hum *a*, e accreſcentar a conjuncçaõ *e* reſtituía o ſentido do Author.

(*b*) Aqui ha erro no manuſcrito, que deixa o ſentido imperfeito; e como a emenda ſería muito arbitraria, naõ tomamos a liberdade de a fazer.

deira de ſeu Capitão Víriato; mas viſto eſtá, que como elles ſe começáraõ a afeiçoar á mercadoria, logo foraõ perdendo a opiniaõ de Cavalleiros, e deixando de fazer as obras porque merecêraõ ſer chamados nas Eſcrituras antigas, os mais esforçados homens de Heſpanha, dando-ſe a vicios, delicias, e perfumes, e trajos de ſeda, mais que ás armas; donde vem o que vêdes, que já com trabalhos defendem o ſeu: e naõ ſei donde vem eſte mal.

Sold. Da pimenta da India foi o principio delle que fez de Lisboa Florença, e Veneza com as cazas de contratações, cambios, e recambios para feiras, dinheiros tomados em intereſſe, a que antigamente ſe chamavaõ onzenas públicas, que ſaõ para Goa agora ſantidades.

Viſ. Naõ pode ſer mayor erro nos homens, que naõ ſaberem o que lhes cumpre, nem que mayor damno lhes faça em tudo; mas quem quereis que torne a emmadeirar eſte Reyno de novo, e pôlo em eſquadria (*a*), ſenaõ Deos? e por iſſo temos o tempo aſſim como o temos; e dizei-me voſſo parecer ácerca do Eſtado, e poder, que o Turco tem em Baſſorá.

Sold. Senhor, ahi naõ ha no mundo Eſtado ſem trabalhos; e desfazer o que o Turco tem em Baſſorá, couſa nos ſerá proveitoſa, e tomalo huma vez, eu o tenho por couſa poſſivel com ajuda do Senhor; mas acabado o feito, nós em caſa com victoria contando da batalha, e elles outra vez em Baſſorá taõ poſſantes, e mais do que eſtavaõ; porque os caminhos que tinhamos por dezertos, trabalho, e perigos, naõ ſaõ os que pejaõ (*b*); porque o uſo faz as couſas faceis, como vemos que trazem madeira por elles, com que tem feito as galés, e ſua armada, com guarniçaõ de artilharia, e munições, eſtando ao baſo da grá Babylonia, de cujas ajudas e ſoccorros ſe aproveitaõ em muito poucos dias, como nos tem moſtrado a experiencia; e nós com trabalho hir-lhe-hemos fazer guerra á India, de oitocentas leguas por mar, e terra: donde nada nos póde ajudar nem favorecer nas couſas que nos forem neceſſarias; eu ſou de parecer, que nos deviamos aproveitar do conſelho do Evangelho, que diz: *O forte armado guarda ſua ca-*

(*a*) O manuſcrito tinha *eſquadraõ*.
(*b*) No manuſcrito eſtava *os que ſujaõ*.

casa: estaremos prestes para desfazer mayores brigas, e muito perigosas que ha entre nós, e Bassorá (*a*), e juntamente com isso assentar com elle boa paz, pois a querem, com naõ acrescentar nada em suas forças por mar e terra, que he cousa que se póde fazer; pois neste Reyno entre Principes Christãos, e taõ parentes, o mesmo se permitte por condiçóes de suas pazes antigas; tendo sempre dellas avisos, e respeitos á fortaleza de Ormûz, para a soccorrer com gente, e muniçóes necessarias, que será menos custoso a quem meter o resto para a tomada de Bassorá, o qual acabado de tomar se naõ toma nada, e de novo se acorda o cão que dorme; porque o Turco he poderoso Senhor, e seus Capitães muito sagazes nas cousas da guerra, e os nossos saõ descuidados nella, que sempre a fazem com menos gosto que a fazenda.

Vis. Assim que tendes para vós, o que nos fez damno no principio, foi naõ acudir com brevidade ao damno, que podiamos receber ao Turco se empossar de Bassorá, se póde agora hir remediando, e soffrendo com bom recado, e naõ tomando determinaçaõ na cousa, nem experimentar o que podemos, conformando-nos com hum texto do Direito que diz que » a dilaçaõ ás vezes » he cura em muitas cousas. »

Sold. Eu neste parecer estou como Fysico, que faz do tempo mestre para curar as enfermidades, a que os remedios naõ saõ proveitosos.

CAPITULO XVII.

Do poder do Achem.

Vis. TRatemos do Achem; e he razaõ que se tenha na memoria por ser taõ nomeado neste Reyno, que os homens da India a S. Alteza escrevem (*a*) receyos, que delle se devem ter, a que se deve acudir com tempo.

Sold.

(*a*) Acrescentou-se a conjuncçaõ, que naõ havia no manuscrito.
(*b*) O manuscrito tinha *os homens da India*, *e S. Alteza escreve*.

Sold. Do Achem he de razaõ, que ſe tenha muito receyo, por quanto o temos vizinho de Malaca, que como V. S. terá ouvido, he couſa fraca, e todas as Fortalezas da India taes ſaõ; porque naquelle primeiro tempo em que as fizeraõ os Governadores dos lugares, que as ganháraõ por forças das armas, tinha o Eſtado menos poder, e nenhum rendimento, por ſermos hoſpedes na terra, e o tempo naõ dar lugar para as fazer mais fortes; mas antes ſe fez muito a reſpeito do que agora, que ſe naõ faz nada ſendo o Eſtado tamanho, e taõ rendoſo; o que fizeraõ, para aquelle tempo, parecia que baſtava para os inimigos, do que agora os temos taõ poderoſos, e exercitados nas armas com o uſo da noſſa guerra.

Viſ. Malaca naõ he cercada, como S. Alteza tem mandado ha tantos annos? porque parece que ſe (*a*) o eſtá, deve ſer de maneira fortificada, que naõ poderá taõ livremente ſer eſcalada do inimigo, que naõ haja tempo para lhe ſoccorrer.

Sold. Naõ eſtá cercada; mas taõ fraca como ſempre eſteve, nem nunca ſe cercará em noſſos dias.

Viſ. Pois Malaca naõ rende já cada anno paſſante de cincoenta mil cruzados a S. Alteza, de que ſe pódem fazer as deſpezas ordinarias da terra, e ficar dinheiro para ſe fazer a obra da fortificaçaõ?

Sold. He verdade o que V. S. diz, e parece que diſſo tem boa informaçaõ, e a eſſe reſpeito mandáraõ já lá Governadores Veadores da Fazenda, e tornaõ para a India prezos, e maltratados dos Capitáes ſem fazerem nada, ſómente pagar pedreiros, e cavoqueiros de vaſio, e a pedra que ſe ajunta, como couſa de S. Alteza, cuidaõ os homens, que ſalvaõ a alma em a furtarem para o que ham miſter, e niſto pára a couſa até agora.

Viſ. Parece que eſtorva o demonio couſa tamanha, e proveitoſa, e taõ neceſſaria, para algum máo fim e ſucceſſo, de que nos Deos por ſua bondade guarde! mas levando-me Deos á India, eſſa ſerá huma das couſas em que com muita brevidade hei de intender.

Sold. Fará V. S. muito ſerviço a Deos, e a S. Alteza; mas ha de trabalhar, pois que quer começar a obra, que ſe acabe em ſeu tempo; porque abaſta começalla

V.

(*a*) O manuſcrito tinha *ſó eſtá*.

V. S.; para nenhum outro Viso-Rey nunca mais mandar pôr mão nella, e tomar por achaque, que vai a obra toda errada, porque naõ na fundaraõ por as regras de Vitruvio, e tomar este achaque, e outros para naõ dar fim a taõ boa obra, por outrem ser o Author della; que desta maneira trataõ os Viso-Reys huns aos outros em suas cousas: donde vem, que huma das cousas que tem feito S. Alteza na India pobre, saõ compecilhos de obras, que huns começáraõ, cuidando que acertavaõ fazendo-as por conselho, que os outros fizeraõ pôr por terra, de maneira, que cada tres annos vêdes a India demudada, que se naõ conhece, como homem que entra em auto por muitas figuras com differentes trajos; porque naõ ha nenhum Viso-Rey, que queira conservar, e sustentar o que acha feito por outro, e que seja muito bem feito; e todos como chegaõ á terra, querem fazer homem á sua imagem, e semelhança, e ficaõ fazendo nada, e gastaõ o de S. Alteza em invenções pouco proveitosas; e Cananor está com os lanços dos muros postos por terra. Chale entra o mar nelle, estaõ já as torres solapadas para cahir por estar edificado sobre arêa, e o mar veyo comendo grande espaço, que estava affastado delle: pois Chaul já se naõ servem da Fortaleza (*a*) por huma escada, que se fez á torre da Menagem por huma bombardeira onde passa o Capitão, que todo o mais está de maneira, que naõ está para guardarem por elle: e tudo isto veyo de naõ haver quem quizesse reparar as obras a seu tempo, e até que vieraõ a naõ ter outro concerto, senaõ de novo serem outra vez edificadas. Em Cochim naõ fallo; porque se hia a Fortaleza, que fez Affonso de Albuquerque, como aquellas grandes Terracenas, e casas que eu vi ha muitos annos chêas de pimenta para carga, e depois das Náos partidas ficar ainda muita nella para o anno vindouro; por todas se póde dizer: *hîc Troja fuit.*

Vis. Todas essas boas venturas que me contais se guardáraõ para meu tempo, e se naõ acudir a ellas, quiçaes (*a*) que se me porá mais culpa, que aos passa-

(*a*) Falta aqui a particula *senaõ*, ou outra que signifique o mesmo.

(*b*) O manuscrito tinha *es iguaes.*

ſados, que por ſeus deſcuidos eſtá tudo poſto no eſtado que me tendes dito.

Sold. Quanto á fortificaçaõ de Malaca, ſe parece a V. S. que com ella porá ſegura Achem, tenho ainda niſſo que dizer.

Viſ. Como aſſim naõ ſe ſegura Malaca com ſe fortificar, e com o Capitáo della ter o reſguardo, que convem na ſua obrigaçaõ, e honra no provimento de ſeus mantimentos, e muniçóes, e o reter a gente que naõ ſeja da terra, quando lhe parecer neceſſario?

Sold. Tudo iſto lhe ſerá proveitoſo; mas o receyo que temos do Achem naõ he por razaõ de quam poderoſo ſe fez com ſuas Armadas grandes, e poderoſas, em que eſtá poſto na ponte de todas as viagens da India para o Sul; e dado que em ſua guerra nos naõ tomaſſe Malaca, como creyo que com ajuda de noſſo Senhor, mandando-a V. S. fortificar, eſtá certo que ſe naõ tomará; que lhe tira as Náos da Cafra, de Maluco, as de Banda, todas as da China, que cada huma Náo deſtas por ſi he huma perda de Malaca, e para iſto naõ temos lá Armada, que com a ſua poſſa peleijar, ſenaõ ſe for mandada da India taõ poderoſa, como he neceſſario, que eu haverei por difficultoſa couſa poder-ſe fazer; e poſto que vá, cada vez que o inimigo ſentir na noſſa Armada ventagem, metterá a ſua em hum dos ſeus portos, onde com o favor da terra lhe naõ poderáõ fazer damno algum, e ficará o trabalho, e deſpeza, damnificando mais em nós, que em noſſo inimigo.

Viſ. Pois eſta couſa he razaõ que ſe tome com ella concluſaõ.

Sold. E eu deſſe parecer ſou; porque o inimigo vai-ſe fazendo muito poderoſo, e exercitado na guerra, e, como ſabemos, vai-ſe acompadrando com o Turco, e tem intelligencias, preſta-ſe de ſua gente, e muniçóes, fundidores, Meſtres de Navios, e eſpinguardas; he ſenhor de rica terra, homem que anda victorioſo: tem feito taõ temido, e honrado eſte nome *d'Achem* nas ſuas partes, que os que o naõ ſe preſtam delle pelas muitas victorias que tem alcançado de ſeus inimigos, aſſim na terra, e Ilha Camaraõ, que ſenhorêa, como em outros pórtos de outra Coſta, em que com ſuas Armadas vai guerrear, como fez agora ha poucos dias em Genta-

tava , onde cativou o Rey da terra , grande número das Almas , e rica preza : assim que para commetter este inimigo , e para se haver delle a victoria , que com ajuda de nosso Senhor está certa , ha mister a pessoa do Viso-Rey com huma Armada grossa , e bem petrechada de munições , e mantimentos para a jornada , que bastem para quatro mil Portuguezes , que para o effeito saõ necessarios , afóra os marinheiros , e gente do mar , remeiros dos Navios de remos , escravos , e gente de serviço , e ainda sería de parecer , que se levasse nesta Armada dous , ou tres mil homens Christãos da terra de Goa , que he boa gente de pé , gente fiel , e que com nossas costas pelejam bem : saõ muitos delles bons espingardeiros , e tambem podem servir em outras cousas que se poderáõ offerecer na mesma guerra , que sejaõ proveitosas mais ao effeito , que servindo com a lança na mão : ora a Armada em que esta gente deve ir será (*a*) grossa , e custosa , mas ainda eu tenho por certo , que será muito proveitosa.

Vis. Essa jornada em que tempo se póde fazer , ou que tempo ha mister para se acabar ao nosso proposito ?

Sold. Para Malaca se póde ir duas vezes no anno , e vir em huma ; convem a saber , póde-se partir em Abril , e vir em Janeiro , os que lá querem ir invernar ; e os que invernam na India partem em Setembro , e vem em Janeiro em companhia dos que foraõ invernar , mas estam lá menos tempo.

Vis. Em qual desses tempos vos parece que será melhor partir , para que a obra naõ seja desfavorecida delle , para se effeituar cousa taõ importante , e de serviço de Deos , e de S. Alteza , e bem da India ?

Sold. Naõ me sinto habil para taõ levemente dar esse parecer a V. S. em qual dos tempos deve partir ; porque Viso-Rey que partir em Setembro tem menos tempo para o que ha de fazer , e o que partir em Abril sobeja-lhe tempo para fazer , e tempo para temer.

Vis. E de que se ha de temer ?

Sold. De permittirem nossos peccados , que nos dez mezes que lá ha de estar , tenha a India huma oppressaõ de nossos inimigos , a que naõ possamos acudir como se-

---

(*a*) O manuscrito tinha : *ser grossa.*

ſerá neceſſario, por termos o Viſo-Rey com a Armada da India fóra della, em que eſtá toda a noſſa força; e acontecendo iſto (que Deos naõ mande!), em tudo eſtá mais certa a perda, que o ganho.

Viſ. Para ſe fazerem as couſas em que tanto vai, viſto eſtá que ſe naõ podem fazer ſem ſe aventurar alguma couſa; porque *quem ſe naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou.*

Sold. Eſſe dito he commum; mas aventurar o certo pelo duvidoſo, naõ he ſizo; e os Viſo-Reys he lhes neceſſario terem ſempre a India pelo ourelo, como os que jogam o gato repellado, e ainda aſſim ter olhos poſtos em toda a parte, e naõ ſocegar, para a ter guardada dos que nella quizerem fazer damno. O partir de Setembro para eſta jornada parece mais ſeguro, para o que ſe póde temer dos Eſtreitos de Suez, e Baſſorá, de que ao tal tempo haja recado; que dos cercos da India das Fortalezas, naõ tenho iſſo por taõ ſó, que humas, e outras ſe naõ ajudem, e ſoccorram.

Viſ. Levar-me-ha noſſo Senhor á India, e entaõ de mais perto, conformando-me com o tempo, me determinarei no que for mais proveitoſo a bem da terra, por conſelho daquelles que o melhor entendem.

Sold. Em quanto V. S. iſſo fizer, fico que erre poucas vezes ou nenhuma; porque os Viſo-Reys naõ erraõ nas couſas, ſenaõ por haverem por fraqueza tomar conſelho.

CAPITULO XVIII.

Da Carga da Pimenta.

Viſ. JÁ ouviſtes dizer: *Quem pergunta, ſaber quer*: e por iſſo naõ vos pareça (*a*) querer taõ miudamente por vós ſaber das couſas da India; e do trabalho que niſſo vos dou ficais pago, por vos ter em taõ boa conta, que creio de vós, que em tudo me fallais verdade conforme ao que naõ ſaõ os homens mais obrigados. Bem tendes ſabido, que a couſas da India em que mais ſe põe os olhos he na pimenta, pelo intereſſe e proveito que della ſe eſpera, a qual ha já annos que tarde, e mal pouca vem a eſte Reyno, e tenho entendido, que os Viſo-Reys, em cujo tempo correo

(*a*) Aqui falta huma palavra.

réo esta cousa mal, que nenhuma outra que fizessem na India em seu tempo, por boa que fosse, deraõ com ella perfeito gosto de seu serviço ao seu Reyno.

Sold. Portugal he como ostra, naõ se póde comer sem pimenta; e he muita razaõ, que do Viso-Rey que se descuidar da carga da pimenta, por ser cousa taõ importante ao bem deste Reyno, donde depende a conservaçaõ do Estado da India, nenhuma outra cousa basta para S. Alteza ter gosto do seu serviçó; porque claramente parece que por descuido, e querer entender em outras cousas em que menos vai, deixaõ de acudir ao negocio da carga.

Vis. Eu muito folgaria, que em meu tempo resuscitasse este negocio, que já neste Reyno temos por morto, e queria muito acertar-lhe a junta: e pois em tudo o que até aqui pratiquei comvosco, me tendes mostrado de vós quam corrente nos negocios da India vos tem feito os muitos annos que nella andastes, bem creio que tereis tambem parecer nesta cousa da Fazenda, e carga da pimenta; e como em todas as outras cousas que praticámos mo tendes dado, e por isso vos rogo que me digais esta cousa; donde vem marcar (*a*) a tantos, havendo agora na India mais pimenta que nunca houve; porque a estima della a fez crescer, e a terra donde alcançarem se (*b*) os naturaes della a semeala, pelo proveito que disso tem segundo todos dizem.

Sold. Esta cousa realmente passa como V. S. diz, e bastava essa razaõ para haver tanta pimenta, como sempre houve para a carga deste Reyno; mas houve neste tempo outra cousa que o estorvou, que foi o descuido que os Viso-Reys, e os Governadores tiveraõ na devacidaõ, que os homens tinhaõ em tratar nella sem serem castigados; e como S. Alteza teve muita, quando foi dos homens, naõ teve nenhuma, e veyo a cousa haver-se por taõ pouco prejudicial ao serviço delRey, que querendo hum Governador proceder contra os homens, que constava por devassas tratar em pimenta, foi aconselhado, que pelas taes culpas naõ procedesse, e perdoasse aos culpados livremente, e cuido que assim o

(*a*) Este lugar está viciado.
(*b*) Deve esta palavra ser *lançarem-se*.

o fez, dando por razaõ, que ſe deſtruiaõ ametade dos homens, e por aqui verá V. S., que ainda que digaõ mal delles, ainda ha virtuoſos, e de bom reſpeito, como ſe moſtráraõ neſta couſa.

Viſ. Bem me eſtá iſſo, ſe pela ventura naõ fizerem deſſa virtude fazenda para a venderem no perdaõ dos culpados; mas ſe iſſo me aproveitar no meu tempo, hei de trabalhar por evitar eſſa devacidaõ em que os homens eſtaõ poſtos, de todos tratarem em pimenta, e tambem me dizem, que ajudará niſſo muito a paz do Samorí, e amigar-me com eſſes Reys, e Senhores de Malavar, de cuja terra nos vem a pimenta, e ſe aſſim he, podeis crer, que nada me ficará por fazer do que entender, que poſſa aproveitar para eſte negocio da carga correr a meu propoſito; porque eu entendo muito bem quanto niſſo vai á minha honra, e contentamento, e o que mais entenderes que niſſo devo fazer; folgarei que mo digais.

Sold. O parecer que niſſo tenho he bem differente do que já tive, e naõ me peza nada nelle me deſdizer do que já muitas vezes diſſe, e approvei por bom; porque me tem provado a experiencia, que naõ eſtava de bom parecer, do que tinha para mim em cuidar, que huma das principaes couſas, que nos era proveitoſa para haver a pimenta, era a paz do Samorí: o que agora ſinto pelo contrario, que para tudo nos fez nojo a paz do Samorí, e para nada nos aproveita.

Viſ. Couſa que eſtá appróvada por tantos, bóas razões e efficazes vos he neceſſario para fazer a voſſa boa.

Sold. Quero provar a V. S., como a paz do Samori nos he muito danoſa, e nada aproveita; e ſe for nas palavras comprido, ſeja a culpa de V. S., pois me quer dar orelhas; que eu naõ tenho tanta eloquencia, que em poucas palavras poſſa dizer muito: e fundo minha má razaõ em eſta; que ſe veja em eſte Reyno por as cartas geraes da India, ou os livros das cargas das Náos, que da India vieraõ com pimenta, a que foi mandada de lá nos annos em que tinhamos guerra crua de fogo, e ſangue com o Samori; e no tempo da paz vinha menos.

Viſ. Se iſſo aſſim he, naõ póde ſer mayor graça, nem mayor engano do em que eſtaõ poſtos os mais dos homens, e cuidaõ que podem fallar na India.

Sold. A prova desta verdade está tomada ás mãos; veja-se; e com isso me lanço de mais razões.

Vis. Ora naõ vos quero contradizer, senaõ que seja assim o que dizeis; e que razaõ me dais para isso poder ser, e poder crer sem admiraçaõ, que a paz do Samorí nos seja danosa, e a guerra proveitosa?

Sold. No nosso descobrimento da India, e contrataçaõ, e commercio nella de pimenta, duas nações de homens recebêraõ perda, convem a saber os Venezianos, por cuja maõ corria para os lugares, que agora tem da nossa, com o qual contrato tinhaõ feito o seu Senhorio poderoso, e rico com tal ordem, e conselho, que era para se haver mais inveja desse, que dos proveitos: os outros foraõ os Mouros, e Malavares da Costa da India, que eraõ os que por mar lhes levavaõ a pimenta pelo Estreito de Meca: daqui nascêraõ duas cousas, perda, e inveja aos Venezianos desta nossa conquista, e terem guerra comnosco os Mouros Malavares, para negociarem sua fazenda com maõ armada, como fizeraõ muitos annos, na qual perdêraõ sua força assim no mar como na terra, que sendo muitos, e muito poderosos, e havendo entre elles muito grandes Capitáes, e povo rico, que á sua custa faziaõ a guerra, veyo a cousa a tanto escahimento, que em todo o Malavar senaõ póde agora achar hum Mouro, que só possa armar hum Navio quer para a guerra, quer para fazer fazenda, nem ha homem, que tenha pessoa para o tomar o povo por seu Capitáo; porque, como V. S. sabe, os Reys saõ Gentios, e seus naturaes, e naõ saõ homens do mar; por onde o Samorí naõ punha mais cabedal na guerra que nos fazia, que dar a licença para ella; porque lhe davaõ os Mouros; e como a guerra de tantos annos os cançou com tantas perdas de armadas, mortes de muita gente, perda de muita fazenda, e ja de todo fracos e desbaratados, deixáraõ as armas confessando sua fraqueza; donde veyo que o Samorí, como perdeo o interesse dos Mouros por nos deixar fazer a guerra, folgou com a paz de que ao presente tem mayores proveitos, e com menos trabalho; porque no tempo da guerra lhe davaõ na sua costa vinte cinco, e trinta navios de remo todo hum veraõ, com que naõ sómente lhe naõ podia sahir da terra huma vazilha de pimenta; mas ain-

ainda paſſear naõ podiaõ: como teve com noſco paz, logo ſe lhe tirou a guarda da coſta, e lhe ficou mui corrente mandar toda a pimenta, que quer ao Eſtreito por ſi, e por ſua avença ſem ſerem naturaes, como temos (*a*): aſſim faz ſua fazenda, e muita guerra com os Navios ſoltos que andaõ a furtar, os quaes cada anno nos tomaõ tres, quatro, cinco Navios noſſos, e nos tomaõ muitos homens, e fazem muita preza ſem haver mais couſa que dizer, ſenaõ: *no meu perdeo Maria o ſeu* (*b*), ſem haver quem os caſtigue; donde os homens já mais ſendo do que eramos antigamente temidos delles, e das offenſas, que nos fazem ſem os Viſo-Reys acudirem a ellas, como he razaõ, vem a crer de nós, que procede de fraqueza noſſa, por onde nos em tudo vaõ perdendo a obediencia, e cortezia; e ainda deſta paz naſceu outro mal mayor para nós, ſe o mal naõ entendo; que com a paz que aſſentámos com o Samorí, o repuzemos em ſeu eſtado perfeito conforme a ſeus coſtumes antigos; porque o Samorí por linguagem Malavar quer dizer Imperador, e mayor entre os Reys Malavares, a quem todos por ſuas antigas Leys, e coſtumes devem obediencia, e ſerviço, e acatamento, com lhe conhecerem ſuperioridade; eſta lha naõ tinha a mayor parte dos Reys Malavares, que com a guerra que com elles tinhamos eſtavaõ da noſſa parte; porque he natureza dos homens ſer da parte dos que mais podem; e favoreciaõ a parte delRey de Cochim ſeu inimigo, porque eramos da ſua parte por obrigaçaõ, e ſomos: tanto que por contrato da paz ficou noſſo amigo, naõ lhe ficou mais que fazer, que confederar-ſe com os Reys Malavares, e perfilhar-ſe com alguns nos Principados da terra, conforme os ſeus coſtumes. Como agora eſtá tirando com ElRey de Cochim, donde vem ter todos da ſua parte, de tal maneira, que naõ podemos ter guerra com elle, que naõ ſeja com o poder de todos; nem com nenhum em particular, porque o Samorí naõ acuda, nem ſeja com todo o ſeu poder, e de ſeus amigos contra nós; aſſim que nós com a noſſa paz o puzemos no eſtado que a elle pertencia,

(*a*) Aqui ha falta no manuſcrito, como ſe vê.
(*b*) O manuſcrito tinha *nem eu, perdeo* &c.

em que nunca póde ſer poſto de tantos annos a eſta parte.

Viſ. Por amor de mim, que me deis a entender iſto por mais breves, e claras palavras; porque com as que me tendes dito algum tanto eſtou confuſo.

Sold. Como naõ cahe V. S. neſta couſa que digo? naõ ſe vio na guerra de França com Heſpanha, em quanto ella durou, muitos Senhores, que por ſuas antiguidades deviam obediencia ao Rey Francez, ſerem da parte do Imperador por neceſſidade, ou má vontade, e tanto que neſtes poderoſos Principes houve paz, tornáraõ a ſervir, e a obedecer ao Senhor a quem deviaõ ter obediencia, e confeſſar vaſſallagem? pois aſſim pinte V. S., que aconteceo ao Samorí com a noſſa paz, que ficou por quieto, pacifico, e obedecido de amigos, e inimigos que tinhaõ por noſſo reſpeito; e mais direi, que o temos feito rico, e Principe poderoſo, de nos naõ temer. E, para fazer boa a minha razaõ, contarei a V. S. o que o Governador Garcia de Sá, nas ſuas pazes, que fez com o Samorí, lhe concedeo, que dando carga de pimenta em ſua terra para duas Náos, ſegundo minha lembrança, pudeſſe mandar nellas a ſeu riſco a eſte Reyno certos quintaes, e a valia delles lhe foſſe de cá empregada no que elle quizeſſe, o qual contrato ElRey, que eſtá em Gloria o approvaſſe; e ſobre as condições delle houve conſelho, e ſe naõ quiz conformar, dando razaõ, que nos naõ vinha bem dar a goſtar ao Samorí os proveitos da pimenta, nem fazelo rico, pois que eſtando pobre, e ſem amigos nos dava tanto que fazer com ſua guerra: o que eſte parecer deu, fallou por ſua boca o Eſpirito Santo, o que nos era neceſſario; mas aproveitou pouco; porque ſe aproveita da noſſa paz para ſe fazer rico, e ſeus vaſſallos, e de noſſo deſcuido por nos fazer a guerra pela maneira, que tenho dito a V. S. Ora pois iſto he verdade, como o he, ſe no tempo em que naõ era obedecido dos mais dos ſeus vaſſallos, ainda aſſim arreceavamos a vinda dos Rumes á India, ſendo ajudados delle, e da ſua gente, e Navios, quanto com mais razaõ a deviamos agora temer, pois com noſſa paz o temos feito rico, poderoſo, obedecido dos mais poderoſos Principes Malavares, ſegundo ſeus coſtumes de tal maneira,

ra, que com razaõ podemos dizer, que lhe demos armas contra nós, e que ſua paz nos he, e foi danoſa, aſſim para a carga da pimenta em quanto vai, como para o mais, que de taõ poderoſo Principe, e pouco amigo ſe deve temer? Por onde eſtou eu melhor com ſua guerra ſe lha quizerem fazer, como fizeraõ aquelles antigos, e bons Governadores paſſados, em cujo tempo neſte Reyno ſobejava a pimenta com lhes desfazerem ſuas forças, e Eſtado com muitas victorias, que lhes Deos deu delle por mar, e terra, como V. S. terá ouvido.

CAPITULO XIX.

Da deſpeza que faz a noſſa Armada no Mar.

Viſ. HUma das couſas que ſe ſente muito neſte Reyno, e em que ſe falla, he na groſſa deſpeza que faz o Eſtado da India com ter Armada no mar: donde vem, que ordinariamente ſe gaſta o tempo, e a Fazenda de S. Alteza no concerto della, como ſe ſerviſſe, dando por razaõ, que aſſim he neceſſario tella preſtes para eſtar mais a ponto de guerra, acertando de vir a Armada do Turco, porque ſempre ſe eſpera, para lhe ſahir ao encontro com mais preſteza; e com eſta eſperança de ſua vinda della, nos fazem a guerra com fazerem ao Eſtado ter groſſas deſpezas, ſem ſervirem de mais, que de eſtarem os Navios apodrecendo no rio, e comendo-ſe do guzaro (*a*), ſem haver quem a eſta couſa poſſa dar outro remedio, e cá niſto, pelo que tenho ouvido, ſou do parecer de todos: naõ ſei como eſtais na ordem que ſe niſto tem.

Sold. Sou de contrario parecer; porque vi ſempre eſtar apodrecendo a Armada no mar, pelos reſpeitos que V. S. diz, e o mais neceſſario eſtava em Gibraleaõ; e páos naõ pelejam: que aproveita ter Armada no mar, ſe os mantimentos eſtaõ em mão de noſſos inimigos, e naõ no Almazem de S. Alteza, e os biſcoutos eſtaõ por

(*a*) Aſſim chamaõ na India o que nós chamamos *guzano*.

por fazer; e ha mifter quatro mezes para fe fazerem, e as cotonias para as vélas eftaõ em Cambaya, e o cairo, e azeite no Malavar, e os Marinheiros por Bengala, e pela China, e Ormuz, e para os Navios de remos os remeiros na terra do Idalcaõ, ou do Nizamaluco, e no Malavar, donde viráõ fe quizerem, ou os deixarem vir feus Principes; e as amarras, popiliames, enxarceas, vélas, e outras coufas neceffarias, nunca nenhumas eftam tanto a propofito, que os Navios naõ efperem por ellas tanto tempo, quanto abafte para fe botar a Armada ao mar, ainda que efteja toda varada: e eftando, efcufaria S. Alteza melhoria de quarenta mil pardáos por anno que fe gaftam em remendala, e por derradeiro, nunca os Navios eftaõ taes, que eftejaõ para fazer huma jornada comprida.

Vif. A lotaçaõ de quarenta Navios groffos parece que ha mifter muito tempo, e naõ póde fer taõ preftes como vós podeis cuidar.

Sold. E affim o confeffo: fe na Ribeira de S. Alteza naõ houver mais que huma envafadura para caravelas, e outra para galeras, como ha, e ainda podres, que fe fará iffo de vagar; mas fe houver quatro para Galeões, e quatro para Caravelas, que naõ podem cuftar a cinco mil pardáos; e houver os curadores, que para elles laborarem faõ neceffarios, fico a V. S., que dentro em hum mez tenhaõ toda a Armada pofta no mar, e toda efta muniçaõ nova eftará guardada para o tempo do mez ter com menos cufto, do que cada anno S. Alteza faz no máo concerto de fua Armada; porque tendo na fua Ribeira o neceffario, gente para a lotaçaõ della dita Armada lhe fobeja em Goa, naõ fallo nos Portuguezes com fua efcravagem, que he muita, fenaõ no povo da terra, e ha vinte mil homens dentro em hum dia, e cada dia que faõ neceffarios: quando efta coufa correr defta maneira fe poupará da Fazenda de S. Alteza o que fe gafta, e naõ eftaria cada dia lançando dinheiro no mar, e com o que fe nifto poupaffe, que he huma boa cópia de dinheiro cada anno, fe podiaõ prover os Almazens, e munições de muitas coufas neceffarias para a guerra, que eftiveffem juntas, e a propofito para fervirem, e naõ fe pedirem a partida no tempo neceffario por ef-
pe-

perarem humas cousas pelas outras, como muitas vezes acontece.

Vis. Tambem isso que dizeis se pratíca, e alguns homens que dizem, ainda naõ fôra inconveniente estar Armada varada por razaõ da presteza com que se deve acudir aos Turcos passando á India, dam por razaõ, que varada tambem se damnificam muito os Navios, por onde ham por melhor, já que se damnificam tambem em terra, estarem no mar, porque assim está mais prestes.

Sold. Essa razaõ dala-ham patrões, homens do mar, officiaes da Ribeira, que da perda de S. Alteza tem proveito, e comem do lavor da Ribeira, e tem razaõ; porque ainda que isto assim naõ fôra, só por se fazerem necessarios lhes convinha fazer sua razaõ boa para lhes darem de comer, e pagarem o que S. Alteza lhes manda dar, do que ainda servidos saõ mal pagos. Contarei a V. S. outra mayor graça, que os Navios que estaõ apodrecendo a quatro amarras, surtos no Rio, vencem os officiaes delles como se fizessem caminho, e alli tem sua despeza de quem as vigia, e dá á bomba os que fazem agua; mais direi: ha Navios que estam varados por naõ terem corregimento por os Mestres da Ribeira sentenceados á morte, e serem desfeitos para a casa da Fundiçaõ; e em quanto se naõ faz a execuçaõ nelles, o Mestre, e Contra-Mestre vencem de vazio; e prouvesse a Deos que estes taes officiaes fossem bons marinheiros! que ainda haveria por bem empregado o pão de S. Alteza nelles; pois as Galés que nunca servem, e estam varadas, por serem Navios de de remo, aos seus Comitres a mesma paga se lhes faz.

Vis. Tudo creyo que assim he, como dizeis, que tanta fé tenho em vossa palavra; mas ahi naõ ha cousa, por má que seja, que naõ tenha huma razaõ boa, e desculpa por seu fundamento.

CAPITULO XX.

Das Tercenas, e cobrimento da Armada.

Sold. A Mim ninguem me póde negar, que no que digo a V. S. fallo verdade, por onde mostro por elle, que a mais da despeza de S. Alteza he morta, e sem nenhum proveito: pois que diremos d'outro mayor descuido (*a*) passa de trinta e cinco annos, que a força do Estado da India; porque do tempo atraz, como o mais do negocio fosse o da carga da pimenta, e Armadas pelo mar de Cochim se fazia a tudo; e deste tempo que o Estado, e Armada se passou á Cidade de Goa, vejam os livros dos Contratos que se fizeraõ do cobrimento da Armada de S. Alteza, fico que se achem dez pezos mais de trinta mil pardáos, os quaes se dispendêraõ todos em cannal, e olas de palmeiras, que he para fogo a mais fina polvora que póde ser, e bem se vio no tempo do Governador Francisco Barreto no fogo que deu na Ribeira, e todos os annos se faz esta despeza; e por aqui verá V. S. como todos os que vaõ governar a terra mostram o pouco amor, e proveito que tem ao bem della, que com o que he gastado em palha, para melhor se poder queimar a Armada, fôram feitas humas tercenas de telha, em que estiveram Gallés, Caravélas, e outros Navios de remo muito novos, concertados, e seguros de todo o desastre; e se para os Galleões grossos, e Náos (*b*) fôra trabalhoso, nelle mesmo se armava o cobrimento de telha, que por serem peças poucas naõ fôra tanto trabalho: e desta maneira naõ tiveramos o perigo na Armada, assim de nossos inimigos, como do que podia acontecer entre nós, e escusáram-se as despezas que ElRey tem da guarda da Ribeira, e as vigias do inverno da nossa gente com Capitães, que andam a quem gastará mais vinho, fazendo da propria vigia o perigo; e porque todos vem ao olho, e confessam que

---

(*a*) Estava o manuscrito defeituoso neste lugar.
(*b*) Parece faltar aqui a particula *naõ*.

que ſe deve acudir neſtas couſas, huns como chegam logo cordeam a Ribeira, e vem que tercenas cabem nella, porque parece couſa proveitoſa ao Eſtado, e ſerviço de S. Alteza fazerem-ſe; outros tratam de fazer molhe onde os Navios eſtejaõ metidos, varados, e que em huma maré fiquem no mar com os vir tomar agua, onde eſtam para ſe eſcuſarem, e eſtarem no mar apodrecendo, como eſtaõ; donde depende taõ groſſa, e ordinaria deſpeza á fazenda de S. Alteza, e tudo iſto praticado, e viſtos os muitos proveitos que traz a tal obra, vem Setembro, e acabam-ſe os tres annos; e o tempo naõ deo lugar a mais, que a fallar, como accidente apreſſado, que naõ deo eſpaço ao paciente a mais, que a confeſſar-ſe. Oh quantos males padece o Eſtado da India por eſtes tres annos do governo, que naõ digo, e bem ſe ſaberia dizer, ſe quizeſſe, e preſtaſſe para mais, que para eſtar eſganiçando na trélla em couſas, que naõ cabem em minha juriſdicçaõ, nem ſaõ de minha profiſſaõ! mas porque deſejo o ſerviço de S. Alteza, e bem do Eſtado da India, e que V. S. preceda a todos os paſſados, lhe faço lembrança, que o remedio de todas eſtas deſventuras, a que até hoje ſe naõ acudio, como ſe pudera fazer, tem Deos noſſo Senhor dado muito a noſſo propoſito, e como nos he neceſſario, ſe nos quizeſſemos aproveitar delle, como aquelle que tem de ſua mão o Eſtado da India para o acreſcentar na converſaõ dos infiéis, e ſalvaçaõ das almas, por cujo amor veyo ao mundo, e padeceo morte de Cruz; e como claramente ſe vê, pela converſaõ dos infiéis, debaixo da doutrina dos virtuoſos Padres da Companhia, Dominicos, e Franciſcanos, que neſta obra ſanta ſe tem repartidos, que parece, ſegundo eſta obra ſanta vai em creſcimento, que ſe moſtra Deos noſſo Senhor vingativo, ſendo miſericordioſo, e piedoſo, e com ella quer envergonhar, e confundir as hereſias, e más opiniões dos Lutheros, e dos que ſeguem ſua má doutrina, moſtrando-lhes, que no tempo em que elles por ſeus peccados ſe ſahem do regaço da Santa Madre Igreja, e curral de Chriſto, em que ſempre vivêraõ por herança, e por ſua Fé, e dos ſeus paſſados, e leite que mamáraõ nas tetas de ſuas mãis, arrebenta o amor, e o fervor do Senhor Deos em Gentios, e Mouros, a quem po-

podiamos chamar com razaõ Caim, por naõ ſer licito dar-lhe o páo dos filhos: ſeja elle muito louvado por taes ſegredos ſeus, que naõ eſtá em engenho, nem entendimento humano alcançalos!

Viſ. E em que nos tem Deos por ſua bondade provído, como dizeis?

Sold. Em nos ter dado a Cidade, e terras de Baçaím, que por rendimento, e o melhor da India tem S. Alteza cem mil cruzados de renda, grande terra, e juriſdicçaõ abaſtada de todas as couſas neceſſarias para o bem da terra, e defensão do Eſtado da India; muita madeira barata, e a melhor que ſe póde achar em todo o mundo; muitos carpinteiros, muitos ferreiros, muitos marinheiros, muito azeite, todas as mais couſas, que fazem ao propoſito da guerra, tem em ſi, e de redor de ſi, em tanta abaſtança, que he couſa muito de notar: mais tem, que faz ao meo propoſito, em ſi limite, porto, defensão de rio, onde creſce tanto o enchente, e mingua tanto o vaſante, que ha maré para toda a noſſa Armada, por ſua natureza em parte que fique varada; e com pouco trabalho ſe póde tapar, de maneira, que nunca mais entrem os Navios ſenaõ quando cumprir, em quatro marés ficarem todos no mar, como he neceſſario; aſſim que á nada terra, e das terecenas das aguas nos fazem molhes (*a*), que para a noſſa Armada he neceſſario fazerem-ſe com tanto cuſto.

Viſ. Pois iſſo eſtá entendido como praticais; como os Viſo-Reis naõ paſſaõ a Baçaim ſua Armada, e poder, pois tantos bens, e proveitos ſe ſeguem?

Sold. Pois ainda mais tenho que dizer; que quando ſe os Governadores paſſados paſſáraõ de Cochim para Goa, foi por entenderem, que cumpria muito ás forças do Eſtado, e ſegurança delle eſtarem com o ſeu poder ao Norte de todas as Fortalezas da India, e por iſſo ſe paſſáraõ a Goa; porque dalli para todas as neceſſidades que ſobrevieſſem, melhor, e com mais brevidade em tudo ſe pudeſſe ſoccorrer por razaõ dos tempos, que em todo o anno, aſſim no inverno como no ve-

(*a*) Eſte lugar, ainda depois de emendadas algumas palavras, em que ſe via manifeſtamente o erro, fica inintelligivel.

veraõ ferem mais para a parte do Sul, que para o Norte, como eftá claro, e manifefto: ora fe ifto entaõ parecia jufto, proveitofo, e neceffario, quanto mais nos ferá agora, que nos tememos das Armadas, e poder do Turco, que temos ao Norte de nós, onde temos Chaul, Baçaim, Damaõ, Diu, e Ormüz, e ao Norte de agua (*a*), fendo fortalezas em que eftá toda, ou a mayor parte da força do Eftado da India, e que eftaõ fempre com a pedra na maõ todos os Setembros; e tendo o Vifo-Rey com fua Armada por vifinho, naõ tem coufa que temer; porque a todos pode foccorrer em menos dias, do que os inimigos ham mifter para efpalmar, e limpar fua Armada, e fe pôrem em fom de guerra com nofco; deixo tambem de dizer, que tendo a noffa Armada varada, como nos he proveitofo para tudo, com muito pouco gafto fe póde ter avifo das armas do Turco quando lá fe fazem preftes, e com que poder, por Mouros, e Judeos, para nos entaõ apercebermos conforme a nova.

Vif. Tudo iffo fe póde fazer; mas eu tenho por mais feguro, pela razaõ que me dais, paffarem-fe os Vifo-Reys com feu poder a Baçaim: e pois ifto eftá affim entendido, naõ fei que razaõ daráõ porque o naõ fizeraõ pois niffo proveitaõ tanto no que lhes cumpre?

Sold. Naõ o fazem; porque Goa he outra Lisboa em nobreza, e delicias, e os que ifto ham de aconfelhar, apartarem-fe de Goa fentilo-ham tanto, como apartarfe a alma do corpo da carne, e fuftentaõ a coufa a maneira de jogo de *douxolo vivo*, e caia a má forte em quem cahir, que a effe rifco eftaõ; poftos porém os olhos nos feus intereffes mais que no bem commum.

CA-

(*a*) He como fe achava no manufcrito.

CAPITULO XXI.

De sustentar Damaõ.

Vis. SE essa mudança do estado de Baçaím he proveitosa a nós, eu confio em nosso Senhor, que dará vontade a S. Alteza para mandar que se faça; porque naõ faltaráõ homens zelosos de seu serviço, e do bem da terra, que lhe faraõ disso lembrança com verdade: e eu quero saber huma de vós; porque agora no Conselho de S. Alteza anda na furia se nos será cousa proveitosa, e possivel sustentar a Cidade de Damaõ com suas terras, de que o Viso-Rey D. Constantino tomou posse por virtude dada, que de tudo se faz a S. Alteza pela maneira que vistes, pois vos ouvi já dizer, que foreis presente a tudo; porque ha differentes opiniões de homens, que huns dizem, que se deve largar, e outros sustentar, e humas, e outras razões naõ saõ taõ singulares, que se naõ possa homem affeiçoar a ambas as partes, e quero ver, qual dos bandos seguís, e a razaõ em que fundais vosso parecer.

Sold. Para eu dar o meu a V. S. nesta cousa, parece que houvera de ser com ouvir os que foraõ de contrario parecer do meu, para lhe conceder sua razaõ, se fôra melhor que a minha; mas assim de montaõ, pois o mais naõ pode ser, direi a V. S. o que entendo, como fiz em tudo o mais que me tem perguntado: se V. S. quer saber se podemos ter o Estado das terras de Damaõ com boa consciencia, isso pergunte a Theologos, e naõ a mym; porque lhe responderei o que disse ao Bispo de Goa D. Joaõ de Albuquerque, que era muito meu Senhor, e eu sou seu servidor, queixando-se de como as mais das cousas, que se faziaõ no Estado da India, nos naõ succediaõ bem como se esperavaõ, lhe respondi: » Sabe V. S. donde vem erra» rem-se as mais das cousas nesta terra? he de toma» rem o conselho de mim se hiraõ saquear Ceilaõ, que » como Soldado digo, que sim, pelo que pretendo de » haver da preza, e tomarem conselho com V. S., se

» hire-

» hiremos a Sués queimar a Armada do Turco, que ha » de ficar em Goa, e naõ ir lá quem da guerra tem ex- » periencia: » Quando se tomar nas cousas conselho com os homens, que dellas mais sabem pela experiencia que tem, fico que em poucas se erre, nem haja máos successos, se por nossos peccados os naõ mereçamos a Deos para nosso castigo, e emenda; e assim que do titulo com que possuimos Damaõ, e suas terras, naõ tratarei se he justo ou naõ; porque naõ sou Procurador delRey de Cambaia, nem delle por direito no-las ha de demandar; porque nas cousas desta qualidade está o direito da posse dellas nas Armadas; mas fallando a V. S. como Soldado da guerra, homem da India de tantos annos, certifico-lhe, que o Reyno de Cambaia entre os Reys da India he hum Imperio em grandes terras, em rendas, e em vassallos poderosos, e tirando o poder do Turco, desde que a India he dos Reys de Portugal, outra cousa naõ temos senaõ o poder delRey de Cambaia, ou por melhor dizer Rey de Guzarate, e este he o seu nome proprio, e nós chamamos-lhe Rey de Cambaia por razaõ da Cidade de Cambaia, que entre nós tem tanto nome por este Rey ser poderoso de gente de pé, e de cavallo, e poderoso no mar com suas Armadas, que Deos por sua bondade permittio, que o tempo desfizesse com novas guerras, e outros inimigos divisos em si mesmo, com quem tem ao presente o poder do Reyno partido em muitas partes com morte de seus Reys naturaes, e possuido por Capitáes, e senhores pouco amigos huns dos outros com se conservarem, que querem ter Rey de taõ tenra idade, que o possaõ elles ser cada hum em suas terras sem sentirem superior; pelo que tanto que os Reys vem a quererem governar, lhes ordenaõ as mortes, e fázem outro qual lhes he necessario para tiranicamente possuirem o que tem; donde nasceu, que destas cousas todas, e principalmente da divisaõ entre elles, conforme as palavras do Evangelho, está todo o Reyno destruido e desolado de todas suas grandezas, e riquezas, e poder desfeito, como o fôraõ outros grandes Estados, a que a fortuna naõ consentio permanecerem por muito tempo; e está a cousa por vontade de nosso Senhor, de maneira, que por nossa falta, e pouco poder naõ temos huma grande parte do Rey-

Reyno de Cambaia, que o tempo no-lo eſtá offerecendo: por onde eu ſou de parecer, que as terras de Damaõ ſe devem ſuſtentar, e fazer a Cidade forte ao menos com a Fortaleza boa, e por agora a Cidade, em quanto ſe mais naõ puder fazer, eſteja com a a cerca de fangina, ſe aſſim ſe chama, porque eu naõ ſou Francez para lhe ſaber o nome, que como Portuguez lhe chamo tranqueira de madeira, e naõ muito forte, nem defenſivel; porque o ſitio da Cidade de Damaõ he de arêa ſolta, donde veio a obra naõ ter a perfeiçaõ, que em outras partes, onde ſe fazem; e eu pûs aos baluartes hum nome, que lhes ficará por alguns annos, relogios de arêa; porque como a arêa corre toda para o chaõ, donde he neceſſario cada anno virar os baluartes, como relogios, ou com ceſtos tirarem-lha dos pés, e lançarem-lha pelas cabeças para ficarem entulhados: tem mais as terras de Damaõ huma couſa que ſerve muito, que no inverno de Maio até Setembro, e parte de Outubro nos naõ podem fazer guerra por toda a terra por ſer alagadiça, e de rios eſtreitos, e apaúlada, aonde naõ póde entrar gente de cavallo nem de pé ſenaõ com muito trabalho, pois a guerra que nos fazem de veraõ naõ póde ſer perigoſa pelos ſoccorros, que teraõ de Baçaim, Chaul, e Diu, que ſaõ taõ vizinhos, que de Diu ſaõ dezoito leguas por mar, e de Baçaim vinte e tantas, e de Chaul trinta, e todo eſte caminho ſe anda em duas marés, e guerreando-nos Damaõ, e ſuas terras, como for algum ladraõ, logo ficaõ de guerra com noſco pelo mar, em que recebe muito mais perda por anno, do que montaõ os rendimentos de Damaõ, ſe pertenderem de os haver: as terras de Damaõ ſaõ as ſuas minas de madeira; tanto que foraõ noſſas, claramente vemos, que enfraquecêraõ das forças do ſeu Reyno, pois que a ham de haver de noſſa maõ; e ſabe V. S. como iſto he verdade, e como lhe temos a madeira da noſſa maõ, e que de nenhuma parte a podem haver, que os noſſos que lha levaõ a vender, fazem de hum tres em caminho de quinze e vinte leguas.

Viſ. Naõ he eſſa má Capitanía para fazer hum Capitáo rico.

Sold. Aſſim todos os Capitáes de Damaõ, he huma das melhores colheitas, que tem o Reyno de Cambaia para

ra

ra huma Armada do Turco, donde eſtará muito a propoſito para nos fazer guerra, e com ter todas as couſas neceſſarias para ella em muita abaſtança, e com a termos fortificado da noſſa maõ, naõ lhe fica outra em todo o Reyno de Cambaia, que lhe ſirva ſenaõ Cunhate, que eſta razaõ he parte para o naõ largar, e que naõ foſſe por mais, que naõ moſtrar fraqueza, ſe devia ſuſtentar, pois a terra dá para as deſpezas da gente; eu vi em todas as terras de Damaõ, eſtar nellas bom alojamento para Cavalleiros de Africa, dos lugares que ſe deſpejáraõ, em que eſtariaõ melhor empregadas as comedías, que em alguns que as tem; porque os mais delles naõ ſaõ homens que ſirvaõ para a guerra de cavallo, porque ſe naõ creáraõ nella; e creyo, que ſe o Conde Viſo-Rey, que na India eſteve, as tivera viſto, antes tomara eſtar nelle como em Arzilla, que o cargo que ſervio era tal, que ſe lhe naõ deve haver inveja delle; fico, que eſtando nelle com quatrocentas lanças, em pouco tempo foſſe ſenhor de outra tanta terra, e mais renda aſſim do Reyno de Cambaya, como da terra d'outros Capitáes, que em favor da terra em que eſtaõ, por ſerem matos e ſerras, ſaõ ſenhores por ſi, tendo pouco poder, aos quaes tenho por couſa muito certa ſerem desfeitos, ſabendo-lhes fazer a guerra como o Conde Viſo-Rey ſoubera, pois nella ſe creou; mas como eſtas, e outras boas emprezas ſe perdem á mingua, e as mais das couſas da India ſe reſolvem em fazenda, nas armas ſe faz pouco ou nada, pelo que até agora naõ ſahimos com os pés d'agoa, e nenhumas razões que tenho dado, me parece que baſtaõ para ſe ſoſter Damaõ, ſenaõ naõ querer ſer o que o deſpeje; porque aſſim fôraõ as terras firmes de Goa, que temos por noſſas, como a propria Ilha de Goa.

Viſ. Póde ſer que o proprio tempo nos obrigará a fazer noſſa couſa ao contrario, do que alguns ſentem pelas razões que apontaõ.

Sold. Couſa he eſſa que acontece muitas vezes; porque, como dizem, o tempo faz, e desfaz as couſas.

CA-

CAPITULO XXII.

De tratarem os Viſo-Reys.

Viſ. OFferecem muitos Mercadores fazenda para levar a partido, convem a ſaber eſcarlatas, e pannos de toda a ſorte, e ſedas, e outras couſas em que parece que fará proveito; levalo-hei ſe vos parecer, que terá iſto deſpeza lá na terra com ganho.

Sold. Certo eſtá, que os Mercadores teraõ ganho com tal feitor, qual eſcolhem para a venda de ſuas fazendas; mas V. S. perderá, e naõ havia de aceitar tal negocio; porque diz o exemplo: *Tir-te lá ganho, naõ me dês perda.*

Viſ. Porque iſto naõ he moeda, que corre pela terra, e que todos fazem tomar fazendas fiadas a partido para levar, e quando o naõ fazem ainda querem ſeus parentes, e amigos, que lá ſejaõ ſeus feitores.

Sold. Deſſes taes guarde Deos a V. S.! e lembre-lhe, que deſta mercê que lhe fez S. Alteza, lhe tem inveja ſeus inimigos, e alguns de ſeus amigos, e que o ham de andar eſpiando, como o demonio fez a Chriſto para o maſcabarem em ſua peſſoa, e honra; porque eſta he a natureza da inveja; e o Governador Lopo Vaz de Sampayo foi Capitáo Geral, e Governador da India a pezar de ſeus inimigos, e alguns de ſeus amigos; donde parece, que quem eſtá poſto em cargo ſe deve vigiar de ſeus inimigos, e amigos neſte Reyno, afóra o que deve recear da gente da India, que he taõ chocalheira, que nada lhe fica por dizer; e oxalá naõ digaõ ſenaõ o que he! que ſeria menos mal; porque D. Henrique de Menezes foi deſte Reyno por Capitáo de Ormûz, e por Capitáo de huma Náo, e levava ſete ou oito mil cruzados de fazenda, da qual ao tempo, que foi eleito Governador por ſucceſſaõ, a naõ tinha vendida por haver treze mezes, que chegára; mas tanto que foi Governador, mandou fechar a fazenda nas caxas em que fôra do Reyno, e mandou que nada ſe vendeſſe, e ſahindo da Armada, huma velha Portugueza, que deſte Reyno levára, abrio

abrio as caxas, e ſoalhou as fazendas ás janellas, e ſendo diſſo ſabedor quando veyo a botou fóra de caſa, dizendo; que nas janellas dos Governadores naõ havia de haver outra fazenda a ſoalhar, ſenaõ armas, e Fidalgos, e Cavalleiros; por ſua morte foi achada toda a fazenda comida de bicho, e taõ maltratada, que ſe perdeo nella, ganhou muito em ſua honra, e naõ lhe foi achado em ſua boceta mais que dous toſtões, e tudo o mais eraõ moldes de cera, e de mantas, eſcadas, bancos pinchados, bateis, grandes padezes. E houve outros Governadores, que naõ ſómente nunca tratáraõ; mas que naõ ſabiaõ o preço da moeda da terra, que valia, como Lopo Soares. Pois D. Joaõ de Caſtro S. Alteza lhe mandou pagar dividas, que tinha poſto á entrada da porta eſtas palavras: *Nunquam vidi juſtum derelictum, nec ſemen ejus quærens panem.* Nuno da Cunha deixou por verba do ſeu teſtamento, que pela hora em que eſtava, naõ era obrigado a Sua Alteza em reſtituiçaõ, mais que duas moedas de ouro grandes, e antigas, que houvera em Dio, que levára para lhe dar, e que lhas deſſem, que nunca tratára na India; pois os que o contrario fizeraõ, poucos Morgados vemos a ſeus filhos neſte Reyno.

Viſ. Tudo iſto, que me dizeis, ſeria erro naõ dizer que he o bom; mas com a mudança do tempo ſe mudaõ as couſas: donde vem, que ſe os homens ſe agora veſtiſſem dos trajos antigos, zombariaõ delles, por quam galante ſe tem o trajo da mercazota deſte tempo; aſſim que conformar-ſe homem com elle he diſcriçaõ.

Sold. Ainda mal que veyo a ſer o mundo taõ máo, que houve por máo trajo a virtude! e V. S. tem razaõ no que diz, porque ſaõ os homens taõ amigos de ter, que com verdade ſe póde dizer, que o intereſſe triumfou ſempre de todas as couſas: donde vem que o Eſtado da India veyo a ter a natureza da corda, quanto mais ſe eſtende mais fraca fica; porque todos da Foloſa até o Grou trazem metido em ſeu peito o rifaõ, que diz: *A tuerto y a derecho haſta al trecho*; e vai a cubiça neſte Reyno de maneira, que naõ eſcreve de cá outra couſa á India o pay aos filhos, e o irmaõ ao irmaõ, amigo ao amigo, ſenaõ » Fazei por » trazer dinheiro, que o mais he vento; naõ vos en-

» ganem ſerviços famintos, porque por dinheiro havereis
» mercê; porque bem ſabeis, que diz o exemplo,
» *quanto tienes, tanto vales*: e ſe dereis huma enxada
» da na vinha delRey, dai doze na voſſa » : e eu vi
carta de hum Senhor deſte Reyno, que eſcrevia a
hum Governador, de poucas regras, e muito ſentenciosa,
e entre algumas palavras lhe dizia » Senhor,
» de meu conſelho, fazei por trazer dinheiro, prendaõ-vos
» logo. » Nos tempos paſſados em chegando
os homens à India preguntavaõ: qual era a Fortaleza
mais fronteira, ou quaes eraõ as Armadas, em que ſe
mais merecia para ſervir nellas? mas agora vai a cubiça
em tanto creſcimento, que em chegando perguntaõ:
quem ſe faz preſtes para a China, Japaõ, para
Bengalla, para Pegú, e para Sunda? e todos ſe vaõ
para lá, que faz crer, que virá a ſer o que dizem os
Mouros por nós: que ganhámos a India como Cavalleiros,
e a perdemos como mercadores.

CAPITULO XXIII.

Do damno que a China faz ao Eſtado da India.

Viſ. ASſim tenho ouvido dizer, que na China ſe gaſta
a mayor parte da gente da India.

Sold. Sabe V. S. quanto? que eſtando Joaõ Barreto em
hum porto da China, por Capitaõ mór, ſe achou em
hum Domingo com ſeis centos homens ouvindo Miſſa,
e vio virar (*a*) a peſſoa que eſtava preſente, que
cento naõ eſtavaõ ſem capas de eſcarlata, e depois
ouvi iſto a outras muitas peſſoas, que de todo o fez
crer, e cada vez vai a couſa em mais creſcimento;
porque além diſſo vaõ lá muitas a buſcar a vida, e a
morte: juntamente he hum valhacouto agora dos tocados
da enfermidade da Santa Inquiſiçaõ; donde daqui
a poucos tempos a India ſerá China, e já o fôra,
ſe a gente da terra quizera ter comnoſco mais
miſtica converſaçaõ do que tem; porque naõ querem
de

(*a*) He como ſe achava no manuſcrito, em que bem ſe vê que ha erro.

de nós, nem de nenhum eſtrangeiro mais que o commercio das fazendas, e que naõ façaõ aſſento na terra, e iſto he o porque a India já naõ he deſpedida; mas cedo ſerá, ſe he verdade o que dizem, que S. Alteza tem mandado Embaixador ao Rey da China aſſentar paz, e pedir lugar onde os Portuguezes façaõ aſſento governado por Capitão noſſo.

Viſ. E que proveito terá S. Alteza diſſo?

Sold. Di-lo-hei a V. S.: fazer cada tres annos hum Capitão rico de cento, ou cento e cincoenta mil cruzados, e do mais ficar pondo as linhas de ſua caſa, como faz em tudo; e ſe a couſa vier a effeito, eſpero que veja V. S. com os olhos ſer eſta huma invençaõ, que naõ a podéra o Turco buſcar melhor para effeituar ſeus deſejos, e com menos perigo commetter o Eſtado da India, que temos povoado, em que habitamos, e temos toda a noſſa força, e a peyor terra de toda a que temos deſcoberta, e a mais pobre.

Viſ. Pois parece que naõ houvera de ſer iſſo aſſim; ſenaõ que na melhor ſe houvera de povoar.

Sold. Direi a V. S. donde iſto veyo. O deſcobrimento da India todo foi fundado ſobre a pimenta, e na terra onde ſe achou, logo alli pareceo bem fazer-ſe aſſento, que foi no pobre Malavar, e o que depois o tempo deo de ſi, foraõ algumas fortalezas, que Governadores fizeraõ em lugares, que ſe ganháraõ por forças de armas, como Goa, Ormûz, Dio, Baçaim, Chaul, Malaca, e outras; e em todas eſtas terras ha pouco mais que pão, e panno; e a China com as mais partes do Sul deſcobertas, naõ ſe ſabe em tudo o que ora he deſcoberto na redondeza do mundo, terras taõ ricas, nem abundantes de todalas couſas; porque o que em todo o mundo ſe póde achar por partes, alli ſe achará junto, que parece que quiz Mercurio naquellas partes fazer feitoria de todas as couſas que tinha para vender; ouro, prata, cobre, eſtanho, ferro, todos os outros metaes, almiſcar, ambar, bejoim, calumba, aguila, ſandalo, cravo, pimenta mais que na India, perolas, camphora; e mais ſeda ſahe cada anno da China, do que ſe achará de linho alcanevè neſte Reyno, muito fertil, e abaſtado de toda a ſorte de mantimentos, e de todas as frutas, que ſe podem nomear das noſſas, e outras da terra; as mulheres mui-

to alvas, e formofas, veftem de feda tecida com rofas de ouro, e de prata, e prégaõ a cabeça com alfinetes, e grãos groffos de ouro; tem por parte de formofura os pés pequenos, donde vem que de mininas lhos metem em fôrmas de panno para lhes naõ crefcerem; gaftaõ o tempo em banquetes, em jardins, em jogos, e bailes, e outros paffatempos, e os maridos ficaõ em cafa fervindo, e fazendo cada hum o feu ferviço, e officio de que vivem, e deixaõ viver as mulheres á fua vontade por fazerem a fua, e outros máos, e enormes peccados; he terra em que fe vive fem confiffaõ, nem reftituiçaõ, nem ha nella fanta Inquifiçaõ para fe faber como cada hum vive: veja V. S. quantos correráõ a ganhar eftes privilegios demonios, que dá (*a*) mifturados com grandes proveitos, e ganhos na mercancia para fazer aos homens efquecer a perda da alma, e dos bens da Gloria de Deos; donde vem, tanto que fe os homens achaõ na China, que naõ tem alguma obrigaçaõ, dizem logo por fi: *Mouro forro; efpirito que vai, naõ torna: Ruins vinde-vos embora, ainda que primeiro efta palmeira dará peras, que eu lá vá.*

Vif. Parece que naõ fera S. Alteza na verdade informado dos inconvenientes da noffa embaxada, que tem mandada, nem do damno, que della poffa refultar ao Eftado da India.

Sold. O confelho, e informaçaõ foi dado pela fenhora cubiça; e pelo author da obra, póde V. S. julgar o fim que dará; porém Deos he taõ bom, que porá da fua parte o que for mais feu fanto ferviço, e bem noffo, e o eftorvará em tudo, fe o naõ for.

C A-

(*a*) Parece que deveria ler-fe *privilegios, que o demonio dá* &c.

CAPITULO XXIV.

Das muitas Náos que se perdem na Carreira da India.

Vis. DEpois que entendo nesta minha jornada, outra cousa naõ trago na fantasia senaõ muitas Náos, que nellas saõ perdidas de annos para cá, de que este Reyno está taõ desfeito de homens, e fazendas; e o de que me maravilho he, que se tinha menos experiencia por ser no principio do descobrimento da India, e entaõ hiaõ, e vinhaõ as Náos a salvamento.

Sold. Nesse tempo punhaõ os homens todo o feito de sua viagem nas mãos de Deos, pelo que tinha nosso Senhor cuidado de tudo, como sempre costuma de ter, naquillo que com bom coraçaõ se lhe encommenda; mas depois que os homens, por sua experiencia, confiáraõ em seu saber, e quizeraõ esta gloria para si, succedêraõ-lhes todas as cousas nesta jornada, como obra de homens peccadores.

Vis. Sempre no mundo houve peccadores, e peccados, como agora.

Sold. He verdade, mas seriaõ menos contra o proximo; e como seja propria cousa do Senhor perdoar as offensas feitas a elle, fazia-o, favorencendo-nos em todas as cousas, naõ querendo nossa perdiçaõ, senaõ que vivessemos, e nos convertessemos; mas agora saõ os peccados dos homens tanto contra seus proximos, que alevantou Deos a mão de sua misericordia de nós, e nos castiga com muitas razaõ: por onde já naõ aproveita para as Náos irem, e virem a salvamento partirem cedo, nem bons Pilotos, nem irem bem remendadas, e apparelhadas de todo o necessario; porque vaõ, e vem taõ alastradas de peccados, que dizem, visivelmente fallam demonios nellas em suas tormentas, e trabalhos; e naõ eraõ assim no tempo passado, que nas tormentas lhes apparecia nossa Senhora, como quem sempre costumou apparecer, e ajudar aos que por ella chamam em seus trabalhos: ou porque as Náos naõ vaõ, nem vem ha tantos annos a salvamento, e he de crer

que

que ſerá caſtigo de Deos por nellas irem Capitães, e Officiaes da terra, que tudo o que trazem he da Fazenda de S. Alteza, e dos proximos mal havido; ou por virem carregadas de pimenta com empreſtimos que os Governadores haviaõ dos homens, a que muitos delles faltava dinheiro para o remedio de ſua vida; e aos orphãos ſe tomava o ſeu dinheiro, que com o ganho delle ſe ſuſtentavaõ, e por lhes naõ pagarem a tempo deixavaõ as mulheres de ſerem caſadas; e tomando-ſe o dinheiro, que eſtava em depóſito, por juſtiça para ſe dar a cujo foſſe, e depois das partes terem ſentença em dez annos, que naõ eraõ pagos; e por virem nas Náos muitos homens pagos do ſoldo, que naõ vencêraõ, e logrando-ſe do ſuor alhêo por máos partidos; e porque nas Náos manda S. Alteza, que ſe embarquem primeiro as arcas, e alvitres de homens que eſtaõ neſte Reyno chêos de muitas honras, e mercês, que os dos que vem da India chêos de muitos ſerviços, pondo ſua vida no perigo do mar, e do trabalho da vigia da Náo: e como ham de vir Náos a ſalvamento da India, pois S. Alteza manda lavrar a ſeus vaſſallos cobre por mais preço, do que os Principes Mouros, que o ham de noſſa mão, e o dam lavrado a ſeus vaſſallos? e a prata em que preço! que de huma mão para outra os Portuguezes entre ſi perdem mais de trinta por cento: e naõ ſe ſabe hora moeda que Principe Chriſtão, nem Mouro lavre para ſeu povo, que perca nella em ſeu Reyno, nem nos Eſtrangeiros, ſenaõ os Portuguezes da India; e oxalá ſómente tiveſſe a perda com o ſeu Rey! mas já deſte Reyno levam as Náos mais prata, do que antigamente levavaõ de cobre, por os mais dos mercadores ſe lançarem a eſte ganho, e o povo eſtá padecendo tamanha perda, ſem S. Alteza querer acudir a iſſo com juſtiça, eſtorvado do intereſſe que diſſo tem.

Viſ. E que Governador foi o author deſſa moeda?

Sold. Quem neſte Reyno eſtá com pouco de ſeu, e menos merece de S. Alteza; porque nunca ninguem quiz ganhar fazenda, nem honra á cuſta alhêa, que a naõ perdeſſe; porque Deos he juſto Juiz em tudo.

Viſ. Ora levar-me-ha Deos lá, e verei com os olhos todas eſſas deſaventuras, a que agora mal ſei reſponder;

e ve-

e verei como me recebe a terra; porque até agora parece, pelo que dizem, que naõ eſtá mal recebido dos homens da India D. Antaõ Viſo-Rey.

Sold. Eu naõ eſtive na India em ſeu tempo mais de hum anno; o que delle alcancei, e vi foi, que já deſte Reyno hia Official em duas couſas; no negocio da juſtiça, em que o vi dar bom expediente ás partes em ſeus deſpachos, e requerimentos, e ſer niſto taõ corrente, que bem moſtrava ſer quem he; e outra, que as couſas de guerra praticava, e ordenava, como quem bem o ſabía: moſtrava ſer homem de ſua natureza bem acondicionado, e de boa inclinaçaõ, e repoſtas, e amigo dos homens.

Viſ. Partes ſaõ eſſas com que os deve ter a todos contentes, que naõ ſerá pequena dita, ſegundo os homens da India ſaõ máos de contentar, como me tendes dito.

Sold. Pouco lhe ham de aproveitar eſtas boas, que diſſe a V. S., e outras que tem, ſe lhe faltar naõ dar aos homens tudo o que lhe pedirem juſto, ou injuſto, aſſim da Fazenda de S. Alteza, como da ſua juſtiça; porque como lhe iſto naõ fizer, logo os terá maldizentes: e entendendo iſto o Governador Nuno da Cunha, dizendo-lhe Manoel de Albuquerque: Porque queria Sua Senhoria naõ ter por ſer ſervidor, e amigo Affonſo de Faria, que ao tal tempo eſtava aggravado delle? reſpondeo-lhe: » Eu naõ tenho por inimigo, » homem de quem poſſo fazer amigo á cuſta de S. Al» teza, ſenaõ á minha: » aſſim que os Viſo-Reys perdem amigos, por os naõ comprarem á cuſta de S. Alteza, e eſta razaõ naõ baſta para naõ ſerem cridos os homens em ſuas murmurações; donde vem ficarem mal com os homens por ſervirem a S. Alteza, e com S. Alteza por contentar aos homens.

CAPITULO XXV.

Das obrigações do Viso-Rey.

Vis. JA parece razaõ que vos naõ dê mais trabalho, do que até aqui dei nas cousas em que praticámos do bem do Estado da India; e sabe Deos que quizera ser comvosco, como os Officiaes das Náos, que depois de terem carregado a Náo, o batel o metem dentro tambem, pelo muito que lhes serve para a descarga; se vós o consentíreis, em extremo folgára levar-vos comigo á India para minha descarga de consciencia; porque tenho por certo, que em tudo me fallais verdade.

Sold. Assim que me quizera V. S. encarregar do officio em sua casa, que nenhum Principe tem, que he de official, que lhe falle verdade! e naõ sei de que vem naõ haver este officio em casa dos Principes, senaõ que por ser pouco proveitoso naõ ha quem o peça, ou os Principes o naõ querem provêr, porque lhes naõ está bem a serventia delle.

Vis. A mentira, e o engano, he o que val mais entre os Principes neste tempo, e dahi veyo o dizer-se: naõ ha homens mais enganados, que os Principes, e Viso-Reys; mas, segundo vosso conselho, em nada poderei errar, folgarei que me aviseis da maneira que devo ter em meu officio no governo da India para ter contentes os homens della, com tanto que naõ desirva a Deos, e a S. Alteza.

Sold. Darei a V. S. huma regra principal, de que em todas as cousas de seu cargo, e obrigaçaõ se ha de servir por naõ errar, a qual he; que em todas as cousas que houver de ordenar, e fazer, dê sempre a Deos o primeiro lugar, para que todas as que fizer fiquem postas no seu sem contradicçaõ alguma; porque as cousas que se fazem justas, segundo Deos, ficam bem ordenadas; e pois vos Deos, e S. Alteza deraõ o officio de Pastor, de taõ alta preeminencia, que Christo nosso Senhor se prezou delle, dai-vos dias de vosso cuidado, e obras dignas de louvor, e vigiai-vos, que

vos

vos naõ tome o deſcuido, porque he mal ſuperior; ponde todo o voſſo intento em Deos, porque ſobre tal ſentimento ficaráõ voſſas obras firmes, e boas: tenha V. S. muito reſpeito em favorecer, e honrar as Igrejas, e Templos em ſuas Feſtas, porque nas taes obras dareis ao povo exemplo de virtude, viſitando em dias ordenados a Miſericordia, e Hoſpitaes, mandando-os provêr com ſuas eſmolas, que ainda que ſeja da Fazenda de S. Alteza, cumprindo o que ha por ſeu ſerviço que ſe faça, ficareis ganhando com Deos, e com os homens, gozando dos privilegios eſpirituaes, como que de voſſa fazenda proveſſeis: nas obras de converſaõ do Infiéis moſtrai muito zelo, e ſêde favorecedor, porque a virtude ajudada, e favorecida nas obras ſantas ſe esforça, porque a gentilidade da India eſtá certo que puramente ſe naõ converte á Fé, por ſó o reſpeito de Deos, e a ſalvaçaõ de ſuas almas, porque naõ ſaõ capazes de taõ alta mercê; por onde põem ſempre os olhos no favor humano, e a eſta fraqueza deve V. S. acudir com os honrar, e favorecer, de tal maneira, que os que ſe converterem á Fé fiquem contentes, e honrados, para que com melhor vontade os por converter ſe tornem á noſſa ſanta Fé: no zelo da Juſtiça ſeja ſempre muito inteiro, mas naõ pezado, tendo muito particular cuidado dos prezos, viſitando-os com audiencias, e guardando-lhes ſua juſtiça, executando-a nelles com miſericordia, com tanto que naõ ſeja nos perdões muito largo, porque tambem perdoar a muitos he peyor que ſer cruel; e porque neſte tempo a gente da India he mais negociante, que guerreira, tenha V. S. bom expediente no deſpacho das partes, ainda que por iſſo percais o ſono; porque aſſim como Deos, e S. Alteza vos ordenáraõ para mandar a todos, tambem querem que ouçais a todos, e que ſejais ás partes affavel, e brando em voſſas obras, e palavras; porque o bom reſponder obra ás vezes mais com os corações do homens, que naõ o dinheiro. Sobre os Officiaes de Juſtiça, e Fazenda, que ſaõ membros voſſos, ſempre ponde os olhos em ſua vida, e coſtumes, e vendo, e examinando, como ſe ham na ſerventia do ſeu cargo, favorecendo, honrando, e acreditando ſempre os que bem ſervirem, caſtigando os que por ſuas fraquezas o merecerem para

ra

ra ſua emenda; porque diſſimular males, e paſſar por elles ſem caſtigo, he cauſa de haver muitos na Républica: tenha V. S. cuidado no concerto de ſua Armada; porque ſaõ os bens que diſſo reſultaõ ao Eſtado da India muitos; porque naõ o fazendo aſſim, com muita razaõ ſerá notado de culpa; porque a Armada he huma das principaes forças da noſſa força da India, e em que os inimigos, e amigos mais põem os olhos, e como negocio principal, nelle ſe deve occupar, e naõ o deixar por outro, qne ſeja ſeu acceſſorio, alembrando-lhe que naõ faz pequena guerra a ſeus inimigos, quem bem olha pelo ſeu.

Do provimento dos almazens tenha V. S. muito particular cuidado; porque ſe ſe offerecer neceſſidade tenha nelles o neceſſario para a guerra, e defenſaõ de ſeu Eſtado, pois niſſo ganha, e naõ perde, porque as couſas, que ſe compram ordinarias, ſempre ſaõ mais baratas, que as quê ſe compram em tempo de neceſſidade, e tambem eſtará ſeguro de naõ eſtarem na maõ de ſeus inimigos as couſas neceſſarias ao tempo, que as houver miſter, que ſerá grande perigo; porque dito verdadeiro he: *Quem na guerra que houver de fazer, quizer vencer, de longe ſe ha de aperceber.*

Naõ tire V. S. nunca do ſentido os receyos, que deve de ter dos Eſtreitos de Sués, e Baçorá, e de ſuas Armadas, pois do Eſtado da India naõ tem outra couſa que com mais razaõ deva temer, e eſteja ſempre para elles preſtes; porque he parte de victoria o apercebimento, e tambem os trabalhos, que ſaõ eſperados ſentem-ſe menos quando vem; porque o ſobreſalto dos inimigos, e couſas naõ eſperadas, ſaõ as que fazem damno nas couſas em que ha deſcuido; o que confio em Deos, que naõ haverá em V. S., lembrando-lhe que ninguem poſſue Eſtado alheo, que com deſcuido tenha ſeguro.

Em quanto o tempo naõ eſtorvar a V. S. por alguma licita razaõ, nunca vire as coſtas ao Malavar; mas tenha ſempre nelle poſtos os olhos; porque he gente indomavel, ſoberba, falſa, mentiroſa, e de ſua natureza he guerreira, e que nunca fazem virtude por natureza, ſenaõ por neceſſidade, naõ nos coſtumeis a ſoffrer-lhe offenſas; porque ſaõ taes que preſumiráõ,

que

que procede da fraqueza noſſa; o que delles haveis miſter he pimenta para a carregaçaõ, a qual eſtá viſto, que ſempre ſe houve delles mais com a lança na maõ, que com o dinheiro; e o cuidado da carga nunca ſeja ante V. S. o menor, pois ſabe quanto niſſo vai a eſte Reyno, e á India; tambem lhe lembro, que quem da carga ſe deſcarga he digno de louvor.

Trabalhe V. S. quanto lhe for poſſivel por trazer a gente de guerra contente, junta, paga, e favorecida, dando a cada hum conforme a ſeus ſerviços, e merecimento, de tal maneira, que ſe naõ poſſa dizer, que paga a huns com a juſtiça de outros, favorecendo no juſto, e honeſto as Cidades, e póvos, poís nelles eſtaõ certas as ajudas, e ſoccorros para todas as neceſſidades do Eſtado; por onde em tudo lhes deve guardar ſuas honras, e liberdades, que lhes deraõ ViſoReys por ſeus ſerviços, e juntamente caſtigando os que commetterem culpas, e maleficios para em tudo ficardes acreſcentado.

Aos Reys da India folgue V. S. fazer a vontade nas couſas que lhe requererem, como claramente naõ for contra o ſerviço de Deos, e de S. Alteza, e diſſimulando algumas couſas ſuas, e que muito naõ for, poſto que dellas receba deſprazer, por naõ dar occaſiaõ a ſobrevirem outras mayores, que tragaõ damno; porque, como eſtá dito, elles ſaõ os ſenhores da terra, e nós ſomos hoſpedes que vivemos delles; porque todas as couſas que nos ſervem para a noſſa defenſaõ, as havemos de haver da ſua maõ. E todas as couſas que V. S. houver de fazer, aſſim da guerra, como da Fazenda de S. Alteza, folgue ſempre de tomar nellas parecer, e conſelho, dando orelhas aos velhos, que das couſas que tratar tiverem melhor experiencia; porque he taõ ſecreta couſa, que em tudo o conſelho neceſſita, pois he melhor errar por elle, que acertar ſem elle.

Naõ folgue V. S. com novidades; porque nunca as vi na India, que foſſem proveitoſas; mas ſempre foraõ danoſas: trabalhe por governar, e conſervar o Eſtado quieto, pacifico, e em juſtiça; porque ſempre foi mais louvada a conſervaçaõ do ganhado, que ganhar alguma couſa de novo; porque como V. S. ſabe as mais das couſas ſe ganhaõ acaſo; mas para go-

ver-

vernalas, e conservalas he necessario arte, e saber, e conselho.

Ponha V. S. sempre os olhos nos Estrangeiros, que residem, e negoceam debayxo da sua jurisdicçaõ, e mande que lhes seja sempre feita justiça, e razaõ; porque alèm de V. S. cumprir com a sua obrigaçaõ, o proveito que isto tem he serem em suas terras pregoeiros do bem que lhes fazem, e da verdade, e da justiça que achaõ entre nós; porque cousa he necessaria aos póvos, que senhoream a muitos, o que naõ podem fazer com temor, acabalo com amor, e boas obras.

Os homens de que V. S. se houver de servir na India da Justiça, e Fazenda, sejam por elle mui escolhidos; porque vai muito do Official escolhido ao favorecido; e dos homens que forem prejudicados ao povo, e asperos de suas condições vos naõ sirvais; nem affeiçoeis a praguentos, nem a lisongeiros, que saõ homens, que igualmente semeam peçonha nos corações dos Principes da terra.

As cousas que V. S. levar por Regimento de Sua Alteza, que faça na India, como as naõ contradisser o tempo, ou houver para se effeituar algum justo impedimento, V. S. em tudo cumpra o Regimento de S. Alteza, e achando alguns impedimentos para o naõ cumprir, o escreverá a S. Alteza para nisso provêr o que houver por mais seu serviço, para escuzardes ficar posto no juizo de nossos inimigos de mal fez, ou bem fez; e pegue-se V. S. ao dito da velha, que diz: *Rou rou, faça-se o que ElRey mandou.* E porque em tudo naõ poderei ser taõ miudo como quizera, movido dos desejos, que tenho de servir a V. S., lembro-lhe que nas cousas que fizer na India, siga nellas o roteiro do Governador Nuno da Cunha, por quem dizia o bom Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que quem quizesse bem governala, pozesse os pés pelas suas passadas: e ouvi dizer ao Viso-Rey D. Affonso, que quando partira deste Reyno dissera ao Infante D. Luiz, que soubesse de S. Alteza se lhe mandava fazer alguma cousa na India em particular do seu serviço, e que lhe fôra respondido: que S. Alteza naõ queria mais delle senaõ, que lhe governasse a India, como Nuno da Cunha.

Vis.

Vis. E que fundio a Nuno da Cunha, e feus filhos o feu bom ferviço? tende-lo fabido, ou ouvifte-lo dizer?

Sold. O que diffo fei, di-lo-hei a V. S.: que S. Alteza, que eftá em Gloria, o mandou vir para efte Reyno, e o mandou efperar ás Ilhas com huma Armada, em que mandou por Capitão hum homem feu pouco amigo, e feitura de feus inimigos, que tinha nefte Reyno, o qual Capitão por ter mais honra, e mais fama, levava huma adoba de quatro ellos para lhe lançar nos pés, e outros exames por regimento, que fizeffe em fua peffoa, creados, e fazendas, que eftavam bem nelle fe vendera o Eftado da India ao Turco; e affim o mandava trazer, como malfeitor diante de feus inimigos; mas foi Deos fervido o livrar de trabalhos, que naõ merecia, levando-o para fi no Cabo de Boa Efperança; e naõ o achando nas Ilhas o Capitão, que o hia bufcar, cuidou verdadeiramente que era fugido para França, e fez tantos exames, que moftrou bem com quam damnofa vontade o hia bufcar, naõ podendo crer, que era morto, fenaõ fugido; porque naõ lembrava ao innocente, que mentiras nunca fizeraõ fugir a ninguem, fenaõ as maldades, que cada hum fabe tem feitas.

Vis. Baixo, e cruel genero de juftiça faz o Rey, que permitte, e confente pôr os vaffallos, que o ferviraõ nas mãos de feus inimigos: e fentindo ifto David dizia a Deos: » Vós, Senhor, me caftigai, porém naõ » permittais fer caftigado por mãos de meus imigos:» e taõ obrigados faõ os Principes a fazer efta virtude, que fe lê no Livro de Daniel, por fer efte Propheta privado, e acceito a ElRey Dario, que eftava pofto em odio, e era muito invejado dos Satrapas, e Governadores do Reyno, os quaes por torpe, e falfa informaçaõ o accufáraõ, e foi fentenceado por elles á morte, e que foffe lançado na côva dos Leões, na qual fentença ElRey confentio com muito pezar, naõ o podendo efcufar da pena por nenhuma via, temendo que fe o naõ deixaffe juftiçar, o defpojariam de fer Rey, ou matariam; porém, como bom fufpirava por Deos, foi com o Santo Profeta até a boca da côva dos Leões, aonde havia de fer lançado, e lhe diffe: » Porque creyo que o Deos em que tu crês te livra» rá defte perigo, entra confiado, que eu te guardarei

» da

» da maõ de teus inimigos ; » e metido o Profeta na côva o mandou fechar, e na porta pôz o seu sello Real para que naõ fosse aberta, crendo que mais podia Deos acabar com aquellas brutas alimarias, que naõ com a maldade dos homens, e assim aconteceo, que mandando abrir a porta ao outro dia, que parecia a todos que do Profeta naõ haveria nem ossos, foi achado vivo, e saõ por mercè de Deos, e seus inimigos ficáraõ envergonhados, e confundidos. O bom Rey Dario, Gentio, e sem fé, disse : » Senhor, ao » Profeta, que te servia metido na côva dos Leões, » ainda alli o quizeste guardar da maõ de seus inimi- » gos, para que o naõ matassem quando vissem que » Leões o naõ queriam fazer : » Tomem exemplo os Reys Christáos, que fazendo justiça dos que o mal servíraõ, naõ os entreguem em poder de seus inimigos, porque he hum cruel genero de justiça, e com que semèam em seu Reyno odios de geraçaõ a geraçaõ, de que se segue grandes males, e pouco serviço a Deos.

Sold. Parece que adivinhava o Governador Nuno da Cunha de seus trabalhos, e quam mal agradecidos lhe hàviam de ser os seus serviços pelo seu Rey, e da terra, a que tantos, e taõ bons tinha feito ; porque estando para morrer no mar, lhe foi perguntado pelos seus, se queria que o trouxessem a este Reyno, para que seus ossos fossem postos no lugar em que ordenasse ; respondeu que o lançassem ao mar com duas camaras de Falcaõ atadas nelle, para que o levassem ao fundo, e que as pagassem a S. Alteza, que naõ queria que seus ossos fossem levados a Portugal, dizendo as palavras, que aquelle grá Capitáo disse pela Cidade de Roma : *O ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

Vis. Já parece razaõ que vos recolhais ; e por amor de mim, que antes da minha partida me venhais visitar algumas vezes ; porque sempre haverá cousas, que folgue de praticar com vosco, e de agora começarei a pôr-me nos trabalhos do apercebimento da minha jornada, que quererá Deos, que seja boa, e prospera, e me levará a Goa a salvamento, para ver com os olhos o muito, que dizem da nobreza della.

Sold. Naõ diraõ tanto a V. S., que mais naõ seja ; porque a Cidade de Goa, tirando esta de Lisboa, naõ

naõ tem S. Alteza outra como ella, nobre, e rica por fazendas, tratos, e rendimentos, e forte por armas, e Armadas, povoada de muitos Fidalgos, Cavalleiros, e Cidadãos, e gente limpa, usados na guerra, e de tal maneira de pequenos serviços, e em taõ pouco tempo está posta em tamanha grandeza, e populosa, que claramente nos mostra Deos nosso Senhor, que he elle o Autor desta obra, e muito mayor fôra com sua ajuda, se logo no principio do descobrimento da India se fizera tanto fundamento de se povoar a terra; porque se se naõ defendera, como se defendeo, que naõ fossem mulheres á India, e com tanto rigor, que eu vi o Conde Almirante mandar açoutar em Goa públicamente doze mulheres Portuguezas moças, e de bom parecer por se embarcarem na sua Armada contra sua defeza, sem lhes valer serem algumas cazadas com os homens, que as levavaõ; mas em poucos dias teve Deos cuidado de castigar a sem razaõ, que lhes foi feita: donde veyo por falta de mulheres naquelle primeiro tempo cazarem os homens com as naturaes da terra, e em parte está povoada da geraçaõ Portugueza, como em todo pudera estar. Houve mais outro inconveniente para naõ ser Goa muito mais nobre do que he, cuidarem os homens, que perdiam com seu Rey as mercês, que lhe mereciam por seus serviços, por se cazarem na India, havendo de ser pelo contrario, que por cazarem, e fazerem assento na terra, houvera de ser occasiaõ para com melhor vontade Sua Alteza lhes fazer mercês conforme os seus serviços, e qualidades; porque para os trabalhos, que ao Estado da India sobreviessem, melhor os terá na terra honrados, e ricos com as obrigações de suas mulheres, e filhos, que naõ postos neste Reyno em quintas, logrando o que trouxeraõ da India, e houveraõ de mercês, que lhes foraõ feitas com pedirem de novo outras.

Vis. Já agora se naõ estranha cá serem homens Fidalgos, e de preço na India; porque ha cazamentos nobres por honra, e por fazenda, o que naõ havia lugar no principio do descobrimento da terra; por onde os que já agora nella fizerem assento naõ devem perder nada com os homens, e com seu Rey.

Sold.

Sold. Noſſo Senhor ajude, e favoreça a V. S. em todas as ſuas couſas, como ſeus ſervidores dezejamos.

Viſ. E a vós tenha em ſua guarda, e dê vida para ſeu ſerviço. Amen.

FIM.